

PRESIDENTE JOSÉ SARNEY

CONVERSA
AO PÊ
DO RÁDIO

1985/1986/1987



**DOU ENVIADOS
DA PRESIDENCIA DA
DA REPUBLICA**

3

~~CONFIDENCIAL~~
ao Sr.
do Sr.

CONVERSA
AO PÊ
DO RÁDIO

DOCUMENTOS DA PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA



GOVERNO JOSÉ SARNEY 1985/1986/1987

- Ministério da Justiça: Fernando Soares Lyra (15.3.85 a 13.2.86)
Paulo Brossard de Souza Pinto (a partir de 14.2.86)
- Ministério da Marinha: Henrique Sabóia
- Ministério do Exército: Leônidas Pires Gonçalves
- Ministério das Relações Exteriores: Olavo Egydio Setúbal
(15.3.85 a 13.2.86)
- Roberto Costa de Abreu Sodré (a partir de 14.2.86)
- Ministério da Fazenda: Francisco Oswaldo Neves Dornelles (15.3.85 a
26.8.85)
- Dilson Domingos Funaro (27.8.85 a 28.4.87)
- Luis Carlos Bresser G. Pereira (29.4.87 a 20.12.87)
- Ministério dos Transportes: Affonso Alves de Camargo Netto
(15.3.85 a 13.2.86)
- José Reinaldo Carneiro Tavares (a partir de 14.2.86)
- Ministério da Agricultura: Pedro Jorge Simon (15.3.85 a 13.2.86)
- Iris Rezende Machado (a partir de 14.2.86)
- Ministério da Educação: Marco Antonio de Oliveira Maciel
(15.3.85 a 13.2.86)
- Jorge Könder Bornhausen (14.2.86 a 5.10.87)
- Hugo Napoleão do Rego Neto (a partir de 30.10.87)
- Ministério do Trabalho: Almir Pazzianotto Pinto
- Ministério da Aeronáutica: Octávio Julio Moreira Lima
- Ministério da Saúde: Carlos Correa de Menezes Sant'anna
(15.3.85 a 13.2.86)
- Roberto Figueira Santos (14.2.86 a 22.10.87)
- Luiz Carlos Borges da Silveira (a partir de 23.10.87)
- Ministério da Indústria e do Comércio: Roberto Herbster Gusmão
(15.3.85 a 13.2.86)
- José Hugo Castelo Branco (a partir de 14.2.86)
- Ministério das Minas e Energia: Antonio Aureliano
Chaves de Mendonça
- Ministério do Interior: Ronaldo Costa Couto (15.3.85 a 29.4.87)
- Joaquim Francisco de F. Cavalcanti (30.4.87 a 7.8.87)
- João Alves Filho (a partir de 7.8.87)
- Ministério das Comunicações: Antonio Carlos Peixoto Magalhães
- Ministério da Previdência e Assistência Social: Francisco Waldir
Pires de Souza (15.3.85 a 13.2.86)
- Raphael de Almeida Magalhães (14.2.86 a 22.10.87)
- Renato Bayma Archer da Silva (a partir de 23.10.87)
- Ministério da Cultura: José Aparecido de Oliveira (15.3.85 a 8.5.85)
- Aluisio Pimenta (29.5.85 a 13.2.86)
- Celso Monteiro Furtado (a partir de 14.2.86)

- Ministério do Desenvolvimento Urbano: Flavio Rios Peixoto da Silveira
(15.3.85 a 13.2.86)
Deni Lineu Schwartz (14.2.86 a 22.10.87)
- Ministério da Ciência e Tecnologia: Renato Bayma Archer da Silva
(15.3.85 a 22.10.87)
Luiz Henrique da Silveira (a partir de 23.10.87)
Gabinete Militar: Rubens Bayma Denys
Gabinete Civil: José Hugo Castelo Branco (15.3.85 a 13.2.86)
Marco Antonio de Oliveira Maciel (14.2.86 a 29.4.87)
Ronaldo Costa Couto (a partir de 30.4.87)
Serviço Nacional de Informação: Ivan de Souza Mendes
Estado-Maior das Forças Armadas: José Maria do Amaral Oliveira
(15.3.85 a 14.9.86)
Paulo Campos Paiva (15.9.86 a 14.3.87)
Paulo Roberto Coutinho Camarinha (a partir de 15.3.87)
Secretaria de Planejamento da Presidência da República:
João Sayad (15.3.85 a 24.3.87)
Aníbal Teixeira de Souza (a partir de 25.3.87)
- Ministro Extraordinário da Desburocratização: Paulo de Tarso Lustosa
da Costa (15.3.85 a 14.2.86)
- Ministério Extraordinário de Assuntos Fundiários: Nelson de Figueiredo
Ribeiro (15.3.85 a 11.6.85)
- Ministério da Reforma e do Desenvolvimento Agrário: Nelson
de Figueiredo Ribeiro (12.6.85 a 28.5.86)
Dante Martins de Oliveira (29.5.86 a 1.6.87)
Marcos de Barros Freire (4.6.87 a 8.9.87)
Jader Fontenelle Barbalho (a partir de 22.9.87)
- Ministério Extraordinário para Assuntos de Administração
(Transformado em Secretaria de Administração Pública):
Aluizio Alves (a partir de 15.3.85)
- Ministério Extraordinário para Assuntos de Irrigação: Vicente
Cavalcanti Fialho (a partir de 14.2.86)
- Consultoria-Geral da República: Darcy Bessone de Oliveira Andrade
(15.3.85 a 27.8.85)
Paulo Brossard de Souza Pinto (28.8.85 a 13.2.86)
José Saulo Pereira Ramos (a partir de 14.2.86)
- Procuradoria-Geral da República: José Paulo Sepúlveda Pertence

PRESIDENTE JOSÉ SARNEY

CONVERSA
AO PÉ
DO RÁDIO

1985/1986/1987

BRASÍLIA
PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

DOCUMENTOS DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Coordenação
Edson Nery da Fonseca

Colaboraram neste volume
Virgílio Costa
Joaquim Campelo Marques
Zenaide Scotti Hirson
Clovis Molinari Jr.
Cassiano Nunes Botica

Arte Gráfica
Victor Burton

Sarney, José, presidente do Brasil, 1930 —.

Conversa ao Pé do Rádio ... Brasília, Presidência da República, 1989-90.

2 v. (Documentos da Presidência da República)

Conteúdo. — v. 1: 1985-1987. v. 2: 1988-1990.

CDU 354 (81) (042.5)

ISBN 85-85142-04-9

1. Brasil — Política e governo, 1985/90. I. Série. II. Título.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	21
25.10.85 Combate à inflação. Número de empregos sobre	27
01.11.85 Aumento do salário mínimo acima da inflação, pela primeira vez no Brasil. Otimismo	29
08.11.85 Descanso semanal remunerado. Juntas de Conciliação e Julgamento, justiça mais rápida	31
15.11.85 Importância de eleições, do voto direto. Escolha de prefeitos de todas as capitais	33
22.11.85 Prioridade ao Nordeste; verbas à região aumentam em 600%. SUDENE. Irrigação	35
29.11.85 Convocação da Constituinte. Luta contra a inflação. Compromisso com o desenvolvimento	37
06.12.85 Programa de mudanças.. Fim de desconto de imposto de renda na fonte nos salários baixos. Ampliação da merenda escolar. Alimentos às creches. Medicamentos. Opção pelos pobres.	39

13.12.85	Aprovação do vale-transporte, vantagens para empregados e patrões	41
20.12.85	Votos de Boas Festas. Criação e ativação de programas nacionais na área social. Livro das Crianças ..	43
27.12.85	Mensagem de confiança no Ano Novo de 1986. Repasse de <i>royalties</i> da PETROBRÁS a estados e municípios onde explora óleo. Acordo social	45
03.01.86	Combate à inflação. Repúdio ao caos e pessimismo. Compromisso com as mudanças	49
10.01.86	A seca no Sul. Repercussão na economia. Auxílio aos agricultores. Otimismo	53
17.01.86	Punição dos «crimes do colarinho branco». Censo econômico do IBGE. Censo agropecuário	57
24.01.86	Apoio aos pequenos agricultores do Nordeste. Estímulo às cooperativas, ação comunal, etc.	59
31.01.86	Repúdio ao processo inflacionário. Não à recessão	63
07.02.86	Programa de ação comunitária. Leite para as crianças, através de dois mil e trezentos projetos iniciais ..	65
14.02.86	Novo Ministério toma posse. Compromisso dos Cinco Pontos	67
21.02.86	Regime austero. Contas em ordem; orçamento unificado. Crescimento do produto interno bruto. Programas sociais avançam. Inflação e abastecimento, dois desafios	69
07.03.86	Lançamento do Plano Cruzado, arma contra a inflação. Fiscalização. Advento de uma nova mentalidade	73
14.03.86	Balanço de um ano de Governo. Quadro aberto de liberdade. Mais um milhão e quinhentos mil novos empregos. Era da produção; fim da especulação. Convocação à luta pelo progresso	77
21.03.86	Entendimento Povo/Governo. Paz política; aumento de oferta de emprego; saúde; escolas	79
28.03.86	Páscoa. Votos pelo bem-estar dos brasileiros ..	81

04.04.86	Visita a Minas Gerais. Conquistas do Plano Cruzado. Confiança no futuro	83
11.04.86	Importância da comunicação com o povo. Perigo da casa dividida. Atmosfera democrática. Economia de energia	87
18.04.86	O Brasil é um só. Fiscalização do congelamento. Aprovação do Plano Cruzado no Congresso	89
25.04.86	Viagem pelo Brasil. Especulação imobiliária. Desenvolvimento da agricultura; irrigação, reforma agrária. Escolas Rurais Comunitárias	91
02.05.86	Planos regionais de reforma agrária. Seguro-desemprego. Estreitamento dos vínculos com Portugal e Cabo Verde	95
16.05.86	Acaba desconto do INPS a aposentados. Testemunho de Portugal e Cabo Verde. Reforma agrária	99
23.05.86	Combate ao dengue. Ação sanitária de combate ao mosquito <i>Aedes Aegypti</i> e de educação das comunidades	103
30.05.86	Reforma agrária, sua filosofia e seu espírito. Recadastramento eleitoral. Política Externa. Plano Cruzado, uma avaliação	107
06.06.86	Encontro Governo-Sociedade. Defesa do meio ambiente: proteção de Fernando de Noronha, Rocas e São Pedro e São Paulo. Ação contra a poluição	111
13.06.86	Espírito público e consciência do dever cumprido. Campanha nacional contra a paralisia infantil	115
20.06.86	Assistência médica integral à área rural. Ação contra a violência rural e urbana. Fim da chamada «Lei Fleury». Porte de arma controlado	119
27.06.86	Firmeza na luta antiinflacionária. Apelo à força dos empresários. Ferrovia Dourados (MS) ao Porto de Paranaguá (PR). Outras estradas de ferro. Integração rodovia/ferrovia/hidrovia. PETROBRÁS descobre maior bacia de gás. Reatamento de relações com Cuba. Autodeterminação	123

<i>04.07.86</i> Voto de confiança. Política externa aberta e de afirmação. Encontro com o Papa João Paulo II. Fé na condução do Brasil. Incentivos fiscais à cultura: a Lei Sarney. Fundação Casa de Jorge Amado	127
<i>18.07.86</i> Votos do Papa João Paulo II pelo bem do Brasil. Visita à Universidade de Campinas (SP). Assinatura de convênios de apoio à pesquisa. Sesquicentenário de Carlos Gomes. Reforço do Plano Cruzado	131
<i>25.07.86</i> Segunda etapa da Açominas: Brasil passa de 21.6 milhões para 27.4 milhões de toneladas de aço por ano. Aumento de novos empregos e produção de 71 milhões de toneladas de grãos. Plano de desenvolvimento e expansão. Lei de negociação coletiva de trabalho. Reunião com Raúl Alfonsín e Julio Maria Sanguinetti	135
<i>01.08.86</i> Política externa: abertura ampla, integração com a América Latina. Acordos e ampliação do comércio com a Argentina. Fundamentos da aproximação latino-americana	139
<i>08.08.86</i> Repúdio ao pessimismo. Plano Cruzado acabou com a inflação galopante. Inflação em cinco meses é inferior a 1%. Luta contra os especuladores. Investimentos retornam, com mais cem mil empresas	143
<i>15.08.86</i> Definição de uma política agrícola nacional. Financiamento, garantia de preços mínimos, construção de armazéns e silos, pólos de desenvolvimento rural. Aplicação de 113 bilhões de cruzados. Caderneta Verde, poupança para a agricultura. Campanha de vacinação contra a poliomielite	147
<i>22.08.86</i> Criação do Conselho Superior da Previdência, conselhos comunitários e ouvidores da Previdência. O que mudou na Previdência com a Nova República	151
<i>29.08.86</i> Confiança no combate à inflação. Programas e ação da Legião Brasileira de Assistência. Instalação de duas mil microempresas. Atendimento a seis milhões de mães e crianças	155
<i>05.09.86</i> Atitude firme contra o ágio e a especulação. Defesa do Plano Cruzado. EMBRAPA pesquisa e garante melhor agropecuária. Prêmio e reconhecimento por defesa	

da ecologia. Reforma administrativa. Criação da Escola Nacional de Administração Pública. Encontro com o Presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan. Fundação Educar	159
12.09.86 Conversações em Washington. Sessão no Congresso dos Estados Unidos. Entrevista com a imprensa. Alerta sobre o problema social. Visita à Organização dos Estados Americanos (OEA), em Washington, e à Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque	163
19.09.86 Retorno dos Estados Unidos. Plano Cruzado, distribuidor de renda, benefício dos pobres. Repulsa ao ágio, à especulação. Medidas contra o desabastecimento e a sonegação de produtos. Tentativas de paralisação do trabalho. Relatório da Comissão Provisória de Estudos Constitucionais	167
26.09.86 Proteção dos inquilinos contra despejos. Meta do Programa Nacional de Irrigação passa de um milhão para três milhões de hectares. Safra baterá recorde. Carta do Idoso	173
03.10.86 Plano Cruzado: taxa de desemprego é a mais baixa da História do País; poder de compra sobe. Denúncia dos sabotadores, pela especulação e sonegação ou pela paralisação do trabalho. Reforma agrária não é confronto	177
10.10.86 Compromisso com o lado social, providências e obras para transformar em justa uma sociedade injusta. Indicadores dessas mudanças. Desapropriação de gado ...	181
17.10.86 PETROBRÁS descobre petróleo à margem do Rio Urucum, no Amazonas. Programa do Bom Menino é lançado. Programa do leite distribui por dia mais de dois milhões e quatrocentos mil litros; merenda escolar; livro didático; assistência às gestantes e às mães. Dia Mundial da Alimentação	185
24.10.86 Apoio ao Plano Cruzado: não à recessão, aumento da produção. Crescer. Plano de Metas. Ferrovia da integração nacional, de Açailândia (MA) a Anápolis (GO). Ferrovia Paranaguá (PR) a Dourados (MS). Safra recorde de 60 milhões de toneladas. Projetos de cunho social. Dia das Nações Unidas. «Paz não é ausência de guerra, é também um mundo sem miséria e sem ódio»	189

<i>31.10.86</i> Integração do deficiente à sociedade tem coordenadoria. Problema da energia elétrica. ONU vota e aprova por 124 votos contra um e oito abstenções proposta do Brasil de declarar o Atlântico Sul zona desnuclearizada. Morte do Presidente de Moçambique, Samora Machel	193
<i>07.11.86</i> Eleições no Brasil inteiro para governos dos estados e dos constituintes. Correções que tiverem de ser feitas serão feitas. Plano Cruzado abriu mercado para mais 33 milhões de novos consumidores	197
<i>14.11.86</i> Eleição é prova de democracia. Brasil cresce em todos os sentidos. Confiança no País	201
<i>21.11.86</i> Eleições foram exemplo de civismo e prova de maturidade do povo brasileiro. Garantia de desenvolvimento	203
<i>28.11.86</i> Balanço do Plano Cruzado mostra benefícios em números positivos. Luta contra o ágio e o desabastecimento. Alterações no Plano não prejudicam área social. Cumprimento do dever	205
<i>05.12.86</i> Confiança no País. Afastado risco de recessão. Os inimigos do Cruzado. Nível da poupança. Racionalização da administração. Cumprimento do dever	209
<i>12.12.86</i> Pacto social, solução na transição. Prêmio UNICEF. Campanhas e programas sociais. Apoio à infância carente. Mercado Comum Latino-Americano ganha força	213
<i>19.12.86</i> Confiança no País. Apelo ao diálogo e entendimento. Reunião ministerial faz balanço e traça rumos. Estradas são recuperadas. Educação e programas sociais. Política externa. 1986, ano de conquistas a preservar	217
<i>26.12.86</i> Mensagem de Boas Festas e Feliz Ano Novo. Palavras de solidariedade ao povo brasileiro. Fé e confiança no País	221
<i>09.01.87</i> Retomada do desenvolvimento. Indústria e produção crescem. Inflação cai. Repúdio ao pessimismo. Negociação da dívida externa soberanamente. Servidores ganham 13º salário. Respeito à liberdade de culto	225

16.01.87	Itaipu inaugura mais duas turbinas e se liga ao país com mais 320 quilômetros de linhas de transmissão. Crise energética é debatida. Conselho de Desenvolvimento Econômico aprova Programa de metas de 120 bilhões de cruzados. Crise e déficit nas grandes economias. Consciência de responsabilidade solidária através do pacto social. Sinais de economia em expansão	229
23.01.87	Energia por todo o País. LBA cria Bolsa de Trabalho para estudantes. Saneamento do setor siderúrgico. Clube de Paris aprova fim de monitoramento da economia pelo FMI. Paradoxo de crença no Brasil no exterior e pessimismo e descrença de alguns brasileiros. Tentativa de pacto social avança. Criação do CODICI (Comissão de Defesa dos Direitos do Cidadão)	233
30.01.87	Papa João Paulo II apóia luta no caso da dívida externa. «A Assembléia Nacional Constituinte será livre e soberana». Liberdade político-partidária, sindical, eleitoral. Confiança em uma Constituição democrática, moderna e justa	237
06.02.87	Prioridade para solução dos problemas sociais. Providências para erradicação de favelas. Prêmio Almirante Álvaro Alberto de Ciência e Tecnologia. Constituinte atende compromisso da Aliança Democrática	241
13.02.87	Caderneta Verde canaliza recursos adicionais à agricultura. Governo ampliou aplicação na agropecuária. Concorrência da Linha Vermelha do Rio de Janeiro. Retomada da Ferrovia do Aço. Edital da Ferrovia Norte—Sul. Conselho de Exportação. Determinação na luta contra a inflação	245
20.02.87	Repúdio ao alarmismo e ao pessimismo. Formação de recursos humanos em ciência e tecnologia. Laboratório de luz ciclotron. Programa do Bom Menino para a juventude desamparada	249
27.02.87	Suspensão do pagamento dos juros da dívida externa. Intervenção em bancos estaduais. Austeridade nas finanças. Importância da agricultura	253
06.03.87	Homenagem a Heitor Villa-Lobos. Inauguração da irrigação e terminal portuário em Sergipe. Casa de	

Cultura Jorge Amado. Combate à inflação segue em frente. Dívida externa em pauta	257
13.03.87 Posse dos governadores, escolhidos na maior eleição que o País já vira, prova normalidade democrática. Alerta contra os radicalismos. Inauguração da Hidrelétrica de Rosana (SP). Xingó, Tucuruí — obras que seguem	261
20.03.87 Entrosamento com os novos governadores. Guardas-marinha partem em viagem de instrução. Presidente de Portugal, Mário Soares, visitará o Brasil. Salário mínimo e vencimentos de servidor público são corrigidos. Abastecimento tem inquérito. Imposto de renda justo	265
27.03.87 Presidente Mário Soares visita Carajás. Secretaria de Assuntos Comunitários amplia seus serviços e atendimento. Importância do município no atendimento à comunidade. Reunião com lideranças sindicais. Apelo à compreensão e bom senso	269
03.04.87 Coragem nas horas de dificuldade. O Banco do Brasil e sua importância para o País. Criação do CONCEX (Conselho de Comércio Exterior). Compromisso com o crescimento: não à recessão. Vantagens a aposentados. Reunião com área sindical	273
10.04.87 Reunião com lideranças sindicais mostra interesse de todos na solução dos problemas causados pela inflação e no desenvolvimento nacional. Mensagem ao Congresso pede pensão mais alta a aposentados. Comissão assessora dívida externa. Novo campo de petróleo na Amazônia	279
17.04.87 Simbolismo da Paixão de Cristo. Sistemática do imposto de renda muda em favor do contribuinte. Safra recorde mostra criatividade do povo ao encontrar solução para os desafios	283
24.04.87 Papel fundamental dos agricultores na supersafra. Apoio à agricultura. Miniempresas têm ajuda. Luta contra alta dos juros. Comissão estuda dívida dos estados. Visita do Presidente de Cabo Verde, Aristides Pereira, ao Brasil	285

<i>01.05.87</i> Dia do Trabalho lembra quadro de absoluta liberdade sindical. Justiça do Trabalho se amplia. Eletricitários ganham adicional de periculosidade. Balanço no sindicalismo com a Nova República. Trabalhador vai para o Conselho Monetário Nacional	289
<i>08.05.87</i> Determinação na luta pelo crescimento. Dia da Vitória. Ferrovia Norte-Sul integrará o Brasil. Confiança e fé no Brasil e no povo brasileiro	293
<i>15.05.87</i> Táxis ganham vantagens de isenções. Aposentados da cidade e do campo têm mais benefícios. Cientistas descobrem supercondutores. Programa do Bom Menino tem conselho diretor. Mensagem de esperança	297
<i>22.05.87</i> Defesa de mandato presidencial de 5 anos e não de 6: Presidente abre mão de um ano de Governo. Programa do Bom Menino é sucesso. Fim de compulsório para automóveis. LBA inaugura obras na fronteira com a Colômbia. Integração latino-americana reúne presidentes da Argentina, Uruguai e Brasil	301
<i>29.05.87</i> Governo toma providências contra seca no Nordeste. Encontro com Raúl Alfonsín e Julio Sanguinetti aprofunda cooperação. Defesa do erário. Confiança no futuro do País	305
<i>05.06.87</i> Conhecimento da situação. Repúdio à recessão; combate à inflação. Suspensão de despejos e outras ações na área social e na economia. Dinamização da reforma agrária. Visita de trabalho à fronteira amazônica	309
<i>12.06.87</i> Micro e pequeno empresários têm reivindicações atendidas. Programas sociais atendem 17 milhões de pessoas. Investimentos em energia para desenvolver setor elétrico	313
<i>19.06.87</i> Novo Plano ataca inflação. Congelamento e retomada de mercado livre. Corte no Governo	317
<i>26.06.87</i> Confiança nas alterações na economia. Como se registram os dados da inflação. Controle do déficit público. Mensagem sobre greve	321
<i>03.07.87</i> Encontro com o Presidente do Peru, Alan Garcia, na fronteira, aprofunda vínculos com a América Lati-	

na. Política agrícola definida leva tranqüilidade ao campo: solução de débitos antigos, financiamento, etc. Congelamento e fiscalização. Ameaça à democracia e à liberdade	325
10.07.87 Inflação cai com reajustes do Plano Cruzado. Política agrícola é bem recebida. Energia para o Nordeste. Defesa da ecologia e da integração nacional	331
17.07.87 Encontro com o Presidente Raúl Alfonsín, em Buenos Aires. Luta da Argentina e do Brasil contra a inflação e pelo desenvolvimento. Inflação em queda. Táxi sem IPI. Lealdade ao PMDB	335
24.07.87 Plano econômico; negociação da dívida externa. Inquérito sobre importação de alimentos. Combate ao déficit público amplia seu alcance. Confiança na vitória. Balanço de anos de luta; eleições e democracia. Queda da inflação	339
31.07.87 Nordeste terá energia de Tucuruí. Obras de hidrelétricas se ampliam. Rodovias são recuperadas. Irrigação dá primeira safra da seca verde, no Nordeste; projetos se multiplicam. Mais 200 escolas técnicas e escolas agrícolas. País cresce, bate recorde de exportação, consumo se amplia	345
07.08.87 Fertilizantes têm fábrica no Rio e em Sergipe. Petroquímica aumenta produção. LBA inscreve microempresa n.º 30.000. Convênio internacional antipoliomielite	351
14.08.87 Ajuda à agricultura se amplia, numa política coerente e estável. Financiamento total da produção; pólos de desenvolvimento rural. Caderneta Verde é exclusiva da agricultura	357
21.08.87 Visita ao México amplia integração latino-americana. Assinatura de atos de cooperação e integração econômica. Política da América Central. Comércio cresce. Dívida externa afoga os países e faz que eles se unam para combatê-la. Morte de Carlos Drummond de Andrade, poeta. Novos tempos para a América Latina	361
28.08.87 Escolas formaram 35 mil novos técnicos. Ação de graças exalta supersafra. Voluntariado dos programas sociais. Rede Ferroviária Federal se modernizará. Festa do	

Peão dos Boiadeiros, em Barretos (SP). Ministério enfrenta déficit público. Confiança no País	367
04.09.87 Tecnologia moderna em explosivos. Aposentadoria mais cedo para quem trabalha com explosivos. Saneamento básico. Primeiro carro brasileiro. Pesquisa nuclear. Defesa do inquilinato. Estabilidade econômica	371
11.09.87 Semana da Pátria. Brasil domina o ciclo do enriquecimento de urânio: Encontro com artistas. Bial Internacional do Livro. Prioridade à cultura. Acordo do Paraná. Morte do Ministro Marcos Freire, perda para todo o Brasil	375
18.09.87 Esperança nos trabalhos da Assembléia Nacional Constituinte. Presidencialismo moderno, com partidos fortes. Defesa do meio ambiente. Dia da Árvore. Campanha do trânsito. Melhoria das rodovias. PETROBRÁS amplia produção. Programas sociais se ampliam com o Uruguai	379
25.09.87 Apoio político é fator de democracia. Visita ao campo petrolífero do litoral de Campos (RJ). Preocupação com a violência; estados recebem mais viaturas policiais. D. Lucas Moreira das Neves, novo cardinal-arcebispo de Salvador (BA). LBA amplia atendimento a idosos	383
02.10.87 UNICEF acompanha o Programa do Leite às crianças. Vale-transporte é lei. Piso nacional de salário. Plano de Ação Governamental unifica orçamento e distribui investimentos. São Gabriel da Cachoeira se liga ao Brasil nas telecomunicações. Ligação com o exterior se amplia em 50%. Inflação em baixa. Novo quadro político	387
09.10.87 Busca de novo apoio político-partidário diante do esgotamento da Aliança Democrática. LBA amplia assistência à criança. Ação das professoras de 1º Grau em favor do país. Foguete lança o Sonda IV. Governo age no caso do céso, em Goiânia	393
16.10.87 Visita à Venezuela estreita laços com a América Latina. Exaltação ao Dia do Professor. Dia Mundial da Alimentação lembra o pequeno agricultor. Governo toma providências na área de segurança nuclear. Brasil retorna	

ao Conselho de Segurança da ONU, após 20 anos. Integração latino-americana	399
<i>23.10.87</i> Reforma ministerial entrosa Executivo e Legislativo. Habitação para pessoal de baixa renda. Reforma agrária. Escola Nacional de Serviço Público. Merenda escolar se amplia. Forças Armadas, sustentáculo da transição	405
<i>30.10.87</i> Piso salarial é elevado. Irrigação se estende pelo Nordeste e colhe-se em plena seca. Açudes se multiplicam. Profissionalização do servidor público. Frente Liberal dá apoio ao Governo Federal. Empresários japoneses ouvem palavras de confiança	411
<i>06.11.87</i> Homenagem a Frei Damião. Mutirão torna habitação mais barata. Reforma agrária preserva pequena propriedade e é bem acolhida. Setor cultural tem mais três fundações	419
<i>13.11.87</i> Agricultura se expande com irrigação no Nordeste. Reservas de petróleo duplicam-se. Pequenas e médias empresas têm redução de impostos. Projeto de construção de casas populares se ativa. Área social ganha mais convênios	425
<i>20.11.87</i> Duração do mandato presidencial. Projetos são direcionados ao Brasil-Central. Visita a Goiânia. Vale-transporte beneficia 14 milhões. Encontro com presidentes no México. Petróleo em Urucu, no Amazonas. Ferrovia Norte—Sul	429
<i>27.11.87</i> Encontro dos Oito em Acapulco, México, aprofunda laços latino-americanos. Encontro com o Presidente Oscar Arias, da Costa Rica. LBA ganha força. Intervenção no IAA, na COSIPA e em bancos estaduais. Decreto devolve terras aos estados. Transportes em Salvador têm convênio. Bacia de Campos produz mais óleo. Hospitais do aparelho locomotor em Curitiba, Salvador e São Luís. Casa própria tem mutirão no Ceará. Brasil respira liberdade absoluta	435
<i>04.12.87</i> Perdão de dívidas do pequeno agricultor. Piso salarial é corrigido; taxa de desemprego cai. País cresce. Programa São Vicente ajuda agricultores na área da SUDENE. Contorno rodoviário de Goiânia. Visita ao Ins-	

tituto Nacional de Pesquisas Espaciais. Conquistas no setor das tecnologias de ponta. Pesquisas espaciais. Luta pela integração da América Latina	441
<i>11.12.87</i> Confiança no País. Fé na democracia e nos métodos de entendimento aberto e livre. Aplauso a desarmamento USA-URSS. Seguro-desemprego. Ampliação do setor cultural	447
<i>18.12.87</i> Casa própria se amplia pelo País. Hidrelétrica de Itaparica. Crise de energia vai sendo superada. Transportes em pequenas e médias cidades têm mais verbas. Abertura política com os militares. Prêmios de irrigação. Voto de otimismo e confiança	451
<i>25.12.87</i> Confraternização do Natal	457
ÍNDICE ONOMÁSTICO E TEMÁTICO	459

APRESENTAÇÃO

Todas as sextas-feiras, às 6 horas da manhã, infalivelmente, desde 25 de outubro de 1985, o Presidente da República saúda «brasileiras e brasileiros», dá-lhes «bom-dia» e anuncia ele mesmo que está começando mais uma «conversa ao pé do rádio».

Aconteceu, às vezes, lembrar que falava de Moscou, Buenos Aires, Paris, Washington, São Luís do Maranhão, São Paulo ou de uma remota fronteira da Amazônia. Por acaso, coincidiu que desde a véspera, o Presidente viajou para algum desses lugares e a «Conversa ao pé do rádio» é sempre datada de onde ele está no amanhecer das sextas-feiras, não importa se da Semana Santa ou se coincide, como aconteceu em 1987, com o dia do Ano Novo e a palavra presidencial ainda encontrou de pé os últimos indormidos festejadores do reveillon.

A fórmula introdutória foi criada e o próprio título do programa escolhido pelo Presidente José Sarney, cuidadoso com o toque pessoal com que se empenha em marcar todos os documentos do seu Governo. Na verdade, ele evoca o estilo do Presidente Franklin Roosevelt que manteve aceso

seu diálogo com o povo americano nos momentos mais delicados da Segunda Guerra Mundial através das didáticas e intimistas «Conversas ao pé da lareira».

O programa do Presidente José Sarney utilizou a experiência americana com o uso do radio broadcasting como veículo autônomo, com linguagem e tempo próprios, bem como a sua valorização em termos de exclusividade das mensagens, sempre originais e que nem ao menos eram distribuídas antecipadamente aos jornais e à televisão, que só os divulgavam depois da manhã de sexta-feira em cadeia nacional radiofônica. Muitas vezes foram as manchetes dos jornais de sábado, ou apareceram, em gravação sonora dos seus principais trechos, nos telejornais da noite.

As pesquisas que criaram todos esses condicionantes singulares de caracterização e valorização da «Conversa ao pé do rádio» foram realizadas por Antônio Telles, coordenador de divulgação da Presidência da República e que consultou uma série histórica de sondagens de opinião pública sobre a audiência popular do rádio, para fixação de dia, horário e tempo médio de duração do programa.

Nos Estados Unidos, programa semelhante, do Presidente Reagan, era transmitido aos sábados, à tarde, horário selecionado pelos mesmos critérios aplicados no Brasil para a programação da «Conversa ao pé do rádio».

Da sua parte, o Presidente da República valorizou enormemente o programa, reservando-o para comunicação ao povo, em primeira mão, de decisões importantes e desa-
bafos políticos de repercussão.

Sem a leitura das coleções das conversas ao pé do rádio, por exemplo, não será possível acompanhar a evolução do histórico «Plano Cruzado» e as intervenções do Presidente Sarney nos debates sobre os termos em votação pela Assembléia Nacional Constituinte.

A consciência de estar falando diretamente com trabalhadores urbanos e rurais — operários a caminho do trabalho com seus radinhos de pilha ou camponeses que partem para suas fainas — exigia uma preocupação com a linguagem, mas também estimulava cumplicidades. Finalmente, tratava-se de uma «conversa», sem intermediários. Não era

um monólogo formal, mas uma mensagem viva, com o interlocutor presumível muito bem identificado: o povo humilde que ouve — predominantemente, segundo as pesquisas — o rádio às seis da manhã.

Apesar de receber sugestões e um texto básico de sua assessoria, o Presidente da República sempre dá um toque pessoal às conversas ao pé do rádio. Nos originais, a lápis, como freqüentemente chega à gravação, vê-se que ele pensa no programa, nos curtos intervalos das atividades presidenciais.

O impacto e a repercussão da «Conversa ao pé do rádio» do Presidente José Sarney tornaram-se uma expressiva experiência de comunicação no Brasil, transcendendo o aspecto de registro histórico e documental específico de seu Governo.

LUIZ GUTEMBERG

Brasília, julho de 1989.

1985

25.10.85 Combate à inflação. Número de empregos sobe.

Bom dia!

Início, hoje, uma conversa ao pé do rádio, com todos os brasileiros.

Devo falar simples e direto.

Em todas as pesquisas de opinião pública, o povo se pergunta: qual o maior problema?

Ele responde que é a inflação, quer dizer, o custo de vida. Os preços sobem e diminui o poder de compra dos assalariados, porque a inflação é realmente a maior inimiga dos assalariados. Ela não atinge somente o bolso, mas ela atinge a boca. Os ricos podem se defender da inflação; os pobres, não. E o Brasil tem uma das maiores inflações do mundo.

Estamos dispostos a combatê-la.

Estamos no combate e continuaremos a luta. Mas os resultados não são imediatos, nem milagrosos.

Quando assumi o Governo, disseram-me que eu devia usar medidas drásticas para levar a inflação a zero. Tentaram induzir-me ao continuísmo. Continuar na recessão. Parar de crescer. Diminuir o crédito, achatar os salários. Isto significava desemprego, revolta social e mais sa-

crifícios. Recusei esse caminho, porque não o achei justo, porque ele não serve para o Brasil. Muitos críticos disseram que essa decisão ia levar a uma inflação de 500 até 1000%. Felizmente nada disso aconteceu. Escolhi o caminho do crescimento. E a inflação está menor do que em 1984.

E houve o que nunca houve: o trabalhador pode comprar mais, a economia está em crescimento. Como mostram o crescimento da indústria e o crescimento do comércio.

Porque os preços não subiram mais e nem sobem como subiam no passado. E atualmente os preços subiram menos do que os salários. Conseguimos criar mais de um milhão de novos empregos. E os juros baixaram. A confiança está voltando. O setor privado se reanima. A certeza de que o Governo é sério, austero, moralizador, trabalhador e contra a corrupção.

Mas eu quero que o povo saiba. O Governo não é meu, o Governo é nosso. O Governo não é inimigo. O Governo é amigo. Ele deseja acertar. O progresso começa dentro de cada um. A luta contra a inflação, portanto, é uma luta de todos.

Fiquem certos de que ninguém é mais interessado do que eu em que a inflação baixe. E eu acredito que ela vai baixar. Porque o Brasil vai dar certo. Contem com o Presidente. Mas o Presidente, para o êxito do seu trabalho, precisa contar com vocês.

01.11.85 Aumento do salário mínimo acima da inflação, pela primeira vez no Brasil.
Otimismo.

Brasileiros,

Bom dia! Aqui vos fala o Presidente José Sarney.

Vamos conversar sobre o salário mínimo, que vai vigorar a partir de hoje, 1º de novembro. Será, no Brasil inteiro, de 600 mil cruzeiros.

Nossa política é fazer com que o trabalhador recupere as perdas que sofreu durante os anos de arrocho salarial. Espero, até o fim do meu mandato, deixar o salário mínimo em um nível justo e humano.

O trabalho tem de ter uma remuneração adequada.

O Brasil somente terá tranquilidade social no dia em que colocar a remuneração aos trabalhadores, e todos os assalariados, num nível digno.

É chocante a diferença que existe, no Brasil, entre salário mínimo e salário máximo. Essa longa distância deve ser urgentemente aproximada.

Ninguém pense que é necessário apenas um decreto do Presidente. Esse problema está ligado a todo um processo econômico que desejamos corrigir.

Se o Governo fizesse demagogia criando um salário muito alto, irreal, as empresas não poderiam pagá-lo. Ha-

veria dispensas, criando desemprego. A inflação dispararia, invalidando o aumento. Assim, temos de ser justos sem sermos irresponsáveis.

Quando assumi a Presidência, o salário mínimo era de 166 mil cruzeiros. Em sete meses ele já é de 600 mil cruzeiros.

Sempre se corrigiu o salário abaixo da inflação. Agora, agi diferente. Não só dobrei o valor do salário mínimo em maio, como determinei o seu aumento em níveis acima da inflação. Há 24 anos, não era dado um aumento real do salário mínimo igual ao que foi concedido: 12% acima da inflação.

Esse procedimento confirma nossa opção pelos pobres e a firmeza de propósitos em corrigir injustiças.

O trabalhador que recebe salário mínimo tem os seus direitos assegurados. Ele não tem sindicato forte e ele não precisou fazer greve. O Governo correspondeu às necessidades desses trabalhadores, que são a maioria esmagadora dos assalariados brasileiros. Cumpriu seu dever, sem receber pressão.

O trabalhador fique confiante, porque o Presidente deseja que ele receba um salário justo. Estamos mudando a velha fórmula de combater a inflação com achatamento de salário e competir no mercado baseado em mão-de-obra barata.

O caminho novo é o trabalho bem remunerado e a produtividade. O Brasil vai dar certo.

08.11.85 Descanso semanal remunerado. Juntas de Conciliação e Julgamento, justiça mais rápida.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney.

Enviarei hoje ao Congresso uma mensagem do maior interesse dos trabalhadores.

Trata-se de uma nova lei sobre o descanso semanal remunerado. Vamos mudar uma regra injusta.

Hoje, basta o atraso de um dia para que o trabalhador perca totalmente esse benefício.

Minha proposta é a seguinte:

Quem faltar ao trabalho não vai perder totalmente o descanso semanal remunerado.

Perderá apenas a parte relativa aos dias em que faltar.

Isso quer dizer que, se faltar um dia, o trabalhador deixará de receber somente uma sexta parte do descanso semanal remunerado.

Outra notícia:

Pedi ao Congresso a abertura de 105 novas Juntas de Conciliação e Julgamento, da Justiça do Trabalho, que serão agora instaladas nos municípios onde os trabalhadores residem.

Em muitos lugares os direitos do trabalhador são violados e, não tendo Juntas de Conciliação, ele não tem onde reclamar. Em outros lugares, é tão grande o número de processos que reclamação trabalhista custa tanto a ser julgada, que de nada adianta fazê-la.

Por isso, estamos criando as novas Juntas de Conciliação e Julgamento.

A justiça, para ser boa, tem que ser rápida e próxima.

As medidas agora anunciadas podem parecer medidas pequenas, mas são muito importantes para a vida de todo assalariado. Repouso remunerado, justiça rápida: dois benefícios para você, trabalhador brasileiro.

15.11.85 Importância de eleições, do voto direto.
Escolha de prefeitos de todas as capitais.

Bom dia!

Para mim, como Presidente da República, uma das coisas mais sérias no Brasil, neste momento, são as eleições para as prefeituras das capitais e das cidades que voltaram a escolher seus dirigentes, graças a uma decisão da Nova República.

Esta é a oportunidade de demonstrarmos, nós todos, do Presidente ao cidadão mais modesto, que sabemos escolher, que não nos enganamos nem deixamos que nos enganem.

Finalmente, essas eleições vão demonstrar que o País não vira bagunça, nem desordem, nem deixa de crescer e progredir porque há eleições. Muito pelo contrário.

Não tenho medo de eleições, jamais tive medo de eleições. Foi sempre através do voto, de campanhas nas ruas, que fiz minha carreira política. Quanto mais eleições, melhor.

Por isso, quero pedir aos brasileiros que hoje, dia 15 de novembro, escolham o melhor.

Todos sabem que dispõem de absoluta liberdade. Cada um vota em quem quiser, porque quer votar, porque escolhe.

Tenho absoluta certeza e a maior confiança de que essas eleições para prefeito serão livres e sérias. Um acontecimento que a História do Brasil vai registrar, inscrevendo nos seus livros: «Em 15 de novembro de 1985, na primeira eleição da Nova República, os brasileiros mostraram que sabem votar, sabem escolher e mostrar que merecem a liberdade e a democracia que eles mesmos estão construindo.» E ficarei muito honrado se também escreverem meu nome como sendo o Presidente da República que promoveu e estimulou essas eleições.

Para quem diz que as eleições não enchem a barriga de ninguém, quero lembrar apenas uma coisa: a partir de agora, todos os cargos de direção do País serão ocupados por cidadãos eleitos pelo voto direto, do Prefeito ao Presidente da República. E é de eleição em eleição e do conjunto de todas essas eleições que dependerá o bem-estar e o progresso do Brasil e dos brasileiros.

Eu lhes peço, brasileiros, com toda a sinceridade e devoção: votem, e votem bem, levando a sério as eleições.

Vamos votar.

O Brasil vai dar certo.

22.11.85 Prioridade ao Nordeste: verbas à região aumentam em 600%. SUDENE. Irrigação.

Brasileiras, brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney, como acontece às sextas-feiras, neste mesmo horário, em nossa conversa ao pé do rádio.

Hoje, estou viajando ao Nordeste, o Nordeste de todos os brasileiros.

Vou a Sergipe e a Pernambuco com a alegria de ter elevado no orçamento, no primeiro ano de Governo, as verbas para o Nordeste a uma altura a que nunca chegaram: 15 trilhões de cruzeiros.

Um aumento de 600%.

Para mim, dizer que o Nordeste é «prioritário» é pouco.

O problema do Nordeste é de vida ou de morte, que é a maneira de dizer que se trata de caso que não pode ser postergado.

Quero ver o Nordeste mudar, deixar de ser um lugar de pobreza e origem de emigrantes pobres, que fogem da miséria.

Sei que a transformação do Nordeste, por mais que se faça, não vai ocorrer do dia para a noite. Muito se fez, mas muito falta fazer.

As tentativas de mudança do Nordeste sempre fracassaram porque faltaram três coisas que devem andar juntas: recursos, vontade e humildade.

É preciso ter os recursos, querer realmente aplicá-los e, principalmente, fazer coisas que beneficiem o maior número de pessoas e de forma duradoura.

O desenvolvimento do Nordeste só valerá a pena se beneficiar o maior número de nordestinos.

A SUDENE está revigorada. Transformada em autarquia especial e volta a ser o grande centro de debates da região.

Estamos elaborando o plano de desenvolvimento da área, com participação e voltado para o social.

A reforma agrária irá contribuir para resolver o problema fundiário e, em quatro anos, iremos irrigar, na região, um milhão de hectares.

Estamos trabalhando em cooperação com os estados e municípios em programas de alimentação e muitos outros.

Enfim, estamos começando, mas o Governo vai cumprir com seu dever com o Nordeste.

29.11.85 Convocação da Constituinte. Luta
contra a inflação. Compromisso com o
desenvolvimento.

Brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney, como acontece às sextas-feiras, neste mesmo horário, em nossa conversa ao pé do rádio.

Nós estamos chegando quase no final das mudanças institucionais que todos nós prometemos ao País. Ontem foi promulgada a Emenda Constitucional que convoca a Assembléia Nacional Constituinte; e acabamos de sair da mais livre eleição ocorrida no Brasil.

No setor institucional, todos os compromissos políticos foram cumpridos. Os compromissos das mudanças estão implantados. Em segundo lugar, aumentamos o número de empregos: mais de um milhão e meio de novos empregos foram criados este ano. O País voltou a crescer e diminuí o número de desempregados. Por outro lado, acabamos com o arrocho salarial; os salários subiram, em termos reais, acima da inflação; o País voltou aos trilhos e agora é a vez de mudanças importantes e ambiciosas no setor público. Mas todo este esforço que está sendo feito, que sem dúvida colocará o déficit público em níveis mínimos, será revertido para um programa de governo que já tem a sua orientação definida, que é a opção pelo setor social.

Vai ser possível, o Governo controlando a inflação, controlando as suas despesas, ter recursos disponíveis para aplicá-los no setor social, para extinguirmos no País, de uma vez por todas, a pobreza absoluta. Nesse sentido nós vamos ampliar bastante o programa de alimentação popular, iniciar e ampliar programas de suplementação alimentar, reforço ao programa alimentar de creches, reforço ao programa nacional de alimentação escolar, e um grande programa de leite para crianças em todo o País.

Assim, chegou a hora e vez de construir um grande País no campo e também nas cidades. É esse o novo compromisso na Nova República.

06.12.85 Programa de mudanças. Fim de desconto de imposto de renda na fonte nos salários baixos. Ampliação da merenda escolar. Alimentos às creches. Medicamentos. Opção pelos pobres.

Brasileiras, brasileiros, bom dia!

Volto nesta sexta-feira à nossa conversa ao pé do rádio.

Assim os brasileiros podem discutir as últimas decisões do Governo, dizendo: «Ouvi isso da voz do próprio Presidente José Sarney».

Hoje, por exemplo, vamos falar do Programa de Mudanças, para o qual obtive a aprovação indispensável da maioria dos deputados e senadores, que agiram com patriotismo.

Falou-se muito, discutiu-se muito sobre essas mudanças. Não faltaram versões falsas.

O programa, na parte tributária, visa a implantar a justiça federal.

Por exemplo: trabalhador que recebe um, dois, três, quatro até cinco salários mínimos, não paga mais imposto de renda. Quem recebe até 3 milhões está isento. Não há mais «desconto na fonte» para quem ganha pouco. E quem ganha muito vai pagar mais.

Além de não cobrar mais imposto de renda dos pobres, o Governo vai ajudá-los a viver melhor.

Quero que 1986 seja o ano brasileiro dos programas sociais.

Vamos ter a distribuição de um litro de leite por dia para os filhos de trabalhadores que ganham até dois salários mínimos.

Vamos ampliar a merenda escolar. As crianças de 7 a 14 anos vão receber alimentação nas escolas até mesmo durante as férias. E podem levar os irmãos menores para comer com elas.

Vamos atender 10 milhões de mulheres grávidas e, depois que seus filhos nascerem, garantir-lhes alimentação básica até os quatro anos.

Vamos reformar o fornecimento de alimentos nas creches.

Vamos garantir aos doentes pobres 40 medicamentos básicos, gratuitamente, de acordo com a receita médica.

Vamos, por aí afora, onde for possível, trabalhar para que a fome e a miséria acabem no País.

É o maior esforço já feito, em qualquer governo, em favor da área social.

1986 será o ano dos programas sociais. É a opção pelos pobres de que tenho falado sempre.

13.12.85 Aprovação do vale-transporte,
vantagens para empregados e patrões.

Brasileiras, brasileiros,

Bom dia!

Aqui vos fala o Presidente Sarney.

Nosso assunto de hoje é o vale-transporte.

Trata-se de um projeto imaginado e elaborado no meu Governo e que se tornará lei na próxima segunda-feira, dia 16, quando vou sancioná-la.

O vale-transporte já está aprovado pelo Congresso. Foi um dos projetos que deputados e senadores, atendendo a um pedido do Governo e com o maior entusiasmo, votaram no começo do mês, antes do início das férias legislativas.

Mas, que será o vale-transporte?

Eu respondo: será um grande benefício.

O trabalhador receberá do seu patrão, todo mês, passes necessários para pagar o ônibus ou o trem entre sua casa e o local de trabalho, ida e vinda, por um valor que não supere seis por cento do seu salário.

A diferença entre seis por cento do salário descontado e o valor das passagens será paga pelo patrão.

Isso significa que um trabalhador que ganhe salário mínimo de 600 mil cruzeiros pagará apenas 36 mil cruzeiros mensais pelo seu vale-transporte para o ano inteiro, não importa o valor da passagem do ônibus ou do trem que precise tomar.

Muitos trabalhadores que recebem salário mínimo gastam até 25% do que recebem só com o pagamento do seu transporte. Podemos, portanto, fazer uma idéia da importância do vale-transporte para quem ganha pouco.

Naturalmente, o empregador que participar do vale-transporte também será estimulado. O dinheiro que empregar nesse benefício aos seus empregados será considerado despesa operacional, deduzindo-se dos lucros sobre os quais é cobrado o imposto de renda.

Tudo isso, porém, não será feito através de imposição do Governo, mas mediante acordo de trabalho entre patrões e operários.

O vale-transporte é um instrumento de cooperação, em que os patrões beneficiam seus trabalhadores e o Governo deixa de cobrar impostos sobre as quantias aplicadas em tal fim.

Através de iniciativas como a do vale-transporte, estamos demonstrando a nossa preocupação com os 11 milhões de trabalhadores beneficiados com essa medida.

20.12.85 Votos de Boas-Festas. Criação e
ativação de programas nacionais na área
social. Livro das Crianças.

Brasileiras, brasileiros, bom dia!

Nesta nossa última conversa ao pé do rádio, antes do Natal, quero que recebam o meu abraço de Boas Festas.

Quem me estiver ouvindo, que transmita aos amigos e amigas esta minha mensagem: o Presidente José Sarney deseja ardentemente a cada brasileiro, em particular, um Natal de felicidade e paz.

Quero que esse desejo de paz e felicidade se concretize de verdade.

Minha primeira preocupação é com as necessidades de alimentação, saúde, habitação, transporte, educação.

A prioridade do atendimento é, naturalmente, das crianças.

Estamos nos preparando para começar o ano de 1986 com uma série vigorosa de ações como nunca se realizaram no Brasil.

Vejam alguns desses programas:

- *Programa de Suplementação Alimentar*, que beneficia 10 milhões de gestantes, nutrizes e crianças de até 4 anos;

• *Programa Nacional de Alimentação Escolar*, que atende a 30 milhões de alunos de 7 a 14 anos e seus irmãos de 4 a 6 anos, durante todos os dias úteis do ano. 270 dias e não apenas 180 dias, como era.

• *Programa Nacional do Leite para Crianças Carentes*, que proporciona 1 litro por dia a cada criança até 6 anos, atendendo a 1,5 milhão de crianças, em 1986 e 10 milhões em 1989;

• *Reforço Alimentar ao Programa de Creches para Crianças Carentes*, que favorece 1 milhão e 300 mil crianças em creches;

• *Programa de Alimentação Popular*, que vende alimentos básicos mais baratos nas periferias das grandes cidades, beneficiando 10 milhões de pessoas;

• *Programa de Medicamentos*, que concede 40 remédios básicos gratuitamente a 30 milhões de brasileiros.

Tenho certeza de que um País que trata bem as suas crianças saberá resolver seus outros problemas.

Hoje, sexta-feira, vou presidir o lançamento de um livro com as cartas que as crianças me enviam. Chamam-me «meu amigo Presidente Sarney» e me confiam suas queixas, sonhos, dificuldades da família.

Freqüentemente, leio pessoalmente algumas dessas cartas.

As crianças são sábias na sua pureza e costumam dizer, na sua ingenuidade, as verdades mais profundas.

Na solenidade de lançamento desse livro de cartas infantis, vamos inaugurar um presépio de Natal, no Palácio do Planalto.

É uma maneira simbólica de mostrar que o governo está sintonizado com o espírito do Natal.

Afinal, foi o nascimento de uma criança, o Menino Deus, que mudou o mundo. Celebrando o Natal nós lembraremos mais e mais as crianças do Brasil.

Feliz Natal, brasileiros e brasileiras.

27.12.85 Mensagem de confiança no Ano Novo de 1986. Repasse de *royalties* da PETROBRÁS a estados e municípios onde explora óleo. Acordo social.

Brasileiras, brasileiros, bom dia!

Hoje, nesta nossa última conversa ao pé do rádio de 1985, quero lhes dizer um pouco mais do que «feliz Ano Novo».

Quero que ouçam da própria voz do Presidente José Sarney uma palavra de confiança.

Da mesma forma que conseguimos atravessar o ano de 85, superando todo tipo de problemas, vamos trabalhar muito para que 1986 seja um ano de paz e desenvolvimento.

Todos se lembram dos momentos difíceis que vivi. Recebi o País no meio de uma grande desgraça, com a morte do nosso saudoso Presidente Tancredo. No entanto, arranjei forças, coragem e entusiasmo para unir o País, controlar a administração e cumprir, fielmente, todas as promessas da Aliança Democrática.

O Brasil é, hoje, um País que pensa nos pobres e nos trabalhadores. E se esforça para ajudá-los.

De que adiantam o progresso, grandezas e riquezas, se não acabarmos com a fome e miséria?

Quero que o progresso e as grandezas correspondam à melhoria de condições de vida para todos.

Quero progresso com felicidade geral.

Para os descrentes, que acham que isso é um sonho, desejo dizer que o Brasil mudou.

Por exemplo: o ódio, que dominava a nossa política, acabou.

É verdade que sou de um partido, de uma aliança, e que outros partidos fazem oposição, combatem nossas idéias. Tudo bem. Somos adversários, discordamos numa questão ou noutra, mas não somos inimigos.

Ninguém está preso ou sofre perseguição, hoje, por ser contra o Governo.

Hoje mesmo, daqui a pouco, vou a Campos, no litoral do Estado do Rio, sancionar a lei que manda a PETROBRÁS pagar *royalties* aos estados e municípios de cujos territórios é retirado petróleo. Essa lei dará recursos para melhorar a vida do povo.

Isso significa que, no Brasil, o Governo Federal não discrimina estados, nem partidos ou pessoas, e só pensa no bem-estar da população.

1986 será um ano de trabalho. Teremos eleições e temos vários obstáculos a vencer: exemplo, a inflação e a reforma agrária.

Mas temos grandes esperanças: o desenvolvimento continuará, o Brasil vai continuar crescendo, manteremos a nossa unidade e espero que possamos fazer um acordo social, para assegurar a paz e melhorar os salários.

Feliz Ano Novo, brasileiros!

1986

03.01.86 Combate à inflação. Repúdio ao caos e pessimismo. Compromisso com as mudanças.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui, mais uma vez, vos fala o Presidente José Sarney.

Já estamos em 1986. Meus votos que o Ano Novo seja bem-vindo e traga paz, felicidade e progresso ao nosso Brasil.

O nosso trabalho vai ser duro porque temos muitos desafios. Mas nossa vontade de vencer é maior que todas as dificuldades.

Teremos, em primeiro lugar, de enfrentar a inflação. Temos de ficar alerta contra a especulação e a ganância. Aí está a febre de remarcação que espolia o povo. Esse processo criminoso faz que não seja a inflação que empurre os preços, mas os preços é que empurrem a inflação.

Existem, também, os profetas do caos, que geram um clima psicológico de alta constante. Quando eu assumi o governo diziam que a inflação ia a 500%. Mas a inflação não foi. Os especuladores não se deram por vencidos. Propalaram que o estouro seria em agosto. Não aconteceu. Passaram para novembro. Também não aconteceu. Agora espalham que vai ser no ano novo. Eu asseguro ao povo brasileiro que isso não ocorrerá. A inflação não vai disparar.

É verdade que ela ficou nos mesmos índices de 1984, mas com uma grande diferença. A inflação de 1985 foi a mesma, mas sem recessão, e com crescimento econômico.

O Brasil foi o país do mundo que mais se desenvolveu. Quase 8% ao ano. Criamos mais de um milhão e meio de novos empregos. Os salários subiram além da inflação. Tivemos o melhor Natal dos últimos tempos. Meu compromisso é, como sempre, dizer não à recessão. Vamos continuar crescendo porque, fora do crescimento, é a fome, é o desemprego, é a miséria. O orçamento público deste ano está controlado. Vamos ter um déficit mínimo. Os investimentos estão voltando. Há confiança. Há trabalho. Há seriedade na condução da coisa pública.

Renovamos nosso compromisso com as mudanças. Este ano vamos prosseguir trabalhando com segurança neste projeto. Nossa prioridade, a grande prioridade, é o social. Não somente para esvaziar tensões, num projeto de curto prazo. Nosso objetivo é criar uma sociedade justa.

Quando falamos em melhores salários, nós falamos numa sociedade justa. Quando falamos em melhores salários, nós falamos numa sociedade onde não exista a exploração do trabalho. Quando falamos em Constituição, falamos numa Carta Magna que não abrigue injustiças. Falamos numa Constituição que não seja a vitória de uma classe ou facção, mas uma lei maior capaz de assegurar a estabilidade e a governabilidade do País. O direito de todos os segmentos da sociedade e não de alguns. Quando falamos em reforma agrária, falamos na distribuição da terra aos que nela trabalham. Essa bandeira, todos os brasileiros sabem que eu não a abandonarei. Reforma para ser feita sem violência, dentro da paz e respeitando os direitos dos que produzem.

1986 será, portanto, o ano da consolidação das mudanças. O País já é outro e cada dia mais irá melhorando. Estou contando e contarei com o apoio do povo brasileiro. Não se faz tudo da noite para o dia. Temos apenas nove meses de governo, mas nunca se teve tanta vontade e tanto trabalho. Não foi fácil vencer as dificuldades e acredito que não será fácil o nosso caminho. Mas o progresso é fruto do nosso trabalho e eu tenho a obrigação de ser o traba-

lhador que deve dar o exemplo, cumprindo com o meu dever.

Espero que o povo brasileiro me ajude neste ano de 1986, para que eu possa ajudar o Brasil.

Porque o Brasil vai dar certo.

10.01.86 A seca no Sul. Repercussão na economia. Auxílio aos agricultores. Otimismo.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney.

Nosso assunto é a seca que castiga a Região Sul, que atinge os campos que mais e melhor produzem.

Para quem imagina que governar é construir e inaugurar obras, nomear e demitir, aí está um momento em que o povo pode verificar que não é somente isso. Estamos num instante de obras que não se vêem, porque são decisões de governo, que exigem trabalho, muita energia e uma clara avaliação dos fatos.

Há mais de um mês estou acompanhando os problemas criados por esta longa estiagem na Região Sul.

Acontece que uma seca — que prejudica e desespera os agricultores, pela perda das safras — também exige evitar a especulação. A perspectiva pela escassez de gêneros estimula a ganância, que deve ser combatida.

A inflação que estamos tendo está sendo estimulada pelos preços dos produtos agrícolas, cuja produção está reduzida pela grande estiagem.

Este é o efeito da seca na economia. Por mais que preocupe, porém, ainda são maiores as dificuldades que nossos produtores estão enfrentando, vendo suas culturas,

já semeadas, perdidas por falta de chuva, vendo os empréstimos vencerem, sem que ainda tenham vendido seus produtos para resgatar suas dívidas.

Chegou a hora de ajudar os agricultores, a quem o Brasil tanto deve. São eles que sustentam a maior parte de nossas exportações, fornecendo os produtos com os quais obtemos os dólares no exterior.

O Governo está tomando medidas.

Em primeiro lugar, as dívidas não serão executadas. Todo agricultor da região seca que tiver tomado empréstimo em bancos particulares ou oficiais, para o plantio da safra 85/86, e que, por este motivo, deixou de saldar seus compromissos, pode ficar tranqüilo: seu título não vai para o cartório. O Governo, através do Banco Central, determinou que os bancos particulares e os bancos oficiais que operam com crédito agrícola renegociem as dívidas de seus clientes, estudando caso a caso.

O Governo também liberou um empréstimo de emergência, de 3 milhões e 600 mil cruzeiros, para que os pequenos agricultores, prejudicados pela seca, enfrentem as necessidades básicas de suas famílias. Até 15 de março, esses empréstimos estarão à disposição nas agências bancárias de seus respectivos municípios.

Não nos esqueçamos que 80% da produção agrícola da região Centro-Sul resultam do trabalho de pequenos e médios produtores.

Estão sendo tomadas precauções para que haja prestação e se evitem desvios na execução dessas medidas.

Ao mesmo tempo, para proteger a população da escassez e altos preços dos produtos atingidos pela seca, o Governo está avaliando os estoques e promovendo a importação dos produtos que podem faltar, na quantidade necessária e na hora certa.

Como estão vendo, estamos tratando a seca no Centro-Sul sob todos os seus aspectos. Da assistência às vítimas até o combate dos preços altos, sem falar do capítulo da energia, com a redução da capacidade das usinas hidrelétricas, porque os rios estão baixando muito, o

que talvez nos obrigará a tomar medidas para economizar gastos de energia.

Eis que, num momento excepcional de progresso e paz na vida brasileira, chega esta seca — a maior da região nos 40 anos — para atingir a mais produtiva das nossas áreas agrícolas.

Mas os governos existem para enfrentar esses problemas e para procurar resolvê-los.

Por isso eu continuo afirmando: o Brasil vai dar certo. A seca vai passar e nós continuaremos a crescer.

17.01.86 Punição dos «crimes do colarinho branco». Censo econômico do IBGE. Censo agropecuário.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala, mais uma vez, nesta sexta-feira, o Presidente José Sarney.

Estou satisfeito por saber que um grande número de cidadãos está conosco nesta conversa ao pé do rádio, ouvindo este programa. Vamos abordar dois temas: o chamado «crime do colarinho branco» e o censo econômico a ser feito pelo IBGE.

Na rota da austeridade e da moralidade pública, nomeei uma comissão para elaborar uma lei destinada a punir aqueles que dilapidarem instituições financeiras. A lei está pronta, será enviada ao Congresso em março, e o País terá um instrumento para defender o dinheiro público. É incrível que um país como o Brasil não tenha uma legislação com essa finalidade. O povo muitas vezes reclama impunidade, mas não sabe que a impunidade prospera porque não temos lei. Pois vamos ter essa lei.

Agora, desejo falar do censo. Os censos econômicos têm início na próxima segunda-feira em todo o País. Cada rebanho, cada criação, cada produto, cada plantação será contada e pesquisada.

Na oportunidade em que se realiza o que é um dos mais importantes instrumentos para o planejamento da economia brasileira, venho conclamar cada um dos brasileiros do campo e da cidade a participar e a colaborar com os censos econômicos, com a Fundação IBGE, com o Governo Federal. São mais de 70 mil recenseadores, que durante o ano inteiro irão buscar informações em cada estabelecimento rural, industrial, comercial e de serviços, em cada recanto, em cada pedacinho deste Brasil de dimensões tão grandes. E toda informação há que ser verdadeira, exata, pois que, somadas todas elas, serão a revelação da nossa realidade econômica e, por isso mesmo, poderão beneficiar a cada cidadão, município, estado, região, o nosso País.

Vamos fazer o primeiro censo agropecuário da Nova República, a partir da próxima segunda-feira. Vamos fazer também, a partir de maio, os primeiros censos industrial, comercial, dos serviços, transportes e construção civil da Nova República.

E as estatísticas da Fundação IBGE, fruto da consolidação das informações a serem prestadas, serão o nosso leme para que novos rumos possam ser tomados na vida econômica do País. Recenseamento é comunicação. Nele, a informação exerce o papel principal, e por isso cabe a cada um de nós zelar para garantir que a verdade aconteça, pois essas informações permitirão que o Governo Federal e toda a sociedade brasileira tracem um fiel perfil dos nossos setores, setores econômicos, o rural e o urbano.

E, a partir da avaliação da situação atual da economia brasileira, ações poderão ser repensadas, medidas tomadas e um caminho mais firme poderá ser trilhado, com o pensamento que o social deve ser sempre privilegiado, pois o homem é a razão primeira das ações do Governo.

Vamos colaborar com os recenseadores, pois assim estaremos colaborando para o futuro do Brasil.

24.01.86 Apoio aos pequenos agricultores do Nordeste. Estímulo às cooperativas, ação comunal, etc.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Estão ouvindo o Presidente José Sarney. Hoje, sexta-feira, é dia da nossa conversa ao pé do rádio.

Assinei ontem um decreto determinando a aplicação de 2 trilhões de cruzeiros para apoio e financiamento dos pequenos agricultores do Nordeste. O programa estabelece um sistema de apoio ao produtor rural organizado em comunidades, cooperativas ou associações. O lavrador terá recursos para sua produção agropecuária, sua comercialização ou beneficiamento, para a aquisição de animais, máquinas e outros implementos, para obras de interesse coletivo como poços, silos, eletrificação, pontes e estradas. E finalmente para a própria criação ou manutenção de suas associações.

O programa será operado da maneira mais simples, devendo a associação enviar o pedido à SUDENE, gestora do programa, através dos Bancos do Brasil e do Nordeste. Esse programa será analisado por um conselho com a participação de trabalhadores, dentro de um criterioso plano de prioridades. O financiamento será autorizado e remetido sem que os lavradores tenham que sair de seus municípios.

Esse é um programa da maior importância, pela maneira como ele foi feito, procurando-se encontrar um mecanismo simples pelo qual os recursos cheguem às mãos do pequeno agricultor sem maiores delongas, pois é quase com angústia que tenho percebido que parte dos muitos recursos que vamos colocando para ajudar sobretudo aos pequenos — opção preferencial do meu Governo — custa a chegar ao seu destino.

É preciso agilizar, motivar, romper a inércia. E por isso estamos pedindo a todos que ajudem esses programas, trabalhando com dedicação e eficiência. Assim, os que deles participam ajudam a ajudar e ajudam a dar aos pobres os seus direitos.

O programa que lançamos também dá uma resposta. Usa a própria estrutura social e a rede financeira já existentes. Passam a fazer parte de sua administração os próprios interessados, os pequenos produtores, representados pela Confederação dos Trabalhadores rurais e a ação do Governo fica assim mais transparente, mais fácil de ser controlada, mais barata e mais democrática.

Ao Brasil não interessa um desenvolvimento que beneficie apenas a uns poucos, porque a longo prazo esse desenvolvimento mata. Ao Brasil também não interessa um progresso só do Estado, porque esse progresso sufoca e imobiliza. As cooperativas, a ação comunal, a organização das comunidades são um caminho importante, porque não apenas resolve esse dilema, mas também recusa o assistencialismo imediatista e planta sólidas raízes do futuro. Ensinar a pescar para comer a vida inteira, sem que os recursos se percam em imensos organismos burocráticos.

Ninguém pode ser feliz, eu acredito, quando a sociedade se sente infeliz. E a melhor maneira de buscar a felicidade é trabalhar para todos. O homem cria cada vez mais o desenvolvimento, aumenta os seus bens, mas paradoxalmente ele sente-se cada vez mais infeliz. É uma presa fácil para a revolta, para a violência, para o afastamento de Deus. Melhorar a qualidade de vida é fazer o que o Brasil mais precisa neste instante.

Na semana que vem vou assinar novos atos em benefício do Nordeste, na área da irrigação. Tenho certeza de

que a combinação do desenvolvimento com a preocupação da melhoria de vida dos trabalhadores dará bom resultado nessa nova tentativa — nova e decidida — de recuperar definitivamente o nosso Nordeste.

Sexta-feira que vem voltaremos a conversar.

31.01.86 Repúdio ao processo inflacionário. Não à recessão.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente Sarney. Nosso assunto de hoje é mais uma vez a inflação. A inflação de janeiro, que atingiu 16,2 pontos. Esse número é, realmente, muito alto e com ele nós não podemos conviver, nem nos conformar. Precisamos vencê-lo. É claro que ele foi fruto de um mês longo, uma vez que os dados são apurados em 35 dias, além de termos tido somados os resultados danosos da grande seca que atingiu a região mais produtora do País.

A inflação, como gostam de figurar os desenhistas dos jornais, é um dragão de muitas cabeças que provoca carestia, faz sumir os aumentos salariais e alimenta os especuladores. A inflação é sempre contra os projetos de desenvolvimento, justiça social e democracia que estamos realizando com tanto esforço. É preciso derrubar esse número.

Muita gente acha que só há um remédio, um insuportável purgante chamado recessão e que envolve, obrigatoriamente, desemprego, fome, falências, revoltas contra os governos democráticos. O Brasil tomou outro caminho e fez outra escolha. O Governo está reduzindo suas despesas, apertando tudo, fazendo cortes drásticos dos novos projetos. O que o Governo não aceita, contudo, é impor ao po-

vo o sacrifício da recessão que traz fome e traz desemprego.

No mais, vamos fazer tudo com energia para enfrentar esse grave problema. Estamos atuando em todas as frentes. O Ministro da Fazenda anunciou que, nestas próximas quatro semanas, os preços do arroz, feijão, carne e açúcar estão congelados. Não vão aumentar. O Governo se encarregou de fornecer esses produtos aos supermercados nas quantidades necessárias e o povo deve vigiar, exigindo que os preços não sejam alterados durante o período. Trata-se de uma providência drástica.

Já disse aos ministros e demais funcionários que o Governo não vai gastar nem um tostão a mais do que está no orçamento. Vamos dar o exemplo. Esta é outra providência séria. A tradição do Governo é suplementar verbas. Pois tudo faremos para evitar que isso aconteça. Em 1986 vamos reduzir ao mínimo o déficit público.

Sempre digo que é preciso ter confiança. Hoje, quero dizer que, também, é preciso o esforço e a cooperação de todos para que consigamos vencer a inflação. A primeira colaboração de que o Governo precisa para essa luta é a confiança do povo nas medidas que estamos tomando. E vigilância, para que elas sejam efetivamente executadas. Nós não podemos, do dia para a noite, resolver problemas que durante tanto tempo foram aí colocados. Mas, o povo brasileiro tenha confiança. Nós estamos trabalhando e trabalhando com o objetivo de ajudar o povo para ajudar o Brasil.

07.02.86 Programa de ação comunitária. Leite para as crianças, através de 2 mil 300 projetos iniciais.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney.

Nossa conversa ao pé do rádio de hoje destina-se a uma convocação. Desejo que o maior número possível de brasileiros participe dos Programas de Ações Comunitárias que estamos promovendo no País inteiro. Trata-se de um movimento em que o Governo entra com a coordenação — que fiz questão de instalar aqui no Palácio do Planalto — e o povo decide o que fazer e faz as coisas.

Com recursos públicos (sejam federais, estaduais ou municipais) ou particulares (de empresas ou instituições), estimuladas pelo apoio do Governo, as organizações comunitárias, resolvem os pequenos problemas que muitas vezes, apesar de pequenos, são os grandes obstáculos que desafiavam a vida de nosso povo.

Vejam, por exemplo, o programa de distribuição do leite às crianças de famílias necessitadas: além de ser um programa da maior humanidade — finalmente trata-se de enfrentar a fome —, é um programa de difícil execução. Pois bem, no lugar de criar um novo órgão, com funcionários, sedes, etc., chamamos as organizações comunitárias e lhes entregamos os cupons de aquisição de leite com instru-

ções sobre como distribuí-los. É o que está sendo feito, com enorme êxito, há cinco dias, em Brasília, João Pessoa e Natal. Esse programa, nesses cinco dias, já atinge diariamente 105 mil crianças. É o começo. Depois ele chegará a todos os estados.

São entidades religiosas católicas, como as beneméritas e discretas sociedades de São Vicente, de Frederico Ozanan, de quem se diz que falava que a mão esquerda não conhece aqueles a quem a mão direita favorece com a caridade, espiritualistas, protestantes de todas as confissões, clubes de serviços, que estão convocados a ajudar. É o Governo agindo com grande êxito através das próprias comunidades.

Em março a distribuição do leite vai começar em mais quatro capitais: Recife, Teresina, Belo Horizonte e São Paulo, sempre através de organizações comunitárias. O programa do leite, porém, é apenas uma das nossas ações comunitárias, que hoje já desenvolvem mais de 2 mil e 300 projetos em 229 municípios e fazem de tudo. Promovem o reparo de escolas, centros de saúde, creches, pontes, estradas, implantação de hortas comunitárias, sistemas de telefonia comunitária, centros esportivos, cursos profissionalizantes, patrulhas mecânicas e até grupos de teatro amador.

Estou feliz por ter estruturado a Secretaria Especial de Ação Comunitária na Presidência da República e quem quiser pode escrever para o Palácio do Planalto pedindo explicações e instruções para participar dessa mobilização das comunidades, que permitirá ao Governo estar mais perto do povo e ao próprio povo ajudar-se a melhor aproveitar os serviços e o apoio do Governo. Repito: só quero ser Presidente com o apoio do povo, para que o povo se sinta no Governo e o Governo esteja no povo.

Vamos todos nos integrar às Ações Comunitárias. O progresso começa dentro de cada um de nós e ninguém pode ajudar a quem não deseja ser ajudado. O caminho da mudança é o trabalho solidário.

14.02.86 Novo Ministério toma posse.
Compromisso dos Cinco Pontos.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney.

Daqui a pouco empossarei o novo Ministério e esse é o assunto para a nossa conversa ao pé do rádio, hoje.

Perguntará o povo: por que mudar os ministros?

Eu respondo. Porque a grande maioria deles vai se candidatar às eleições de 15 de novembro. Tinham que cumprir a exigência legal de deixar os seus cargos no chamado «prazo de desincompatibilização».

Acabo de escolher uma nova equipe. São cidadãos que se engajaram na Aliança Democrática, que lutaram conosco para que o País entrasse no regime de liberdade e paz em que vivemos. Todos pertencem a essa plêiade de homens públicos que promoveram a mudança.

Busquei competência, aptidão, fidelidade à democracia, honestidade, disposição para o trabalho, confiança no Brasil. Mas, também, energia e obstinação.

Meu Governo tem rumos definidos. Continuo, como desde o primeiro dia, orientando todas as ações da Presidência no sentido dos cinco pontos que defini e que constituem a marca efetiva dos meus atos:

-
- Governo de liberdade;
 - Governo de desenvolvimento;
 - Governo de opção social;
 - Governo de identidade cultural;
 - Governo de soberania e independência.

O Ministério será fiel a esse ideário. É uma equipe homogênea, solidária, leal, integrada, confiante e apaixonada.

A ordem é trabalhar, reconstruir o Brasil, consolidar as instituições, fazer obras para o povo, reorganizar a economia e cumprir com o dever.

Espero que o novo Ministério esteja à altura da confiança do povo brasileiro. Desejo que todos os ministros tenham êxito porque os seus êxitos serão convertidos em benefício do nosso grande povo.

21.02.86 Regime austero. Contas em ordem; orçamento unificado. Crescimento do produto interno bruto. Programas sociais avançam. Inflação e abastecimento, dois desafios.

Brasileiras, brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney.

Quero repetir alguns pontos do que falei aos ministros na manhã de ontem.

Herdei um quadro difícil. Muito difícil mesmo. Mas posso dizer que o quadro de hoje é diferente. Colocamos em ordem as finanças públicas. Implantamos um regime de austeridade que rende seus frutos. Todos sabem que o Governo não é uma festa; é um mutirão de esforços.

Vou dar um exemplo. Estes meses de janeiro e fevereiro testemunham aquilo que no Brasil jamais aconteceu. As nossas contas públicas estão em ordem. Unificamos o orçamento. O Brasil, que não tinha programação de caixa, passou a ter. Não existiu déficit público nestes dois meses, nem existirá em março. Não emitimos nenhum título da dívida mobiliária do Governo; ao contrário, resgatamos parcialmente, retirando de circulação cerca de 2 trilhões e 900 bilhões de cruzeiros em janeiro e 12 trilhões em fevereiro. Não emitimos um centavo para realizar gastos públicos. A base monetária aumentou apenas 1,4%. O orçamento de 86 será cumprido. As contas do Governo estão em ordem e em ordem permanecerão. Este esforço é ex-

traordinário. É produto da austeridade, do trabalho, da seriedade e da competência de tantos homens que vivem e sofrem a condução de nossa economia.

As taxas de juros foram reduzidas de 21% para 15% — o que significa dizer que economizamos mais de 30 trilhões de cruzeiros em nossa dívida interna. Só vamos gastar o que estiver dentro do orçamento e não vamos abrir mão, de nenhuma maneira, de um controle férreo na execução das contas orçamentárias.

Isso, todavia, não impedirá o crescimento do produto interno bruto. Nossa meta é crescer, neste ano, 5 a 6%. A massa salarial brasileira acumulou, nos dez primeiros meses do ano, um aumento real de mais de 15% — em parte resultante do incremento no número de trabalhadores (5,5%), em parte decorrente do crescimento real no valor médio dos salários (9,9%). Continuaremos a dizer não ao desemprego! Os programas sociais caminham muito bem. Dou exemplo de apenas dois deles, hoje. O livro didático: distribuíram-se 4 milhões. Agora, neste mês, estamos distribuindo 37 milhões. O programa do leite: hoje, 105 mil crianças estão recebendo o leite; em 3 de março serão 520 mil; até o fim do ano, 3 milhões, e, em 1987, 10 milhões.

A criança recebe nosso carinho e atenção. O Brasil começa na criança.

Agora devo salientar dois urgentes desafios que estamos enfrentando: a inflação e o abastecimento.

A inflação resiste. Mas nós não vamos nos conformar. E a inflação não vai nos derrotar.

O abastecimento é terrível. O Brasil produz, há 10 anos, 50 milhões de toneladas de grãos, não acompanhando o ritmo de crescimento da população. Elevamos o poder aquisitivo do trabalhador com os aumentos que demos ano passado. Eles passaram, assim, a comprar mais alimentos. A seca do Centro-Sul fez cair a oferta de alimentos. Os preços subiram, a inflação voltou a nos desafiar. Asseguro ao Brasil que a reforma agrária, a irrigação, os programas de agricultura, a formação de estoques estratégicos irão livrar o País da fome.

A grande obra do Governo não será em concreto armado, não terá placas. Será o compromisso de melhorar a vida do povo.

O País precisa de ordem, de paz, de um diálogo franco e aberto sem interesses subalternos na busca de soluções possíveis.

Peço aos empresários e trabalhadores que nos ajudem.

Reivindicações impossíveis não poderão ser atendidas. O interesse de todos é maior do que o interesse de qualquer classe.

Tenho certeza de que a equipe que formamos vai me ajudar a darmos uma resposta de progresso, de alento e de confiança ao povo brasileiro, esse povo que veste a camisa do Brasil. A administração vai funcionar.

07.03.86 Lançamento do Plano Cruzado, arma
contra a inflação. Fiscalização. Advento
de uma nova mentalidade.

Brasileiras e brasileiros,

Aqui vos fala o Presidente José Sarney.

Há uma semana, precisamente na sexta-feira passada, ao anunciar as medidas econômicas de liquidação da inflação, resolvi pedir ao povo que ajudasse o Governo na fiscalização do comércio para o fiel cumprimento do congelamento dos preços.

Todos recordam o apelo direto que fiz às brasileiras e aos brasileiros, para que assumissem o papel de meus representantes pessoais e diretos, e fossem os fiscais do presidente. Tenho certeza de que consegui transmitir sinceridade no pedido, porque, meia hora depois, quando ainda se desenvolvia a solenidade no Palácio do Planalto, chegou a primeira denúncia de remarcações, em flagrante desobediência à Lei que eu acabava de assinar. Imediatamente, o Ministro da Fazenda acionou a SUNAB e o supermercado infrator foi autuado e multado. A partir daquele momento, no País inteiro, milhares de denúncias iniciaram o acelerado processo de pressão sobre os preços remarcados. Não se tratava de denúncias anônimas, mas de denúncias de homens e mulheres que se apresentavam legítima e abertamente.

Em São Paulo, no dia seguinte, surgiram brasileiras e brasileiros portando, orgulhosamente, presos ao peito, distintivos confeccionados em que se declaravam: *Sou fiscal do Presidente Sarney*. Trata-se do maior voluntariado vivido da nossa História e de uma mobilização consciente, em que todos espontaneamente, demonstrando confiança no Presidente, ajudam a fazer uma fiscalização que o Governo, com todos os seus funcionários, órgãos e forças não conseguiria jamais realizar.

O plano contra a inflação contém muitas providências, além do congelamento, mas se o congelamento de preços falhar, nada ficará de pé. Se os preços continuassem a crescer não adiantaria nada ter tirado três zeros do velho e falecido cruzeiro, criando-se o novo cruzado, a moeda forte de que hoje nos orgulhamos, que não perde mais o valor de cada dia, pelo contrário, nestes primeiros oito dias somente se valorizou. Não adiantaria nada ter acabado com a correção monetária; os preços, crescendo, soterrariam as nossas esperanças e tornariam inúteis nossos melhores esforços, pois foi o povo, unicamente o povo, exclusivamente o nosso povo, que ao aceitar o meu apelo, tornando-se fiscal do Presidente, deu forças à Lei do congelamento e tornou vitorioso o plano contra a inflação.

A primeira hora foi fundamental e talvez devamos muito ao exemplo daquele bendito primeiro fiscal do Presidente, que mal me ouviu em casa pela TV, foi à rua e conseguiu que o supermercado infrator fosse multado. Agora, não podemos nos dispersar e não podemos relaxar. Vamos manter a fiscalização; vamos fazer valer a força da lei, sem violência mas com firmeza, para que os preços da Tabela Oficial sejam respeitados e o congelamento funcione. Faço um apelo a todos os brasileiros, inclusive os responsáveis pela área do comércio, que se comportem diante da tabela como esperam o Governo e o povo que eles se comportem.

Finalmente, neste País, o povo descobriu que manda, nunca mais se pretenderá fazer nada no Brasil sem o apoio do povo. Eu sempre disse: vai dar certo, e repeti aqui todas as semanas, vai dar certo. Com o povo fiscalizando, apoiando, não tenho dúvidas de que a nossa economia vai tomar o rumo certo, como já começou a tomar. Criou-se

uma nova mentalidade no Brasil. Vai surgir um novo País, sério, do trabalho, do progresso, sem a mentalidade do golpe, da esperteza e da especulação.

Tudo isso aconteceu graças à coragem do povo, que foi a minha coragem. E por isso eu repito: você é o Presidente, porque o Presidente hoje é você.

14.03.86 Balanço de um ano de Governo.
Quadro aberto de liberdade. Mais
1 milhão e 500 mil novos empregos.
Era da produção; fim da especulação.
Convocação à luta pelo progresso.

Brasileiras, brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney.

Amanhã, dia 15 de março, fará um ano que o destino me entregou esta tarefa difícil. Daquele dia marcado pela tragédia que nos levou Tancredo Neves, cuja memória reverencio, até hoje, vivemos todas as dificuldades. Mas, felizmente, vencemos. Deixamos para trás o medo e a violência. Hoje reina a liberdade neste País. Deixamos para trás a desconfiança e a dúvida, que faziam os brasileiros não saber o que os esperava no dia seguinte. Deixamos para trás o desemprego, já que foram criados mais de 1 milhão e meio de oportunidades de trabalho. Deixamos para trás o ódio que separava os brasileiros. Neste País ninguém é discriminado por motivos políticos, ideológicos, religiosos, econômico-sociais ou profissionais. Desde aquela manhã incerta de 15 de março de 1985, em que deixei a minha casa para, como vice-presidente, assumir o governo da República, passados 12 meses, confesso que surgiu um País de novos e de grandes desafios.

O Governo e o povo deixaram de ser coisas diversas; são expressões de um único desejo. Neste momento, passados apenas 15 dias do lançamento do programa de elimina-

ção radical da inflação, com o congelamento de preços, que só foi possível porque o povo assumiu com determinação a fiscalização, podemos dizer que deixamos para trás a inflação. Deixamos para trás desgraças, como a correção monetária; deixamos para trás o cruzeiro, desmoralizado pelas desvalorizações e pelas remarcações. Temos novas tarefas. Ao entrarmos no segundo ano, quero convocar o povo para uma outra batalha, a batalha da produção. Com moeda estabilizada é a hora do trabalho e da produção.

Com a inflação, a vantagem era dos especuladores. Agora é a vez do trabalhador; a vez dos lucros sólidos. Ganha mais quem produz e vende por melhores preços; é a vez da competência; é a vez da produtividade.

Convoco, portanto, brasileiras e brasileiros para celebrarmos esta data com a deflagração da batalha da produção, da valorização do trabalho, dos investimentos que criem oportunidade de emprego para os trabalhadores brasileiros. Não vamos permitir que a covardia, a tibieza ou a desconfiança, criem qualquer nostalgia dos tempos da inflação. A inflação, todos sabem, era o mal, era enganosa. Era enganosa a prosperidade que ela insinuava. Sem inflação vamos ter mais desenvolvimento, mais empregos, melhores preços e mais lucros. Lucrar produzindo mais e melhor é, certamente, mais correto do que lucrar vendendo menos e mais caro. Isso quer dizer que já podemos afirmar que deixamos para trás, junto com a inflação, a mentalidade doentia da exploração e da mesquinhez.

Não comemoramos aniversários. Fazemos, apenas, hoje, um registro da data, porque todos sabem, e eu tenho dito, que o governo não é uma festa, é um mutirão de trabalho.

A todos a minha palavra é não esmorecer. Os fiscais do Presidente continuem mobilizados. O Brasil precisa de todos nós. Agora nós podemos saber a verdade daquela frase de que não se deve perguntar o que o País pode fazer por nós, mas o que nós podemos fazer pelo País. E o povo brasileiro está fazendo história.

21.03.86 Entendimento Povo/Governo: Paz política; aumento de oferta de emprego; saúde; escolas.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente Sarney. Vamos ter mais uma de nossas conversas ao pé do rádio das sextas-feiras, oportunidade preciosa que tenho para me entender diretamente com o o povo brasileiro, que tem sido tão solidário e tem tido tanta confiança no Governo.

O que está acontecendo hoje no Brasil é um perfeito entendimento entre o povo e o Governo. E é um fato inédito em nossa História. O Governo defende o interesse do povo e o povo ajuda o Governo a ser eficaz, a acertar.

Cada brasileiro tornou-se fiscal do Presidente. No princípio para garantir o cumprimento do congelamento dos preços, e agora para o que envolve o cumprimento da lei.

Ser fiscal do Presidente é ser cidadão, é exigir os seus direitos. Ser fiscal do Presidente é acreditar na lei, na ordem, no fiel cumprimento da Constituição e dos projetos nacionais. Ser fiscal do Presidente é exigir serviços públicos eficazes. Ser fiscal do Presidente é exigir que as escolas ensinem e sejam organizadas, que a assistência médica funcione, que os serviços de transporte cumpram horários e se cobrem as tarifas corretas. Ser fiscal do Presidente é con-

fiar na igualdade de todos perante a lei. Ser fiscal do Presidente é impedir que os preços congelados nos níveis do dia 26 de fevereiro sejam remarcados ou alterados. Ser fiscal do Presidente é principalmente não deixar que o País pare sob qualquer pretexto. É impedir que os pessimistas tenham sucesso. É impedir que os boateiros espalhem o pânico. É desmascarar as mentiras contra o povo. Ser fiscal do Presidente é chamar as autoridades para que elas façam cumprir a lei. Ser fiscal do Presidente não é fazer justiça com as próprias mãos, mas acreditar que o Governo fará cumprir a lei, doa a quem doer.

Eu disse sempre que o Brasil ia vencer a inflação sem cair no desemprego e sem perder a liberdade.

A felicidade não se mede apenas pelo dinheiro forte, mas pela paz política, pelo aumento da oferta de emprego, pela saúde, pelas escolas funcionando com a distribuição de livros. Enfim, pelo cumprimento dos programas sociais.

Sob esse aspecto, também eu posso dizer, o congelamento de preços e o combate à inflação seguem tão bem quanto o crescimento das atividades produtivas. No princípio algumas indústrias que não acreditaram no plano contra a inflação hesitaram, mas as notícias que nós temos, as constatações que fizemos é que todas voltaram a produzir.

A regra, agora, para quem quiser ganhar mais, é produzir mais. Já passou o tempo em que o negócio era produzir menos, forçar a alta dos preços e ganhar mais vendendo menos.

O Governo se compromete a dar o exemplo do trabalho. Surge no País uma nova mentalidade. Temos todos nós, brasileiros, interesses em manter estável a economia, estáveis os preços, o que faz aumentar o poder de compra da população.

Sei que vamos ter algumas dificuldades. Muitos interesses foram contrariados por estas medidas, mas o interesse maior do País foi preservado. Beneficiamos o povo, não deixamos esmaecer e nem deveremos deixar esmaecer o entusiasmo, a luz que acendeu as esperanças de que a Nova República veio para valer. Este Brasil sério, do trabalho, das grandes medidas, é sem dúvida o País que o povo quer.

28.03.86 Páscoa. Votos pelo bem-estar dos
brasileiros.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Quem vos fala é o Presidente Sarney.

Aqui estou, mais uma vez, nesta conversa ao pé do rádio. Hoje, é Sexta-Feira Santa. Não desejo abordar temas administrativos ou políticos.

Desejo boa Páscoa a todos os meus patrícios. Esta data é um dia de meditação e fé. Leva à reflexão, à caridade, à noção do sacrifício.

O evangelista João diz que Cristo amou os homens até o fim. E o Padre Vieira, que pregou nas igrejas de minha terra, falava da troca dos corações. Se colocássemos em Cristo o coração dos homens e se colocássemos nos homens o coração de Cristo, no primeiro caso seria a desgraça dos homens, no segundo, a salvação de todos.

Coloquemos em nossos corações o coração de Cristo. O Cristo da Paz, do perdão, do «amai-vos uns aos outros».

Nesta sexta-feira, pensando na Paixão, rezo com o povo brasileiro pela prosperidade do Brasil, pela nossa união, pelo nosso bem-estar social, pelos pobres, pela nossa prosperidade.

Deus abençoe o Brasil e nos ajude a vencer todos os abismos.

04.04.86 Visita a Minas Gerais. Conquista do Plano Cruzado. Confiança no futuro.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney. Quero começar a nossa conversa ao pé do rádio de hoje lembrando a viagem que fiz ontem a Belo Horizonte e o incentivo que recebi do povo de Minas Gerais.

Estou muito grato a Minas Gerais, pelo carinho com que me recebeu.

Os mineiros, como todos nós sabemos, são muito zelosos nas suas manifestações de simpatia política. Mas quando eles se decidem são alavancas poderosíssimas. Os mineiros fizeram isso nas conspirações pela Independência e chegaram até nossos dias assim como nos anos 40 na derubada da ditadura do Estado Novo e há menos de dois anos na luta pela implantação desta Nova República.

Ontem, entre as muitas faixas que se abriram em Belo Horizonte à minha passagem, uma delas era imperativa e firme. Dizia assim: «Nada de parar ou recuar. Para a frente. É isso aí!» É uma expressão dos nossos filhos numa simplificação sábia que a um só tempo indica consciência da realidade e uma irrecusável disposição idealista. Nada de parar ou recuar, ir em frente, porque temos certeza que vai dar certo.

Ultrapassando o primeiro mês da nossa campanha contra a inflação, estamos vendo que o fim da correção monetária, a criação do cruzado e o congelamento de preços não foram medidas isoladas e inconseqüentes. Estão gerando efeitos quase todos positivos. O custo de vida está caindo e muitos produtos estão sendo vendidos abaixo dos preços tabelados.

Os industriais, realmente competentes e confiantes no progresso do País, estão buscando maneiras de produzir mais e a preços mais baixos.

Finalmente, os empresários estão conscientes de que acabou o recurso fácil de gerar lucros financeiros e transferir os aumentos sempre para o consumidor.

Os incentivos para a indústria e o comércio trazidos pela nova ordem econômica são bem maiores do que as perdas que o fim da especulação possam ter causado. É verdade que estamos enfrentando problemas em alguns setores que haviam crescido demais, justamente por causa da especulação.

Mas o Governo está atento e tudo será feito para evitar injustiças. É preciso, porém, que todos saibam de uma coisa: a batalha contra a inflação é uma guerra bem organizada. Não fomos ao ataque sem prever essas dificuldades e sem nos preparar para enfrentá-las.

O Governo previu, previu a sabotagem, previu os acidentes prováveis, previu o ódio e a incompreensão, previu pessimismo e previu despeito, previu até a politicagem e aqueles que desejam a política da terra arrasada, a mais arrasada de todas as políticas. E cuidou de proteger o povo contra todos esses males.

Para este ano, está previsto o crescimento da economia, no mínimo de 5%, com uma oferta de emprego da ordem de 1 milhão. Lembre-se de que no ano passado a economia cresceu 8,3%, gerando um milhão e 500 mil novos empregos.

Por isso, como nos incentivava o anônimo cartaz de Belo Horizonte ontem: nada de parar ou recuar, para a frente! O congelamento está dando certo, o cruzado está firme e forte, a indústria está produzindo, o comércio está

vendendo, a construção civil está trabalhando, os pessimistas e contestadores estão sendo identificados pela confiança do nosso povo e pelos resultados gerais da campanha contra a inflação.

O fantasma do desemprego não vai assustar o trabalhador brasileiro. Onde ocorrem casos, o Governo vai tentar resolvê-los e enfrentá-los. As reformas econômicas que o País está realizando destinam-se a promover a prosperidade e a felicidade dos brasileiros. O objetivo é criar uma sociedade justa, sem os desníveis atuais. O povo está conosco, isto é uma grande confiança e é a nossa grande força.

Por isso, o Brasil vai dar certo.

11.04.86 Importância da comunicação com o povo. Perigo da casa dividida. Atmosfera democrática. Economia de energia.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui fala o Presidente José Sarney. Estas nossas conversas ao pé do rádio às sextas-feiras têm sido bastante produtivas. Porque eu posso explicar melhor as intenções, as dificuldades, as lutas do Presidente da República. E vocês, me ouvindo, podem apoiar e podem criticar.

Numa democracia, essa vigilância, essa crítica do povo é muito importante, para que eu possa encontrar o caminho certo, o caminho que aponta para o futuro do País. E agora que o povo é mais dono do seu destino, e está exercendo mais seu dever de cidadão e exigindo os seus direitos, deve criticar o que está errado e aplaudir também o que julgar que está sendo feito certo.

A cada medida certa que tomarmos, mais se vai solidificando essa base: a base de pedra e de unidade sobre a qual reconstruiremos a casa brasileira. A Bíblia diz que a casa dividida não prevalecerá. E isso era sem dúvida o que nós tínhamos. Uma casa dividida, uma casa em que o irmão mais rico não se preocupava com o irmão mais pobre. Em que a dívida social se acumulava. Em que o trabalho era menos respeitado do que a especulação. Agora estamos todos, todos juntos, tentando mudar tudo. A produção, se-

ja no campo, seja nas indústrias, é que é o importante. E para haver produção é preciso tanto trabalho quanto investimentos, porque todos ganham com o progresso.

Agora nós vamos, cada vez mais juntos, reconstruir a casa brasileira, em busca do futuro e do presente. É esse futuro a que todos nós temos direito. O material de que essa casa está sendo construída é simples: é trabalho, liberdade e justiça.

Vamos aprendendo a conviver com a democracia novamente e vamos aos poucos encontrando soluções para os problemas que afligem a nossa gente e que afligem a nossa terra.

Mas não podemos descansar porque ainda há muita coisa a fazer. Há tanta coisa que precisa ser consertada e reformada neste País. Mas aos poucos, eu tenho certeza, com esse espírito que o País vive hoje, nós vamos chegar a esse ponto.

Segunda-feira próxima eu vou ter em minhas mãos o resultado do primeiro mês da vida do cruzado. Quero convidar a todos para ouvir, através da televisão, a prestação de contas que à noite vou fazer a todos aqueles que bondosamente aceitaram ser fiscais do Sarney. Ao povo brasileiro.

18.04.86 O Brasil é um só. Fiscalização do congelamento. Aprovação do Plano Cruzado no Congresso.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente Sarney.

Quero começar nossa conversa ao pé do rádio com um recado aos brasileiros do interior, dos municípios mais distantes, onde não existe SUNAB. As pessoas, querendo exercer a vigilância dos fiscais do Presidente, encontram, nestas áreas, dificuldades em saber a quem dirigir as suas queixas.

Mas o Brasil é um só e a lei é para todos.

O decreto do congelamento não vale apenas para as capitais e para as grandes cidades — deve ser obedecido nas cidades mais distantes e nas vilas.

As autoridades policiais, estaduais e as prefeituras podem e devem receber as queixas das donas-de-casa que tenham denúncias a fazer sobre o não cumprimento do congelamento de preços. Como também de todas as pessoas.

O Ministério da Justiça enviou instruções a todos os prefeitos do Brasil. Eu mesmo já me reuni com os governadores dos estados e acertamos que o congelamento não é um compromisso apenas do Governo Federal, mas será fiscalizado também pelos estados e pelos municípios. Nesse sentido, nós assinamos convênios com todos os governadores do Brasil.

Ora, se o povo assumiu voluntariamente a responsabilidade de ser fiscal, as autoridades, sejam federais, sejam estaduais, sejam municipais, estão mais do que autorizadas — estão obrigadas — a fazer cumprir a lei. Aliás, ainda esta semana, na quarta-feira, o Congresso Nacional, por grande maioria, pois apenas um senador e 13 deputados votaram contra, aprovou, definitivamente, o decreto que baixei a 28 de fevereiro promovendo essas medidas para acabar com a inflação e estabelecendo o Plano Cruzado.

Congelamento de preços e todo o plano de estabilização econômica, como mostraram os deputados e senadores, deixaram de ser uma coisa do Governo. Têm o apoio de todos. Foi aprovado também pelo Congresso brasileiro.

A gente do interior, que não tem onde se queixar na sua cidade, pode escrever para o Palácio do Planalto, que nós tudo faremos para tomar providências. O importante é que cada um possa exercer seus direitos de cidadania. No Brasil, não se deve fazer nada sem a participação do povo.

Agora, para finalizar, eu quero tratar de outro assunto. Prestem atenção nesta campanha sobre a economia do consumo de energia que está sendo promovida a partir desta semana. Trata-se de uma providência importante para evitar futuros racionamentos. Pois o País cresce muito. Estamos crescendo todo dia e precisamos saber gastar a nossa energia. Além do mais, as chuvas não foram suficientes para manter os reservatórios das nossas hidrelétricas em nível capaz de atender à demanda de energia do País. A ELETROBRÁS não está dando uma ordem e nem impondo. Ela está esclarecendo o povo sobre a necessidade de economizar energia justamente para que nós tenhamos energia.

Estamos, antes de mais nada, explicando ao povo o problema que se enfrenta, e pedimos colaboração. Porque quando o governo é do povo, quando o Presidente sabe que está no governo para servir ao povo e que deve seu poder ao povo, as coisas devem ser assim.

Se a ELETROBRÁS precisa promover a economia de energia do País é necessário convencer a nossa população, pedir que ela ajude, colabore e economize. Porque no Brasil de hoje o povo é tudo.

25.04.86 Viagem pelo Brasil. Especulação imobiliária. Desenvolvimento da agricultura, irrigação, reforma agrária. Escolas Rurais Comunitárias.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui fala o Presidente Sarney.

Como acontece todas as sextas-feiras, vamos conversar sobre alguns assuntos de interesse nacional.

Na última semana e nos primeiros dias desta, viajamos por muitos lugares do Brasil. Depois de visitarmos Campo Grande, em Mato Grosso do Sul, fomos a Barretos, em São Paulo; São João del-Rei e Barbacena, em Minas Gerais, e Vitória, no Espírito Santo. Em toda parte encontramos o povo confiante, cheio de certeza do caminho que estamos trilhando na defesa da estabilidade econômica. Vi rostos de esperanças, apertei mãos de amigos e ouvi palavras de irmãos.

A todos eu disse de minha decisão de continuarmos a construir um Brasil livre das altas taxas inflacionárias e mais humano e mais justo.

Aproveito esta oportunidade para mais uma vez agradecer ao povo dessas cidades o carinho e a confiança com que receberam o Presidente.

Agora estamos numa fase de tratar de alguns assuntos que são complementares às medidas econômicas que tomamos. É necessário proibir a especulação do setor imobiliária-

rio, principalmente, de aluguéis. E para disciplinar esta matéria, evitando despejos, estamos enviando ao Congresso o projeto de lei que vai regulamentar também essa área.

Outro assunto, que desejo abordar, é o que se refere à agricultura, que necessita ser ajustada à nova realidade. A agricultura sofreu muito no País, tendo de pagar correção monetária e juros que iam além de 20% ao mês. O resultado foi a estagnação da produção agrícola, o empobrecimento do campo, sua descapitalização e o sofrimento do homem rural.

Agora vamos ter uma agricultura que pode planejar os seus investimentos sabendo qual é o preço mínimo remunerador, que esse investimento vai ter juros baixos e recursos bancários para se financiar, toda, e não só o custeio. E porque plantar vai ser lucrativo, é melhor empregar recursos no campo, cujo rendimento é assegurado, do que ficar com o dinheiro em busca de papéis nas cidades.

Por outro lado, o Programa de Irrigação, que está a todo vapor, vai dar ao Brasil condições de aumentar a produtividade no campo, evitar o risco da perda pela ausência de chuvas, e controlar tecnicamente as culturas. E tenho verificado que há uma grande esperança e uma grande euforia na área rural.

A Reforma Agrária, que é um compromisso do Governo e que está em andamento e vai ser realizada, também será outro fator de aumento da produção.

A Reforma Agrária não atingirá as áreas produtivas; mas vai incorporar novas áreas, remanejar as inaproveitadas, fazer justiça no campo e resgatar um compromisso com o homem rural.

Hoje, todos compreendem o alcance da Reforma Agrária que está sendo encaminhada de maneira racional e não demagógica e passional.

Outro assunto que desejo tratar: lançamos esta semana o Programa de Escolas Rurais Comunitárias — escolhemos os 500 municípios mais pobres do Brasil para que eles tenham prioridade no setor da agricultura. Neles iremos construir escolas, e em microrregiões iremos fazer escolas-volantes, armadas em *containers* e caminhões, destinadas a

dar cursos em vários lugares, a fim de criar recursos humanos treinados para trabalhar na área da irrigação, da saúde, da educação, da agricultura, da pecuária, enfim, capacitar o homem do interior para que ele possa ajudar na produção e ajudar no desenvolvimento.

Serão recursos de pequena duração, sem nada complicado, num trabalho conjunto do SENAR, escolas da comunidade, Secretaria de Ação Comunitária, Ministérios da Agricultura e do Interior e associações comunitárias, além da mobilização dos governos estaduais e municipais.

É preciso que o povo saiba que, além do problema econômico, o Governo está trabalhando a todo vapor com os recursos de que dispõe para atacar uma série de problemas. O essencial que deve ser dito é que todo o esforço do Governo está voltado para a área social, para os mais pobres.

Nenhum programa de efeito gigantesco, ou, como se dizia, faraônico.

Os nossos programas são todos programas destinados a atingir o povo. E, como eu tenho dito, com o apoio do povo.

Li em Mato Grosso do Sul, em Campo Grande, uma frase com que quero fechar as minhas palavras nesta sexta-feira. A faixa dizia o seguinte: «O que é certo, vai dar certo».

E, como eu tenho certeza de que nós estamos num trabalho sério e num trabalho certo, tenho confiança em que tudo vai dar certo.

02.05.86 Planos regionais de reforma agrária.
Seguro-desemprego. Estreitamento dos
vínculos com Portugal e Cabo Verde.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui fala o Presidente Sarney.

Quero começar esta nossa conversa ao pé do rádio de hoje com uma notícia.

Daqui a pouco, no meu expediente no Palácio do Planalto, vou assinar os primeiros planos regionais de Reforma Agrária, quebrando um tabu histórico, segundo o qual este assunto de terras no Brasil não se resolve nunca.

Com a confiança do povo brasileiro, do povo inteiro, pobres e ricos, trabalhadores e patrões, intelectuais e analfabetos, gente da cidade e da lavoura, homens e mulheres, o Governo está fazendo mudanças profundas e pacíficas.

Dizia-se que não era possível acabar com a inflação sem provocar miséria e fome. Pois acabamos com ela e nunca, neste País, houve mais produção, mais trabalho e mais confiança.

Agora, vamos fazer a reforma agrária e certamente não haverá lutas e nem conflitos, nem invasões, nem prejuízos para os que produzem e trabalham as suas terras.

Em compensação, as terras improdutivas vão passar a produzir. Desde o ano passado, venho preparando o Governo para esta tarefa. Hoje vou assinar atos reorganizan-

do o INCRA, estabelecendo comissões que reunirão trabalhadores rurais, proprietários e representantes do Governo e que, com todo cuidado e rigor, executarão a reforma agrária em cada estado.

Os primeiros planos regionais cobrirão os Estados do Pará, do Maranhão, do Paraná, de Mato Grosso, de Mato Grosso do Sul, Espírito Santo, e serão experiências exemplares de como, hoje, no Brasil, as coisas mais difíceis podem ser feitas com inteligência, com prudência, e, principalmente, com o espírito de concórdia e de paz.

A Reforma Agrária também vai dar certo, porque ela é justa, e o que é certo e correto sempre dá certo.

O povo brasileiro sabe que pode confiar.

Nesta semana mesmo, na quarta-feira, véspera do 1º de Maio, assinei a regulamentação do seguro-desemprego, criado no dia 28 de fevereiro, demonstrando que o Governo não é de prometer e esquecer, mas que cumpre o que anuncia.

O seguro-desemprego não vai ter burocracia, e basta o trabalhador estar enquadrado na lei, que o seguro-desemprego será pago sem problemas.

As relações do Governo com o povo, hoje, não são relações de uma avenida de mão única.

O Governo, quando pede compreensão, devolve benefícios. Quando pedi ao povo que saísse às ruas para ser fiscal do congelamento de preços, estava precisando de ajuda para tornar possível uma queda no custo de vida, que realmente está acontecendo, como nunca ocorreu no Brasil.

Nunca o pouco dinheiro dos salários valeu tanto. Garanti que os trabalhadores não iam ficar desamparados. Criei o seguro-desemprego para amparar quem perder o seu trabalho, e que eu espero que sejam poucos, em determinados tipos de emprego e, se Deus quiser, por muito pouco tempo.

Isso será assim com a reforma agrária e, se não aumentar a produção e não melhorar a vida no campo, o contrário é que não vai acontecer.

Brasileiras e brasileiros,

Sexta-feira que vem não teremos esta nossa conversa ao pé do rádio. Amanhã, vou partir em viagem a Portugal e Cabo Verde, num esforço a mais para ampliar o prestígio internacional do Brasil.

Em Portugal, terras dos nossos antepassados e até de muitos dos nossos pais e mães, vou levar uma mensagem de irmão. Também irmão é o povo de Cabo Verde, na África, que fala português e tem conosco laços profundos de cultura.

Vou dizer na Europa e na África, com orgulho, que acreditamos e praticamos a liberdade, que acreditamos e praticamos o desenvolvimento econômico, com a valorização do trabalhador, que o Brasil da Nova República é um País onde o Governo e o povo estão juntos e são uma mesma coisa.

Quero dizer que é com muita emoção que vou falar do Brasil, deste nosso novo Brasil, com a inflação lá embaixo, sem inflação, democrático e confiante, em Portugal e na África.

Até a volta.

16.05.86 Acaba desconto do INPS a aposentados.
Testemunho de Portugal e Cabo Verde.
Reforma agrária.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Eu quase dizia aposentadas e aposentados, bom dia!

É que estou com uma notícia especial para os velhos trabalhadores que depois de tantos anos de trabalho e sacrifícios vivem o merecido descanso. Pois bem, aqui vos fala, aposentadas e aposentados do Brasil, o Presidente Sarney.

Quero lhes dizer que ontem, quinta-feira, assinei e remeti imediatamente ao Congresso Nacional um projeto de lei que acaba com o desconto para o INPS por parte de todos os aposentados da empresa privada ou do Governo.

O Brasil resgata uma dívida de reconhecimento para com os trabalhadores. Para com os funcionários públicos aposentados, para com todos que dedicaram suas vidas ao trabalho e devem gozar uma velhice digna, protegida e tranqüila.

O aposentado é um cidadão a quem a Pátria deve cuidados, atenções, homenagens, pois foi graças a ele, ao seu trabalho, que avançamos.

Um País como o Brasil, que chegou ao ponto em que estamos, oitava economia mais forte do mundo, não atingiu essa posição por acaso. Foi o trabalho dos nossos avós,

dos pais dos nossos avós, dos nossos pais que nos fizeram herdar este País admirável.

Na Presidência da República, minhas amigas e meus amigos, é que se vê o País que temos e o quanto devemos aos nossos antepassados e aos nossos aposentados e aposentadas.

Ainda na semana passada, na viagem que fiz a Portugal e Cabo Verde, verifiquei, com emoção, quanto o nosso Brasil de hoje é respeitado e admirado. Em Portugal, ao qual somos unidos pela própria origem, pela história, pelo jeito de viver, pela língua, por tudo, fazem questão de dizer que sempre nos estimularam. Mas que agora nos admiram ainda mais, porque soubemos, em pouco tempo, construir uma democracia exemplar e fazer uma revolução econômica sólida, baseada no apoio popular, na ação das brasileiras e brasileiros.

Em Cabo Verde, esse povo africano que fala português e que me recebeu com festas que se parecem muito com as nossas, não resisti à emoção, sentindo quanto nossa amizade, parceria e cooperação são desejadas por esse jovem país recém-libertado da área colonial.

Senti que portugueses e cabo-verdianos bendizem os laços históricos e raciais que nos unem, justamente porque hoje o Brasil é um grande País, um País que deu certo e que percorreu o caminho que eles estão percorrendo.

Pois se é verdade que a Nova República pode recolher hoje esse testemunho do estrangeiro, eu digo que não teríamos condições de fazermos o que estamos fazendo, se não fosse o trabalho do nosso grande povo.

Para terminar, pedi aos líderes da Aliança Democrática na Câmara e no Senado para iniciarem negociações com os demais partidos, para que a isenção dos descontos dos aposentados seja aprovada num menor espaço de tempo e que possa entrar em vigor rapidamente com a votação da matéria em regime de urgência.

Como sabem, o Presidente precisa da aprovação do Congresso para iniciativas como esta e com esta notícia adianto saber que vamos tê-la rapidamente, pois os líderes

acabaram de me dizer que conseguiram a concordância dos demais partidos.

Outra notícia: segunda-feira, assinarei o restante dos planos de reforma agrária para todos os estados do Brasil.

23.05.86 Combate ao dengue. Ação sanitária de combate ao mosquito *Aedes aegypti* e de educação das comunidades.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente Sarney, para mais uma conversa, nesta manhã de sexta-feira.

Sei que, neste momento, muitos brasileiros e brasileiras estão preocupados com a febre dengue, particularmente as comunidades da Baixada Fluminense, onde está grassando uma epidemia da doença, que já acometeu muitas pessoas.

Felizmente, trata-se de uma doença benigna, o que é comprovado quando se verifica que nenhuma morte ocorreu dentre os indivíduos acometidos do atual surto de dengue.

Os nossos pesquisadores e cientistas, da Fundação Oswaldo Cruz e do Instituto Evandro Chagas, já comprovaram, mediante exames de laboratório, em que tiveram a cooperação de especialistas de outros países, que apenas um dos tipos de vírus responsável pelo dengue está causando a epidemia da Baixada Fluminense, de modo que podemos ter a certeza de que, apesar do grande número de casos, e dos incômodos que provoca, a doença evolui para a cura, em poucos dias, mesmo sem qualquer medicação.

O aparecimento da epidemia de dengue está relacionada à presença, na Baixada Fluminense e em outros pontos do País, do mosquito que os técnicos chamam de *Aedes aegypti*, o qual transmite o vírus causador do mal, de pessoa a pessoa. Esse mosquito tem os seus criadouros prediletos em recipientes com água existentes dentro das casas, ou fora delas, como vasos de plantas, caixas-d'água e cisternas mal protegidas, latas, garrafas, vasilhas e pneus, jogados nos quintais e terrenos baldios e nos depósitos de ferrovelho.

Os sanitaristas brasileiros, que já venceram o *Aedes aegypti*, isto é, o mosquito, em várias oportunidades, como foi o caso do nosso genial Osvaldo Cruz, no Rio de Janeiro de outras épocas, estão certos de que a epidemia de dengue será extinta mediante a simples eliminação do mosquito, dos seus focos domésticos ou extradomiciliares.

Para tanto, precisam contar, efetivamente, com a integral cooperação de todas as pessoas que moram nas regiões afetadas, que podem e devem participar do combate ao mosquito, principalmente nas suas formas de larvas e ovos, que justamente são aquelas encontradas nos criadouros e das quais deriva o mosquito adulto que, ao picar as pessoas, transmite-lhes o dengue.

E como pode o povo participar desse combate? Simplesmente eliminando esses objetos, sejam as vasilhas e recipientes imprestáveis que possam coletar água, seja pela renovação diária da água dos vasos de plantas, seja também mantendo devidamente protegidos e cobertos os poços, caixas-d'água, cisternas, potes e outros depósitos, passíveis de serem usados para a colocação dos ovos pelos mosquitos.

O povo, colaborando, nós não temos nenhuma dúvida de que imediatamente eliminaremos esse foco da doença. Se, no passado, sem os recursos que temos hoje, Osvaldo Cruz e a sua equipe foram capazes de eliminar estes mesmos focos, por que hoje nós não o faremos?

O Governo já está fazendo a sua parte, tratando de eliminar a forma adulta do mosquito, que se abriga dentro das casas e nas construções anexas, mediante a dedetização procedida com o auxílio das máquinas, conhecidos como

fumacê, das quais já estão em uso mais de 30. É um verdadeiro exército que é acionado, para que o combate ao mosquito seja feito sem tréguas, de bairro em bairro, de rua em rua, de casa em casa. São milhares de funcionários do Ministério da Saúde, dos organismos estaduais e municipais e do próprio Exército brasileiro, que se associou vigorosamente à campanha de controle do mosquito, para que os resultados esperados sejam conseguidos mais rapidamente. Do Nordeste do País foram deslocados, para a Baixada Fluminense, muitos integrantes das equipes de pessoal de campo da SUCAM, altamente experimentados nesse tipo de atividade e que não só se incumbirão das ações de eliminação dos focos como também de transmitir os seus conhecimentos aos moradores das regiões afetadas.

No controle da epidemia do dengue, a SUCAM, o Exército e a Polícia Rodoviária montaram também barreiras sanitárias nas vias de acesso a algumas cidades, fiscalizando minuciosamente todos os veículos e aplicando o inseticida, quando necessário, de forma a bloquear a dispersão do transmissor da doença. Mas o esforço do Governo não terminou aí. Para a obtenção mais rápida de resultados positivos, autorizei a contratação de novos contingentes de funcionários, incluindo técnicos e guardas sanitários, que reforçarão os quadros da SUCAM, quer para as atividades de campo, quer para as de vigilância e pesquisa.

Nas últimas semanas, autorizei também a importação de mais de 50 máquinas LECO, conhecidas como *fumacê*, para que, somadas às que já se encontram em uso, permitam intensificar o combate ao mosquito adulto e obter o controle da infestação, em curto prazo.

Conclamo, portanto, todos os meus compatriotas a que auxiliem e facilitem os trabalhos desenvolvidos pelos técnicos do Governo, no combate à epidemia e ao mosquito, na certeza de que logo alcançaremos os resultados favoráveis.

30.05.86 Reforma agrária, sua filosofia e seu espírito. Recadastramento eleitoral. Política externa. Plano Cruzado, uma avaliação.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney.

Estamos chegando ao fim de uma semana de muito trabalho e decisões e quero tratar de alguns desses assuntos que nos envolveram.

Estou cada vez mais convencido, pela repercussão dos nossos programas anteriores, que nossa conversa ao pé do rádio das sextas-feiras transformou-se efetivamente num encontro semanal do Presidente da República com o povo brasileiro.

Porque nossa conversa é informal, fica mais fácil tratar com simplicidade, e a nível de entendimento geral, muitas questões que têm uma linguagem técnica ou política mais complicada.

No meu Governo, nada se faz que não se possa explicar bem explicado e que o povo não possa saber.

Vamos aos nossos assuntos de hoje.

Começemos pela reforma agrária. Ontem, dei posse ao novo Ministro da Reforma Agrária, o ex-deputado Dante de Oliveira. Ele vem de uma eleição consagrada para Prefeito de Cuiabá, em Mato Grosso, e, com seus 34 anos,

vai trazer ao Governo mocidade, idealismo e, ainda mais, identificação com as lutas pela implantação da Nova República, pela qual se empenhou tanto.

Seu papel será importante, pois lhe caberá executar um dos programas mais difíceis do meu Governo, a reforma agrária, um programa de justiça social e desenvolvimento econômico, que só poderá dar certo se essas duas coisas andarem juntas.

A reforma agrária vai melhorar a vida dos trabalhadores rurais, abrindo-lhes perspectivas, prosperidade e felicidade para suas famílias. Mas isso só pode acontecer se as novas pequenas propriedades produzirem muito, com boa qualidade, por preços de competição.

Vamos fazer tudo num clima de ordem e paz, dentro da lei, sem perseguir ou prejudicar ninguém, sem reduzir a nossa produção agrícola atual. É preciso patriotismo e compreensão, porque tudo tem de ser bem realizado.

O Governo não vai deixar que agitadores e pistoleiros transformem a reforma agrária numa guerra. Não! Este País tem um Governo, com autoridade firme e com o apoio do povo, para impedir que um programa de felicidade continue a derramar sangue e animar o ódio.

A reforma agrária é paz, não é guerra.

Eu estou repetindo isso para exigir o desarmamento geral e lembrar que o Governo não tolerará, em hipótese alguma, desafios ou pressões.

Vamos acabar com invasões, porque invasão é crime, é esbulho, com perseguições, violências e quaisquer outras formas de tornar odioso um projeto tão alto, tão moderno e tão importante para a democracia no Brasil.

Este País está mudando.

Vejam o recadastramento eleitoral, com os brasileiros regularizando seus títulos e pondo-se fim, de uma vez por todas, às fraudes no alistamento de eleitores.

Na semana passada, voltando a Brasília do lançamento do programa de irrigação do Nordeste, no Ceará, fui a São Luís para me recadastrar como eleitor do Maranhão, meu estado natal. Com o recadastramento, o Brasil também será o País da verdade eleitoral.

Aliás, isso ocorre em todos os setores. No campo internacional, por exemplo, estamos tratando com seriedade e firmeza dos nossos interesses comerciais, buscando negociar com os outros países mesmo os mais ricos e poderosos, com altivez e soberania.

Todas essas nações já percebem que o Brasil é outro, renovado, purificado, confiante e com o seu povo unido e firme ao lado do Governo.

Hoje, sexta-feira, daqui a pouco, viajarei a Carajás, para uma reunião de trabalho com os ministros e técnicos da área econômica que me ajudaram a elaborar o plano de reformas que acabou com a inflação. Vamos fazer um balanço do que o plano representou, nestes 90 dias que se passaram, isto é, uma reflexão sobre o Plano Cruzado.

Acho que, tal como o plano econômico, a reforma agrária e os gestos de afirmação externa do Brasil, vão dar certo.

06.06.86 Encontro Governo/Sociedade. Defesa do meio ambiente: proteção de Fernando de Noronha, Rocas e São Pedro e São Paulo. Ação contra a poluição.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney.

Quero começar nossa conversa ao pé do rádio desta sexta-feira com um aviso: decidi promover, aqui no Palácio do Planalto, periodicamente, o que chamei de encontros Governo/Sociedade.

Trata-se de uma reunião simples, que dura apenas um dia, em que se sentam na mesma sala ministros e funcionários do Governo — e, quando possível, o próprio Presidente da República também comparece, como fiz ontem —, bem como membros de associações comunitárias ou sociedades científicas, professores, especialistas, enfim, todos que tenham contribuição a dar, para discutir assuntos pre-determinados.

Ontem, por exemplo, o assunto foi a defesa do meio ambiente.

O objetivo dessas reuniões é permitir ao Governo trocar idéias com representantes das comunidades, diretamente, sem intermediários.

Minha longa experiência de deputado, senador e governador está me valendo agora na Presidência. Estou con-

vencido de que a melhor assessoria do Governo é o próprio povo.

No encontro Governo/Sociedade de ontem tratou-se profundamente da defesa da qualidade de vida do povo brasileiro, com a preservação da nossa natureza, de que tanto dependemos.

Como era o Dia do Meio Ambiente, aproveitei para assinar uma série de atos que prevêm desde a criação de uma área de proteção ambiental envolvendo a Ilha de Fernando de Noronha, o Atol das Rocas e os Penedos de São Pedro e São Paulo e a criação da Estação Ecológica de Angra dos Reis, até um ambicioso programa de ações básicas para Defesa do Meio Ambiente no Brasil que envolverão cinco ministérios e recursos de 82 milhões de cruzados.

Entre essas ações estão projetos para enfrentar a poluição de Cubatão, controle de pólos industriais petroquímicos, siderúrgicos, cloroquímicos, carboníferos, na Bahia, em Alagoas, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Goiás, Santa Catarina, Pernambuco e Amazônia em geral.

A defesa do meio ambiente agora é assunto do Governo, que o assume com decisão, energia e compreensão da sua importância.

Durante muito tempo, imaginou-se que a poluição — e as desgraças que ela causa, sob forma de doenças, desequilíbrios climáticos, mudança da paisagem e, até, extinção de riquezas naturais — era o preço do desenvolvimento.

Que grande equívoco!

Se queríamos a riqueza e o desenvolvimento, tínhamos que sacrificar nossa saúde, nossas paisagens, a pureza da água e do ar, e até as cores do nosso céu.

Nunca se explicou que essas perdas também representavam a nossa morte.

E ai de quem dizia o contrário!

Quem protestava era acusado de alienado, adversário do crescimento econômico, da criação de novas oportunidades de trabalho e da modernização industrial do Brasil.

Agora, mudou.

A defesa do meio ambiente é uma responsabilidade que o Presidente da República assume em nome do Governo.

A criação de indústrias, o desenvolvimento das cidades, a exploração de recursos naturais, como o aproveitamento das águas, tudo será subordinado à exigência de que não poluam nossa natureza.

Foi esse desprezo antigo pelo meio ambiente, esse desinteresse pela preservação da natureza, que tanto facilitou o crescimento da poluição generalizada, quanto provocou o surgimento e crescimento das favelas e bairros miseráveis das nossas cidades.

Dizia-se, e há quem diga até hoje, que tanto um caso quanto o outro são resultado do progresso, o preço do desenvolvimento.

Quero dizer ao povo brasileiro que o meu Governo não pensa assim.

Da mesma forma que fizemos a opção pelos pobres — e partimos para o combate a todas as formas de miséria —, agora também o faremos com relação ao meio ambiente, pois são os pobres as maiores vítimas da poluição.

Espero que todos me ajudem e apoiem nessa nova meta do Governo: a defesa do meio ambiente e da qualidade de vida do povo brasileiro.

Vamos preservar a natureza. O homem não pode ser o predador, aquele que destrói, mas o defensor daquilo que lhe oferece condições de viver.

13.06.86 Espírito público e consciência do dever cumprido. Campanha nacional contra a paralisia infantil.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney.

Em primeiro lugar quero associar-me ao povo brasileiro, às mulheres e aos homens de nossa Pátria na alegria pela nossa vitória ontem contra a Irlanda. Foi uma boa vitória. Começamos a vencer as dificuldades. Estamos classificados sem derrotas, invictos, e vamos torcer, todos, para a conquista final.

Agora o nosso assunto de hoje.

O fato de termos conseguido transformar nossas conversas ao pé do rádio num contato direto, informal e amplo do Presidente da República com o povo, facilita a compreensão do nosso assunto. Sei que é sempre mais estimulante ouvir o Presidente falar de grandes obras, assumir grandes decisões, condenar ou resistir aos perigos, conduzir a Nação aos grandes confrontos da História. O Governo, contudo, para cumprir seu dever, não pode esquecer os problemas diários, estes que podem parecer menores, mas estão inseridos na problemática maior do bem comum.

É preciso prover e prever. Manter a máquina do Estado funcionando. Evitar faltas. Proteger os bens e os dinheiros públicos, principalmente cuidar da saúde do povo. Esse

trabalho de rotina nunca é percebido ou acompanhado, a não ser quando acontece uma falha que, mesmo sendo a menor possível, gera crítica imediata e contundente. Um governo sério e empenhado em cumprir o seu dever dá muita atenção a esse lado pouco divulgado de suas responsabilidades. E não há divulgação que realce, não há vantagem de popularidade, nenhum outro retorno que não seja aquele maior, que é a consciência do dever cumprido. Vamos analisar o problema da saúde pública.

Só a vigilância permanente, a atenção com as estatísticas dos hospitais, a preocupação com a chegada das estações do ano, com a vigilância sanitária permite que se evitem surtos de certas doenças. São calamidades que deixam de acontecer porque o Governo estava atento, agiu na hora, como estamos fazendo com a paralisia infantil, ou, muitas vezes, quando existe qualquer descuido nesse setor, então quem paga é o próprio povo.

Amanhã, sábado, 14 de junho, vamos promover nacionalmente mais uma campanha de vacinação em massa de crianças até quatro anos. Serão 90 mil postos de vacinação, com a participação de mais de 450 mil pessoas, na sua maioria voluntários. Sabem por que vamos fazer essa vacinação e o próprio Presidente da República está pessoalmente envolvido nessa operação? Porque a paralisia infantil, que em 83 parecia ter desaparecido do Brasil, deu sinais de sua presença de novo. Durante muitos anos, até 1980, tínhamos um registro alto, de 2.400 casos em média. Em 81 começou a queda drástica, graças às campanhas de vacinação. Tivemos apenas 122 casos em 81. Foi quando se cantou vitória antes do tempo, porque em 84 o número de casos de poliomielite no Brasil subiu de 45 para 130. Estamos diante, assim, de uma ameaça de expansão dessa doença que compromete para o resto da vida as crianças que ela atinge. E o Brasil precisa erradicar a paralisia infantil. Proteger o futuro do País, que é o futuro das crianças do Brasil.

Para isso é necessária a persistência dessas campanhas. A necessidade de que elas sejam periódicas e que alcancem todas as crianças. Se somos capazes de vencer grandes inimigos muito mais poderosos, por que não vamos vencer

totalmente a paralisia infantil? Temos vacinas em quantidade suficiente e postos em todos os pontos do País.

Brasileiras e brasileiros que me ouvem: ajudem a vacinação! Levem as crianças para o posto mais próximo. É importante para o Brasil. É importante para as crianças.

Amanhã, portanto, todas as crianças brasileiras até 4 anos de idade devem ser vacinadas. Como tudo que está acontecendo hoje no Brasil, podemos dizer confiantes que vai dar certo. Amanhã estarei em Imperatriz, no Maranhão, e nessa oportunidade também terei, juntamente com o senhor Ministro da Saúde, oportunidade de participar da campanha, vacinando uma criança naquela cidade do sul do Maranhão.

20.06.86 Assistência médica integral à área rural.
Ação contra a violência rural e urbana.
Fim da chamada «Lei Fleury». Porte de
arma controlado.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui estamos outra vez. Fala o Presidente José Sarney.

Esta foi mais uma semana de muito trabalho e de muitas iniciativas em favor de nosso País, sobretudo no que se refere à prioridade que adotamos pelos mais pobres. Vou lembrar algumas delas.

Vamos dar notícia de umas medidas que adotamos em favor dos trabalhadores do campo e que atendem a uma velha reivindicação de todos eles: assistência médica ao homem do campo, nos mesmos níveis em que é concedida aos trabalhadores das cidades. Esse benefício agora existe. Antes, somente dele desfrutava o chefe da família. Passou a ser de todos da casa. Não serão apenas os trabalhadores da cidade a receber da Previdência assistência médica total. Hoje, com as medidas adotadas pelo Governo, com o decreto que assinamos, todos os trabalhadores do campo passam a ter assistência médica total.

Em outro decreto, eu determinei, também, que o trabalhador rural, que era assistido em bloco, em convênios com hospitais, seja agora atendido como o é o trabalhador da cidade, individualmente, tendo direito ao mesmo tratamento.

Cerca de 20 milhões de trabalhadores rurais, sofridos homens do campo, serão beneficiados com essas medidas tomadas sem alarde, sem demagogia.

Vamos recordar os números: 20 milhões de trabalhadores do campo do Brasil foram beneficiados com essas medidas.

Não sei se está me ouvindo Dona Geni Rodrigues Rocha, de Jaú, em São Paulo. Ela me escreveu uma carta da Fazenda Santo Antônio, onde mora, contando seu trabalho difícil na enxada, durante 41 anos, sem assistência médica. Comoveu-me muito esse depoimento. Agora, Dona Geni é, para dar um exemplo, uma entre os 20 milhões de trabalhadores rurais que foram assistidos pela providência adotada pelo Governo.

Estamos, assim, construindo a nova Previdência, como o fizemos quando criamos os grupos de fiscais da população, junto aos hospitais e serviços outros, para acompanhar e verificar como está sendo assistida a população.

O Brasil, pouco a pouco, passa a ser a grande família que ele é: irmãos trabalhando em benefício da mesma Pátria.

Eu estive em Imperatriz, no sul do Maranhão. Ali, assinei decreto e projetos de lei, que enviei ao Congresso, no sentido de combater a violência. Iniciamos uma operação de desarmamento na área do chamado Bico do Papagaio, onde estava e está campeando o medo pela presença do crime contra lavradores e, de certo modo, uma certa inquietação em toda a população.

Os dados nos apontam que a criminalidade naquela região já baixou nesses dias. Começaram a surtir efeito as providências adotadas.

A violência precisa acabar no Brasil, meus compatriotas.

O povo brasileiro deseja trabalhar, deseja paz, deseja felicidade e deseja a tranquilidade.

Para isso eu peço a ajuda de todos. Dentro desse enfoque, mandamos também um projeto de lei acabando com a «Lei Fleury», aquela lei que protegia quem matava, dando-

lhe condições de defender-se solto. É uma lei absurda. Mas a providência adotada pelo Governo fere muitos interesses.

Lamento que alguns brasileiros, mal informados, até mesmo com boa intenção, protestem contra essas providências do Governo e, desse modo, possam ajudar, indiretamente, aqueles que estão na faixa do crime.

A ficar uma legislação como esta, vai permanecer a impunidade.

Por outro lado, ouvi alguns protestos contra o desarmamento que a Polícia Federal está realizando naquela área. Mas a nossa intenção é correta e não vamos recuar. A ação da Polícia visa a proteger a população, atender às reclamações que foram feitas e às solicitações de tranqüilidade que o povo deseja naquele pedaço do País.

Outra providência que nós tomamos, no combate à violência, foi mandar um projeto de lei que praticamente proíbe alguém de andar armado no País. De alguns anos para cá, há uma febre de andar armado. Todo mundo deseja portar uma arma, o que faz aumentar a violência. A violência começa por aí. Caminha pela impunidade, gera revolta, e a revolta gera vingança e a vingança estabelece a continuidade do crime, num círculo vicioso.

Vamos acabar esse círculo vicioso, se Deus quiser.

E agora vou terminar pedindo que o povo não esqueça de continuar vigiando os preços, fiscalizando o nosso congelamento: com o cruzado na mão e a paz no coração.

27.06.86 Firmeza na luta antiinflacionária. Apelo à força dos empresários. Ferrovia Dourados (MS) ao Porto de Paranaguá (PR). Outras estradas de ferro. Integração rodovia/ferrovia/hidrovia. PETROBRÁS descobre maior bacia de gás. Reatamento de relações com Cuba. Autodeterminação.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente Sarney.

A coisa mais importante num governo é a continuidade.

É preciso persistência para que conquistas eventuais permaneçam.

Até mesmo as obras de pedra e cimento, se não são aproveitadas, conservadas, usadas para cumprir sua missão, perdem o significado e a importância.

Nos últimos dias, o Ministro da Fazenda e as demais autoridades da área econômica voltaram a lembrar ao povo a necessidade de manter a fiscalização do congelamento de preços. Não será o êxito do Plano Cruzado que vai esmorecer a participação permanente da população.

Isso quer dizer que o povo deve continuar a chamar a SUNAB, denunciar os exploradores.

No dia 28 de fevereiro, quando lancei o programa econômico que mudou o Brasil, eu sabia que estava apenas começando uma grande luta. Uma luta sem quartel.

Os primeiros resultados foram favoráveis, os salários dos pobres passaram a valer mais, os preços estacionaram, vamos continuar a vigilância.

Da minha parte, procuro dar o exemplo de austeridade, trabalho e coerência. E continuidade.

Todos se recordam dos meus apelos aos empresários, para que usem seus recursos em novos empreendimentos, acreditando no Brasil, no fim da inflação galopante e da especulação. Investir é o momento. O trabalho é a mais lucrativa de todas as aplicações.

Eu repito sempre: «O Governo não pode tudo, a iniciativa privada deve fazer o máximo que puder». Vamos apoiar os empresários com coragem e criatividade, ajudar os que queiram criar empregos e produzir mais.

Pois bem. Na semana passada, tive a satisfação de presidir uma reunião de empresários que vieram ao Palácio do Planalto para dizer ao Governo do desejo de participar da construção de uma estrada de ferro ligando Dourados, no Mato Grosso do Sul, ao Porto de Paranaguá, no Paraná, para escoamento da produção agrícola de toda aquela região do Centro-Oeste.

Vieram os empresários ao Palácio do Planalto, junto com o ministro dos Transportes, e eu não precisei usar palavras novas, apenas repeti o que sempre digo: «O progresso começa em cada um de nós, o Governo não deve fazer tudo. Vamos conjugar esforços, vamos fazer a integração Governo/comunidade».

Essa estrada de ferro, se tivermos êxito nessa conjugação Governo/empresários, pode ser o primeiro passo para a construção de outras, como uma ferrovia ligando a estrada de ferro de Carajás, a mais moderna do mundo, a Anápolis, em Goiás, possibilitando atingir o Porto de Tubarão, no Espírito Santo.

Os transportes brasileiros precisam ser modernizados. Estamos recompondo este ano 6 mil quilômetros de estradas e até o fim do meu mandato espero recuperar toda nossa malha viária que está quase acabada, sem conservação.

É nosso desejo integrar rodovia/ferrovia/hidrovia, ingressar na era do transporte intermodal, para melhorá-lo e barateá-lo.

Outra notícia. A PETROBRÁS descobriu a maior bacia de gás não associado do Brasil e uma das maiores do mundo: 150 km² é o tamanho do campo. Isto vai nos possibilitar entrar na exploração de gás, com grandes projetos. O Dr. Osires Silva, presidente da PETROBRÁS, também nos comunicou a conclusão da primeira etapa do gasoduto que já está sendo construído, e que vai servir a esse projeto grandioso.

Agora um comentário sobre o reatamento de relações diplomáticas do Brasil com Cuba.

Que fizemos? Nada mais do que um ato de coerência. O Brasil tem relações diplomáticas com todos os povos, não tinha por que não ter também com Cuba.

Basta que as outras nações declarem e pratiquem o respeito mútuo à autodeterminação. Elas não interferem na nossa vida interna, nós não interferimos na delas.

O Brasil, com a Nova República, tornou-se um país sem medo, seguro do seu papel e confiante em si mesmo.

Dessa forma, é normal ter relações com todos os países.

Acho que, com esses assuntos de hoje, tive boa oportunidade de demonstrar que os brasileiros podem se orgulhar do Brasil e do seu Governo, porque trabalhamos com seriedade, coerência e continuidade.

04.07.86 Voto de confiança. Política externa aberta e de afirmação. Encontro com o Papa João Paulo II. Fé na condução do Brasil. Incentivos fiscais à cultura: a Lei Sarney. Fundação Casa de Jorge Amado.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente Sarney.

Quero começar uma conversa ao pé do rádio e também meu dia de trabalho, nesta sexta-feira, com um grande agradecimento especial.

Esse agradecimento é dirigido ao povo do Rio de Janeiro, que ontem me deu uma extraordinária alegria.

Acho que todos souberam que fizeram no Rio uma pesquisa de opinião pública e, das pessoas consultadas, 97 — vejam bem, 97 — em cada 100, disseram que confiavam no Governo e confiavam no Presidente

O Presidente Getúlio Vargas, que era um homem em que até os seus adversários reconheciam como um homem que entendia bem o País, costumava dizer que o Rio é o tambor do Brasil. O que acontece lá tem repercussão nacional.

Portanto, tenho ainda mais motivos para valorizar essa pesquisa, tomando-a como sintoma de que os brasileiros estão me apoiando e confiando.

Aliás, as pesquisas feitas também no resto do Brasil confirmam o apoio do povo, e esse povo é importante para que o Governo continue acertando.

De minha parte, faço o que posso, trabalho o que é possível. Estou atento a todos os setores do Governo. Tento evitar desperdícios, estímulo mudanças no que está errado e não esmoreço.

Devo repetir, essa confiança traz muita responsabilidade, mais responsabilidade.

Numa semana de trabalho, como a que está terminando nesta sexta-feira, aconteceram alguns fatos importantes para os quais desejo chamar a atenção das brasileiras e brasileiros que me ouvem.

Tomei algumas providências sobre política externa. Antigamente esses assuntos não costumavam ser comunicados ao povo. Mas eu quero, também, prestar contas do que ocorre na área diplomática.

Depois do reatamento de nossas relações com Cuba eu aceitei convites dos Presidentes Alfonsín, da Argentina, Ronald Reagan, dos Estados Unidos. Combinei viagens de trabalho a Buenos Aires e a Washington. A política externa brasileira tem que ser uma política que afirme o novo Brasil. Este Brasil que deve ocupar seus espaços, espaços que são mais amplos com a Nova República.

Essas viagens que faço ao exterior serão rápidas, objetivas e austeras, evitando-se grandes comitivas e também grandes solenidades. Não são passeios, são viagens de trabalho mesmo.

Como eu disse, o Brasil hoje não é caudatário de nenhuma potência e não é prisioneiro de nenhum pequeno conflito. O Brasil deseja ocupar mundialmente o espaço que lhe é destinado. Segunda-feira à noite eu estou embarcando para Roma, para um encontro com o Papa João Paulo II. O Papa, além de chefe espiritual dos católicos, que são maioria no Brasil, é também um homem notável, respeitado, sábio e que luta pela paz e a felicidade dos povos.

Há seis anos ele visitou o Brasil e por onde andou, através deste País, só disse palavras de amor e de bondade. O povo ainda hoje recorda com saudade a passagem daquele que o povo brasileiro chamou *João de Deus*. Vou a

Roma para visitá-lo, ouvir as suas observações sobre o Brasil e pedir a sua bênção e orações pelo nosso povo.

Todos sabem que sou um homem de fé e do quanto confio em Deus para ter forças, inspiração para conduzir o Brasil. Não devemos nos esquecer que Tancredo Neves, antes do dia da posse, na viagem que fez ao exterior, esteve em Roma ouvindo o Papa João Paulo II.

Agora um registro especial: assinei a Lei de Incentivos Fiscais à Cultura, já aprovada pelo Congresso, e destinada a dar meios para que artistas e cientistas tenham mais apoio para realizar suas obras e pesquisas. Também no setor cultural, as mudanças continuam.

Esta lei é muito importante para mim, pois começou como projeto que apresentei ainda quando era Senador da República, há 12 anos. Os artistas, dos mais populares, como o teatrólogo Dias Gomes e a atriz Dina Sfat, que fizeram discursos de apoio ao projeto, aos mais eruditos, testemunharam a importância da iniciativa.

Pois bem, eu tive oportunidade de promulgar esta nova lei, durante uma outra solenidade. A da instituição da Fundação da Casa de Jorge Amado. Essa notícia é boa para os baianos. A Casa de Jorge Amado, que será instalada em Salvador, na Bahia, como um centro de estudos sobre a obra do grande romancista, totalmente dedicada a tratar da vida e luta do povo brasileiro.

Foi uma bela festa aqui no Palácio, em que recolhi um testemunho importante. Jorge Amado disse que o Governo do Brasil hoje é um governo sintonizado com a intelectualidade. E, num gesto de cortesia, disse que eu estava governando como um escritor, com humanidade, democracia, e defendendo o povo. Um escritor, mesmo quando se torna Presidente da República, só permanece fiel a sua vocação literária quando continua a se identificar com a palavra a favor do povo, transformando essa mesma palavra num instrumento de ação.

Eu tive a oportunidade, certa vez, de afirmar que uma nação se faz com historiadores, com políticos e com poetas. Historiadores para tratar do passado; políticos, para tratar do presente; e poetas, para sonhar com o futuro.

Sexta-feira que vem eu acho que que nós não vamos ter a nossa conversa ao pé do rádio. Eu estarei voltando de Roma. Mas na outra semana retomaremos este nosso contato.

Até a volta.

18.07.86 Votos do Papa João Paulo II pelo bem do Brasil. Visita à Universidade de Campinas (SP). Assinatura de convênios de apoio à pesquisa. Sesquicentenário de Carlos Gomes. Reforço do Plano Cruzado.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney.

Quero abrir nossa conversa ao pé do rádio de hoje, com evocação do Papa João Paulo II, a quem tive a honra de visitar, em Roma, na semana passada. Por isso não tivemos a nossa conversa na semana que passou.

Eu fui ao Vaticano não só como um peregrino, católico que sou, em busca de graças. Fui a Roma investido nas funções de Presidente da República, como representante do povo brasileiro, a maior nação católica do mundo, para pedir as graças de Deus para o nosso País. Fui encontrar o mesmo Papa João de Deus a quem nosso povo, cantando, pedia bênção tão carinhosamente, quando ele visitou o Brasil inteiro. Fui dizer-lhe que os brasileiros estão unidos e esperançosos, enquanto o Governo está empenhado na luta pelos pobres e injustiçados, que a prioridade do Governo é a prioridade social. Fui dizer-lhe que estamos unidos à nossa Igreja.

Sua resposta veio na missa que ele celebrou especialmente para rezar, como ele mesmo disse, com o Brasil e pelo Brasil.

O Papa mostrou que temos as suas bênçãos para o nosso trabalho, para as nossas lutas, para fazer as reformas que modernizarão o Brasil, para desafiar os obstáculos que se apresentem e para enfrentar dificuldades.

Depois de me ouvir repetir tudo sobre o Brasil, o Papa incentivou-me com uma palavra: «coragem».

Brasileiras e brasileiros,

Conto, sinceramente, com o nosso povo e com a graça de Deus, para que nunca me falte essa coragem para os esforços que hoje realizamos no Brasil a favor das mudanças, das reformas, da justiça, do fim da violência e do encontro da paz.

Concluindo, o que eu posso dizer é que meu encontro com o Papa foi emocionante e confortante. Voltei com a certeza de que temos a compreensão e as orações daquele homem de excepcional bondade e de grande sabedoria.

Aos brasileiros estou retransmitindo esse estímulo do Papa João Paulo II. As palavras que ele proferiu na missa que celebrou em Roma são palavras de amor ao Brasil, são palavras de amor de todos nós.

Agora, um outro assunto.

Terça-feira fui a Campinas, São Paulo, onde funciona a UNICAMP, a Universidade de Campinas, uma das universidades mais modernas e importantes do País.

Aproveito este programa para agradecer o carinho, a alegria, o incentivo, o afeto e o entusiasmo com que fui recebido pela população de Campinas. Meu coração não esquecerá aquela recepção e sou muito grato àquele povo.

A Universidade de Campinas estava completando 20 anos de existência e é um modelo, sob todos os aspectos, em matéria de ensino, de idéias e de pesquisas.

Ali, assinamos convênios com órgãos do Governo, empresas privadas que possibilitarão à Universidade continuar nas pesquisas que vem fazendo e se afirmando como um dos grandes centros de tecnologia de ponta no País.

A minha emoção, naquela cidade, foi tão grande, que eu nem pude ler o discurso que havia escrito. Falei de improviso para dizer àqueles cientistas e aos brasileiros de

Campinas e às brasileiras que ali estavam, que agora têm o que sempre lhes faltou: apoio para suas pesquisas, para abrir o caminho do futuro e do saber às novas gerações do nosso País.

Naquela mesma viagem tomei parte nas celebrações dos 150 anos de Carlos Gomes, o grande músico autor de *O Guarani* e tantas óperas imortais.

Carlos Gomes, que conheceu a glória na Europa, e morreu pobre e infeliz. Em nome da República, sim, porque agora no Brasil, tal como com relação aos cientistas, dá-se o merecido valor às letras e às artes, também depus flores ao pé do monumento ao grande Carlos Gomes.

Aproveitei também a oportunidade para associar-me às alegrias do povo de Campinas, pelo aniversário da cidade, ocorrido na véspera, dia 14, 212 anos de sua fundação.

Brasileiras e brasileiros,

Perdoem-me ser repetitivo, mas precisamos falar uma vez mais de problemas econômicos, e quero fazer mais uma vez uma declaração muito clara dizendo que o congelamento de preços não acabou nem vai acabar. O Plano Cruzado é uma vitória, portanto, não vamos nos render. Tenho de repetir esta afirmativa porque nos últimos dias nós assistimos a uma onda de boatos e uma investida muito grande contra o congelamento, o que mostra que a especulação ainda não morreu.

A inflação, que nos quatro meses antes do congelamento andou em torno de 60%, nos quatro meses de Plano Cruzado está em 0,26%, pelas contas da Fundação Getúlio Vargas.

As dificuldades do abastecimento são passageiras. No caso do leite, não nos esqueçamos que além dos problemas de quebra de produção, estamos distribuindo, hoje, um milhão e meio de litros no programa do leite para as crianças de famílias mais pobres, que o recebem gratuitamente e que nunca tinham tomado leite. Mas o abastecimento em breve se normalizará integralmente. Já chegou uma parte ponderável do leite importado. Dois navios, com 30 mil toneladas de leite, estão atracados e em breve o produto será distribuído.

Não faltará ao Governo coragem para agir contra todos aqueles que desejarem enfrentar o Plano Cruzado, que é a salvação do Brasil.

Também não faltará competência para encontrar alternativas de fontes fornecedoras. Por isso, o povo deve continuar alerta, confiar, confiar. Não voltará a inflação e as dificuldades, que são circunstanciais, passarão.

25.07.86 Segunda etapa da AÇOMINAS: Brasil passa de 21,6 milhões para 27,4 milhões de toneladas de aço por ano. Aumento de novos empregos e produção de 71 milhões de toneladas de grãos. Plano de desenvolvimento e expansão. Lei de negociação coletiva de trabalho. Reunião com Raúl Alfonsín e Julio María Sanguinetti.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Nesta manhã de sexta-feira, daqui a pouco, estarei viajando a Minas Gerais e quero começar nossa conversa ao pé do rádio de hoje justamente pelo motivo dessa viagem: a inauguração da segunda etapa da AÇOMINAS.

O desenvolvimento nacional precisa do crescimento da siderurgia. A AÇOMINAS vem ajudar o Brasil a cumprir com suas metas de produção de aço.

Neste momento, precisamos começar a trabalhar para aumentar a produção nacional de aço: passar dos 21,6 milhões de toneladas para 27,4 milhões de toneladas.

O Brasil não pode parar, nem recuar, sob pena de atrasar-se definitivamente.

Nas minhas mãos, enquanto eu for Presidente da República, não faltarão coragem nem decisão.

Contando com a confiança do povo brasileiro, vamos criar um milhão e meio de empregos por ano, para que não falte trabalho.

Vamos aumentar a produção de alimentos para 71 milhões de toneladas de grãos por ano, para que não falte comida.

O crescimento do Brasil exige qualquer sacrifício. Só que os pobres, que só começaram a ter sua renda melhorada com o congelamento e o Plano Cruzado, não podem mais ser sacrificados. Os que têm mais têm de colaborar, abrir mão de uma pequena parcela em favor dos mais pobres.

O Plano de Metas vai completar o Plano Cruzado. Depois de acabar com a inflação, vamos partir para um grande plano de desenvolvimento e expansão da produção.

Mas não vamos pedir dólares emprestados no exterior para complicar ainda mais a terrível dívida externa.

Vamos fazer tudo com nossos recursos, com a poupança que formos capazes de reunir e bem administrar.

Ainda na quarta-feira enviei ao Congresso o projeto da nova lei de negociação coletiva de trabalho — mas que é, principalmente, uma proposta para que patrões e empregados, no Brasil, consigam negociar com mais tranquilidade, objetividade e garantias.

Segunda-feira próxima vou à Argentina, para um encontro de trabalho com o Presidente Raúl Alfonsín. Depois, se juntará a nós, também, o Presidente Sanguinetti, do Uruguai.

Teremos em Buenos Aires três dias de muitas reuniões e troca de impressões sobre os problemas comuns ao Brasil, Argentina e Uruguai, três países vizinhos, irmãos, e hoje iguais em tudo, na democracia exemplar dos seus regimes políticos, na pujança atual das suas economias e no desejo de cooperação e apoio recíproco.

Vamos ver o que nossos três países, que se respeitam e se estimam, podem fazer para melhorar a vida de seus povos.

Tenho certeza, porém, de que só será possível ao nosso Brasil participar com êxito de acordos de cooperação e comércio com a Argentina e o Uruguai — bem como com as demais nações do mundo — porque conseguimos transformar o Brasil numa democracia e acabar com a inflação.

É como se diz: primeiro arrumamos a casa; agora, vamos ampliar as nossas relações externas.

Para terminar, quero lhes dizer que viajarei à Argentina confiante no apoio do povo brasileiro.

Brasileiras e brasileiros,

Hoje é o Dia do Colono, do Escritor e do Motorista. A essas três classes o meu abraço de congratulações. Ao colono, lutador; ao escritor, que cultiva as coisas do espírito; ao motorista do caminhão, do ônibus, do táxi, todos os motoristas que trabalham por este Brasil afora.

Amanhã temos outra comemoração: o Dia da Vovó. Assim como temos o Dia da Mamãe, temos o Dia da Vovó. A velhinha da casa, símbolo de bondade, de experiência, de carinho.

01.08.86 Política externa: abertura ampla,
integração da e com a América Latina.
Acordos e ampliação do comércio com a
Argentina. Fundamentos da
aproximação latino-americana.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney.

Nossa conversa ao pé do rádio de hoje vai tratar de um assunto que não se costuma conversar com o povo brasileiro.

Vamos falar das relações do Brasil com as outras nações do mundo, a chamada diplomacia.

Nesta semana, de segunda a quarta-feira, estive durante três dias na Argentina, tratando justamente de estabelecer um novo tipo de relacionamento do Brasil com esse nosso vizinho do sul.

Como tudo mudou no Brasil, as relações exteriores também precisavam mudar.

Mudamos a política, com a democracia.

Mudamos a economia, com o fim da inflação.

Agora, podemos dizer: com as novas relações que estabelecemos com a Argentina, também estamos inovando na nossa política externa.

O povo brasileiro precisa saber e apoiar essa nova maneira de relacionamento entre Brasil e Argentina.

Vendo as imagens da televisão e as fotos dos jornais, o povo pode ver a dimensão do relacionamento inaugurado. Não foi ato somente dos governos, foi também no sentimento do povo, com grande participação popular.

É verdade que, na pessoa do Presidente do Brasil, o governo e o povo da Argentina tiveram oportunidade de mostrar quanto estimam o Brasil. O que posso dizer é que os argentinos foram calorosos e me emocionaram. A Argentina é mais do que um vizinho, é um irmão, um companheiro.

A minha viagem a Buenos Aires, porém, foi de muito trabalho e o que mais se fez não está nas fotos e nas imagens.

Em nome do Brasil, assinei com o Presidente da Argentina, Raúl Alfonsín, uma série de acordos destinados a efetivar na prática, imediatamente, uma cooperação através da qual cessem a burocracia e as dificuldades que atrapalham o livre comércio entre os dois países, em todos os aspectos que não prejudiquem individualmente cada país. Em tudo, porém, em que um puder completar o outro, não haverá barreiras.

Acabou uma rivalidade secular, o medo recíproco, o despeito, o ciúme, a distância que os dois países guardavam um do outro, embora estivessem tão próximos.

O raciocínio em que se baseia essa nova política de entendimento entre Brasil e Argentina é muito simples.

Somos, além de vizinhos, vítimas de um mesmo problema: embora potencialmente ricos, Brasil e Argentina sofrem as agruras do subdesenvolvimento e os efeitos de uma pesada dívida externa.

No entanto, quase ao mesmo tempo, e demonstrando a mesma inspiração, Brasil e Argentina superaram problemas internos, acabaram com a superinflação e estão prontos para um grande salto no crescimento econômico. Mas, como democracias modernas, não querem realizar um desenvolvimento material isolado, e sim acabar também com a pobreza em que vive parte das suas populações.

Acho que estou sendo claro, e que o povo está me entendendo: quero dizer que Brasil e Argentina descobriram

que têm os mesmos problemas e desejam resolvê-los da mesma forma, com liberdade e com o bem-estar do povo.

Portanto, temos é que somar nossos esforços, ajudando-nos mutuamente, vencendo a pobreza e enfrentando as pressões das nações mais ricas.

Como disse Saens Peña, «tudo nos une, nada nos separa».

O Brasil da Nova República está ligado à nova Argentina democrática liderada pelo Presidente Alfonsín.

Vamos trabalhar juntos para melhorar a vida dos nossos povos e reduzir a pobreza. Vamos somar nossos recursos aplicados na ciência e tecnologia para melhorar nosso desenvolvimento. Vamos trocar informações para negociar com nossos credores.

Por que não fazemos, em seguida, na América Latina, o que os países da Europa fizeram com a Organização do Mercado Comum Europeu, que lhes deu tanto progresso e segurança?

A diplomacia do Brasil, hoje, como tudo neste País, é feita pelo povo e para o povo.

Por isso, posso prestar contas do que fui fazer na Argentina e anunciar, com muita alegria, que dia 8 chega ao Brasil o Presidente Sanguinetti, do Uruguai, e vamos continuar essa integração dos países vizinhos da América do Sul, unidos contra a pobreza e pelo desenvolvimento comum.

O prestígio do Brasil aumenta a cada dia no mundo inteiro. Em minhas mãos ele não diminui. Tenho procurado ser o mensageiro do nosso grande País.

Agora, meu abraço àqueles que têm seu dia comemorado na próxima semana. Dia 4 será o Dia do Padre, esse escolhido para ser o mensageiro da fé e que em todos os recantos e todas as horas convida o homem a pensar em Deus. Dia 5 será o Dia do Carteiro, essa simpática figura já incorporada ao cotidiano da vida de todos. É também o mensageiro das novas, do relacionamento, do contato entre as pessoas.

A todos eles que trabalham no Brasil inteiro o meu abraço.

08.08.86 Repúdio ao pessimismo. Plano Cruzado acabou com a inflação galopante. Inflação em cinco meses é inferior a 1%. Luta contra os especuladores. Investimentos retornam, com mais 100 mil empresas.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney, em nossa conversa ao pé do rádio de todas as sextas-feiras.

Quero mais uma vez compartilhar com todos as minhas reflexões sobre o Brasil, os nossos problemas, as nossas dificuldades e as nossas vitórias.

A campanha eleitoral começou. Interesses eleitorais se movimentam e vão recrudescendo as vozes isoladas do pessimismo, movidas pela paixão e pela política. Vamos estar alertas.

Em 28 de fevereiro, quando lançamos o Plano Cruzado, eles o combateram. Não ia dar certo! Aguardássemos um mês!... Passaram-se cinco e cada vez mais o povo constata o acerto das medidas tomadas. Assim, desejo mais uma vez falar do Plano Cruzado. Explicar-lhes o seu andamento e suas etapas.

A finalidade do Plano foi acabar com a inflação galopante, a política da remarcação; foi extirpar a especulação, foi acabar com a correção monetária.

Para isso era necessário muita coragem e abalar muitos interesses. Toda coragem seria pequena quando muito

maior é o interesse do povo sofrido, principalmente dos mais pobres.

O Plano Cruzado acabou com a alta desleuada dos preços! Basta lembrar que a inflação de fevereiro deste ano foi de 15%.

Quero dizer-lhes, agora, qual foi a inflação de julho, pelos dados fornecidos pela Fundação Getúlio Vargas: 0,63%. E a inflação acumulada, segundo cálculo da mesma instituição, nestes cinco meses, foi inferior a 1%. O monstro da inflação está domado. O Plano deu certo. O povo brasileiro verificou que se podia viver melhor, sem a inflação.

A segunda etapa era enfrentar o congelamento de preços, mantê-lo, evitar que ele fosse burlado. E isso foi conseguido pelo apoio do povo, fiscal do Sarney.

A tarefa de reajustar a economia é gigantesca. O Brasil estava desacostumado de um trabalho sério. Implantamos um sistema de austeridade e com um orçamento unificado, sabendo quanto arrecadávamos e quanto gastávamos.

O chamado déficit público este ano será apenas de 1,6% do PIB. Precisávamos contudo não deixar o País parar. Nem entrar na recessão. Para isso elaboramos um Plano de Metas, que irá preparar a Nação para a arrancada final com vistas ao século XXI. O emprego aumentou, o desemprego caiu. Aumentou o consumo. O ganho real dos assalariados subiu cerca de 20%, crescendo seu poder aquisitivo. O custo de vida baixou. Alimentos da cesta básica do pobre estão, segundo o órgão dos próprios trabalhadores, 5% mais baratos.

A etapa seguinte era o abastecimento. Começamos a ter alguns problemas de abastecimento, uns verdadeiros, mas outros criados para tentar forçar o Governo a rever o congelamento. Resistimos.

Estamos importando carne e leite, e o abastecimento volta a se normalizar. Vencemos mais esta etapa.

Estas dificuldades não são erros do Plano Cruzado mas dificuldades naturais de uma mudança dessa magnitude que está sendo feita para o bem do povo. Os inimigos

do Plano são aqueles que perderam com a especulação, alguns exploradores do povo, outros parasitas da inflação.

Agora temos outra boa notícia, outra etapa vencida. Os investimentos voltaram. O BNDES acaba de me fornecer dados que mostram a volta dos investimentos. Os empresários têm confiança no Brasil e no cruzado e voltamos a investir. Mais de 100 mil novas empresas foram criadas depois do Plano Cruzado. No exterior, o exemplo do Brasil é admirado e louvado. Agora mesmo vários jornais e revistas mais importantes do mundo louvam o que está acontecendo no País. O Brasil cresce, melhora a vida do povo. Tratamos da economia e não descuidamos dos problemas sociais.

Isto não desestimula, contudo, aqueles que desejavam que o Plano viesse a fracassar. Estão movidos pela paixão e pela política.

Desejo advertir as brasileiras e brasileiros que agora, com o período eleitoral, a demagogia começa a ser moeda de circulação fácil. Criticar é fácil e aqueles que não têm patriotismo aproveitam esta oportunidade para tirar proveito eleitoral.

Vocês que há cinco meses vão às compras sabem o que foi feito. Ninguém engana o povo.

Superamos todas as dificuldades e vamos vencer todas as etapas. O Brasil já deu certo.

Antes de encerrar, vamos lembrar as comemorações da semana.

Segunda-feira, dia 11, é o Dia do Advogado. Sou bacharel em Direito e filho de advogado. Conheço as agruras e alegrias dos advogados e quero abraçar carinhosamente os meus caros colegas.

Dia 13, quarta-feira, é o Dia do Economista, essa profissão nova e importante. Foram os economistas, sobretudo os economistas da nossa equipe, a quem rendo a homenagem que lhes é devida pelo Brasil e seu povo, os técnicos das mudanças que beneficiaram o Brasil.

Meu abraço e gratidão aos economistas.

Finalmente, depois de amanhã, segundo domingo de agosto, é o Dia dos Pais, dia em que temos um abraço carinhoso a dar, ou então uma saudade.

Associo-me às alegrias de todas as famílias brasileiras na comemoração do Dia dos Pais com a emoção de quem conhece a alegria de ter tido um pai e a felicidade de ser pai, ter genros, noras e netos, que também são filhos!

Por hoje ficamos por aqui.

15.08.86 Definição de uma política agrícola nacional. Financiamento, garantia de preços mínimos, construção de armazéns e silos, pólos de desenvolvimento rural. Aplicação de 113 bilhões de cruzados. Caderneta Verde, poupança para a agricultura. Campanha de vacinação contra a poliomielite.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney.

Nossa conversa ao pé do rádio de hoje vai interessar, ao mesmo tempo, aos agricultores, ao homem do campo que produz e também ao povo das cidades, aos consumidores de alimentos, que passam tantas dificuldades com alguns problemas de abastecimento que temos tido.

Ontem, tomamos uma série de decisões e assinamos alguns atos destinados a enfrentar o problema agrícola, a falta de apoio com que a agricultura sempre foi tratada no Brasil.

Estimulada quando há escassez e esquecida, e até punida, quando há boas safras, a agricultura agora vai ter regras permanentes de defesa, de garantia e de assistência.

O agricultor vai poder se programar para o ano que vem e ainda mais à frente protegido pela certeza de preços mínimos, de garantia para a sua produção e, principalmente, coberto com seguros contra cheias e estiagens, ou outros problemas de perda da lavoura.

Desde ontem, o Brasil tem uma nova política agrícola nacional. O País estava devendo uma providência dessa aos seus agricultores.

Enquanto que para a indústria, o comércio, as atividades financeiras e de serviços temos regras permanentes, estáveis e bem definidas, a nossa agricultura esperava sempre por políticas improvisadas. As regras, preços e garantias do Governo geralmente não chegavam dentro do tempo devido e sempre no último momento disponível para decisão sobre o plantio. Só então o agricultor começava a saber se valeria a pena plantar.

Agora, nós desejamos que não seja mais assim. Com o Programa de Estabilização Econômica, com os novos horizontes da economia brasileira, é possível, com antecedência, que os agricultores brasileiros planejem suas plantações para até 2 anos à frente, sabendo precisamente as garantias que o Governo lhes oferece.

Podemos imaginar o que isso vai representar para o povo, para os consumidores de arroz, feijão, milho, carne, que constantemente enfrentam problemas de abastecimento.

Ao oferecer garantias de preço a longo prazo aos agricultores e construindo armazéns, silos e frigoríficos com capacidade privada, vão ter esses produtos estocados para cobrir a época da entressafra. Isso significa que a um só tempo a agricultura vai ter garantias e o povo vai poder dispor, sempre, de alimentos.

Quando o Governo, por exemplo, anuncia que o pequeno e o médio agricultores podem receber 100% de financiamento para as suas lavouras, todos eles acreditam, porque sabem que o Governo está tratando o problema com seriedade.

O novo plano inclui, também, o programa de implantar, em mil municípios brasileiros, pólos de desenvolvimento rural, aproveitando a bacia dos rios e criando áreas de progresso, educação, cultura e desenvolvimento comunitário ao lado de novas áreas produtivas.

Desejo, também, anunciar aos agricultores a criação de um Fundo de Desenvolvimento Rural para aplicação na agricultura, que será operado pelo Banco do Brasil e que já começa com 36 bilhões de cruzados, para atender a demanda da área rural. A esse Fundo serão juntados os recursos

da comercialização dos gêneros que importamos, de modo que se possa aplicar, na agricultura brasileira, neste ano, 113 bilhões de cruzados.

Também, no sentido de dar recursos para a agricultura, recursos autônomos, recursos seguros, anunciamos a criação da Caderneta Verde, uma caderneta com juros e correção monetária igual à da caderneta de poupança. A Caderneta Verde será a caderneta de poupança do agricultor, operada pelo Banco do Brasil, e os recursos nela depositados serão naturalmente recursos de que o Banco irá dispor para empréstimos à agricultura.

Estejam certos os produtores rurais de que o Brasil possui agora uma política agrícola definida. O que nós desejamos é dar segurança a todos que produzem no setor rural.

Sempre me preocupei, desde a primeira hora, com o problema agrícola do Brasil. Agora, com o desdobramento do Plano de Metas, podemos enfrentar o problema e tentar iniciar uma solução. Não quero dizer que tenhamos o problema agrícola resolvido, mas, na verdade, demos ontem um passo gigantesco, um começo que não é tudo, mas é o grande primeiro passo. Porque não é um fim, é o princípio, como eu disse. O objetivo maior, o fim de tudo que nós desejamos com todas as providências que temos tomado, em qualquer setor, é melhorar a vida das brasileiras e dos brasileiros.

Para terminar, quero dirigir uma saudação calorosa aos fotógrafos brasileiros pela passagem do Dia do Fotógrafo, terça-feira, dia 19. Esses rapazes e moças sempre me perseguem e são da área de fotojornalismo. Agradavelmente me perseguem e produzem a cada dia pequenas obras-primas de sensibilidade, humor e documentação tão bem aproveitadas pelos nossos jornais, revistas e televisões. A eles quero enviar o meu abraço de estima e agradecimento.

E amanhã, dia 16, é mais um dia nacional de vacinação contra a poliomielite. Não vamos deixar nenhuma criança brasileira sem essa vacina salvadora. Não podemos ter mais casos de paralisia infantil neste País. Como Presi-

dente da República, faço um apelo a todas as brasileiras e brasileiros para que contribuam, como puderem, para o êxito dessa vacinação que amanhã será realizada no Brasil inteiro.

22.08.86 Criação do Conselho Superior da Previdência, conselhos comunitários e «ouvidores da Previdência». O que mudou na Previdência com a Nova República.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney.

Estamos começando mais uma conversa ao pé do rádio, encontro sem intermediários, que o Presidente da República tem com o povo. Precisamos que o povo conheça e participe de tudo quanto se faz no Brasil.

Nosso assunto é uma iniciativa destinada a abrir as portas da Previdência Social à sociedade brasileira.

Trata-se do novo Conselho Superior da Previdência, com a participação das principais lideranças sindicais do Brasil, os presidentes das confederações de trabalhadores, das confederações dos aposentados e inativos, entidades patronais e de um grupo de advogados e economistas, gente de fora do Governo, respeitada por seu saber, que vai opinar sobre todos os assuntos e decisões da Previdência.

O conselho é um apelo à participação.

A ordem é trabalhar sem mistério, sem segredos.

A determinação: portas e janelas abertas.

O Conselho da Previdência terá autonomia, independência e está colocado no alto do sistema, e suas decisões serão consideradas, prestigiadas e executadas.

Além do Conselho Superior da Previdência, existirão também os conselhos comunitários e os «ouvidores da Previdência», canais através dos quais o povo pode propor e queixar-se.

Quem sustenta a Previdência é o povo. O povo deve ser ouvido pela Previdência.

Já contamos alguns êxitos importantes na Previdência.

Suas contas estão equilibradas. Já não existe o famoso «rombo da Previdência». O reequilíbrio da Previdência foi fruto de ação administrativa de combate à fraude, aumentando o rigor na arrecadação.

Acabou o desconto do Imposto de Renda nos contracheques dos aposentados.

Acabou a contribuição dos aposentados para a Previdência.

Ampliamos os benefícios da Previdência para as mulheres dos trabalhadores rurais.

E a tarefa não terminou, pois ainda vamos corrigir muita coisa.

Vamos terminar nossa conversa ao pé do rádio com uma saudação às datas da semana.

Dia 22, será o Dia do Folclore, que, neste ano, chora a morte, em Natal, Rio Grande do Norte, do grande escritor, historiador, jornalista, folclorista e sábio brasileiro, Luís da Câmara Cascudo, que jamais abandonou sua cidade e seu povo. Homenagear Câmara Cascudo é manter vivo o valor do folclore para a cultura brasileira.

Um abraço de estímulo e apoio aos folcloristas brasileiros, sem esquecer dos nossos louvados e queridos cantadores.

Dia 23, Dia dos Artistas. Quero enviar uma saudação a todos os artistas, artesãos e eruditos, homens e mulheres do palco, do cinema, do circo, da televisão, das praças. Aos pintores e escultores, cantores, poetas, romancistas, a todos os que fazem a arte brasileira. E também homenagear a grande Elizete Cardoso que completou nesta semana 50 anos de vida artística. Elizete, a grande dama do rádio e televisão.

Dia 25, Dia do Soldado, reverenciamos no Duque de Caxias nosso valoroso Exército, permanentemente preparado para defesa da Pátria e das nossas instituições democráticas, que nos guarnece as fronteiras, assegura a liberdade e a ordem. Exército que é o povo armado.

Finalmente, na quinta-feira, dia 28, os fiscais do Presidente — ou os fiscais do Sarney —, completam seis meses de atuação, vigiando o congelamento de preços e garantindo o êxito do Plano Cruzado, que pôs fim à inflação que tanto nos atormentava.

Aos críticos de boa-fé, peço apenas uma coisa: lembrai-vos do Brasil de antes do Plano Cruzado e do congelamento. Basta comparar com o Brasil de hoje.

29.08.86 Confiança no combate à inflação.
Programas e ação da Legião Brasileira
de Assistência. Instalação de duas mil
microempresas. Atendimento a seis
milhões de mães e crianças.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney.

Ontem, o Plano Cruzado completou seis meses e tive oportunidade de fazer uma série de declarações aos jornais, rádio e TV sobre o significado dessa iniciativa decisiva para a vida nacional.

Agora, abrindo nossa conversa ao pé do rádio de hoje, quero arrematar tudo o que foi dito sobre o Plano Cruzado, com uma declaração curta e firme: o congelamento não vai acabar, os preços não vão voltar à orgia das remarcações e o povo pode confiar na firmeza do Governo!

O congelamento de preços não vai acabar, por duas razões principais: primeiro, porque o congelamento é a base de sustentação de medidas econômicas e ajuda o Governo a fiscalizar os preços. Segundo, acabar o congelamento depende de um ato da minha autoridade constitucional de Presidente da República e eu já disse e repito que não pretendo tomá-lo.

Tenho certeza de que esta foi uma das medidas mais acertadas do Governo e não há motivos para abandoná-la.

Agora, continuando nossa conversa ao pé do rádio, quero dirigir uma saudação à LBA, uma das beneméritas

instituições brasileiras, criada há 44 anos pela saudosa senhora Darcy Vargas e que é, hoje, um dos mais importantes instrumentos através dos quais o Governo demonstra a nossa opção pelos pobres.

Em 1942, quando surgiu, a Legião Brasileira de Assistência destinava-se a apoiar as famílias dos soldados brasileiros que participavam da FEB e lutavam na Itália contra o nazifascismo. Dona Darcy, mulher do Presidente Vargas, assumiu a responsabilidade de liderar as mulheres brasileiras para participar do esforço de guerra que se fazia no País. As voluntárias da LBA fizeram um bellissimo trabalho. Quando a guerra acabou, decidiu-se que a Legião continuaria fazendo na paz o que tão bem fez na guerra, assistindo os necessitados e, especialmente, as crianças e suas mães.

Hoje, 44 anos depois, a LBA é uma fundação vinculada ao Ministério da Previdência e combina o espírito do voluntariado — com que nasceu — com a realização de missões do Governo na área da assistência maternoinfantil e, por extensão, da promoção econômica e social das famílias pobres e necessitadas.

A Legião Brasileira de Assistência incorporou e consolidou, durante sua existência, um importante conhecimento em matéria de serviço social, criando e adaptando técnicas de promoção humana.

Desta forma, enquanto assiste e alimenta as crianças — através do seu Programa Primeiro, a Criança, que define essa prioridade máxima do Governo —, a LBA implanta o seu programa de microempresa, que está promovendo a instalação de duas mil microempresas, criando mais de 100 mil novos empregos e abrindo caminho para a revelação de artesãos admiráveis entre homens e mulheres do povo, que viviam a marginalidade do desemprego, do subemprego ou do sonho, que lhes parecia impossível, de ter uma pequena oficina própria e um pequeno capital para trabalhar.

São costureiras, marceneiros, entalhadores, empalhadores, serralheiros e tantos mais, no Brasil inteiro, que se transformaram em milhares de novos empresários do seu próprio talento e trabalho, estabelecidos graças à LBA. Não

é um centro de coitadinhos crônicos. A LBA não faz clientelismo demagógico. A LBA é a mão amiga, inteligente, generosa, caridosa, que levanta os necessitados, homens, mulheres e suas famílias e, com carinho e apoio, transforma-os em cidadãos válidos, ativos e prósperos, integrados ao processo natural da sociedade brasileira, que é dinâmica.

Neste País, ninguém é condenado à eterna pobreza, como acontece aos povos já saturados. O Brasil cresce, e com ele devem também crescer e melhorar de vida todos os brasileiros.

O papel abençoado que a Legião desempenha há 44 anos foi comemorado ontem no Rio. Pedi à minha mulher, Marly, que preside o conselho da LBA, que me representasse nas numerosas solenidades e inaugurações que marcaram a data.

Este é um bom momento para que o Governo demonstre seu louvor ao trabalho que o presidente da LBA, Marcos Vinícios Vilaça, realiza. A Legião, nos últimos 18 meses, dobrou, de três para seis milhões, o número de mães e crianças assistidas.

Essa demonstração é extensiva à Senhora Maria do Carmo Vilaça, por sua liderança do movimento de voluntariado que apóia a LBA e que tem ampliado as contribuições espontâneas às campanhas da instituição.

Nas raízes da LBA há duas coisas: amor e voluntariado. O que a LBA fez sempre contém essas duas marcas inconfundíveis. Quem procura a LBA recebe atenções carinhosas. E quem trabalha na LBA tem sempre o sentido dos gestos de sincera vontade de servir aos necessitados.

Confio muito na LBA e, como no caso das campanhas de alimentação infantil, assistência aos idosos, organização de miniempresas artesanais, criação e manutenção de creches, entreguei à LBA a execução de projetos importantes do Governo na área social e confio que eles serão realizados com eficiência para o bem do povo.

05.09.86 Atitude firme contra o ágio e a especulação. Defesa do Plano Cruzado. EMBRAPA pesquisa e garante melhor agropecuária. Prêmio e reconhecimento por defesa da ecologia. Reforma administrativa. Criação da Escola Nacional de Administração Pública. Encontro com o Presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan. Fundação Educar.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney.

Vamos começar a nossa conversa ao pé do rádio desta sexta-feira com um assunto sobre a cobrança de ágios em alguns setores do comércio e da indústria.

O ágio é crime. Um tipo de crime que a lei pune com severidade como faz com qualquer outro crime.

Seja com um quilo de 900 gramas; seja com um pagamento «por fora», para complementar o preço constante da nota fiscal, o que configura sonegação de impostos; seja com a redução da qualidade dos produtos — todas essas formas de burla do congelamento de preços são criminosas.

Quem cobra ágio quer ter um privilégio que os outros brasileiros não têm desde 28 de fevereiro: especular.

O Governo está assegurando a estabilidade do cruzado; do abastecimento, apesar das sabotagens na área da carne; o Governo está conseguindo conter a inflação.

Por que, então, alguns gananciosos, pensam que podem investir contra o Plano Cruzado e acabar com as esperanças de todo o povo?

Sobre o ágio: não pague, resista, não compre!

Todos os órgãos capazes de fiscalizar — e enquadrar criminalmente quem estiver cobrando ágio — estão articulados.

Quero dizer que essa ação contra a cobrança do ágio é uma defesa do clima de confiança e respeito que domina o Brasil. Estas práticas, como as paralisações políticas, visam a atingir o Plano Cruzado. O Plano Cruzado representa a possibilidade de melhoria das populações mais pobres.

Sem ele é impossível o povo melhorar. Lutar contra o Cruzado é lutar contra os mais pobres.

Sábado passado, dia 30 de agosto, visitei a EMBRAPA, que é uma empresa dedicada a pesquisas que garantam à agropecuária ser moderna e produtiva.

O que vi na EMBRAPA justifica toda esperança. São nossos cientistas fazendo trabalhos tão importantes e avançados como os que se fazem nos centros de pesquisas mais adiantados das nações mais adiantadas do mundo.

Vi dezenas de pesquisas vegetais e animais impressionantes.

Estamos pesquisando nossas riquezas silvestres, buscando identificar na nossa própria natureza, nas plantas e animais das nossas florestas, saídas para ampliar nossa produção de alimentos.

Sem dúvida, trata-se de um sinal da maioria e da autonomia da nossa ciência e tecnologia. Estamos nós mesmos, isto é, nossos próprios cientistas, descobrindo no Brasil formas de desenvolvimento agrícola.

Na terça-feira, dia 2, recebi da Associação Brasileira pela Preservação da Vida Selvagem o título de benemérito da *Nature Society*. Um título que muito me honra: de amigo da natureza, com gratidão dos ecologistas dos Estados Unidos pelo trabalho ecológico no Brasil.

Na quarta-feira, dia 3, assinei os primeiros atos da reforma administrativa. Foram decretos que mudarão totalmente a administração.

A começar pela revalorização do servidor público, que, dentro de pouco tempo, não será mais uma pessoa

sem formação própria, que acidentalmente vai trabalhar para o Governo.

Uma Escola Nacional de Administração Pública vai formar, como as universidades formam médicos, economistas, engenheiros, professores, enfermeiras, os administradores do Governo.

Acabam as nomeações e contratações por favor e o Brasil passará a ter servidores devidamente treinados, formados e originários exclusivamente de uma escola.

Ao mesmo tempo que atacamos os problemas internos, também estamos tratando da área exterior. Por isso, vou terça-feira aos Estados Unidos para um encontro com o Presidente Ronald Reagan.

Não vou tratar de importações e exportações, nem de pequenas dificuldades de comércio e tecnologia. Vou, como Presidente da República de um grande País, tratar de política mundial e de nossas responsabilidades comuns com os Estados Unidos.

Na próxima semana, espero ainda prestar contas aos amáveis ouvintes da nossa conversa ao pé do rádio, das sextas-feiras, sobre as conversações que desenvolverei em Washington.

Agora, antes de terminar, uma saudação às datas da semana.

Hoje, dia 5, é o Dia da Amazônia. Um cumprimento caloroso aos brasileiros dessa importante região, que continua reclamando atenções, compreensão, pesquisas e, principalmente, a exploração racional do enorme patrimônio econômico que representa para o Brasil.

Amanhã, dia 6, é o Dia do Alfaiate, uma profissão que faz parte do nosso cotidiano e que a industrialização, longe de destruir, valoriza ainda mais. Um abraço aos alfaiates.

Também, amanhã, dia 6, é o Dia dos Barbeiros, esses profissionais insubstituíveis, com que cada um de nós estabelece uma relação de amizade e fraternidade que, frequentemente, dura toda vida. Um abraço aos barbeiros de todo o País.

Dia 8, segunda-feira, é o Dia da Alfabetização. O analfabetismo é um problema mundial. Mais de 27% da humanidade, isto é, pessoas com mais de 15 anos, não sabem ler e escrever. No Brasil, o Governo busca, através da Fundação Educar, já criada na Nova República, no atual Governo, redobrar esforços, com novas técnicas e táticas, para enfrentar o problema. No Dia da Alfabetização, uma palavra de estímulo aos professores e de esperança para os analfabetos, que devem ter meios e incentivos para aprender a ler.

Finalmente, domingo, 7 de setembro, é o Dia da Pátria. A data-síntese do Brasil. O aniversário da Independência, a festa de todos nós, o dia de lembrar que somos irmãos, que temos uma grande Pátria e o nosso destino é a liberdade, o progresso, a justiça, a felicidade. No 7 de Setembro, mais do que em qualquer dia, viva o Brasil!

Até a próxima sexta-feira, quando este programa será transmitido diretamente dos Estados Unidos.

12.09.86 Conversações em Washington. Sessão no Congresso dos Estados Unidos. Entrevista com a imprensa. Alerta sobre o problema social. Visita à Organização dos Estados Americanos (OEA), em Washington, e à Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney diretamente dos Estados Unidos, onde me encontro a convite do Presidente Ronald Reagan. Encerro hoje a visita a Washington, e sigo para Nova Iorque, de onde retorno ao Brasil amanhã.

Na capital dos Estados Unidos fomos recebidos com demonstrações de carinho pelo povo e governo deste país que é o primeiro parceiro comercial do Brasil. E foi nessa condição de interessados no bem-estar e desenvolvimento, que nos levou a um diálogo franco e aberto, em que foi destacada a necessidade de entendimento e de conciliação dos nossos interesses comuns. Reafirmamos as nossas condições com relação ao comércio e à política, com espírito aberto, sem pedir nem exigir. Querendo participar de soluções. Colaborando. Ouvimos e nos fizemos ouvir de igual para igual, como parceiros civilizados.

Mas quero lhes falar também da emoção que senti ontem no Congresso americano. Foi um dia de grande alegria para nós brasileiros. Numa sessão conjunta, que reuniu senadores e deputados, o Brasil recebeu uma grande homenagem, prova de seu prestígio internacional, acontecimento raro no Congresso dos Estados Unidos, representativo do

povo americano, que há duzentos anos exerce o Poder Legislativo, com presença dominante e decisiva na vida americana.

De tarde, em entrevista coletiva no clube que reúne jornalistas do mundo inteiro, tive oportunidade de falar sobre o novo Brasil, que voltou à democracia em transição pacífica. Falei também do Plano Cruzado, como ele mudou a vida dos brasileiros, estimulou o desenvolvimento, expandiu a produção e, o mais importante, liquidou a inflação.

Respondendo a uma pergunta sobre o nível de vida dos brasileiros depois do Plano Cruzado, mostrei que quando assumi o Governo, o salário mínimo no Brasil era de 25 dólares e que hoje está na casa dos 60 dólares. Se examinarmos o problema social no Brasil, assim como na América Latina, veremos que aí é que está o olho do furacão, o caldo fervente do caldeirão das transformações sangrentas.

Chamei à atenção também para a seriedade com que as coisas vêm sendo tratadas pelo Governo no Brasil. Disse que o Brasil age com segurança. Que não é um risco econômico, e que ninguém sairá perdendo com o nosso País. Mas que pode se transformar num risco político se não melhorarmos as condições de vida do povo.

Visitei também, em Washington, a sede da Organização dos Estados Americanos, onde tive oportunidade de falar e dialogar com representantes dos nossos irmãos da América Latina.

Meus amigos brasileiros,

Apesar de tão distantes, estou perto do Brasil em espírito, perguntando, acompanhando e sentindo o que se passa aí, e fiquei muito contente com a maturidade dos trabalhadores. O País não poderá andar bem e a vida do povo não melhorará se houver desvios por parte de movimentos que não atendam aos interesses da comunidade.

Em Nova Iorque, visitarei as Nações Unidas, ampliando as fronteiras de entendimento do Brasil com o maior número de países. Estou orgulhoso do nosso País. Cada vez mais convicto de que estamos no caminho certo. O

mundo cada vez mais desperta para a presença do Brasil. Devemos isso ao nosso povo. Foi quem, com seu apoio, deu condições à nossa grande arrancada.

Amanhã retorno a Brasília, de onde voltarei a falar para vocês na sexta-feira que vem.

19.09.86 Retorno dos Estados Unidos. Plano Cruzado, distribuidor de renda, benefício dos pobres. Repulsa ao ágio, à especulação. Medidas contra o desabastecimento e a sonegação de produtos. Tentativas de paralisação do trabalho. Relatório da Comissão Provisória de Estudos Constitucionais.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui, mais uma vez, vos fala o Presidente Sarney.

Esta é a nossa conversa ao pé do rádio das sextas-feiras. E é a primeira depois da viagem de cinco dias que eu fiz aos Estados Unidos, para discutir as relações entre o Brasil e aquele país.

Tudo o que fiz lá, as discussões que tive, os princípios que defendi e as demonstrações de afirmação do Brasil, e de respeito ao Brasil, que eu vi dos americanos, eu vos narrei, rapidamente, na sexta-feira passada.

Depois da nossa saída, como repercussão da visita, o maior jornal dos Estados Unidos, o *The New York Times*, publicou um editorial que tinha o título «Admire o Brasil, depois negocie». Fiquei bastante feliz porque o editorial apoiava as teses que nós defendemos. E o jornal disse que o Brasil é um grande país, com que as nações amigas devem negociar problemas econômicos, mas respeitando a seriedade e competência do seu povo. Um grande país e com grande prestígio.

Tenho certeza de que, daqui para a frente, será sempre assim.

Somente avançaremos em todos os sentidos para que os povos amigos do mundo continuem admirando e respeitando o nosso progresso econômico, o nosso desenvolvimento social, a nossa democracia, o trabalho do povo brasileiro. O Brasil, como eu disse, progrediu à custa do sacrifício e do trabalho de todos os brasileiros. Ninguém e nada farão recuar este País.

Nesta semana mesmo, na quarta-feira, depois que eu cheguei, tomei conhecimento dos problemas de abastecimento que estavam havendo. E tomamos algumas medidas drásticas para pôr fim, sobretudo, ao problema da carne que está resistindo a todos os apelos das autoridades.

Devo dar uma palavra sobre o abastecimento.

O Plano Cruzado foi um Plano feito pela primeira vez no Brasil em benefício dos pobres. Nunca houve uma redistribuição de renda tão grande, tão rápida, tão imediata e de tamanha coragem em benefício dos mais humildes. Contudo, está havendo, por parte daqueles que há tanto tempo especulavam e exploravam o Brasil, uma certa rearticulação para sonegar gêneros, outros querendo especular em produtos, escondendo esses produtos para forçar o Governo a recuar, para forçar o governo a rever a política do Plano Cruzado.

Mas não terão êxito, porque esta política vai continuar. Nós não recuaremos de nenhuma maneira.

Vamos ao caso da carne. As medidas que nós tomamos: primeiro, nós demos um basta aos especuladores que estavam estimulando os pecuaristas a reter seus bois, prometendo-lhes preços altos e falsos no mercado futuro. Como se fossem jogadores, apostavam que mais cedo ou mais tarde o Governo cederia e aumentaria o preço da carne, acabando com o congelamento.

Isso é um blefe. O congelamento não vai acabar, a carne não vai aumentar e, portanto, não se pode negociar gado mais caro, boi no futuro, pensando que esta política vai ser destruída.

Mandamos também abrir inquérito na Bolsa para apurar esses tais contratos futuros com esses preços especulativos.

Em segundo lugar, proibimos toda e qualquer exportação de carne, industrializada ou não, contratada ou não, até que a carne apareça e seja suficiente para o nosso abastecimento interno.

Nós adotamos também a medida de proibir a exportação do frango.

Outra medida que tomamos, a terceira: abrir a importação de carne e peixe, sem impostos e à vontade. As empresas podem comprar, agora, à vontade, do exterior. Mas a carne importada vai chegar à mesa dos brasileiros, como os outros gêneros, pelo preço do tabelamento congelado. Essa é uma medida destinada a, justamente, evitar a especulação.

Em quarto lugar, como forma de incentivo, o Governo, junto com os estados, vai liberar o ICM pago pelos pecuaristas quando vendem seus bois para abate. Essa medida visa a estimular os pequenos abatedores que haviam saído do mercado nas pequenas e nas médias cidades.

Como se vê, nós agimos com firmeza. Fizemos tudo ao nosso alcance. Se a carne não aparecer, ninguém se queixe das medidas que eu serei obrigado a tomar. Medidas que serão mais enérgicas. Estamos nos preparando para ir em frente se a sabotagem continuar.

Não vou ceder. Afirmo às brasileiras e brasileiros que apoiaram e apóiam o Plano Cruzado. Esse Plano tem inimigos, mas a totalidade da nossa gente, você que está me ouvindo, está conosco. Essa é a grande força que tem o Presidente para manter as medidas econômicas que mudaram o Brasil.

Por outro lado, na nossa ausência nós tivemos alguns movimentos de paralisação com caráter político, também articulados dentre esses inimigos do Plano Cruzado, desejando justamente abalar as medidas econômicas do Governo. Mas todas elas fracassaram, o que mostra que o povo está conosco.

Não será, portanto, a ação nem de maus brasileiros, nem a ganância dos especuladores e dos que cobram ágio, que irá prevalecer.

O País vive um grande momento em todos os sentidos e nós vamos em frente.

Agora outro assunto.

Ainda ontem, quinta-feira, eu recebi o relatório da Comissão Provisória de Estudos Constitucionais, que elaborou uma proposta para ser discutida pela futura Constituinte. É uma contribuição de 50 brasileiros notáveis para a nossa futura Assembléia Nacional Constituinte, que vai ser eleita por todos vocês a 15 de novembro. Foi uma solenidade importante, quando tive a oportunidade de ressaltar o trabalho do professor Afonso Arinos e de todos aqueles que participaram da comissão.

Esse trabalho representou horas e horas de trabalho sério, de discussões durante alguns meses, desses brasileiros que abandonaram as suas atividades regulares para pensar no futuro do Brasil, que deve ter uma Constituição moderna e definitiva. Assim, nós estamos avançando em todos os sentidos, no sentido institucional, no sentido social, na área política, para realmente criar a estrutura do grande País que todos nós estamos construindo.

Finalmente, brasileiras e brasileiros, uma palavra especial, como faço todas as semanas, às datas que marcam o calendário.

É sobre o Dia do Radialista, que é o dia 21. A todos os que trabalham no rádio, informando e alegrando os brasileiros de Norte a Sul, a minha homenagem pela colaboração e, ao mesmo tempo, pelo trabalho de informação que realizam para que o povo brasileiro possa realmente ter uma participação baseado em fatos concretos que o rádio leva ao conhecimento de todos.

Especialmente neste ano, o Dia do Radialista é importante porque nós celebramos os 50 anos da Rádio Nacional, que, neste momento, está vivendo uma fase de renascimento, buscando recuperar seu antigo e seu justo prestígio. Eu quero saudar os remanescentes daquela inesquecível geração de homens e de mulheres, de artistas que elevaram o rádio brasileiro ao nível notável de prestígio internacional, bem como dos que atualmente trabalham na Rádio Nacional.

Meu abraço a todos os radialistas do Brasil.

Eu fico por aqui. Muito obrigado a todos, brasileiras e brasileiros que me ouvem.

26.09.86 Proteção dos inquilinos contra despejo.
Meta do Programa Nacional de
irrigação passa de 1 milhão para 3
milhões de hectares. Safra baterá
recorde. Carta do Idoso.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala, mais uma vez, o Presidente José Sarney.

Nossa conversa ao pé do rádio de hoje começa com um agradecimento caloroso ao Congresso Nacional, que votou a minha mensagem proibindo despejo de inquilinos até março de 1987.

Embora estejam envolvidos nas campanhas eleitorais nos seus respectivos estados, deputados e senadores completaram a tramitação legislativa da lei que proíbe o despejo.

Todos se lembram que esta foi uma das providências acauteladoras que tomamos ao lançar o Plano Cruzado e à qual me referi no meu último pronunciamento na televisão brasileira.

O êxito da nossa grande reforma econômica dependeu sempre de um conjunto de medidas que, antes de mais nada, protegessem os pobres de qualquer reação por parte dos especuladores que, até então, tiravam partido da grande inflação.

Na quarta-feira, dia 24 de setembro, quando sancionei a lei que protege os inquilinos contra os despejos, não esta-

va fazendo mais do que reafirmar, reaviver e ampliar os compromissos do Plano Cruzado.

Nesta semana tive também a oportunidade de presidir o lançamento do Programa Nacional de Irrigação, que tem como meta promover a irrigação de três milhões de hectares nos próximos três anos. Esse programa existia apenas para o Nordeste com um milhão de hectares e, agora, ele é estendido para o resto do Brasil e a nossa meta, que era de um milhão, passa a ser três milhões de hectares.

Esse programa de irrigação significa a construção de grandes obras de engenharia, como barragens, canais, adutoras, dragagens, linhas de transmissão de energia elétrica, enfim, modificar a terra e as condições locais para a produção agrícola.

No entanto, este programa pode ser resumido num só objetivo: é um programa contra a fome. É a produção de alimentos, alimentos em grandes quantidades, com melhor qualidade e preços mais baixos.

A irrigação é responsável pelo progresso da agricultura em países muito mais populosos do que o nosso, como a Índia, o Paquistão, especialmente a China, que, apesar de sua população de um bilhão e cem milhões de habitantes, hoje é exportadora também de alimentos. Até hoje, porém, o nosso País não tem ainda mais do que um milhão e meio de hectares irrigados. Nós temos que triplicar o tamanho das nossas áreas agrícolas para elas produzirem mais, independente das estiagens e, ao mesmo tempo, graças às obras que estão sendo construídas. Este programa é essencial. Nós temos que modernizar a nossa agricultura com irrigação, tecnologia moderna e através de pesquisas. Enfim, nós temos que colocar a nossa agricultura no nível dos países desenvolvidos.

Quando criei o Ministério Extraordinário da Irrigação e nomeei o ministro Fialho — um dos mais competentes especialistas de que dispomos — eu quis propositalmente anunciar que estava elegendo a irrigação como uma das principais metas do Governo.

Mas, não vamos só produzir alimentos. Vamos também criar empregos novos no País inteiro, estimular a

transformação dos nossos proprietários rurais em modernos empresários, que poderão produzir duas ou três safras anuais.

O Programa de Irrigação é ainda um estímulo à iniciativa privada. O Governo não vai plantar e nem cultivar, colher e nem vender alimentos. Vamos apenas organizar o sistema de águas para que as terras sirvam melhor para a agricultura, e organizar o sistema de crédito, capaz de dar à iniciativa privada condições de poder modernizar a sua agricultura. Já estamos aplicando volumes de recursos grandes no Nordeste e o Banco do Brasil acaba de entrar neste programa. As suas agências estão se aparelhando para identificar os agricultores que desejam entrar no Programa de Irrigação e que tenham capacidade de fazê-lo.

É um esforço conjunto que não depende apenas de obras e de dinheiro, mas também de pessoal técnico. Nesse sentido, estamos criando centros de irrigantes, de treinamento de irrigantes, convocando as universidades brasileiras para treinar técnicos indispensáveis ao programa e criando o Centro Nacional de Irrigação, que será localizado em Parnaíba, no Estado do Piauí.

O povo brasileiro precisa ficar atento a este trabalho. Até mesmo porque só no Centro-Oeste, Sul e Norte do País a produção agrícola, já em 90, será acrescida de 7 milhões de toneladas. Espero, portanto, que este programa e o aumento rápido da produção de alimentos sejam uma das grandes realizações do nosso Governo. Um Governo que, como tenho sempre dito, é um Governo nosso, um Governo do povo, um Governo de trabalho e um Governo de fé. Um Governo voltado para as comunidades. Tem sido uma luta muito grande, e que eu tenho enfrentado. De sol a sol estou vivendo problemas, enfrentando-os e resolvendo-os, encontrando soluções e enfrentando, sobretudo, a resistência diária, solerte, de áreas inconformadas com as mudanças e pregoeiras do pessimismo e muitas vezes do caos. Mas graças a Deus temos resistido, vamos resistir e vamos triunfar. Temos, ao nosso lado, brasileiras e brasileiros que reconhecem como é difícil se lutar pelos mais pobres.

Agora vamos às datas da semana. Começo com uma saudação ao povo da Bahia pela passagem do centenário de nascimento do grande Otávio Mangabeira, que tive a honra de conhecer e ser seu colega no Congresso Nacional no meu primeiro tempo de mandato parlamentar. Presidi a solenidade comemorativa no Itamarati, que foi feita em homenagem a Otávio Maganbeira, que também ocupou o cargo de Ministro das Relações Exteriores no Governo Washington Luís.

Amanhã, dia 27, é o Dia do Ancião, e quero dizer às nossas velhinhas e aos nossos velhinhos brasileiros que não lhes mando apenas um abraço afetuoso. Quero aproveitar a data para proclamar os cinco direitos consagrados pela Carta dos Idosos, que está sendo lançada justamente hoje e que foi elaborada pelo Primeiro Fórum de Gerontologia Social, realizado em Fortaleza.

Diz a Carta: primeiro, o idoso tem direito à saúde; segundo, o idoso tem direito à proteção e tratamento diferenciado pela assistência social; terceiro, o idoso tem direito ao trabalho conforme a sua capacidade e aptidões; quarto, o idoso tem direito à educação, cultura e lazer, para que realize plenamente as suas potencialidades humanas; quinto, o idoso tem direito às práticas da cidadania e à proteção do Estado. E eu acrescento um sexto, que agora nós criamos: o idoso tem direito a carinho, carinho de todos nós, brasileiros.

Finalmente, dia 30 de setembro é o Dia da Secretária. Essas profissionais altamente especializadas mas que também simbolizam a doçura, a amizade, a simpatia humana que reina em todos os escritórios, repartições e empresas onde elas pontificam como autênticas executivas. Carinho e gratidão às secretárias do Brasil.

Terminamos aqui a nossa conversa ao pé do rádio de hoje — e até sexta-feira próxima.

03.10.86 Plano Cruzado: taxa de desemprego é a mais baixa da história do País; poder de compra sobe. Denúncia dos sabotadores, pela especulação e sonegação ou pela paralisação do trabalho. Reforma agrária não é confronto.

Brasileiros e brasileiras, bom dia!

Aqui vos fala, mais uma vez, o Presidente José Sarney.

Estamos começando mais uma das nossas conversas ao pé do rádio das sextas-feiras.

Um primeiro assunto: desejo dizer a todos que acabo de receber os últimos números sobre três aspectos importantes da economia que não costumam ser citados por todos aqueles que estão agora gostando de falar mal do nosso Plano Cruzado.

Primeiro: o desemprego continua caindo e está em números baixíssimos. Está havendo trabalho para todos. Desde que se começou a medir o desemprego no Brasil, em 1980, nunca a taxa chegou a níveis tão baixos: cerca de 3%, o que é quase nada. Nas grandes nações do mundo, o problema do emprego é a principal preocupação das administrações. É a medida do êxito de um Governo. Nos Estados Unidos, por exemplo, é a principal parte da mensagem anual do Presidente ao Congresso. A taxa do desemprego é quase que o termômetro da economia.

Este ano nós vamos ter 1 milhão e 900 mil novos empregos. Seis por cento a mais do que em 1985. E veja que

em 1985 tivemos o crescimento também de mais 1 milhão de empregos. É uma vitória. E você, que está me ouvindo, pode constatar em sua cidade como esse problema foi se desenvolvendo.

Ao mesmo tempo os salários — o poder de compra real dos salários subiu 14%. Isto também é um número recorde no Brasil.

Estas coisas, em benefício dos trabalhadores, especialmente dos mais pobres, estão acontecendo porque há um crescimento geral das indústrias, como nunca ocorreu antes no Brasil.

Mas nem por isso a guerra de setores inconformados deixa de continuar. É uma batalha diária a nossa resistência. Basta ler os jornais, ouvir e ver os meios de comunicação. São vozes isoladas, mas elas não se cansam de investir contra o congelamento. Mas eu reafirmo que não abriremos mão do Plano Cruzado. Lembre-se que estou defendendo, com esta posição, o interesse do povo. E o Governo não pode ser culpado pela atitude dos maus brasileiros que sonegam mercadorias, que especulam, que praticam crimes contra a economia popular.

Por outro lado, devemos, também, verificar os prejuízos que o País sofre com a prática de paralisações que não correspondem aos interesses dos trabalhadores, e que, muitas vezes, são incentivadas por motivos eleitoreiros. Os trabalhadores, então, são explorados duplamente: porque são explorados nos seus interesses e são explorados por essas pessoas que não têm nenhuma visão maior do que é a vida do trabalhador.

Calculem o que, neste instante de dificuldades, não é o atraso para o País ver 80 navios, alguns com carne e outros gêneros, esperando dias e dias pelo desembarque. A paralisação de aviões comerciais. A paralisação diária das siderúrgicas, como Volta Redonda, com a possibilidade de atingir as chapas metálicas que se destinam a fazer embalagens também de alimentação, provoca outros problemas. Vejam o planejamento de invasões que estão sendo feitas em todo o Brasil, organizadas para tumultuar a reforma agrária. São problemas que dificultam o Plano Cruzado,

como outras paralisações, como no setor de saúde, que prejudicam a vida dos mais pobres, aqueles que não podem pagar, não podem ir à rede privada.

O Plano Cruzado estabeleceu a negociação e diálogo. Por que não tentar? Qual o motivo de partir para o confronto? O Governo fez mais pelos trabalhadores do que todos esses radicais. Fez o salário-desemprego; o congelamento; a extensão dos benefícios da Previdência a todos os trabalhadores no campo; acabou com o arrocho salarial; aumentou o poder de compra; reduziu a inflação a cerca de 1%; baixou a cesta básica do trabalhador em cerca de 5%.

Vamos prosseguir na luta. Nós estamos, como eu disse, resistindo e resistiremos. Não estamos censurando ninguém, mas estamos concitando as brasileiras e brasileiros de todas as classes sociais, para que, juntos, possamos resolver esses problemas.

Desejo reafirmar mais uma vez que, com todas essas dificuldades, jamais abandonaremos o congelamento de preços e os problemas que estão ocorrendo são problemas que serão esmagados.

Vamos agora às datas da semana.

Quero começar lembrando o primeiro aniversário, dia 10, do Plano Nacional de Reforma Agrária, a cargo de um ministério novo, também criado por este Governo, e que tive a honra de propor, implantar e consolidar.

A reforma agrária não é um instrumento de agitação nem de perturbação da produção agrícola. Pelo contrário, a reforma agrária é feita para dar paz, justiça e desenvolvimento à agricultura brasileira e justiça ao sofrido homem do campo. Ela está sendo feita com respeito à lei e aos direitos de todos. Mas vem sendo feita e será feita.

Hoje, também, é Dia do Dentista. Meu abraço aos dentistas brasileiros que deram à nossa odontologia um dos mais altos padrões mundiais em desenvolvimento tecnológico e científico.

Quero terminar agradecendo, de novo, às brasileiras e brasileiros pelo apoio que estão dando ao Plano Cruzado, deixando de culpar o Governo pela ação dos sabotadores e

confiando na luta que estamos travando, todos nós, pelos interesses do povo.

○ meu abraço afetuoso a todos e até a próxima sexta-feira.

10.10.86 Compromisso com o lado social,
providências e obras para transformar
em justa uma sociedade injusta.
Indicadores dessas mudanças.
Desapropriação de gado.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Mais uma vez, aqui vos fala o Presidente José Sarney.

Como vocês sabem e têm acompanhado, a minha preocupação maior, no Governo, tem sido o lado humano. Olhar as pessoas, suas vidas, suas dificuldades. Olhar o povo, as comunidades, os brasileiros e as brasileiras.

Procurar sempre compreendê-las e jamais deixar de considerar este aspecto como a prioridade de todas as prioridades.

Durante muito tempo, a tarefa de governar esqueceu o lado humano. Deu-se muito realce às obras. Governar, por exemplo, tinha muitas definições. Dizia-se que governar é abrir estradas. Para outros, era fazer pontes ou fazer fábricas, esquecendo muitas vezes a maior de todas as obras, que é a de melhorar a qualidade de vida das pessoas.

Governar, para mim, é fazer do Governo um instrumento de tornar as pessoas mais felizes. Por isso, o Governo fará grandes obras, sem placas. Fará a grande mudança, a de transformar uma sociedade socialmente injusta numa sociedade justa.

Há poucos dias, nos Estados Unidos, eu disse ao Presidente Reagan que nós, na América Latina, tínhamos de

provar que a democracia era um sistema justo de Governo, que não era ele o responsável pelos baixos indicadores sociais de nossa população.

Não eram os valores democráticos que estavam em crise, mas a realização imperfeita desses valores.

Estas motivações e convicções me fizeram ter a coragem das mudanças.

O Plano Cruzado foi a maior distribuição de renda já havida no Brasil em favor dos mais pobres. Eles estão se alimentando mais, hoje. Eles estão vivendo melhor. Eles foram vistos e considerados prioritários num programa governamental.

Nunca ninguém, eu tenho certeza disso, tão decididamente, tinha feito uma lei em favor do povo quanto essa lei.

Por exemplo: ontem, um deputado me relatava que ouviu de um operário a seguinte frase: «Eu agora sei o que é a liberdade». E contou esta história:

«Meu patrão, onde eu trabalhava há 15 anos, tratou-me grosseiramente. Ele me tratava sempre assim. Eu respondi: quero as minhas contas. Agora eu posso ir embora, porque tenho dois convites para trabalhar em outra fábrica. O patrão mudou, reconheceu que tinha sido injusto e tratou-me — disse o deputado como depoimento desse trabalhador — como uma pessoa humana, pela primeira vez». E acrescentou ter esse trabalhador afirmado que, nesse instante, ele sentiu o que era liberdade.

E por quê? Porque o Brasil voltou a crescer. Procuram-se empregados especializados em todos os lugares. O desemprego desapareceu. Então, esta é a melhor maneira de ajudar o trabalhador. Dar-lhe forças é promover o crescimento econômico que inevitavelmente traz grande procura de mão-de-obra.

A recessão enfraquece o trabalhador porque é o caminho do desemprego, do medo de ficar sem trabalho.

Enfim, é o caminho do abastardamento do homem.

Outro dia, também eu devo dizer, ouvi de um trabalhador rural o seguinte: «Presidente, durante quatro anos,

no período mais difícil que o País passou — que, todos nós sabemos, foi o período da recessão, a maior recessão de nossa História — (ele me disse): eu passei comendo pão, café, farinha com água e açúcar. Agora, depois do Plano Cruzado, estou me alimentando de arroz e feijão.»

A cesta básica do trabalhador, mais uma vez eu repito, baixou em 5%.

O Presidente considera-se um cidadão como outro qualquer, apenas com maiores responsabilidades.

A coragem do Governo é a coragem do povo.

Desejo, com este intróito, comunicar que, no desdobramento das medidas para manter o Plano Cruzado e o congelamento, eu fui levado a desapropriar bois.

A maioria da classe dos pecuaristas entendeu as medidas do Governo e passou a entregar suas boiadas aos frigoríficos. Mas alguns renitentes, sem nenhuma sensibilidade, não colaboraram e retiveram seus estoques. Para esses, fomos obrigados a usar os rigores da lei. E o Brasil sabe que eu não vacilarei em tomar as medidas necessárias, sempre que elas sejam realmente necessárias. Sem açodamento, mas sempre com firmeza.

Contrariei, com o Plano Cruzado, grandes interesses, poderosos interesses de especuladores e de tantos que foram atingidos por essa medida. Fomos obrigados, muitas vezes, a fechar lojas, mercados. Fomos obrigados a abrir processos, a prender, a multar, no Brasil todo, para fazer valer a lei. E o povo muito nos ajudou e nos tem ajudado.

São medidas que não são agradáveis de tomar, mas que se tornam necessárias em benefício de você, brasileira e brasileiro, que me está ouvindo.

Portanto aqui vai um apelo: é hora de todos colaborarem, de todos ajudarem o Brasil.

Nós estamos saindo daquela perspectiva do grande desastre. O País, hoje, é outro. O País progride. Aumenta o nosso prestígio internacional. E nós vamos, com o futuro Plano de Metas, que em breve será iniciado, também olhar o outro lado, que é o lado de preparar o Brasil do futuro, do século XXI.

Não é possível que existam brasileiros que desejem atrasar o País. O progresso começa, como eu tenho dito, dentro de cada um de nós. Todos devem colaborar, porque todos nós somos responsáveis.

Agora, nossas datas da semana.

Dia 12 é a passagem do Dia da Criança. Vou mandar quatro projetos ao Congresso, assinar dois decretos e aprovar uma proposta ministerial que fechará o conjunto de oito medidas destinadas a mudar radicalmente a maneira de o Governo tratar o problema do menor.

Eu vou ter oportunidade, na próxima semana, de tratar em profundidade, com o povo brasileiro, sobre este assunto. Posso resumir essas providências que serão tomadas pela passagem do Dia da Criança, anunciando que nós vamos lançar um grande programa, o Programa Nacional do Bom Menino.

Outra data é o dia 15, que é o Dia do Professor. Professor tão fundamentalmente ligado também à criança. Quero saudar essa classe com muito carinho, respeito e evocações sentimentais que todos dedicamos a esses responsáveis pela nossa educação desde a mais tenra infância. No Dia do Professor, nós vamos nos lembrar, comovidos, dos nossos professores que marcaram nossas vidas. É neles, em cada uma das professoras, em cada um dos professores, dos cursos de alfabetização até às universidades, que saúdo esses personagens essenciais das nossas vidas.

Minha homenagem, portanto, às professoras, às crianças e aos professores do Brasil.

E aqui nós encerramos nossa conversa ao pé do rádio desta sexta-feira, 10 de outubro.

17.10.86 PETROBRÁS descobre petróleo à margem do Rio Urucum, no Amazonas. Programa do Bom Menino é lançado. Programa do leite distribui por dia mais de 2 milhões e 400 mil litros. Merenda escolar; livro didático; assistência às gestantes e às mães. Dia Mundial da Alimentação.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney.

Nossa conversa ao pé do rádio começa com o registro da descoberta de petróleo no Amazonas. O poço pioneiro, descoberto à margem do Rio Urucum, apresentou uma produção de 950 barris por dia e é o nosso melhor poço em terra firme. Até agora, a produção máxima de um poço em terra, no Brasil, foi de 82 barris.

Essa descoberta importante é mais um grande passo para o País ser auto-suficiente em petróleo. É uma grande notícia que dou a todas as brasileiras e brasileiros que me ouvem.

Estimaria muito que as equipes de técnicos e trabalhadores da PETROBRÁS, que estão no Vale do Juruá, a 600 quilômetros de Manaus, em plena selva amazônica, estejam me ouvindo neste momento. Quero mandar-lhes uma mensagem:

Amigos da PETROBRÁS aí do Alto Amazonas, pela voz do Presidente recebam os agradecimentos e o estímulo do povo brasileiro. Sabemos as dificuldades que estão enfrentando no meio da floresta. Mas tenham certeza de que não apenas suas descobertas são importantes. O exemplo de

trabalho e competência que estão dando deve ser registrado.

Agora quero tratar de um outro assunto.

Lançamos na semana passada, Semana da Criança, o Programa Nacional do Bom Menino. Esse Programa objetiva enfrentar o problema do menor abandonado, do menino de rua, dando-lhe condições de vida. Consiste no seguinte: cada empresa no Brasil poderá ter no seu quadro um número de menores entre 12 e 18 anos. Será o Menor Assistido. Ele receberá metade do salário mínimo e trabalhará 24 horas por semana. Mas esse menino também terá de ser matriculado numa escola, ter bom comportamento e bom aproveitamento nos estudos. Estamos convocando a empresa privada do Brasil inteiro para essa tarefa. E sei que os empresários brasileiros irão ajudar o Brasil, ajudando os menores. Temos milhões de empresas, dispersas pelo território inteiro, e com esse programa teremos milhões de meninos assistidos, já que cada empresa, no mínimo, poderá ter um menor.

Ontem, já recebi, por exemplo, a primeira manifestação do empresariado nacional. É com satisfação que anuncio: o Sr. Benedito Borrvalho, de Cuiabá, dono de uma farmácia, comunica-me que já admitiu meninos: uma, chama-se Jordelina, o outro, Ney. Começa, assim, a grande cruzada do Bom Menino. Parabéns pelo seu gesto, Sr. Benedito.

O programa não se esgota só neste aspecto. Nós vamos construir, através da LBA, 3.500 novas creches. E também as repartições públicas que, de acordo com a lei, tinham obrigação de ter creches e não têm, agora terão de construir creches para os funcionários, para os filhos dos funcionários públicos.

Está funcionando também, é bom lembrar, o Programa do Leite das Crianças, que já distribui hoje, mais ou menos, dois milhões e 400 mil litros por dia; até o fim do ano distribuiremos 3 milhões e até o fim do meu mandato 12 milhões. Vamos lembrar também o programa da merenda escolar, já funcionando 270 dias por ano nas escolas de todo o Brasil; o livro didático entregue às crianças; a assistência às gestantes e às mães que estão amamentando; e o programa da cesta de alimentos, que é o PAP.

Assim, vamos continuando nos programas sociais destinados a melhorar a vida do povo. Como eu tenho dito, o interesse do Governo é realmente que vocês, brasileiras e brasileiros, possam ter as suas vidas melhoradas.

Agora, vamos às nossas datas. Ontem foi o Dia Mundial da Alimentação. Eu devo lembrar que, nas Nações Unidas, lancei o brado de alerta contra a fome no mundo. E no Brasil, que é um País que resolveu grandes problemas, que tem indústrias das mais sofisticadas, é impossível que nós tenhamos ainda o problema da fome. Atendendo ao apelo da FAO, eu quero enviar, neste dia, uma mensagem especial às nossas comunidades de pescadores artesanais, esses lutadores do mar e que são responsáveis por 50% do abastecimento de peixe no Brasil.

Amanhã, nós teremos também o Dia do Médico, essa grande classe humanitária, à qual eu quero enviar também a minha homenagem e um caloroso abraço. São homens de ciência e de saber, que, com humildade e sacerdócio, aliviam o sofrimento e a dor, tratam da vida. Meus cumprimentos aos médicos brasileiros.

No dia 22, quinta-feira, é o Dia do Radioamador. São comunicadores que unem os povos e assistem aos necessitados com pedidos de socorro.

Aqui, portanto, termino este programa da minha conversa ao pé do rádio.

24.10.86 Apoio ao Plano Cruzado: não à recessão, aumento da produção. Crescer. Plano de Metas. Ferrovia da integração nacional, de Açailândia (MA) a Anápolis (GO). Ferrovia Paranaguá (PR) a Dourados (MS). Safra recorde de 60 milhões de toneladas. Projetos de cunho social. Dia das Nações Unidas. «Paz não é ausência de guerra, é também um mundo sem miséria e sem ódio.»

Brasileiras e brasileiros, bom dia.

Aqui fala o Presidente José Sarney, para mais uma conversa ao pé do rádio, nesta sexta-feira.

Vamos superando nossas dificuldades. A crise do abastecimento está menor. Nada no mundo, todos nós sabemos, se faz sem trabalho e sacrifício. O Plano Cruzado não podia fugir a essa lei. O importante e fundamental era a firmeza para agüentá-lo, para que ele pudesse atravessar todas as tempestades. Esta firmeza nós tivemos. Eu tenho a consciência de que esse plano marca minha passagem pelo Governo, porque consegui — e devo sempre ressaltar — graças à ajuda do povo brasileiro, de você, brasileira, de você, brasileiro que me ouve — a maior mudança social da história brasileira.

O Plano Cruzado conseguiu incorporar ao universo de consumidores mais de 20 milhões de brasileiros. Aumentar o poder de compra, expandir o mercado interno. Foram beneficiados os mais pobres. Aqueles que nada pesavam nas decisões e que são hoje brasileiros, cidadãos, gente.

Evidentemente não se faria uma transformação dessa magnitude sem problemas. Muitos interesses foram feridos.

Agora, neste momento, o Governo tem que tomar decisões. E vai tomar decisões. Duas alternativas podem ser visualizadas e, aqui, pensadas com o povo: voltar atrás, para as medidas recessivas para diminuir a demanda, ou continuar no seu caminho e aumentar a produção? A essa pergunta e a esse dilema, eu não respondo, porque o povo brasileiro sabe qual é o meu caminho; ele sabe qual será nossa conduta.

Não vamos tomar medidas recessivas. O aumento do mercado interno foi uma grande conquista.

O que nós temos é de aumentar a produção.

O empresariado, agora, pode produzir mais e mais, porque já existe o grande mercado interno.

O patamar que conquistamos não pode ser perdido. Essa será nossa determinação. Todas as medidas que tiveram de ser tomadas jamais encaminharão o país para o setor da recessão. Temos é que aumentar a produção. Crescer é o caminho.

O crescimento resolve o problema do abastecimento, do desemprego e do atraso.

Mas, para crescer, para produzir, é necessário trabalho.

Trabalhar mais e especular menos.

Infelizmente, nestas horas, ainda temos especuladores que se aproveitam das dificuldades nacionais. É preciso combatê-los.

De minha parte posso afirmar que estou engajado nesse esforço, procurando superar minhas próprias forças para servir ao meu País.

Mas não tratamos somente do presente.

Estamos também tratando do futuro. Com o Plano de Metas vamos resolver os problemas dos setores siderúrgico, de energia, de educação, saúde e transportes. Já estão saindo dos estudos os projetos da grande estrada de ferro de Açailândia, na região de Carajás, até Anápolis, em Goiás. E de Anápolis, já ligada ao Porto de Tubarão, no Espírito Santo. Será a grande ferrovia que integrará o Brasil Central, colocando sua produção, a preços competi-

vos, nos mercados mundiais. Será a linha de encontro entre os dois maiores portos do Brasil: Itaqui, lá no Norte, no Maranhão, e Tubarão, no Espírito Santo.

O Brasil, assim, ficará ligado de norte a sul por uma grande ferrovia. Estamos trabalhando em outro importante projeto: a estrada de ferro Paranaguá a Dourados. Uma estrada para escoar a produção em termos competitivos. Com o programa da reforma agrária, da irrigação, da política agrária, racionalizando os transportes, fazendo o País entrar na era do transporte intermodal, este problema será resolvido. Produção e competitividade.

O Ministério da Agricultura, desejo dizer aos brasileiros, comunicou-me que a previsão de nossa safra para este ano é de 60 milhões de toneladas. Deve ser a maior de nossa história. Os pessimistas vão ficando para trás, porque tudo irá dar certo.

O País está tranqüilo. Marcha dentro da liberdade e da democracia para as eleições, o povo trabalhando. Problemas sempre existem, mas nós estamos aqui para equacioná-los e tentar resolvê-los. O Brasil tem hoje um Governo que está no povo e um povo que está no Governo.

Agora, mais um assunto:

Esta semana enviamos ao Congresso Nacional três projetos de lei. Votados pelo Congresso, eles se destinam a resolver um problema, quase insolúvel, dos débitos dos estados, municípios, fundações, sindicatos e sociedades sem fins lucrativos, para com o INPS. Esses projetos permitirão a estas sociedades e entidades públicas pagarem seus débitos mediante serviços. Isto é: pagarem em educação, pagarem em saúde. Essa providência virá resolver o problema e, ao mesmo tempo, atender melhor a população carente. Outra medida no setor social que acabamos de tomar: os empregados dessas instituições poderão usufruir dos benefícios e legalizar essa situação junto à Previdência Social.

Agora, vamos às datas.

Hoje é dia da Organização das Nações Unidas, onde os povos do mundo se reúnem para discutir seus problemas. As Nações Unidas têm uma importante função no

mundo. É lá que se discute o problema do entendimento entre todas as nações e se discute principalmente o problema da paz. A paz não é só a inexistência de guerras e conflitos. A paz é um mundo sem miséria e sem ódio. Ano passado eu estive nas Nações Unidas para prestar a homenagem do Brasil a essa grande instituição.

Amanhã é o centenário de nascimento de um dos mais ilustres escritores brasileiros. É uma data que, para mim, também é muito cara, porque é o centenário do maranhense Humberto de Campos, que foi um grande trabalhador intelectual e um exemplo de tenacidade. De uma infância paupérrima chegou a ser, até a sua morte precoce, em 1934, morte quando ele tinha apenas 48 anos, o jornalista e o escritor mais famoso do Brasil. Hoje ele está quase que esquecido. Mas nem por isso deixa de merecer o reconhecimento de sua obra e a nossa homenagem.

Segunda-feira comemoraremos o Dia do Funcionário Público — pela antecipação do feriado porque o Dia do Funcionário é 28 de outubro. Através de minha vida pública, sou testemunha de exemplos admiráveis de funcionários públicos dedicados, competentes, honestos, dignos sob todos os aspectos. Corresponderá ao meu Governo, eu espero, começar a grande reforma administrativa que valorizará o funcionário, como uma das peças mais importantes da engrenagem do País.

Meu abraço aos servidores públicos, sejam federais, estaduais ou municipais.

Dia 29 é o Dia do Livro, o grande veículo de cultura e educação criado pelo homem. Minha saudação aos que escrevem, aos que editam e aos que comercializam e aos que lêem e conservam livros. Eu conheço a paixão pelos livros, porque tenho essa paixão.

Para finalizar, dia 30 é o Dia do Comerciante. Dos antigos caixeiros aos modernos balconistas e vendedores, o meu abraço a todos os comerciantes brasileiros.

Terminamos aqui a nossa conversa ao pé do rádio com uma renovada esperança e fé no presente e no futuro do nosso Brasil.

31.10.86 Integração do deficiente à sociedade tem coordenadoria. Problema da energia elétrica. ONU vota e aprova, por 124 votos contra um e oito abstenções, proposta do Brasil de declarar o Atlântico Sul zona desnuclearizada. Morte do Presidente de Moçambique, Samora Machel.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala, mais uma vez, o Presidente José Sarney.

Quero iniciar nossa conversa de hoje com a frase que eu usei quarta-feira, ao presidir a criação de uma Coordenadoria Nacional, junto à Presidência da República, para promover a integração da pessoa deficiente à sociedade.

Essa frase foi de Odílio Costa, filho; ele disse que «somos todos responsáveis» pela solução do grave problema do excepcional.

Minha preocupação em fazer a parte que me cabe, como Presidente da República, com relação ao apoio aos 13 milhões de deficientes que temos no Brasil, chamando o problema para perto do meu gabinete de trabalho, foi também a maneira de demonstrar o empenho do Governo em apoiar e estimular as pessoas e entidades que, no Brasil inteiro, em todas as cidades, se preocupam e lutam para resolver o problema.

Ninguém pode se eximir do testemunho, da colaboração, da crítica construtiva, do apoio e da fiscalização da solução desse problema, que é o problema do excepcional. Também é uma posição humana que todos nós temos que tomar.

E vamos fazer tudo para ajudar os deficientes, os excepcionais do Brasil inteiro.

Agora vamos tratar de outro problema. O problema da energia elétrica.

O Brasil, para crescer 1% ao ano, tem também de crescer no setor energia elétrica 1,2%. E nós estamos tendo, com o crescimento econômico, uma demanda muito grande de energia elétrica. Para diminuir o consumo, entrou em vigor o horário de verão nesta semana passada. As chuvas estão demorando, as represas, como a de Furnas, principal reservatório do sistema hidrelétrico da Região Sudeste, está apenas com 17% da sua capacidade de armazenamento de água. De modo que nós temos que tomar providências de toda maneira. Uma delas é, realmente, pedir a todos os brasileiros que economizem energia.

Eu quero, sobre este aspecto, lembrar o que ocorreu entre janeiro e março deste ano. Nós estávamos preocupados e devotados à implantação do Plano Cruzado. Não pudemos nem de certo modo ver e avaliar em sua grandeza o que ocorreu. Mas eu não esqueci. Tenho um profundo agradecimento aos brasileiros do Rio Grande do Sul, do Paraná e de Santa Catarina. A comunidade dessa região, a Região Sul, conseguiu, naqueles dias, reduzir o consumo de energia elétrica em 20%.

Precisamos agora repetir isto, não só na Região Sudeste como também nas outras regiões do nosso País. Principalmente nesta, que é a parte que tem o centro mais desenvolvido, o centro que mais consome.

Agora vou tratar de um assunto internacional que mostra o novo Brasil nas relações com os outros povos.

Nesta semana, na segunda-feira, dia 27, a Assembléia Geral das Nações Unidas votou, por 124 votos a favor, 8 abstenções e apenas um voto contra, uma iniciativa muito importante do Governo brasileiro, que teve o seu início no meu discurso nas Nações Unidas em 1985. Foi aprovada, pelas Nações Unidas, uma proposta apresentada pelo Brasil de considerar o Atlântico Sul uma zona de paz e de cooperação, livre da corrida armamentista, dos conflitos e das tensões geradas em outras regiões e também sem armas

atômicas. Foi uma importante vitória política para os nossos países da região. Vitória esta iniciada pelo Brasil.

Também quero registrar o falecimento, que todos nós lamentamos, do Presidente Samora Machel, de Moçambique. Moçambique, um país que também fala português e que teve uma história muito parecida com a do Brasil, é um país que desperta um grande interesse de nossa Pátria, de raízes comuns. Faleceu o Presidente de Moçambique, Samora Machel, que também era um grande líder da África, desta grande África com que o Brasil tem tantas ligações. Eu tive a oportunidade de conhecer o Presidente Samora Machel, que me visitou no hotel em Nova Iorque e que me fez referências muito elogiosas ao nosso País e sobre a necessidade de estreitarmos a amizade e a cooperação com Moçambique.

Agora, como faço todas as semanas, devo lembrar as datas comemorativas.

Dia 3 é o Dia do Prefeito. Os importantes líderes comunitários, um dos primeiros degraus da carreira de muitos dos nossos homens públicos. Aos prefeitos do Brasil, que eu sei tão bem o quanto eles sofrem, o quanto eles lutam na base, o abraço e a solidariedade do Presidente da República.

Dia 4 é o Dia do Publicitário, uma categoria profissional que é caracterizada sobretudo pelo maior realce que teve quando surgiu o processo de desenvolvimento econômico. Eles tornaram a propaganda, sobretudo a propaganda brasileira, uma das mais premiadas e respeitadas de todo o mundo. Nosso abraço a eles.

Também dia 4 nós estamos lembrando os trabalhadores das minas de carvão, esses sacrificados e bravos homens desse duro ramo da mineração. A esses mineiros de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul, uma saudação especial.

E devo lembrar que nesta eleição o povo está readquirindo, cada vez mais, a sua noção de cidadania. Uma cidadania que começa com as conquistas da Nova República. Começa também com o saneamento do alistamento eleitoral, o novo título que neste instante, todos, no Brasil inteiro, estão recolhendo.

07.11.86 Eleições no Brasil inteiro para governos dos estados e dos constituintes. Correções que tiverem de ser feitas serão feitas. Plano Cruzado abriu mercado para mais 33 milhões de novos consumidores.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney.

Esta é mais uma sexta-feira que estamos juntos, para conversar com o povo ao pé do rádio sobre os nossos problemas.

Esta é a última semana antes da eleição, que deverá ocorrer no próximo sábado, dia 15.

Ela será a segunda eleição que eu presido como Presidente da República. A outra foi a eleição dos prefeitos das capitais e municípios de segurança nacional. Graças a Deus, como na eleição passada, ocorre nesta eleição um clima de absoluta normalidade.

O País respira liberdade com ordem, dentro do jogo da democracia.

O povo ouve, julga e decide em todos os recantos da nossa Pátria; avalia os méritos e começa a escolher os seus candidatos.

A grande festa da democracia, portanto, está em nossas ruas. Em todos os estados, em todos os rincões do Brasil. E não devemos nos esquecer que o Brasil é o segundo país do mundo democrático, com 70 milhões de eleitores.

Esta eleição tem também um aspecto importante e singular na história brasileira contemporânea. Ela vai escolher aqueles que irão elaborar a nova Constituição.

Esta Constituição será legitimada pela escolha popular, com o seu voto. Lembre-se bem, com o seu voto.

Eu, como Presidente do Governo da Nova República, formado pela Aliança Democrática, tenho o dever de dizer que presido um Governo político, que, portanto, tem suas preferências dentro dos quadros que lhe dão sustentação. Ele torce, sem dúvida, pelos candidatos da Aliança. Mas, em nenhum instante, o Presidente desceu das responsabilidades do seu cargo para empenhar-se em disputa eleitoral, com o comprometimento de sua autoridade.

O Presidente sabe que se tivesse tal atitude, não ajudaria o País. E eu desejo somente servir ao meu País.

Desejo lembrar os perigos da contra-informação e da sabotagem, nestes tempos de paixão na hora da disputa eleitoral. Todos conhecem o provérbio popular de que «em tempo de guerra, a mentira como terra». É hora de reafirmar, portanto, algumas posições:

A eleição em nada vai influir nas decisões do Governo. O povo apóia o Governo, porque este foi capaz de tomar decisões em favor do povo. E o Governo vai continuar tomando decisões em favor do povo, para melhorar a sua vida, brasileira e brasileiro que me ouvem.

Assim, o congelamento vai continuar. Porque seria uma loucura acabar com o controle dos preços. Seria o caos. Poríamos por terra tudo o que conquistamos e entregaríamos, sem dúvida, o País aos especuladores. E isso jamais nós faríamos.

As correções que tivermos de fazer são aquelas que já fizemos e outras que forem necessárias. Nada é perfeito. A economia tem sempre que ser administrada. Mas o Plano Cruzado deu certo.

Hoje, os brasileiros e brasileiras que me ouvem sabem que existem milhões de consumidores que participam do mercado, que tiveram a sua vida melhorada, graças ao Plano Cruzado, que ajudou os mais pobres.

Acabo de ler, em um grande jornal do País, uma pesquisa entre os 33 milhões, vamos lembrar, os 33 milhões de novos consumidores. O documento afirma que o que todos desejam é cristalizar, isto é, manter as conquistas realizadas.

Este Governo, portanto, não é de demagogia, que prega soluções fáceis para problemas difíceis. Este Governo tem o que mostrar: a mudança do País. A transformação que se operou. A devolução, ao povo, do seu destino. Governo que teve a coragem de decidir, que teve a coragem de enfrentar. Que tem como conduta a austeridade, o respeito pelo povo e a visão do futuro.

As urnas estão, portanto, se aproximando e o povo julgará. Certamente, ele vai escolher o melhor caminho, livremente, somente submetido à sua consciência.

O nosso povo é sábio. Tem demonstrado muitas vezes que é um povo sábio, bom.

Você, brasileira e brasileiro, está exercendo com o seu voto o grande direito da cidadania. Com o título novo, com a Nova República e com os novos tempos, você está ajudando a construir um novo País. Vamos, assim, trabalhar juntos, comunidade e Governo.

14.11.86 Eleição é prova de democracia. Brasil cresce em todos os sentidos. Confiança no País.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala, mais uma vez, na nossa conversa ao pé do rádio, o Presidente José Sarney.

Amanhã, 15 de novembro, é o grande dia da eleição. É, também, o aniversário dos 97 anos da Proclamação da República.

Há quase um século, o Brasil luta para construir instituições políticas fortes, capazes de assegurar os direitos do povo, esse povo brasileiro que deseja viver, progredir e trabalhar em paz e em liberdade. O caminho do País não tem sido fácil. Mas ele tem vencido todas as dificuldades e, hoje, podemos nos orgulhar de ocuparmos um lugar de destaque no mundo. Somos o maior país do Hemisfério Sul e o grande país do mundo em desenvolvimento.

Podemos nos orgulhar de termos conseguido, nessa Pátria, uma democracia racial, uma democracia religiosa também, sem esquecer que somos o maior país católico. Temos um povo extraordinário que em todas as crises tem demonstrado imensa capacidade de encontrar soluções. Outros exemplos que podemos dizer para a nossa satisfação: o Brasil foi o país que mais cresceu no ano passado, também no mundo ocidental. E depois do Japão e da Ale-

manha, fomos o país que teve o melhor desempenho no seu comércio internacional. Tudo isso representa melhoras para cada um dos brasileiros.

Aqui dentro, os números são realmente números que podem nos deixar otimistas. Criamos um milhão e meio de novos empregos. Trinta e três milhões de novos consumidores surgiram no mercado, em diversas faixas. Gente, que não comprava, passou a comprar. O povo teve melhor condição de vida. Os salários aumentaram o seu poder de compra e o Governo teve a coragem de implantar o Plano Cruzado, que será mantido a qualquer custo.

Será mantido o Plano Cruzado também para consolidar as conquistas sociais dos mais pobres, porque, pela primeira vez no Brasil, o Presidente tem como meta, justamente, proteger os mais pobres, dar continuidade aos programas de governo que nas áreas mais carentes de todo o Brasil estão ajudando o povo.

Hoje 70 por cento da nossa população vive em cidades. E o Brasil foi capaz de construir grandes obras, de norte a sul.

Somos um país moderno. Chegaremos ao século XXI entre os primeiros. Isto tudo sem perder a nossa identidade cultural, que somos um país da convivência, um país do diálogo, um país de gente simples.

Você, trabalhador, você, trabalhadora, homem do campo, dona-de-casa, todos que estão começando o dia, tenhamos a consciência de que, independentemente de classe, de posição política, temos, todos nós brasileiros, um ponto de unidade: é o orgulho do Brasil, este grande país, nossa Pátria, que merece nessa data uma palavra de amor de cada um de nós. E o Presidente, igual a todo e qualquer cidadão, se integra não só nesse sentimento como também nas responsabilidades que, amanhã, todos nós teremos na escolha daqueles que irão nos ajudar na tarefa comum de enfrentar os problemas de governo, quer como governadores, deputados e senadores.

É este, portanto, o Brasil que amanhã, pelo voto de cada um de nós, vai marcar um importante passo no caminho do futuro.

21.11.86 Eleições foram exemplo de civismo e prova de maturidade do povo brasileiro. Garantia de desenvolvimento.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney.

Esta é a nossa primeira conversa ao pé do rádio, depois das eleições de 15 de novembro.

Você que me ouve, que votou, saiba que foi comovente o exemplo de civismo vivido pelo Brasil com a sua participação.

Você, que nos lugares mais distantes, de canoa, a pé, a cavalo, de caminhão, de ônibus, de automóvel, de bicicleta, saiu para eleger o seu candidato, saiba que esse ato foi uma presença fundamental na construção da democracia brasileira.

O cidadão unido, num grande mutirão patriótico, todos, grande povo, como um só povo, para escolher o governo do seu estado, de suas Assembléias, da Câmara dos Deputados, do Senado Federal, da Assembléia Nacional Constituinte.

Todos iguais, como acontece nas democracias, com o mesmo voto, votando bem, pelo bem do Brasil. É hora, portanto, de agradecer. A gratidão é a memória do coração. Por isso aqui estou, para agradecer. Devo reconhecer que a vitória esmagadora dos candidatos que apóiam o

Presidente foi a maior da história do Brasil. Mas esse fato faz com que aumentem minhas responsabilidades, justamente porque significa uma confiança de você, brasileira, de você, brasileiro.

Por isso quero dizer a todos que me ouvem que vamos continuar as mudanças. Vamos continuar com a prioridade pelos pobres. Vamos continuar lutando contra as injustiças. Vamos continuar promovendo o desenvolvimento. Vamos continuar produzindo mais alimentos. Vamos continuar criando mais empregos e vamos continuar garantindo a liberdade que é essencial e fundamental para todos nós. Vamos continuar com um governo austero, sério, honesto, trabalhador, voltado exclusivamente para os interesses do povo brasileiro.

A paz, a tranqüilidade social, a estabilidade política e econômica e a segurança da sociedade, tudo isso, depende da capacidade do Governo em dar combate à fome, à miséria, distribuindo melhor a renda.

Tomaremos nestes dias algumas medidas que se destinam ao controle da economia, à preservação do Plano Cruzado, do congelamento, da vigilância sobre os preços.

Confiemos porque o Governo estará ao seu lado, como tenho dito, uma vez que me sinto um servidor da nossa Pátria, igual a qualquer um, apenas com encargos maiores.

28.11.86 Balanço do Plano Cruzado mostra benefícios em números positivos. Luta contra o ágio e o desabastecimento. Alterações no Plano não prejudicam área social. Cumprimento do dever.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala, mais uma vez, o Presidente José Sarney.

Como reiteradas vezes afirmei, neste programa, fui obrigado a tomar algumas medidas para preservar as conquistas do Plano Cruzado.

São medidas que não são agradáveis. Se eu pudesse não ter de tomá-las, não as teria tomado. Contudo, elas foram necessárias e inadiáveis. Vamos recordar: O Plano Cruzado visou a três pontos: acabar com a inflação que se alimentava da própria inflação — essa inflação estava, em fevereiro, na ordem de mais de 300%. O Plano Cruzado deu certo. A inflação acabou; acabou a correção monetária e o crescimento dos preços ficou reduzido a 1% ao mês. E sem falarmos na inflação acumulada em cerca de 9%.

Nestes nove meses, o Plano Cruzado visava restaurar o desenvolvimento econômico, restaurar o crescimento do Brasil. O Brasil cresceu no ano passado e este ano está crescendo cerca de 10%. Isto significou o mais baixo nível de desemprego, o mais alto nível de emprego. Todo mundo passou a encontrar trabalho, todo mundo passou a trabalhar e a viver do seu salário.

O Plano Cruzado visou, também, a melhorar a renda do assalariado. Essa renda melhorou. Nunca, na História do Brasil — você que está me ouvindo sabe — esta renda cresceu tanto. O poder de compra aumentou grandemente, mais de 33 milhões de brasileiros passaram a ser novos consumidores em diversas faixas do mercado. O Plano Cruzado visou a controlar os preços, acabar com a remarcação, banir a especulação. Todos nós, que temos memória, sabemos que isso aconteceu.

O congelamento foi feito. O congelamento aí está e o congelamento vai continuar.

Mas nós tivemos, nestes meses, de lutar bastante, porque duas grandes forças se conjugaram, desde o princípio, para acabar com o Plano Cruzado: os especuladores, que desejavam preços livres, e algumas lideranças radicais, que passaram a fazer greves em setores produtivos, a exigir aumentos absurdos e também visando acabar com o congelamento, achando que a política de terra arrasada é a melhor política para objetivos eleitorais. Nós resistimos e resistimos muito.

Mas o Plano Cruzado sofreu com a falta de produção, com a ausência de investimentos, o que provocou ágios, escassez de mercadorias e ação dos especuladores. Assim, o Plano Cruzado passou a sofrer uma grande ameaça. Por isso, nós tivemos que ajustar preços, para evitar uma demanda por mercadorias que não existem. Porque, não tendo aumentado a produção e aumentando o número de pessoas que demandam essas mercadorias —, o que na realidade se está fazendo é aumentar o ágio, colocando dinheiro na mão dos especuladores que estão fazendo esse jogo.

Vamos fazer agora alguns comentários sobre as medidas tomadas. Por exemplo: a gasolina no Brasil, mesmo com aumento, ainda é uma das mais baratas do mundo. E nós aumentamos para não aumentar o óleo diesel e o gás de cozinha, porque estes atingiriam o preço dos transportes coletivos e o orçamento das pessoas mais pobres.

A energia elétrica, que também sofreu um aumento de tarifa, não atingiu os mais pobres. As camadas mais baixas não tiveram aumento de energia.

Também nos recusamos a aumentar e reajustar a tarifa do trigo. Por quê? Porque o trigo iria atingir o pão do pobre.

Também nos recusamos a fazer o empréstimo compulsório. Por quê? Porque o empréstimo compulsório atingiria todas as pessoas em determinadas faixas de renda.

Também nos recusamos a aumentar o imposto de renda. Por quê? Porque ele incidia sobre as mesmas pessoas. Quando se diz que nós estamos também contra a classe média, nós nos defendemos lembrando que não fizemos recair sobre a classe média esses dois itens de que acabamos de falar: o compulsório e o imposto de renda, que a puniriam gravemente.

Mas nós temos necessidade de aumentar a produção. Aumentar a produção de energia elétrica para continuarmos crescendo. Nós estamos ameaçados de racionamento. E você não pode, pela imprevidência do Governo de hoje, ter amanhã de perder o seu emprego porque novas indústrias não se instalaram, por falta de energia. Por falta de racionamento, a indústria em que você trabalha tem que diminuir a sua produção e você corre risco de perder o seu emprego.

O Brasil está crescendo. Os brasileiros estão tendo renda maior. O País está em paz. As instituições se consolidaram.

Quem destruir o Plano Cruzado, que com tantos sacrifícios procuramos implantar, está procurando destruir o nosso País. Você, brasileira, você, brasileiro, nos ajude a não permitir que isso aconteça. O Presidente tem repetido: sou um homem que só quero cumprir com o meu dever.

O Governo não se exerce em favor de grupos ou de classes. O Governo tem responsabilidades para com toda a nação. As medidas econômicas, por mais difíceis de tomar que tenham sido, foram determinadas pelas circunstâncias. Buscam ajustar os recursos da nação a seus compromissos internos e externos, sem o sacrifício dos que já não podem sacrificar-se. A parcela de brasileiros mais pobres que está sendo atingida pelos nossos programas sociais: o programa do leite; o da alimentação; a direção nos programas de

saúde pública, todo o esforço que o Governo tem feito em favor dos pobres.

Esses pobres que não têm sequer a oportunidade de protestar contra a iniquidade de que eles são vítimas históricas. Esta classe está protegida dos efeitos das medidas porque, desde o princípio, tenho afirmado que o Governo coloca a prioridade nos mais pobres.

Os que têm mais recursos, os que mais podem, inclusive os que se dizem defensores dos trabalhadores e são aqueles que ganham salários mais altos, são justamente os que estão procurando destruir o Plano Cruzado, destruindo a confiança que todos nós temos nele, na condução dos problemas econômicos. Condução de problemas econômicos, desenvolvimento do País que não pode ser feito sem pelo menos uma parcela mínima de sacrifício. O Plano Cruzado, portanto, é um patrimônio dos mais pobres. Você, que é dos mais pobres, sabe que as medidas atuais não lhe tiraram nada. Os que mais têm não podem se recusar. Seria impatriótico recusar ajudar aos que menos têm. É difícil, eu sei hoje, ajudar os mais pobres. Mas, mais difícil ainda será o país que não tolera a ajuda aos mais pobres.

O Governo respeita o direito de divergência, enquanto manifestado dentro da lei e da ordem. Mas, no dever de preservar a paz, eu não posso tolerar qualquer abuso no eventual exercício das discordâncias. Tive oportunidade de dizer ontem, no Congresso Latino-Americano de Indústria, que uma só coisa o Presidente da República não tem o direito de fazer: é fugir ao cumprimento do seu dever.

E eu não fugirei.

05.12.86 Confiança no País. Afastado risco de recessão. Os inimigos do cruzado. Nível da poupança. Racionalização da administração. Cumprimento do dever.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui estou, para algumas reflexões com vocês.

Uma série de incompreensões criou perplexidades e muitas reações sobre as últimas medidas tomadas pelo Governo.

Venho trazer uma palavra de tranqüilidade a esse respeito. Nada de derrotismo. Nós estamos enfrentando dificuldades, é bem verdade, mas tenho certeza de que nós sairemos de todas elas. O Brasil não vai caminhar, de nenhuma maneira, para nenhum despenhadeiro.

Hoje, o Brasil é o país que mais cresceu no mundo: 8%. Este ano nós vamos crescer mais de 10%. Em dois anos, quase 20%. Esta é uma taxa fantástica. Outro dia, eu ouvi aqui no Palácio, do grande economista John Kenneth Galbraith, os maiores elogios sobre o desempenho da economia brasileira. Os assalariados, também para continuar com os números, que são verdadeiros, obtiveram ganhos reais de 30%. Tivemos o ingresso de mais de 30 milhões de novos consumidores, em várias faixas do mercado. Fizemos a maior distribuição de renda da História brasileira. Saímos da recessão, a recessão que era o grande espantalho, a recessão que significa falta de emprego, falta

de tudo, que significa fábrica fechada, que significa miséria, que significa fome. Voltou a paz nacional, voltou o otimismo, o povo passou a ter alegria, a respirar liberdade em todos os cantos do Brasil. Consolidamos a democracia.

O nosso Plano Cruzado teve, desde o princípio, grandes inimigos. Os radicais conhecidos, que, por motivos políticos, logo de saída, viram nele arrocho salarial — foi a campanha que fizeram —, viram recessão; convocaram greve geral quando o Plano foi decretado.

Hoje eu verifico que essas mesmas forças falam de novo em greve geral, justamente para quê? Para defender as conquistas do Plano Cruzado, que eles antes negaram e atacaram.

Outros inimigos que nós tivemos foram os especuladores. Estes jamais nos perdoaram. Aqueles que não se conformavam com o controle de preços, aqueles que tinham perdido o ganho fácil.

Nós não vamos ser derrotados pelos nossos inimigos. O ágio, a alta vertiginosa dos juros, o câmbio negro do dólar e de mercadorias, a crise do comércio exterior, surgida, dramaticamente, em outubro e agravada nas duas primeiras semanas de novembro, determinando a queda de nossas reservas, e a diminuição, a um nível crítico, de nossas exportações, a crise de abastecimento, e a sonegação de gêneros, abalaram grandemente o Plano Cruzado, necessitando uma correção imediata.

Sou um homem de Estado, que tem que ter a visão global dos problemas. Tenho que olhar a floresta e não a árvore, receber sugestões e fazer opções. Escolher o melhor caminho, o melhor rumo. O *pacote*, como é chamado, não é somente aumento de alguns preços, como se tentou passar para a sociedade. Ele tem uma filosofia. A área econômica é conduzida por homens competentes que formularam durante muitos anos a política econômica da resistência democrática ao autoritarismo. Pedi que eles ampliassem ao necessário a margem de consultas, conversassem. Não adotei uma decisão solitária. Assim, eu desejo tranquilizar o País. Nós escolhemos o caminho que era o caminho melhor, o único caminho que nós tínhamos.

As medidas vão evitar dificuldades maiores. Elas fortificam a nossa economia na negociação da dívida externa.

O segundo conjunto dessas medidas visou a aumentar o nível de poupança, através de medidas fiscais, único instrumento de que o Governo dispõe para evitar que se crie uma corrida por um consumo artificial que se criou, a procura de bens que a produção não tem capacidade de atender a curto prazo, e que dá margem justamente ao ágio e ao câmbio negro.

O terceiro conjunto de medidas — e foram muitas medidas — destinou-se a racionalizar a máquina administrativa e aumentar sua eficiência.

Nosso objetivo não é despedir ninguém.

Eu sempre tenho dito, reiteradas vezes afirmado, que o problema do Brasil não é o número de funcionários. O Brasil é até um país, para seu tamanho, que tem um número de funcionários compatível. O que nós queremos é racionalizar o aproveitamento dessa gente, para que os funcionários da máquina administrativa possam prestar à nossa sociedade os serviços de que a nossa sociedade necessita — e paga para ter esses serviços.

A Constituinte está aí. É uma hora extraordinária para que isso possa acontecer. É uma hora de somar esforços — e não dividir.

Nós estamos tratando da dívida externa. Vamos negociá-la, mas sem jamais negociar o crescimento, o emprego do povo, o nosso progresso. Confiam no Presidente!

Eu estou procurando fazer o melhor. Estamos numa democracia. A discordância sempre existe, mas, o método de divergir, de discordar, não é o método da violência. É o do diálogo. Convencer pelo argumento e não pela força.

Eu, de minha parte, vou cumprir com o meu dever serenamente. Não permitirei jamais que o caos possa envolver o País. Posso sofrer incompreensões, mas, porque estou agindo com correção, com seriedade, vão me fazer justiça. Eu, o que quero, o que desejo, a aspiração que tenho, a única ambição é de servir ao meu País. E só uma coisa o Presidente não tem o direito de fazer: deixar de cumprir com o seu dever.

Eu, fiquem certas as brasileiras e os brasileiros, cumprirei com o meu dever. Para isso Deus não me faltará com a sua graça. E você, também, tenho certeza, jamais me faltará com sua compreensão.

12.12.86 Pacto social, solução na transição.
Prêmio UNICEF. Campanhas e
programas sociais. Apoio à infância
carente. Mercado Comum Latino-
Americano ganha força.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney.

Esta semana convoquei ao meu gabinete o Ministro Almir Pazzianotto e dei-lhe a missão de tentar mais uma vez a idéia de um pacto social, um entendimento, um acerto, entre os diversos segmentos da sociedade, para encontrarmos soluções de consenso para os nossos problemas.

O meu desejo é acertar, e para isso peço a colaboração de todos. A idéia do pacto não é nova, nem inédita. Não é inédita porque ela foi o instrumento que possibilitou a transição na Espanha. Ela foi executada na Grécia, em Portugal, na Itália, em Israel.

Sentam-se a uma mesa, trabalhadores, industriais, segmentos políticos, sem exclusão de ninguém e com pauta aberta. Acertam-se como resolver os problemas. Evita-se o desgaste de soluções que podem ser acusadas de isoladas. É uma posição democrática e de sensibilidade do Governo! A idéia também não é nova, porque desde que assumi venho tentando esse caminho. Um ano preguei no deserto. Espero que agora possa frutificar.

Neste momento, depois das eleições, renovamos a proposta. As democracias no mundo moderno são cada vez

mais democracias consensuais, isto é, compactuadas, de soluções que sejam a média dos interesses de todos.

Mais uma vez insisto: a hora é de somar, não é de dividir. Ninguém tem sido mais aberto, mais adepto do diálogo do que eu. Eu acho que o diálogo é criativo e construtivo. O Ministro do Trabalho está encarregado e vai procurar todos os segmentos da sociedade para colaborar nessa grande missão. A Constituinte será uma oportunidade para consolidarmos, em texto definitivo, as linhas metras desse consenso.

Vamos trabalhar em paz, juntos, exercitando o convívio democrático, porque este é o caminho da liberdade. A violência nada constrói. É um instrumento da irracionalidade, das soluções de força que tanto mal têm feito aos povos.

O desejo de encontrar a paz social está na linha mestra de todos os meus atos, que visaram à prioridade para o social e a escolha da opção pelos mais pobres. Ontem, recebi o prêmio da UNICEF, que é a Agência da ONU que trabalha pela criança no mundo inteiro. Uma honra, uma alegria. Qual o motivo? O trabalho que o Brasil realiza no setor social.

Vamos chegar este mês a 3 milhões de litros de leite distribuídos por dia às crianças carentes. Aí estão as campanhas das creches que dobraram, do programa Primeiro, a Criança, da LBA, e a minha afirmativa de que o Brasil começa na criança. O Programa do Bom Menino, outra iniciativa, irá colocar fora das ruas mais de um milhão de menores abandonados.

* * *

Esta semana também foi de muito trabalho. Durante três dias recebi o Presidente Raúl Alfonsín, da Argentina, e juntos demos continuidade ao projeto de criar o Mercado Comum Latino-Americano. É uma iniciativa diplomática nova, histórica que visa a nos libertar das dependências, ficando os nossos países mais fortes, menos vulneráveis. O Presidente do Uruguai, Dr. Julio María Sanguinetti, também se juntou a nós, e aqui veio, para esses acordos memo-

ráveis que marcam a presença da Nova República num novo tempo na América.

Hoje, também, estarei em João Câmara, no Rio Grande do Norte, para levar minha solidariedade aos brasileiros pobres e sofridos do Nordeste, daquela área, que agora foram vítimas de terremotos e que precisam do apoio moral e material do Governo. Eles estão assustados, temerosos, vivendo instantes de angústia. Estarei a seu lado nesta hora.

É trabalhando que cumpro o meu dever e espero sempre, com a seriedade com que encaro minhas funções, receber o respeito das brasileiras e brasileiros que me ouvem.

Fé no Brasil!

19.12.86 Confiança no País. Apelo ao diálogo e entendimento. Reunião ministerial faz balanço e traça rumos. Estradas são recuperadas. Educação e programas sociais. Política externa. 1986, ano de conquistas a preservar.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui, mais uma vez, vos fala o Presidente José Sarney.

Nossa conversa ao pé do rádio desta sexta-feira começa louvando o nosso povo pela sua capacidade de solucionar problemas. Sabemos que na última semana tivemos acontecimentos graves, em que se tentou mobilizar o povo para um movimento de protesto e pessimismo sobre o presente e o futuro do País. A Nação, contudo, disse não. O instante, para repetir, é de somar e não de dividir. O Brasil está atravessando um dos momentos de maior crescimento de sua história.

Hoje, passo por cima desse assunto, que é uma página ultrapassada, e porque considero que a democracia não é feita nem de vencidos e nem de vencedores. Todos nós somos irmãos e devemos acreditar que todos desejam a melhoria do nosso povo. E a melhor linguagem para encontrar caminhos é a linguagem do diálogo. Estamos, por isso mesmo, propondo, no sentido de unir esforços, um Pacto Social para, justamente, encontrar decisões que sejam a média do interesse de todos os brasileiros.

O Governo, o nosso Governo, é o mesmo. Humilde, austero, severo, mas não tem o dom de se considerar que é proprietário da verdade absoluta.

Estamos prontos a ouvir, a dialogar e a receber sugestões.

Outro assunto: quarta-feira, realizamos aqui, no Palácio do Planalto, a mais longa reunião ministerial da História do Brasil. Trabalhamos durante 12 horas. Das 9 da manhã até quase as 10 da noite. O Presidente, com todos os ministros, analisando programas, projetos, diretrizes, avaliando o que foi feito em 1986 e procurando traçar os rumos sobre o que nós vamos fazer em 1987. Foi uma reunião muito proveitosa em que foi possível termos uma visão global do grande trabalho que está sendo feito em todos os setores e da tarefa gigantesca que cabe ao Presidente da República.

Neste ano de 1986, o problema econômico foi predominante e abrangente. Quase tudo girou em torno desse problema. Todas as atenções foram voltadas para ele. Não tivemos, assim, como visualizar os outros ângulos do Governo, que foram atacados em todos os setores, onde tivemos realizações excepcionais.

O povo não ficou sabendo o que se fez neste Brasil imenso, de grandes problemas, neste ano. Mas eu posso dizer que foi feito muito e este ano corresponde a um dos anos mais realizadores da história do Brasil.

Nos setores dos transportes, por exemplo, foram recuperados mais de 6 mil quilômetros de estradas. Conservamos outros 20 mil quilômetros de estradas. Aparelhamos portos, estradas de ferro, abrimos novas estradas, buscamos novos problemas para atender o crescimento do País.

Nas áreas de saúde, grandes campanhas. Na área de educação, previdência, urbanismo, irrigação, administração, em todas elas, o esforço foi imenso.

Duzentas novas escolas técnicas, livro didático a todas as crianças — 40 milhões de livros didáticos —, merenda escolar em 270 dias no ano, também merendas distribuídas aos irmãos dos alunos, os irmãos pequenos. Isso, sem falar no grande programa social da LBA, o Programa da Secreta-

ria Especial de Assuntos Sociais, com distribuição de alimentos, distribuição de leite; enfim, saneamento, esgoto, casas, prosseguindo bem o programa de 3 milhões de hectares irrigados, um trabalho sem descanso.

Por isso mesmo a gente vê que o Governo tem que atender a tudo. Desde o setor de transporte, agricultura, prioridade social, cidade, campo, política internacional, onde o Presidente tem que estar presente nas relações do Brasil com o mundo inteiro, como aconteceu com o nosso grande Programa de Integração na América Latina com a Argentina, com o Uruguai, política com a África, com o Atlântico Sul, com a América Central, com os Estados Unidos, com a Europa, enfim, toda a gama de problemas com o mundo inteiro, que compete ao Presidente conduzir, com um país como o Brasil, que é um grande país com responsabilidades hoje no mundo inteiro.

E também a política interna, onde nós construímos, neste ano, a democracia brasileira, com a liberdade e com as eleições, estas extraordinárias eleições, que levaram às urnas mais de 70 milhões de brasileiros.

Em todos os lugares, um País imenso, com grandes dificuldades.

Temos que tratar das áreas pobres e das áreas ricas. Áreas desprotegidas e áreas altamente povoadas. A tudo o Governo tem de atender, tem de estar presente. Nenhum problema deixa de ser seu e deixa de bater às portas do Palácio do Planalto. Todos apelam, às vezes protestam, exigem soluções. Sabe Deus o que nos tem custado atender a essa demanda. Procurar cumprir com o dever e servir ao País.

Na reunião, a que aqui estou me referindo, cada ministro fez uma exposição justamente sobre os programas realizados e sobre os programas do futuro. Em seguida, o Presidente traçou as nossas diretrizes.

Ao encerrar essa reunião, eu tive a oportunidade de dizer que pedi a Deus que nos desse um ano feliz em 1987. Mas, se Ele não nos quisesse dar um ano mais feliz, que nos desse um ano igual a 1986, pois foi um ano em que a sua bondade protegeu bastante o Brasil e protegeu bastante

o Governo. Foi um ano bom. O ano do Plano Cruzado, histórico Plano Cruzado, que mudou o Brasil, melhorou a vida das pessoas e que agora no seu desdobramento nós temos que garantir as suas conquistas.

E, para encerrar, eu disse, naquele momento, que o Brasil já tinha tido certamente muitos presidentes mais cultos, mais inteligentes, de maior densidade política, de maior descortino do que eu. Mas eu podia afirmar, com toda a sinceridade, pela vontade com que estou dedicado à minha tarefa, que eu podia dizer que nenhum Presidente teve mais do que eu tanta vontade de acertar e de servir ao Brasil e ao povo brasileiro, principalmente aos mais humildes.

E aqui vou encerrando este programa. Ao povo do meu País, brasileiras e brasileiros, o meu afetuoso abraço e o agradecimento por tudo que todos têm feito por mim, com a amizade, com o apoio, com a ajuda e com a oração.

26.12.86 Mensagem de Boas-Festas e Feliz Ano-
Novo. Palavras de solidariedade ao
povo brasileiro. Fé e confiança no País.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Começo esta mensagem ficando junto de quem está só. Sem família, sem amigo, mergulhado no silêncio e na solidão das horas, na noite de Natal e de Ano-Novo.

A todos, a minha mão de Presidente, para ficar a seu lado e dizer que ninguém ficará só, se tiver Deus no seu coração.

A festa do Natal tem sempre este significado.

Uma palavra, também, àqueles que estão nos asilos, os nossos velhos e as nossas velhinhas, fora das ruas cheias e do piscar das luzes das cidades enfeitadas. Aos doentes, que nos leitos dos hospitais vêm o tempo escapar. Aos que sofrem, que não têm o que comer, nem onde morar, aos que, sem abrigo, estão ao relento das estradas.

Falo ao guarda noturno, ao lavrador esquecido em nossas matas, à sentinela no plantão de nossas fronteiras, à freira humilde, de mãos postas, orando pela humanidade, a todos os que, em qualquer lugar, em qualquer função, na prece do trabalho, ajudam a fazer funcionar a máquina do mundo.

Pensem, eu, vocês, brasileiras e brasileiros, pensemos nos pobres, nos infelizes, nos que têm sede de justiça,

e façamos todos uma corrente de solidariedade, de vontades para um Brasil mais justo e um mundo melhor.

Sei que todos desejam que a cada Natal avancemos mais, pedindo paz, fraternidade, concórdia, e o espaço democrático de convivência humana e sábia que soubemos construir.

O Natal tem a comandar nossos corações o sorriso e o olhar de nossas crianças. É nesse olhar que está a verdadeira alma do Natal. A verdadeira alegria desta data de sonhos e de esperanças.

O Brasil começa em nossas crianças e continua no nosso povo.

Peço a Deus uma graça especial para cada um, brasileira e brasileiro, que me ouve. Peço melhores condições de vida. Peço que tenhamos o sentimento de perdão. O afastamento da revolta e dos riscos, da intolerância e da violência. E peço a paz, a paz interior, a paz cristã, porque a paz cristã é a garantia da tranquilidade, do amor, da esperança.

Eu quero agora, finalmente, pedir que nas orações de todas as famílias brasileiras, agora reunidas, lembrem-se do Presidente.

Tenhamos fé, agradeçamos a Deus o ano de 1986 e vamos construir juntos um vitorioso ano de 1987.

1987

09.01.87 Retomada do desenvolvimento.
Indústria e produção crescem. Inflação
cai. Repúdio ao pessimismo. Negociação
da dívida externa soberanamente.
Servidores ganham 13.º salário. Respeito
à liberdade de culto.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala mais uma vez o Presidente José Sarney em nossa primeira conversa ao pé do rádio neste ano de 1987.

Renovo a todos os meus votos de êxito e de felicidade.

Chegamos ao fim de 86 mantendo o nosso País, o nosso Brasil, com o recorde de crescimento, cerca de 12%, no setor industrial.

Chegamos também ao fim do ano passado com a menor taxa de desemprego dos últimos anos.

Chegamos ao fim do ano passado com o crescimento econômico retomado e todas as vantagens decorrentes desse fato.

Chegamos com o salário real crescendo.

São dados insuspeitos do DIEESE, que é um órgão que calcula a economia para os trabalhadores — como exemplo —, que no mês de dezembro tivemos taxa de crescimento de emprego e do ganho real do trabalhador. O desemprego em São Paulo caiu para 8.2 e os rendimentos médios subiram 12%. São fatos, não são palavras apenas.

Vamos dar outros números para vocês.

Critica-se muito que o Governo não tem cumprido a sua parte no que se refere à diminuição dos gastos públicos. Pois bem, no ano de 1985 o gasto do Governo foi de 3.9 do Produto Interno Bruto; em 1986, o ano que terminou, estes gastos caíram para 2.5 do Produto Interno Bruto. Quase a metade da taxa de 85. A inflação, que em 85 foi de 235,11%, caiu em 86 para 22,8% pelo IPC. Cerca de 10 vezes menor do que no ano anterior. E o Índice Geral de Preços foi de 46,67%, incluindo janeiro e fevereiro, meses anteriores ao Plano Cruzado. Tivemos em 86 um saldo positivo na balança comercial de 10 bilhões. Um crescimento do nosso PIB da ordem de 8%.

Esses dados são dados importantíssimos. Nenhum país do mundo teve um desempenho igual ao desempenho do Brasil, que além de problemas econômicos teve de conviver com os problemas institucionais.

E posso anunciar aos brasileiros que as nossas projeções para 1987 são de manter o crescimento econômico entre 5 e 7%. Manter a taxa de emprego. Manter o saldo de 10 bilhões de dólares na Balança Comercial. Continuar o processo de consolidação da democracia. Fazer uma Constituição que assegure os direitos sociais e as liberdades democráticas. Manter em 1987 a prioridade pelos pobres e não recuar diante das pressões internas e das pressões externas.

Mas não bastam os bons resultados para deter o pessimismo que tem sido espalhado e que alguns setores alardeiam desde o primeiro dia do meu mandato. Estas vozes, dia e noite, semeiam o desânimo e anunciam o desastre. Graças a Deus o Brasil não vai conhecer esse desastre.

É claro que nós temos problemas. Qual o país que não tem problemas no mundo? Mas o Brasil, com os seus recursos humanos, os seus recursos naturais, com a nossa determinação, não tem por que ter medo do futuro. Nós estamos aqui para administrar problemas. Governo não existe para ficar de braços cruzados. Nós temos problemas graves, como sabem. Nós temos o ágio. Temos os problemas dos preços. Temos os dos especuladores. Temos os dos gananciosos.

Como eu já disse, a economia não é geometria. Ela tem que ser ajustada dia a dia e o Governo tem que ficar permanentemente resistindo a interesses poderosos que muitas vezes não olham o Brasil e olham os seus próprios interesses. Por outro lado, devo dizer que nós estamos numa fase de negociação da dívida externa que vai começar no dia 19 e isso traz para dentro do nosso País as pressões que nós atravessamos lá fora para nos criar a situação de sentar na mesa enfraquecidos. Isto não vai acontecer e não nos intimidará!

Para que se verifique o grau de exaltação a que chegou esse estado de espírito basta ver que dirigentes empresariais, que felizmente não expressam o pensamento da classe, num momento em que se procura consolidar o estado de direito no Brasil, o regime da lei, pregam a desobediência civil, a anarquia.

Eu acho que mais paciência tem tido a grande massa de trabalhadores brasileiros, o povo pobre mais sofredor, com índices de miséria absoluta, estes sim que constituem o verdadeiro problema e a vergonha nacional.

Mas, em vez de sermos ajudados para resolver os problemas, o que vem são atropelos, por parte de áreas que não podem ter esse comportamento, para dificultar soluções. Mas fiquem certos que nós cumprimos com o nosso dever. Estamos aqui, como eu disse, para administrar problemas e conflitos. E saberemos nos conduzir. Com paciência, sem paixão, porque ninguém vai desestabilizar o Governo. Para isso nós contamos com o apoio do povo brasileiro e das forças políticas que nos apóiam.

Agora, para terminar, eu quero tratar de dois pequenos assuntos: como os funcionários federais já sabem, eu concedi em dezembro o 13º salário, concedi em 4 parcelas e acho que resgatei uma injustiça, porque não era possível que os estatutários não tivessem o 13º salário quando todos os outros celetistas já tinham.

Outro assunto: eu não sei também a que atribuir, mas divulgaram que o Governo havia proibido práticas religiosas de umbanda e de outros cultos. Quero dizer que essa decisão nunca existiu, não é verdadeira, nunca se tratou disso no Governo. E nunca iremos tratar disso. A Consti-

tuição respeita a liberdade de culto neste País. E eu sempre respeitei, respeito, e respeitarei essa liberdade, como homem de fé. Eu até hoje, quero repetir, não sei como é que essa notícia surgiu e nem com que finalidade ela foi divulgada. Fica registrado o desmentido.

Até a próxima sexta-feira, quando aqui nós estaremos para mais uma vez dialogar com vocês, brasileiras e brasileiros, a quem desejamos um bom-dia.

16.01.87 Itaipu inaugura mais duas turbinas e se liga ao País com mais 320 quilômetros de linhas de transmissão. Crise energética é debatida. Conselho de Desenvolvimento Econômico aprova Programa de Metas de 120 bilhões de cruzados. Crise e déficit nas grandes economias. Consciência de responsabilidade solidária através do pacto social. Sinais de economia em expansão.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney em mais uma conversa ao pé do rádio, que realizamos todas as sextas-feiras.

Eu estou hoje em Itaipu para inaugurar mais duas turbinas que fornecerão 1 milhão e 400 mil quilowatts de energia. Estou aqui também para inaugurar a linha de transmissão Foz do Iguaçu e Vaiporã, no Paraná, obra totalmente realizada na Nova República, que faltava para que a energia de Itaipu chegasse aos grandes centros consumidores do País. Esta obra, 320 quilômetros de linha de transmissão, afasta também a possibilidade de racionamento de energia, que era uma ameaça, em face da escassez de chuva nos últimos anos, com o baixo nível dos reservatórios nas hidrelétricas.

Ontem à noite realizamos aqui em Foz uma longa reunião de trabalho para tratar do problema energético do País. O Brasil, para dar um exemplo, para crescer um por cento, para cada um por cento que ele cresce, necessita crescer também 1,3% no setor de energia. Se nós não tivermos energia, não teremos mais fábricas, se não tivermos mais fábricas não teremos mais empregos para um mi-

lhão de brasileiros e brasileiras que a cada ano entram no mercado de trabalho. Nessa reunião nós redefinimos prioridades, recursos, de modo a tudo fazer para continuar o desenvolvimento do País.

Nesta semana também nós realizamos uma reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico, para um balanço da situação econômica do País e a aprovação do Programa de Metas, que é um gigantesco programa de governo, e somente ele pode assegurar o crescimento entre cinco e sete por cento do nosso Produto Interno Bruto, que é uma meta já anunciada para 87.

O Governo vai dispor neste ano de 120 bilhões de cruzados para aplicação nesse programa. Esses recursos estão separados e eles vêm do empréstimo compulsório. Para se ver o que representa esse volume, vamos dizer que representa uma vez e meia todos os recursos de que dispõe o BNDES e 1/3 de toda a receita tributária da União.

Os recursos serão totalmente aplicados onde haja retorno. Vamos produzir mais aço, mais energia elétrica, irrigar mais terras e aumentar, em três anos, duas vezes e meia a oferta de alimentos. Vamos construir mais armazéns para atender o crescimento da agricultura, e vamos investir no setor primário, modernizar e ampliar o sistema nacional de transportes, com inovações na área rodoviária e ferroviária, que também irão marcar profundamente esta nova era do País. A aplicação desses recursos será cuidadosamente acompanhada mês a mês por um sistema de auditoria, que está sendo montado, capaz de deter desvios, erros e incompetência.

Vamos agora a outros comentários. Eu recebi esta semana o deputado Vatanabe, que foi quatro vezes ministro do Japão. disse-me ele que o seu país tem uma dívida interna de um trilhão de dólares e agora lançou um empréstimo compulsório para atacar o déficit interno que eles também têm e estão enfrentando grandes problemas para sua aprovação. E não vamos esquecer que o Japão é o país, hoje, mais rico do mundo. Nos Estados Unidos, outro dos grandes, o déficit público é o maior da história americana e inspira muitas indagações sobre a saúde da economia daquele grande país.

Leio também no *Time* da última semana: grandes agruras, também, e grandes problemas enfrenta o ministro Gorbachev da União Soviética, problemas que vão desde o combate ao alcoolismo até os que se referem à produção de bens de consumo que faltam no mercado.

Estes são os países maiores do mundo e dou esses exemplos para dizer que em todo lugar existem problemas, mas não vejo nesses países, nem em todos os lugares, o anúncio da catástrofe, o pessimismo, a retórica da desgraça e do medo, do protesto e do desânimo. E sim a certeza de que sempre a história do homem será sempre uma história da coragem de enfrentar problemas, de buscar soluções, e que a sociedade deve colaborar, participar desse encontro de soluções. Aí vai a nossa afirmação: que a história do povo brasileiro tem sido uma história da coragem de vencer dificuldades e de não ficar prisioneiro do pessimismo ou prisioneiro de dificuldades que possam aparecer. O Brasil não tem por que ter medo do futuro, porque o País venceu no passado, vence no presente e vencerá no futuro todos os seus problemas. E nós estamos aqui para administrá-los. Há dificuldades, mas a retórica do pessimismo é um novo tipo de especulação, igual àquela que todos nós combatemos.

Os que especularam com a inflação no passado estão agora especulando com o anúncio da inflação no futuro. Verdade que nós temos uma inflação corretiva, que já era esperada, depois de um ano de preços estáveis. Ela será tratada dentro dos limites realistas, e estaremos atentos, tomando as medidas necessárias. Essa tarefa não será só do Governo, será de todos. Desde o princípio do Governo eu tenho pregado sempre a necessidade de uma divisão de responsabilidade, dizendo que o progresso começa dentro de cada um de nós. Desde o princípio do Governo eu tenho pregado um pacto, a necessidade de um pacto social, do entendimento de todos os segmentos da sociedade. Ainda ontem o ministro Almir Pazzianotto estava negociando, na mesma mesa, com trabalhadores e empresários, medidas que poderão ser tomadas com a participação de todos, visando a diminuir os sacrifícios que possam advir de qualquer ajuste da economia.

Antes de terminar, desejo mais uma vez reiterar, às brasileiras e brasileiros, a minha confiança e a certeza de que o País não tem que ter medo do futuro. Dou três exemplos.

Um grande jornal de São Paulo, na terça-feira, publicava o seguinte: «Recorde de oferta de emprego — O *Estado de S. Paulo* bateu mais um recorde em sua edição de domingo». Na seção de procura de mão-de-obra, saíram 5.050 anúncios, num total de 138 páginas. O recorde anterior ocorreu no dia 23 de novembro passado quando a seção circulou com 89 páginas. Assim, o país em que um só jornal publica o anúncio da procura de 5.050 empregos, num só dia, é realmente um país que não pode ter medo do futuro.

Segundo lugar: também se espalhou muito que os investimentos pararam, que ninguém estava tendo mais confiança para investir. Pois muito bem, o Governo acaba de ter em mãos uma pesquisa baseada no consumo de bens de capital, ou seja, na produção e aquisição de máquinas e outros equipamentos para fins industriais, segundo a qual nós tivemos, em 1986, investimentos da ordem de 19% do Produto Interno Bruto, maior do que nos anos anteriores, em que a média era entre 16 e 17% de crescimento. Assim, não é verdade a paralisação dos investimentos.

Em terceiro lugar, também me dão notícias de que, numa análise preliminar do balanço das 400 maiores empresas do País, todas elas apresentaram um dos maiores e melhores balanços em sua história em alguns anos. Assim, um país que está com empresas tendo possibilidade de investir, gerar lucros, trabalhadores encontrando empregos e oferta de empregos, é um país, que, como eu disse, não pode ter medo do futuro.

Vamos combater os pessimistas e desejar bom-dia a todos os brasileiros e brasileiras que me ouvem.

23.01.87 Energia por todo o País. LBA cria Bolsa de Trabalho para estudantes. Saneamento do setor siderúrgico. Clube de Paris aprova fim de monitoramento da economia pelo FMI. Paradoxo de crença no Brasil no exterior e pessimismo e descrença de alguns brasileiros. Tentativa de pacto social avança. Criação da CODICI (Comissão de Defesa dos Direitos do Cidadão).

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala mais uma vez o Presidente José Sarney em uma conversa ao pé do rádio, para dialogar e prestar contas ao povo.

A semana que passou, ou melhor, que está passando, tem sido de muito trabalho. Continuamos a nossa luta com a mesma determinação e o mesmo sentimento de cumprir o dever, visando ajudar o Brasil.

Estivemos, como lhes disse na sexta-feira passada, em Itaipu, para inaugurar duas turbinas, que afastaram o fantasma do racionamento do Centro-Sul. Estas turbinas irão gerar 1.400.000Kws, potência igual a uma usina como Urubupungá. Sua instalação estava atrasada 40 meses, e atacamos o seu término com prioridade absoluta.

Também em Itaipu inauguramos uma obra que marcará a engenharia elétrica brasileira: a linha de transmissão de Foz do Iguaçu a Ivaiporã, no Paraná, e daí até o Estado de São Paulo. É uma linha de mais de 1.200 quilômetros de extensão. O trecho Foz do Iguaçu—Ivaiporã é de 300 e poucos quilômetros de extensão. É uma linha que utilizou uma tecnologia desenvolvida pelo Brasil, e que vai possibilitar o transporte de energia a grandes distâncias. Essas li-

nhas, de tamanha dimensão, trazem a água transformada em energia dos grandes rios, e no futuro, irão possibilitar o aproveitamento do grande potencial hidrelétrico do Amazonas, interligado com o sistema de distribuição de energia do País, em sua totalidade.

E todos nós sabemos: sem energia não há crescimento econômico.

Esta semana criamos, também, um novo programa na LBA, a Bolsa de Trabalho, que se destina a ajudar estudantes do curso médio e superior, com bolsas dirigidas a setores do interesse do desenvolvimento nacional. É mais um programa que se insere no objetivo social do governo.

Na quarta-feira, 21, lançamos o Projeto de Saneamento da Siderurgia Nacional, para tornar o setor produtivo e competitivo e sem as ameaças que pesavam sobre o seu desempenho.

Também sabemos que sem aço não há desenvolvimento. A cada 1% do crescimento nacional, deve corresponder um crescimento, também, de mais de 1% no setor do aço. Assim, estamos crescendo em energia, acertando o setor. Estamos crescendo acertando o setor do aço, porque estávamos ameaçados de ter de importar aço, se não cuidássemos da área.

Eu disse na solenidade de assinatura do protocolo que consagra o programa que a siderurgia nacional viveu três momentos importantes. O primeiro, quando o Presidente Getúlio Vargas, de maneira pioneira, teve a coragem de implantar Volta Redonda. Depois, quando o Presidente Juscelino, numa meta ambiciosa, prometeu alcançar um milhão de toneladas em cinco anos, durante o seu governo.

Pois bem, somente durante o Governo da Nova República, em menos de 2 anos, nós já aumentamos a produção de aço em 3 milhões e 200 mil toneladas.

Agora, com o plano que aprovamos, o Brasil chegará ao ano 2000 como um dos maiores produtores de aço do mundo e terá assegurado o seu poder competitivo, o abastecimento do mercado, garantindo ao mesmo tempo o crescimento nacional.

Outra grande vitória foi o que aconteceu não no Brasil, mas lá fora, o chamado Acordo do Clube de Paris, que nós firmamos com os nossos credores na área de governo a governo. O acordo aceitou a tese brasileira de não fazer o protocolo do monitoramento do FMI. Nossa atitude neste caso não foi de confrontação, mas não queríamos fazer duas coisas que não devemos fazer. Primeiro: não assumir compromissos que não podemos cumprir no setor internacional. Segundo: renunciar à nossa soberania.

O interesse de estabilizar a economia nacional é um interesse nosso, de nossa responsabilidade. Nós saberemos escolher o melhor caminho e não aceitamos que os auditores internacionais decidam por nós. Temos nossos objetivos e temos os nossos deveres. Se, por um lado, temos a dívida externa, muito maior é a nossa dívida social, e temos de pagá-la primeiro, com crescimento econômico e com emprego.

Conseguimos isto e iremos prosseguir.

Por isso, tive a oportunidade de afirmar que a nossa determinação e a nossa resistência mostram que nós estamos no caminho certo.

Os grandes países do mundo confiaram no Brasil, na sua vitalidade e no seu Governo.

Se lá fora acreditam, por que admitir que aqui alguns brasileiros possam não acreditar?

Por outro lado, o Ministro Pazzianotto, em meu nome e em nome do Governo, procura estabelecer um diálogo, um acordo, entre trabalhadores e empresários, para que tenhamos condições de, sem maiores sacrifícios, ajustar o Plano Cruzado às novas realidades da economia brasileira.

Este é um momento de algumas e grandes dificuldades. Eu nunca neguei que elas existem. Nós não encontramos um Brasil perfeito, arrumado. Encontramos um país num momento dos mais difíceis de sua história. Problemas de toda ordem. Econômicos, políticos, sociais. Mas nós estamos lutando com garra para solucioná-los. E vamos atravessar as dificuldades. Para isso preciso do apoio do povo. E todos são testemunha do meu esforço de todas as horas,

de todos os instantes, aqui no meu posto, para ajudar o Brasil.

Quero, também, dizer às brasileiras e brasileiros que já está funcionando a Comissão de Defesa dos Direitos do Cidadão, a CODICI, que tem como presidente o jornalista Fernando César Mesquita, e que vai receber reclamações contra erros, omissões, abusos de autoridade e irregularidades da administração pública federal, para que se possa tomar providências.

É uma abertura do Governo para a sociedade defender-se e colaborar. Porque o Governo é democrático e transparente, que está aqui para prestar contas e tomar providências para resolver as coisas que estão erradas. O Governo não pode saber de tudo. Mas o povo tem agora um órgão aqui no Palácio do Planalto, que pode coordenar esses assuntos.

Finalmente, brasileiras e brasileiros, neste instante eu desejo reafirmar que todos nós devemos ter confiança e disposição para o trabalho. Temos que combater os derrotistas, o mal-humorado, e o radicalismo, no momento em que o mundo mostra confiança no Brasil e os números demonstram que estamos crescendo, diminuindo a pobreza e aumentando a produção. As crises são desafios menores a que devemos superar com confiança.

A palavra, portanto, é *confiança*. Confiança que repousa em todos nós. Porque, como eu disse, todos os brasileiros são responsáveis e o progresso começa dentro de cada um.

30.01.87 Papa João Paulo II apóia luta no caso da dívida externa. «A Assembléia Nacional Constituinte será livre e soberana.» Liberdade político-partidária, sindical, eleitoral. Confiança em uma Constituição democrática, moderna e justa.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney.

Vamos à nossa conversa ao pé do rádio de hoje, sexta-feira, começando com um grande agradecimento ao Papa João Paulo II, pelo apoio que ele acaba de oferecer à luta do Brasil no caso da dívida externa.

O Papa, em documento de muita compreensão para com os países pobres, exorta as nações credoras a considerarem os argumentos de que o pagamento da dívida externa não represente um sacrifício que o povo não possa suportar. Um sacrifício que acabe com o desenvolvimento e que, muito menos, provoque privações incompatíveis com a dignidade das pessoas. Estas são as palavras do Papa e mostram, mais uma vez, que estamos apoiados na nossa causa, na manutenção da nossa luta que eu iniciei com o discurso na ONU, pedindo uma nova ordem econômica mundial.

Ontem eu enviei ao Papa um telegrama de caloroso agradecimento por suas palavras, que são um grande incentivo a todas as nações asfixiadas pelo problema da dívida.

Agora, temos outro grande assunto, que é dominante em todos os recantos do Brasil. É que no dia 1.º de fevereiro, domingo, instala-se a Assembléia Nacional Constituinte, formada por deputados e senadores que, livre e soberanamente, vão escrever e promulgar a nova Constituição do Brasil. Será um grande dia, quando a Nova República cumprirá um dos seus maiores objetivos: dar ao País uma nova Constituição, moderna e democrática.

Agora, vamos recordar que, para chegarmos até onde chegamos, até esse dia 1.º de fevereiro de 1987, foi preciso uma longa caminhada de muita coragem, muito trabalho, muita decisão, bom senso, muita segurança e fé no princípio democrático de que a liberdade do povo é a primeira responsabilidade do Governo.

Eu devo confessar que, como Presidente, estou orgulhoso de haver convocado a Assembléia Nacional Constituinte, que nasceu de uma mensagem por mim enviada ao Congresso Nacional. Essa Assembléia Nacional Constituinte será um instrumento de mobilização da consciência nacional, para estabelecer uma lei maior, que tenha um sentido de permanência e que seja capaz de garantir o futuro do Brasil, garantir o nosso direito de conviver em paz e de progredir em busca da felicidade.

Mas, para que chegássemos à Constituinte, foi preciso, como eu disse, percorrer um longo caminho. Primeiro, restaurar a liberdade, em todos os recantos do País. Liberar a organização partidária, sem excluir quem quer que fosse: novos partidos, novas propostas puderam ser apresentadas ao povo para eleger deputados e senadores. E o povo escolheu livremente os seus representantes legítimos.

Antes, em 1985, realizamos eleições diretas para as prefeituras das capitais e acabamos com o princípio dos municípios de segurança nacional, também realizando eleição nesses municípios. Foi estabelecido o princípio da eleição direta em todos os níveis. As organizações sindicais foram liberadas. Foram suspensas as intervenções. Foram reconhecidas as centrais sindicais. Apoiou-se o trabalhador. Restaurou-se no País um clima de convivência, de liberdade, de diálogo, que agora se reflete nesta cena extraordinária que é vermos sentados à mesa, discutindo os seus pro-

blemas com independência e altivez, operários e empresários, cada um defendendo suas legítimas posições. Ninguém foi perseguido, preso, processado, demitido ou sofreu qualquer tipo de cerceamento por ser contra ou por ser a favor do Governo.

Todas as formas de limitação de propaganda eleitoral foram eliminadas. Tudo isso que é hoje obra do passado, consolidada, foi uma tarefa de difícil engenharia política, que o Presidente da República conduziu, propôs, encaminhou e implementou com o apoio do Congresso Nacional.

Portanto, eu estou com a minha consciência tranqüila. Cumpri com o meu dever. O Brasil mudou e eu honrei o legado de Tancredo Neves. Esse avanço político é uma obra sem placas. Não foi feito com cimento e pedra, mas com muito trabalho, um trabalho tranqüilo. Foi feito tão rapidamente que, às vezes, nós nem acreditamos que tenhamos percorrido um caminho tão longo. E a nossa tendência é e pode ser até a de esquecer. O povo brasileiro, porém, que é sábio, percebe e apóia a luta nossa pela paz, pela justiça, pelo emprego, pelo desenvolvimento. Pois, sem que haja isto tudo não há condições de convivência e de tranqüilidade. E não há lei, nem organização que resista.

Portanto, vamos continuar combatendo a fome e as injustiças sociais, que é a melhor maneira de defender a lei e garantir a ordem pública.

O Governo, firme, sem arrogância, restaurou o direito de cidadania, determinou a prioridade aos mais pobres e não teve medo dos mais afortunados. Nunca, em todos os tempos, desde a Independência do Brasil, houve tanta participação e legitimidade na elaboração de uma Constituição, na formação de uma Constituinte. Basta lembrar que nós tínhamos — e temos — 70 milhões de eleitores. Nunca o País elaborou uma Constituição numa situação de tanta paz e estabilidade política, econômica e social, com um Governo constituído e plenamente aceito.

Isto são grandes vitórias que nós devemos realçar e cada vez mais proclamar, porque são vitórias do povo brasileiro. Nunca os constituintes tiveram tão amplas e totais

garantias, livres de quaisquer pressões internas ou externas e sem ameaça de qualquer golpe.

Desde o Presidente da República, que aqui vos fala, ao mais modesto dos brasileiros, todos desejamos aos constituintes, de todos os partidos — não importam as idéias que defendam e as simpatias que alimentem — que votem a melhor Constituição. Porque o Brasil merece. O Brasil está pronto, pacificado, organizado para ter uma Constituição moderna, justa e democrática.

Pois bem, vamos confiar na responsabilidade, no saber e no espírito público dos constituintes, porque a Constituição de 1987 também iniciará um novo período de intenso desenvolvimento, paz, e de tranqüilidade.

O País cresce. Consolida-se a democracia.

Não há, portanto, brasileiras e brasileiros, motivos para plantar cactos em nossos corações e em nossas almas.

Há no chão do Brasil motivos para esperanças e flores, porque tudo vai dar certo.

O Brasil vencerá todos os seus problemas.

06.02.87 Prioridade para solução dos problemas sociais. Providências para erradicação de favelas. Prêmio Almirante Álvaro Alberto para Ciência e Tecnologia. Constituinte atende compromisso da Aliança Democrática.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui mais uma vez vos fala o Presidente José Sarney, nesta conversa ao pé do rádio de todas as sextas-feiras.

Ao começar quero reafirmar a nossa prioridade para os problemas sociais. E dizer que continuamos a dedicar tempo integral, como sempre dedicamos, aos problemas que se referem ao combate à pobreza, desde os primeiros dias do meu Governo. Ao lado dos índices econômicos, de crescimento da inflação, da balança comercial, da dívida externa, tão citados, quero dizer que o Presidente está sempre atento aos números que não costumam ser publicados.

Porque eu acredito que, na realidade, o grave problema social não pode jamais sair das nossas preocupações. Eu acredito firmemente que só teremos estabilidade política e segurança econômica, quando melhorarmos os níveis de vida do povo brasileiro, diminuindo a pobreza, a multidão da pobreza absoluta, que é ainda o mais grave dos nossos problemas.

Por exemplo: neste momento, nós estamos mobilizando a área social do Governo, para mais um programa de atendimento à faixa mais desprotegida da Nação, representada pelos 12 milhões de favelados, que envolve oito milhões de submoradias ou barracos nas grandes cidades.

Essa população é uma parcela de 70 milhões de brasileiros que vivem com menos de dois salários mínimos. E, certamente, também pertence ao grupo dos 25 milhões de desnutridos e que aparecem nas estatísticas consumindo menos do necessário para viver sem o espectro da fome.

Devemos reconhecer que o Brasil já foi um país bem mais pobre e que nós fizemos grandes avanços neste rumo, no rumo do progresso. Mas nós precisamos avançar muito mais e a situação ainda é de muita preocupação. Nesta semana, determinei a elaboração de um programa destinado a enfrentar o problema das favelas, dos favelados de todo o Brasil. Vamos começar por ouvir as próprias populações das favelas e colocar os favelados e os técnicos em contato, para que as soluções conciliem as necessidades dos favelados com as possibilidades de ação do Governo.

Agora, um outro assunto. Semana passada, eu entreguei o Prêmio Almirante Álvaro Alberto para Ciência e Tecnologia. É o maior prêmio desse setor no Brasil. Entreguei-o a dois cientistas brasileiros, Fernando Marques de Almeida e Adolar Piesqui, que se destacaram na pesquisa científica. É uma maneira de o Governo prestigiar a inteligência e o saber e cada vez mais apoiar a comunidade científica, que aí está trabalhando pelos avanços tecnológicos do Brasil.

Finalmente, quero dizer que a Assembléia Nacional Constituinte, como todo o Brasil sabe, está instalada. Domingo, compareci a sua instalação. A Constituinte foi convocada por mim, cumprindo um compromisso assumido pela Aliança Democrática. Fiquei emocionado quando assisti àquela solenidade, uma vez que ali nós resgatávamos um grande compromisso que tinha sido assumido por todos nós, tendo à frente o nosso saudoso líder Tancredo Neves.

Mas, eu quero afirmar que, como Presidente e, mais do que como Presidente, como cidadão, eu espero que a Assembléia Nacional Constituinte faça uma boa Constituição para o Brasil. Que os constituintes se dediquem a essa tarefa. Que ela seja uma fonte de estabilidade para ajudar a vencer os nossos problemas.

A Constituinte foi convocada justamente para completar a restauração do estado de direito que, com tanta dificuldade, nestes dois anos, todos nós estamos construindo — Governo e povo. Nós devemos confiar nos nossos constituintes, em sua sabedoria e em seu espírito público. Porque nós sabemos que a democracia é o regime da lei e não o regime dos homens.

Aqui nós terminamos nossa conversa ao pé do rádio desta sexta-feira.

13.02.87 Caderneta Verde canaliza recursos adicionais à agricultura. Governo ampliou aplicação na agropecuária. Concorrência da Linha Vermelha do Rio de Janeiro. Retomada da Ferrovia do Aço. Edital da Ferrovia Norte—Sul. Conselho de Exportação. Determinação na luta contra a inflação.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui, mais uma vez, vos fala o Presidente José Sarney, na nossa conversa ao pé do rádio desta sexta-feira.

Continuamos na luta, trabalhando para resolver problemas que, como vocês sabem e sentem, são muito grandes. Assim como são grandes as pressões, a resistência e a falta de apoio de setores que deviam ter neste País mais patriotismo.

Vamos aos assuntos destes dias.

Ontem assinei a primeira Caderneta Verde de poupança do Banco do Brasil. É uma caderneta que nós criamos para aplicação de recursos adicionais no setor agrícola, porque a agricultura, nós sabemos, é uma prioridade deste Governo. E ela tem respondido bem. Basta ver que este ano vamos ter uma safra de 62 milhões de toneladas de grãos, o que é uma safra de grande magnitude.

Os recursos que nós aplicamos na agricultura e na pecuária, em 1986, foram muito maiores do que os aplicados em 85. Vamos aos números. Na parte de *custeio agrícola*, o Governo aplicou, através do Banco do Brasil, recursos com o crescimento de 139%, ou seja, um aumento real (quer dizer, sem inflação) de 45% a mais. Na parte do

custeio pecuário, o aumento foi de 181% um crescimento real de 70%. No *investimento rural*, o crescimento foi de 200% — mais de 82% a mais do que a inflação. Na *política de preços mínimos*, nós aplicamos recursos com aumento de 491%, ou seja, mais de 258% de aumento real. Esses recursos foram emprestados a juros de 10%, sem nenhuma correção. Ao calcularmos que a inflação de fevereiro de 86 a fevereiro de 87 vai ser, mais ou menos, em cerca de 50%, veremos que este é um setor que foi bem atendido.

Quero dizer, também, que assinei esta semana o edital de concorrência da Linha Vermelha do Rio de Janeiro. É uma auto-estrada moderna, que será uma das melhores deste País, ou talvez uma das mais modernas a serem construídas no nosso continente, e que se destina a desengarrar a mais engarrafada de todas as rodovias do País, que torna a vida do carioca um inferno, que é a Avenida Brasil, na sua parte que demanda a estrada que vai para o norte do País.

Também assinamos convênio para terminar a Ferrovia do Aço, que já trágou 2 bilhões de dólares, infelizmente sem nenhum retorno, e que estava parada.

Assinamos, também, edital solicitando habilitações para a Ferrovia Norte—Sul, de Carajás a Brasília, ferrovia esta que liga todo o Centro-Oeste de norte a sul e interliga o Brasil de cima abaixo, através de estrada de ferro, que foi o transporte do passado e que passa a ser o transporte do futuro. Deus vai me ajudar, para que até o fim do meu mandato eu possa entregar ao Brasil esta obra, prestando, assim, um grande serviço à integração nacional e aos transportes modernos brasileiros, que irão ingressar no século XXI em condições de ensejar uma grande circulação à riqueza nacional.

Estou reativando, também, o Conselho de Exportação, para que o Brasil possa continuar abrindo mercado para mantermos as indústrias internamente, indústrias que darão mais emprego. Estamos, como todos sabem, brasileiras e brasileiros, brigando com a inflação, que por desgraça volta a nos ameaçar. Mas nós temos certeza de que vamos enfrentar esse combate com determinação e vamos vencer.

O Plano Cruzado não morreu, como anunciam e desejam seus inimigos. Ele não morreu e nem morrerá. Prestou grandes serviços ao Brasil e vai continuar a prestar. Ele está vivo. É uma etapa irremovível da história brasileira. Temos batalhas — estamos atualmente numa grande batalha —, e elas, às vezes, não andam como a gente quer, mas a guerra será finalmente ganha. Como diz o nosso povo: quem viver, verá. Porque não existe nada de catastrófico no País. Nós vamos encontrar a saída. O mesmo eu digo em relação aos juros, uma vez que nenhuma economia suportaria as taxas de juros que neste momento nós temos. É preciso ter perseverança e decisão. E estas não me faltarão. Por isso, o trabalho aqui é dia e noite e, como tenho dito, os brasileiros e as brasileiras podem confiar. Podem confiar, porque este País vencerá todas as suas dificuldades.

Eu, aqui na Presidência, já atravessei coisa muito pior do que o momento presente. Precisamos é do apoio do povo, apoio dos políticos, da estrutura política que foi eleita graças ao apoio de vocês, à confiança que vocês deram ao meu Governo, aos seus planos, à sua compostura, à sua austeridade e ao seu desejo de acertar.

Em meio de dificuldades muitos vacilam. Vacilam na crença. Vacilam nas esperanças. Mas o Presidente não vacila, não vacilará e nem pode vacilar. Vamos manter firme o nosso programa. Nada de recessão. Vamos manter o nível de emprego. Vamos manter o valor real dos salários. Vamos continuar a prioridade para o social, para o combate à pobreza absoluta.

Agora, também, mais do que nunca, nós temos de nos armar contra os especuladores, que estão achando que vão voltar. Mas eles não voltarão. Ninguém perde por esperar. Mudança não é milagre que se faz do dia para a noite. É preciso saber que o Brasil não vai acabar amanhã. Precisamos de ter tempo. Não se conserta uma estrutura arcaica em uma semana, nem em um mês, e às vezes nem em um ano.

Mas, o Brasil não vai acabar porque tem um grande destino.

20.02.87 Repúdio ao alarmismo e ao pessimismo. Formação de recursos humanos em ciência e tecnologia. Laboratório de luz ciclotron. Programa do Bom Menino para a juventude desamparada.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney.

Quero começar a nossa conversa ao pé do rádio, desta sexta-feira, 20 de fevereiro, chamando a atenção das brasileiras e brasileiros para uma curiosa e estranha competição que se desenvolve no País.

Não são pequenas as notícias pessimistas e alarmistas que surgem sobre o nosso País, como se o mundo fosse acabar.

Eu quero, mais uma vez, mantendo o meu realismo e a minha confiança no Brasil, dizer que nós não temos nenhum motivo para temer qualquer catástrofe. Se temos dificuldades, essas dificuldades serão superadas. Contrapõem-se a essas pessimistas, outras notícias que dão conta de um outro Brasil, o Brasil que está trabalhando, avançando, esse Brasil que nos enche de orgulho pela vitalidade e capacidade de todas as brasileiras e brasileiros.

Para cada notícia pessimista sobre, por exemplo, a crise econômica, temos uma série de motivos para ter confiança e esperança, porque o Brasil avança.

Ontem, no Palácio do Planalto, eu presidi a solenidade de lançamento do novo Programa de Formação de Re-

cursos Humanos para a Ciência e Tecnologia que, em três anos, aumentará de 450% o número de bolsas de doutorado e pós-graduação para cientistas brasileiros no exterior. Também de alto nível dentro do País, essas bolsas crescerão 300%, para formação de pessoal que vai operar tecnologia de ponta em nossas indústrias, vai ensinar em nossas universidades e em nossos centros de pesquisa. Durante a solenidade, o ministro Archer, da Ciência e Tecnologia, lembrou que a expansão econômica das grandes potências, após a Segunda Guerra Mundial, só foi possível graças ao investimento no capital humano.

Se numa grande nação os homens desaparecessem e ficassem as máquinas, por mais sofisticadas que elas fossem, esse país também desapareceria. Ao contrário, se as máquinas acabassem mas os homens ficassem, eles reconstruiriam as máquinas. Portanto, o que nós estamos fazendo com esse Programa é formar recursos humanos brasileiros para operar o futuro do Brasil.

Centenas de cientistas, físicos, matemáticos, biólogos, químicos, humanistas estavam ao meu lado. Eles ensinam e pesquisam nas maiores universidades do mundo e agora estão de volta para preparar instituições, como o laboratório de luz ciclotron, que vai funcionar em Campinas. Seremos um dos poucos países do mundo a ter uma instituição dessa natureza, que se destina justamente ao desenvolvimento da nossa indústria, da informação científica original, que nós também colocaremos à disposição das nações amigas que vivem conosco num estágio de subdesenvolvimento.

Com a criação do Ministério da Ciência e Tecnologia, implantado no meu Governo, nós atendemos a uma reivindicação antiga da comunidade científica, que agora tem nesse ministério seu instrumento de participação.

Outro assunto é uma notícia sobre o Programa do Bom Menino. Eu já falei sobre isso aqui na nossa conversa ao pé do rádio. O Programa do Bom Menino é um programa generoso, que se destina a amparar a juventude desamparada. Recebi ontem os diretores do grupo RBS, do Rio Grande do Sul, que são responsáveis pela *Zero Hora* e uma rede grande de comunicação, de televisão, rádio e jornal. E eles me comunicaram a admissão de 700 meninos,

que agora, em vez de serem meninos de rua, são meninos de trabalho. Estão trabalhando nessas empresas, dignamente, e são meninos que estavam destinados a serem meninos-problema e que hoje são homens-solução para o Brasil.

Vai andando assim o programa social que se destina a resgatar essa grande dívida que todos nós temos para com o povo brasileiro.

Desejo anunciar, também, a todas as brasileiras e brasileiros, que hoje à tarde eu tomarei uma importante decisão no setor da dívida externa. Para essa decisão vou precisar do apoio de todo o povo. Irei falar na televisão às 20h30min, dando explicações sobre esse grave problema. O que eu posso assegurar, para finalizar, a todas as brasileiras e brasileiros, é que eu estou lutando com todas as minhas forças para cumprir com o meu dever e ajudar o Brasil.

O Presidente sabe dos seus deveres e ele, portanto, trabalha. Estamos cuidando dos nossos problemas. Vamos encontrar fórmulas e vamos encontrar soluções para todos eles.

Confiem, confiem no Presidente e confiem no Brasil.

27.02.87 Suspensão do pagamento dos juros da dívida externa. Intervenção em bancos estaduais. Austeridade nas finanças. Importância da agricultura.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui, mais uma vez, vos fala o Presidente José Sarney.

Esta é a nossa primeira conversa ao pé do rádio, depois da decisão que tomei, sexta-feira passada, de suspender o pagamento dos juros da dívida externa do Brasil, que se haviam tornado insuportáveis para a nossa economia.

Foi uma decisão difícil, mas uma decisão de coragem, de fé, patriotismo — e foi uma decisão de prudência, tomada com seriedade e sem demagogia.

Foi, também, devo dizer a todas as brasileiras e brasileiros, uma decisão tomada com cuidado, baseada em minucioso planejamento e acompanhada de numerosas providências internas, que demonstraram ao mundo que o Brasil é um País maduro, que atravessa uma crise passageira, como acontece algumas vezes com as nações ricas.

É importante que se compreenda isto: a suspensão do pagamento dos juros da dívida externa é apenas uma parte dos ajustamentos da nossa economia. Como, também, estamos fazendo para conter gastos públicos, acabar com o déficit e estimular o desenvolvimento. O que não podemos é deixar o País cair na recessão e no desemprego.

Nós estamos, portanto, combinando sacrifícios com esperanças, austeridade com crescimento e o presente com o futuro.

Por outro lado, devo também dizer que fomos obrigados a decretar uma administração provisória em cinco bancos estaduais que estavam a descoberto com o Banco Central, em cerca de 46 bilhões de cruzados. Essa providência foi tomada para evitar a falência desses bancos, preservar o emprego dos seus funcionários e controlar a economia, pois não é possível fazer-se um esforço a nível federal e bancos estaduais serem emissores de moeda e estimuladores de juros altos, com a venda de títulos a níveis que não aqueles do mercado.

Mas, tudo foi feito com extremo cuidado. Chamei, antes, os novos governadores e todos participaram da decisão, apoiando a medida, que também lhes interessava, pois iam assumir, a 15 de março, com esses bancos em dificuldades e praticamente falidos. Os depositantes e todas as pessoas que tiveram negócios regulares com esses bancos não sofrerão quaisquer prejuízos, pois a administração será feita pelo Banco do Brasil e será provisória.

Vamos, agora, atacar a válvula de sangria do Tesouro, que são também os subsídios. As medidas de austeridade da administração, que estão em vigor, vão prosseguir. O Governo não está gastando e não vai gastar um tostão além do que ele arrecada. Estou absolutamente convencido de que muito mais cedo do que se imagina colheremos resultados com as novas medidas e teremos uma reversão de tendências.

Sei, perfeitamente, que essas decisões, essas medidas de coragem e determinação têm altos custos políticos para mim. Mas prometi ao País cumprir o meu dever. É árduo, provoca incompreensões, tem mexido com interesses estratificados e consolidados ao longo de muito tempo, mas é preciso ter coragem de tomar decisões que são necessárias e que implicam o presente e o futuro do País. Mandeí, também, abrir inquérito no IBC para apurar as denúncias sobre importação de café. Mandeí fazer um levantamento da situação do abastecimento nesta semana. Recebi governado-

res do Nordeste para discutir os problemas da região. Corrigi os preços mínimos da agricultura.

Aliás, por falar em agricultura, devo dar uma palavra de tranqüilidade ao setor agrícola. Estive ontem reunido com líderes da Frente Ampla da Agricultura e afirmei-lhes minha sensibilidade para os problemas do setor e estamos discutindo com maturidade o que o Governo pode fazer.

Aqui vou me despedir desta nossa conversa e dizer às brasileiras e brasileiros que continuo no meu trabalho, cuidando dos problemas do País, sem escolher dia e nem hora, mas com a consciência dos problemas e a certeza de que nós vamos vencê-los.

06.03.87 Homenagem a Heitor Villa-Lobos.
Inauguração de irrigação e terminal
portuário em Sergipe. Casa de Cultura
Jorge Amado. Combate à inflação segue
em frente. Dívida externa em pauta.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney.

Como todos sabem, eu sou um intelectual e tenho muito apreço pelas coisas do espírito e até posso dizer que mais pelas coisas do espírito do que pelos bens materiais.

Quero começar, portanto, este programa com uma homenagem ao grande músico brasileiro, Heitor Villa-Lobos. Ontem, 5 de março, celebrou-se o seu centenário de nascimento, e no mundo inteiro governos e instituições culturais promoveram concertos e manifestações para marcar a grande data. É, portanto, uma data muito cara a todos os brasileiros, porque Villa-Lobos é um dos nomes mais conhecidos lá fora e que também mais divulgaram o Brasil e os brasileiros, pois ele se inspirou sempre, em todas as suas composições, nas cantigas e nos sonhos do nosso dia-a-dia.

Villa-Lobos morreu em 1959 e sua vasta obra musical é exibida freqüentemente pelas mais famosas orquestras do mundo inteiro, lembrando sempre e mantendo viva a memória do talento e da alma brasileiros. Recomenderei ao ministro da Cultura que neste ano do seu centenário a obra e o exemplo de trabalho de Villa-Lobos sejam intensamente divulgados.

Villas-Lobos é uma das referências mundiais de que o Brasil dispõe para ser identificado como uma terra de inteligência e de civilização e de arte.

Também daqui a pouco eu devo dizer às brasileiras e brasileiros, vou ao Estado de Sergipe para inaugurar um projeto de irrigação que se implanta naquela área do País. Com a criação do Ministério da Irrigação, nós estamos multiplicando a capacidade de produção da agricultura. No Brasil inteiro, no meu Governo, já ampliamos em 250 mil hectares irrigados a área brasileira de cultivo. E a cada dia, com a adesão de governos estaduais, de agricultores, nós vamos avançando com o grande Programa Nacional de Irrigação.

Esse projeto, que se chama Projeto Califórnia, é no Município do Canindé do São Francisco, em Sergipe, e envolve 3.980 hectares.

A água vem bombeada do Rio São Francisco e essa área irrigada produzirá hortaliças, frutas, grãos e algodão. Esse projeto é também fruto da administração do Governador de Sergipe, João Alves, que acreditou na disposição do Governo Federal de levar a sério a irrigação, como forma de modernizar a agricultura, ampliar a produção e criar novos e bons empregos no campo.

Ainda em Sergipe, após regressar de Canindé do São Francisco, terei a satisfação de presidir à assinatura do ato inaugural das obras do terminal portuário de Aracaju, uma das mais importantes áreas produtoras de petróleo do País e também uma aspiração bem antiga do Estado de Sergipe.

Amanhã, sábado, vou participar também de mais um outro ato cultural, o que é muito do meu agrado. Estarei na Bahia para inauguração da Casa de Cultura Jorge Amado, que é situada no Pelourinho, no centro histórico da Cidade de Salvador. A Casa de Cultura Jorge Amado, é muito mais do que uma homenagem ao escritor, porque é uma forma inteligente e moderna de manter viva sua obra, seus documentos, seus testemunhos de idealismo, coragem e paixão pelo Brasil.

Jorge Amado é um daqueles brasileiros que, aonde vai, exalta o Brasil. E toda a sua obra tem como inspiração

e fonte o povo brasileiro. Jorge, que é um grande amigo meu, é também meu colega na Academia Brasileira de Letras. Sem escritores não se constrói uma nação. Jorge é uma referência definitiva na história da literatura brasileira.

Para terminar, algumas palavras a mais, brasileiras e brasileiros.

Estamos atravessando momentos difíceis. Tenho tido que tomar medidas duras, como na semana passada, de intervenção nos bancos estaduais, como há três semanas a suspensão do pagamento dos juros da dívida externa. Enfim, medidas difíceis. A inflação mais uma vez nos ameaça. Mas, como já enfrentamos uma vez, enfrentaremos duas, e mais, até contê-la. Sei que o povo está sofrendo, mas eu quero que todos acreditem que estou cuidando, trabalhando ao máximo, enfrentando interesses há muito consolidados, que ninguém tinha enfrentado. Mas eu tenho certeza de que vamos vencer essas dificuldades. Neste instante, está no exterior o ministro Funaro, para mostrar a posição brasileira sobre o problema da dívida externa, que não pode ser paga nem com a recessão, nem com a fome do povo.

Em seguida, nós vamos negociá-la em busca de uma solução justa. Mas, como disse ao assumir a Presidência, agora estou repetindo: preciso da ajuda do povo brasileiro. E sei que vou contar com todos vocês.

13.03.87 Posse dos governadores, escolhidos na maior eleição que o País já vira, prova normalidade democrática. Alerta contra os radicalismos. Inauguração da Hidrelétrica de Rosana (SP). Xingó, Tucuruí — obras que seguem.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala, mais uma vez, o Presidente José Sarney.

Quero dedicar nossa conversa ao pé do rádio de hoje ao acontecimento da semana, que é a posse, domingo, dia 15, dos 23 governadores estaduais, eleitos a 15 de novembro.

Eu bem que gostaria de, pessoalmente, abraçar a cada um dos novos governadores e estar ao lado do povo de cada um dos estados no momento em que se inauguram as novas administrações. Infelizmente, as minhas responsabilidades da Presidência exigem a minha permanência em Brasília, onde terei de receber o presidente da República Federal da Alemanha, que passa pelo Brasil a caminho de Buenos Aires.

Não poderei nem mesmo ir ao Maranhão, onde antes de tudo e de mais nada sou cidadão e eleitor.

Mas faço questão que em todas as posses estaduais estejam presentes enviados meus, da Presidência, meus representantes, levando aos governadores não apenas votos de êxito, mas um compromisso pessoal do Presidente de que o Governo Federal não lhes faltará em cooperação e estímulo.

lo. A força do Governo Federal depende sempre da autonomia, do desenvolvimento, da eficiência administrativa e da saúde política e econômica e social de todos os estados do Brasil.

Nas vitoriosas campanhas eleitorais, todos os governadores eleitos se orgulharam da legenda política da Nova República e da solidariedade com o Governo que presido.

O povo, ao eleger os novos governadores, deu também um voto de confiança no nosso trabalho na Presidência da República.

Essa solidariedade vai continuar, porque vamos continuar juntos e renovar os motivos que transformaram nossa união numa bandeira popular e vitoriosa.

Eu posso falar com conhecimento pessoal sobre cada um dos novos governadores. Alguns são velhos amigos e todos os contatos que tivemos estão integrados no espírito de renovação, mudanças, esperanças e otimismo, com que hoje temos de caracterizar a administração pública do País.

Com demonstrações como a festa nacional que resultará da soma das festas estaduais pela posse dos novos governadores, nós iremos mostrar a normalidade democrática da maior eleição já processada neste País.

Os partidos apresentaram livremente candidatos. O povo elegeu quem quis. Os eleitos tomam posse e escolhem os seus secretários e fazem os seus planos de governo. É a normalidade democrática. Da minha parte, em defesa da liberdade, trabalho sem descanso na Presidência da República usando de energia, sempre que necessário, para que distraídos ou oportunistas não confundam, como eu disse quarta-feira em São Paulo, prudência com fraqueza, nem paciência com indecisão. O País precisa de trabalho para aproveitar o excepcional momento de reconstrução democrática que vivemos. É preciso que as lideranças sindicais também reduzam o uso do recurso de greve às suas verdadeiras necessidades.

É impossível fazer greve no varejo, barateando um instrumento importante, sério e decisivo da luta dos trabalhadores e que deve ser sempre um recurso final.

A democracia não está vulnerável a provocações, a conspirações ou agitações. Não nos deixemos impressionar pelas dificuldades de caráter econômico que estamos enfrentando, dificuldades que são passageiras, e nem por eventuais sacrifícios e ajustamentos que possam ser exigidos do povo.

As dificuldades passam, eu tenho certeza.

Na última quarta-feira, dia 12 de março, presidi à inauguração da Hidrelétrica de Rosana, em São Paulo, que faz parte do conjunto do Pontal do Paranapanema, mais uma etapa de um plano de aceleração da recuperação do tempo perdido em matéria da oferta de energia no País.

Em janeiro, já tínhamos inaugurado duas turbinas de 700 mil kilowatts em Itaipu e a linha de Itaipu a São Roque, em São Paulo.

Na segunda-feira, dia 16, serão assinados os contratos para construção da Hidrelétrica do Xingó, no Rio São Francisco, entre Sergipe e Alagoas, que será a maior hidrelétrica do Nordeste, com cerca de 5 milhões de kilowatts.

Estamos, também, tocando Tucuruí, fazendo a comporta para a ligação fluvial de Manaus até Imperatriz — a comporta de Tucuruí — e a linha de interligação dos sistemas energéticos do Norte e Nordeste, que é entre Tucuruí e Presidente Dutra no Maranhão, onde o sistema da ELETRONORTE já se liga com o sistema da CHESF.

Estes fatos econômicos não aconteceriam jamais num país que vivesse em incontáveis dificuldades ou condenado a um atraso ou a recessão.

Como estão vendo, quando o problema surge, temos sempre números de vitória a festejar, esperanças a alimentar e vamos continuando a nossa luta, porque aqui eu tenho procurado e estou cuidando de resolver os problemas.

Encerro a minha conversa ao pé do rádio desta sexta-feira desejando bom dia. E muito obrigado a todas as brasileiras e brasileiros que me ouvem.

20.03.87 Entrosamento com os novos governadores. Guardas-marinha partem em viagem de instrução. Presidente de Portugal, Mário Soares, visitará o Brasil. Salário mínimo e vencimentos de servidor público são corrigidos. Abastecimento tem inquérito. Imposto de renda justo.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui, mais uma vez, vos fala o Presidente Sarney.

Como acontece todas as semanas, estamos iniciando nossa conversa ao pé do rádio, desta sexta-feira, 20 de março.

Quero começar chamando a atenção para o otimismo e disposição com que os novos governadores estaduais assumiram no dia 15 e estão iniciando os seus trabalhos. Independentemente das dificuldades que eles estão encontrando, dos problemas de todo tipo, da falta de recursos, do excesso de despesas com pessoal, eles revelam firmeza, disposição, dedicação e principalmente uma grande confiança. Isso, naturalmente, vai, sem dúvida, fazer com que o povo confie e saiba que o seu voto foi bem dado. É disso que o País precisa neste momento: trabalho, imaginação e confiança.

Nesta semana eu já estive com os Governadores do Piauí, Alberto Silva; com o de Minas Gerais, Newton Cardoso; e com o do Rio de Janeiro, Moreira Franco, que me recebeu na rápida viagem que fiz ontem, àquela que chamamos Cidade Maravilhosa.

Tenho certeza, pelas informações de que disponho, de que a impressão que eles me causaram seria a mesma se eu tivesse falado com todos os 23 governadores.

E com muitos deles eu tenho falado reiteradas vezes ao telefone. Todos estão assumindo suas responsabilidades e todos estão cheios de muita esperança. Esta é a base do nosso esforço para superar a crise econômica e os nossos eventuais problemas. Que não falem otimismo, confiança e trabalho. É bom saber que o País inteiro está renovado por essa disposição.

Eu decidi também que a partir de abril vou realizar viagens de trabalho por todos os estados. E vou levando ministros e funcionários ligados aos problemas específicos de cada estado. Quero examinar e decidir no local o que possa ser resolvido imediatamente, ganhando tempo e reduzindo a burocracia e o tráfego de papéis entre cada estado da federação. Isto é: diminuindo o tráfego de papéis entre cada estado da Federação e Brasília.

Sempre defendi, desde o tempo em que fui Governador do Maranhão, estes procedimentos práticos, as idas aos locais dos problemas e adoção de soluções imediatas, sem burocracia.

Agora, um outro assunto. Como já falei antes, estive na manhã de ontem no Rio de Janeiro. Fui assistir a partida do navio-escola *Brasil*, em sua primeira viagem de instrução de sete meses, através do mundo, levando guardas-marinha, futuros oficiais de nossa Marinha de Guerra.

Fiquei impressionado e orgulhoso, porque o navio em que eles vão viajar é o *Brasil*, o navio-escola. É a sua primeira viagem. Esse navio foi construído aqui, no nosso País, com tecnologia brasileira, com aparelhos eletrônicos de alta qualidade, altamente sofisticados, e vão preparar os nossos marinheiros para suas tarefas futuras neste País.

Foi uma bela cerimônia e eu me despedi dos guardas-marinha até de uma maneira que não seria muito protocolar naquele momento. Mas eu não deixei de lembrar os versos de Fernando Pessoa sobre o mar. E disse a eles aqueles versos: «O mar salgado ... / por te cruzarmos, quantas mães choraram, quantos filhos em vão rezaram, /

quantas noivas ficaram por casar / para que fosses nosso, ó mar. / Valeu a pena! Tudo vale a pena / se a alma não é pequena. / ... / Deus ao mar o perigo e abismo deu, / mas foi nele que espelhou o céu». Boa Viagem, portanto, aos marinheiros do Brasil que iniciam a sua primeira viagem através do mundo.

Finalmente, dia 24, vamos receber o Presidente de Portugal, Mário Soares, que fará uma visita de 12 dias ao Brasil. O velho Portugal que nos descobriu e colonizou é hoje uma democracia, superando, com recursos modernos da política e economia, problemas graves que o perturbaram através dos tempos. Não há comparação entre o problema econômico de Portugal e o do Brasil e as soluções que eles e nós devemos adotar. Que o Presidente de Portugal seja bem-vindo ao nosso País. Ele é um grande intelectual, um grande homem público. E também fizemos uma excelente amizade nos contatos que temos tido, discutindo os problemas não só dos nossos países como também problemas relativos à política mundial.

Eu também quero dar algumas outras informações às brasileiras e brasileiros que me ouvem. Todos sabem que aumentei o salário mínimo para 1.368 cruzados. E determinei o disparo do gatilho aos funcionários, isto é, um aumento de 20%. Estamos com uma inflação alta, mas nós estamos lutando. Lutando atentos. E vamos colocá-la no devido lugar! Mas essa inflação hoje tem uma diferença: é que nós estamos procurando manter o salário real do trabalhador, do assalariado, do funcionário, com os corretivos que estamos aplicando. Também devo dizer que nós estamos analisando o problema do reajustamento dos aposentados. Eu determinei ao Ministro da Previdência Social que traga o problema para uma decisão imediata.

Também quero comunicar às brasileiras e brasileiros que determinei a constituição de uma comissão de inquérito sobre o abastecimento e a importação de alimentos que nos deram problemas.

Outra informação que eu quero dar, é uma informação muito presente hoje no Brasil, que é o problema das declarações do imposto de renda. Eu quero também comunicar às brasileiras e brasileiros que com esse espírito de

ouvir a população e as reclamações que forem justas, eu mandei analisar o assunto e determinei também que o Senhor Ministro da Fazenda corrigisse a tabela de descontos na folha do imposto de renda de acordo com os índices da inflação.

Determinei também que ele mandasse dobrar os descontos relativos aos dependentes e aumentar de seis para oito meses o prazo de pagamento do imposto, sem correção monetária, das prestações, o que faz com que esse impacto inicial seja bastante atenuado.

Aqui terminamos hoje nossa conversa ao pé do rádio e declaro mais uma vez a minha confiança no Brasil, a minha determinação de continuar lutando para a solução dos nossos problemas.

27.03.87 Presidente Mário Soares visita Carajás. Secretaria de Assuntos Comunitários amplia seus serviços e atendimento. Importância do município no atendimento à comunidade. Reunião com lideranças sindicais. Apelo à compreensão e bom senso.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney.

Estamos iniciando a nossa conversa ao pé do rádio, desta sexta-feira, 27 de março.

Daqui a pouco eu estarei viajando para Carajás, acompanhando o Presidente Mário Soares, de Portugal, que há três dias está visitando o Brasil.

Eu fiz questão de levá-lo pessoalmente para essa visita a Carajás. Em Carajás a gente olha o Brasil do século XXI. E não há ninguém que, conhecendo Carajás, possa descrever da riqueza potencial do nosso grande País. E, em segundo lugar, da capacidade dos brasileiros de explorá-lo com padrões de tecnologia iguais aos mais avançados do mundo.

E Carajás quando a gente ali chega, em plena selva amazônica, e olha no meio daquelas montanhas o que o Brasil fez e está fazendo, pode-se ver o futuro do Brasil. E os portugueses, especialmente Mário Soares, que viveram um processo difícil de transição democrática e profundas mudanças econômicas, eles não se espantam, sem dúvida, das dificuldades que o Brasil no momento atravessa, que são dificuldades provisórias e que nós vamos ultrapassar. Dificuldades que eu não quero nunca exacerbar, chamando

de crise. É muito bom para o Brasil dispor na Europa e no mundo do testemunho do Presidente de Portugal, Mário Soares.

Todos nós sabemos o quanto queremos bem a Portugal; o quanto Portugal significa para todos os brasileiros, por tudo que nos une e por tudo que Portugal representa para o Brasil em tradição e cultura, em cooperação, na presença de tantos portugueses aqui no Brasil ao longo de tantos anos, formando, na miscigenação que criou o brasileiro, aquilo que nós hoje representamos como raça. Há um poeta português, Fernando Pessoa, que diz «minha pátria é a língua portuguesa», a língua portuguesa que nos uniu é a língua que hoje é falada por mais de 300 milhões de homens e mulheres do mundo inteiro.

Agora vamos aos nossos assuntos da semana.

Nós temos um novo Ministro do Planejamento, ex-deputado mineiro Aníbal Teixeira, que era Secretário Especial de Assuntos Comunitários.

Essa Secretaria de Assuntos Comunitários é órgão importantíssimo, criado no meu Governo e que se encarrega do atendimento, no setor social, aos mais carentes. Ele que já hoje distribui no Brasil 3 milhões e 200 mil litros de leite diariamente para crianças, muitas das quais não tinham nunca tomado um copo de leite. Esse programa era dirigido pelo secretário Aníbal Teixeira, que hoje é o Ministro do Planejamento.

O ministro Aníbal Teixeira promoveu também, através da SEAC, a colaboração voluntária, gratuita, de associações de bairro, organizações religiosas, da sociedade em inúmeros programas sociais que nós estamos fazendo no Brasil inteiro e que já hoje alcança a soma de mais de 20 mil programas, abrangendo um universo de cerca de 500 mil voluntários, brasileiras e brasileiros que ajudam nestes programas sociais. Muitos dos que estão agora me ouvindo estão participando desse programa no Brasil inteiro. E sábado passado, em São Paulo, eu entreguei um diploma de reconhecimento e gratidão do Governo a 1.900 entidades comunitárias que naquele estado participam do Programa Nacional do Leite.

O ministro Aníbal Teixeira tem uma longa experiência e vai continuar a trabalhar conosco com eficiência no Ministério do Planejamento.

Outro assunto que eu desejo comunicar é que eu recebi em audiência centenas de prefeitos brasileiros, que estavam aqui numa reunião da Frente Municipalista. Todos eles sofrem com a falta de recursos e a existência de muitos problemas. Foi uma das maiores audiências que eu já concedi nestes dois anos de Governo, e gostei de reencontrar nestas bases municipais o espírito de luta e a disposição política que animaram toda a minha vida.

Eu disse aos prefeitos que sempre me orgulhei de ser político e o político é aquele homem que, dentro da sociedade, pensa coletivamente. Ele nunca pensa pessoalmente em si. Sempre pensa em encontrar soluções que irão beneficiar muitas pessoas.

Eu disse aos prefeitos que irei estudar as reivindicações para dar uma resposta rápida. Ao mesmo tempo eu alertei-lhes para as dificuldades do Governo Federal. Os problemas do Executivo crescem à medida que subimos nas esferas do município para o estado, e finalmente ao nível federal.

Mas, no fundo, são as mesmas dificuldades: há sempre menos recurso do que necessidade de resolver problemas, e portanto mais necessidade de recursos.

Os prefeitos são interlocutores, e como estão na esfera do Poder Executivo, eles podem compreender a difícil missão de governar.

Outra informação às brasileiras e brasileiros que me ouvem: no sábado, dia 4 de abril, eu vou me reunir com as principais lideranças sindicais do Brasil para uma rodada de conversas sobre a situação nacional. Eu quero ouvir os trabalhadores, assim como ouvi os empresários na semana passada. A experiência do nosso Plano Cruzado, que foi um ano de tranquilidade e progresso que o País viveu, mostrou que nós precisamos de buscar novas fórmulas criativas de animar a nossa economia. Para tanto, é preci-

so que a sociedade ofereça ao Presidente da República sugestões e ao mesmo tempo faça depoimentos sobre a realidade.

Eu quero terminar insistindo no apelo às brasileiras e brasileiros que me ouvem: vamos compreender as nossas dificuldades momentâneas que atravessamos, e vamos resolver pela negociação, sem ódios, sem intransigências, as questões que se apresentam, especialmente as questões trabalhistas. A greve, como sempre eu repito, é um recurso legítimo, inalienável do trabalhador. Confio porém que o momento de dificuldade que o País atravessa não seja esquecido e que as negociações sejam conduzidas com bom senso, compreensão e rapidez, e sempre que possível que encontremos antes da greve o caminho da negociação. É preciso usar corretamente o recurso da greve, em nome da democracia e da própria eficiência desse instrumento.

03.04.87 Coragem nas horas de dificuldade. O Banco do Brasil e sua importância para o País. Criação do CONCEX (Conselho de Comércio Exterior). Compromisso com o crescimento: não à recessão. Vantagens a aposentados. Reunião com área sindical.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney nesta conversa ao pé do rádio, de sexta-feira, dia 3 de abril.

Tivemos uma semana difícil. Todos os brasileiros sabem e acompanharam os acontecimentos. Aliás, difíceis têm sido todos estes tempos. Não só no Brasil como no mundo inteiro. Mas a vida do homem é sempre uma história difícil, de coragem, de luta, de obstinação.

As nações têm seus chefes e eles têm obrigação de exercer o comando e tomar decisões justamente nos momentos difíceis, que são os momentos em que eles são testados. Eu estou no meu posto, cuidando dos interesses do povo, dando ordens e procurando cumprir com as nossas obrigações.

O povo pode ter certeza de que não me falta a boa vontade de trabalhar e de acertar. Não é fácil governar um país de tantas desigualdades e de tantos problemas. Os pais de família, que sabem como é difícil governar uma família, podem calcular o que não deve ser governar um grande país como o Brasil. Mas, se temos problemas, vamos vencê-los, porque este País não foi feito para os pessimistas e nem para os desânimos.

Tivemos uma semana em que ocorreram muitas greves, que prejudicaram bastante a nossa Nação. Uma greve particularmente eu acompanhei com uma grande atenção, que foi a greve do Banco do Brasil, porque eu tenho uma antiga admiração pelo Banco do Brasil. Em 12 de fevereiro, quando lançamos a Caderneta de Poupança do Banco do Brasil, eu tive oportunidade de afirmar que o Banco do Brasil não é somente um banco, é um celeiro de recursos humanos para o País. Eu conheço o trabalho civilizador do Banco do Brasil, que há mais de 150 anos vem servindo ao País.

Desta instituição saíram homens para os mais diversos cargos, os mais altos postos da administração pública. É muitas vezes nos quadros do Banco do Brasil que o País tem ido recrutar pessoal para grandes tarefas da administração nacional. O trabalho civilizador desse banco social que é o Banco do Brasil em todos os recantos, nas regiões mais pobres do País e não só nas grandes cidades, é, realmente, um patrimônio de todos nós.

No interior do Brasil eu, muitas vezes, lá no meio do Nordeste, no meio da Amazônia, tive oportunidade de constatar que o gerente da agência do Banco do Brasil é a única ligação que às vezes a comunidade tem com o resto do País. Ele é o conselheiro, é o líder que ajuda em tantas tarefas e que participa como um pioneiro das atividades das pequenas comunidades. Assim, o funcionalismo do Banco do Brasil, os empregados do Banco do Brasil, não são só empregados, eles têm uma tradição de trabalho que é respeitada e respeitável em nossa Pátria. O Banco do Brasil é um patrimônio da Nação e os seus empregados são detentores dessa responsabilidade.

Eu seu perfeitamente que o Banco, quando eu assumi a Presidência, tinha motivo de muitas queixas. O Banco do Brasil participava com mais de 30% da vida financeira do País. Do mercado financeiro nacional. Essa participação foi reduzida a 7,8%, que era o que tinha quando eu assumi o Governo em 85. Os seus funcionários, que ganhavam igual ao Banco Central, foram rebaixados. Essa foi a situação que nós encontramos. Pois eu quando dei posse ao Presi-

dente do Banco Central determinei duas coisas: fortalecer o Banco do Brasil e ter uma ação dura em relação aos juros.

Pois bem, durante o meu Governo o banco passou de 7,8% de participação do mercado financeiro nacional para 16,4%. Eu autorizei a concessão da Caderneta de Poupança ao Banco, que hoje tem já depósitos na ordem de 12 bilhões de cruzados. Autorizei a concessão ao Banco do Brasil da corretora de seguros; autorizei a concessão ao Banco do Brasil da Companhia de Arrendamento Mercantil de Leasing; autorizei ao Banco do Brasil a operar com a corretora de câmbio e valores. Enfim, fizemos do Banco do Brasil o grande conglomerado oficial para competir no mercado em pé de igualdade. Ele é hoje a grande agência financeira do Governo. Mandamos fazer a equalização dos juros agrícolas, respondendo o Governo pelo incentivo que se paga à agricultura. Só no ano passado, por exemplo, o banco emprestou 96 bilhões de cruzados à agricultura, com juros de 10% sem correção monetária. E nós tivemos, no Governo, de pagar a diferença da inflação com os custos baixos, que o banco emprestou para dinamizar a agricultura. Tivemos grande resultado, e hoje já temos a maior safra da história do Brasil. Agora, veja, o Banco do Brasil já voltou ao trabalho e com o acordo no qual foram dados 30% agora, mais uma parcela de 10% em setembro e outra em março, os funcionários estão igualados ao Banco Central, estabelecimento pronto para ser, com todos os instrumentos de que ele dispõe atualmente, como eu disse e vou repetir, o grande conglomerado de crédito do País, eficiente como sempre, cumprindo a sua missão como um banco social.

Na semana também que passou nós instalamos o CONCEX (Conselho de Comércio Exterior), que se destina a reativar o setor das exportações. Todos os exportadores que estão me ouvindo no Brasil inteiro tenham certeza de que as medidas que tomamos foram medidas destinadas a imediatamente reforçar esse setor, visto que o Brasil não pode crescer sem também aumentar as suas importações. Para importar mais, temos que exportar mais, para termos maiores recursos. O mercado dinâmico internacional, ele se realiza justamente na exportação e na importação. Portan-

to, esse é um setor que nós agora estamos reativando com todo vapor.

Tenho lido algumas inquietações sobre o problema de recessão. É outro assunto de que devemos também tratar hoje. Eu quero dizer ao País que não há esse perigo de recessão. Nós vamos continuar crescendo. É um compromisso da Nova República. Estou recebendo já os primeiros dados deste ano, que nos mostram que não existe perigo de recessão. Esses dados são ditados pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social e mostram o crescimento das operações de investimento neste ano de 1987.

Basta dizer que o BNDES já emprestou este ano mais do que no ano passado; consultas recebidas, cerca de 129% a mais; na parte de desembolso, 130% mais. Vamos ver como estão crescendo os investimentos em janeiro, e então teremos uma noção de que realmente o problema da recessão não vai existir. Em janeiro, eles aprovaram 1.968 projetos. Em fevereiro aprovaram 2.796 e em março 3.259, o que mostra um crescimento bastante razoável, aliás, muito grande, dos projetos de investimento aprovados. Já aprovamos cerca de 8.023.

Por outro lado, o BNDES tem um volume grande de recursos para poder garantir o crescimento da economia.

Agora eu tenho também outro assunto, que é uma notícia muito boa. Uma notícia para os nossos aposentados. Eu encaminharei mensagem ao Congresso Nacional propondo que nenhum benefício da Previdência urbana de aposentadoria, pensão, auxílio-doença e auxílio-reclusão seja inferior a 1.300 cruzados, equivalentes a 95% do salário mínimo atual, beneficiando diretamente a 4 milhões e 100 mil aposentados e pensionistas que ganham menos de um salário mínimo do benefício. Vamos propor, também, a recomposição dos valores das aposentadorias e pensões que ficaram defasadas em relação à política social para os trabalhadores ativos, durante os anos de 1979 e 1984. A correção dessa defasagem representará um aumento real de 2% e 19%, dependendo do valor e do ano em que o segurado começou a receber os seus proventos. Atingirá quase um milhão de aposentados e pensionistas.

Com isso, mais de 5 milhões de brasileiros inativos serão beneficiados, reconhecendo o Governo o seu direito a condições mais dignas para a sobrevivência e segurança ao retirar-se do mercado de trabalho. Esse é mais um testemunho concreto do compromisso social da Nova República. Devo lembrar aos aposentados, também, que foi durante este Governo que nós extinguímos a contribuição dos aposentados para a Previdência Social.

Amanhã, dia 4, eu deverei estar reunido com os sindicalistas brasileiros. Não é a primeira vez que faço isso. No princípio do Governo também me reuni com os sindicalistas e tenho recebido muitas vezes aqui as confederações de trabalhadores em vários setores, não só do setor da agricultura, do setor da indústria, como de todos os setores. E sempre procurando dialogar também com a classe trabalhadora.

Amanhã nós vamos conversar com as lideranças sindicais, para uma meditação conjunta sobre os problemas do nosso País. Eu vou terminar. Hoje o nosso bom-dia foi um pouco longo, mas nós tínhamos muitos assuntos. E muito obrigado às brasileiras e brasileiros que me ouvem e felicidades para todos.

10.04.87 Reunião com lideranças sindicais mostra interesse de todos na solução dos problemas causados pela inflação e no desenvolvimento nacional. Mensagem ao Congresso pede pensão mais alta a aposentados. Comissão assessora dívida externa. Novo campo de petróleo na Amazônia.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui, mais uma vez, vos fala o Presidente José Sarney.

Começo nossa conversa ao pé do rádio anunciando que a minha última reunião com os trabalhadores constituiu um acontecimento marcante para o Governo. Relembro que, naquela oportunidade, tive condições de propor que os trabalhadores participassem da formulação de nossas políticas governamentais.

A democracia é assim. O Presidente da República recebe, sem qualquer discriminação, as centrais sindicais e as grandes confederações nacionais de trabalhadores. Durante cinco horas ouve e discute os principais problemas nacionais. E muito das coisas que eles pediram e questionaram são coisas justas. Nós estamos examinando todas elas e vendo como poderemos atendê-los.

E também verifiquei que nenhum daqueles 14 homens, em nenhum momento da reunião, tentou levar a discussão para interesses menores, pessoais, setoriais ou de grupos.

Quando falavam dos problemas dos trabalhadores, eles pensavam no conjunto da situação nacional. Eles não falaram só de política salarial. Falaram da política do País

de uma maneira global. Como os próprios líderes sindicais propuseram, está assim aberto um canal de entendimento direto a regular entre os trabalhadores e o Governo.

O nosso objetivo — eu posso dizer — é o mesmo dos trabalhadores do Brasil, isto é, conseguir uma fórmula de política salarial que consiga associar duas coisas: primeiro, manter o poder aquisitivo dos salários; segundo, não aumentar a inflação.

Desta forma, pela primeira vez, em nosso País, temos um entendimento constante com a classe trabalhadora. A política salarial não será elaborada somente por técnicos, isoladamente, mas com a participação direta daqueles que são mais interessados e seus órgãos de assessoramento.

Mas hoje temos também outros assuntos. Eu quero mais uma vez informar a todos os aposentados, aos 4 milhões de aposentados brasileiros, que enviei ao Congresso Nacional, conforme havia prometido, uma mensagem elevando as pensões. Ano passado retirei dos aposentados a contribuição para a Previdência e, agora, estou corrigindo os seus ganhos, com o aumento das pensões.

A Previdência Social, que nós encontramos acumulando déficits, não apenas deixou de ter prejuízos, mas apresenta resultados que permitem ao Governo melhorar as pensões e tomar medidas como a que acabamos de tomar.

Quero, agora, tratar de outro assunto. É que criei uma Comissão de Assessoramento sobre a dívida externa, presidida pelo Ministro da Fazenda e que terá, também, um embaixador especial para negociar com os credores. É o tratamento do assunto por um país maduro e grande como é o nosso Brasil. O tratamento da dívida, assim, vai ser encaminhado de maneira sistemática durante o período da negociação, de modo que as nossas propostas possam ser bem discutidas e os interesses do Brasil melhor defendidos.

Nesse assunto, também, nós temos recebido a solidariedade de países do mundo inteiro. Chefes de Estado de todos os continentes têm-se solidarizado com o Brasil.

Outro dia, aqui mesmo, quando visitou o nosso País, o Presidente Mário Soares teve oportunidade de oferecer a solidariedade de Portugal ao Brasil. E, agora, o Presidente

Mitterrand, da França, também se solidarizou com o nosso País e apelou aos países credores e aos banqueiros para que ajudem a encontrar uma solução.

Outro assunto: nesta semana eu tive a alegria de anunciar a descoberta, confirmada por sondagem e testes, de uma nova área de produção de petróleo do Brasil. Está situada no Amazonas, no Rio Juruá, e é uma grande área já detectada de 100km². O segundo poço perfurado foi igual ao primeiro poço e no segundo teste ele deu cerca de 600 barris de petróleo condensado por dia, de ótima qualidade, além de 150 mil metros cúbicos de gás. Temos, assim, uma grande notícia para o Brasil: a descoberta de um grande campo petrolífero na Amazônia. Nós temos os dois primeiros poços lá perfurados como os melhores poços em terra do Brasil.

Eu acho que é uma injustiça nós termos que pagar quantias tão altas, mandando para o exterior quantias que o Brasil não pode mandar, senão sacrificando o seu desenvolvimento. Por exemplo, na questão da dívida, da mesma maneira nós temos que nos libertar de mandar também todo ano uma grande quantidade de recursos brasileiros que daqui saem na importação de petróleo. Nós temos que ser auto-suficientes em petróleo, encontrar petróleo no Brasil para que todo o petróleo aqui consumido seja petróleo brasileiro.

Esses dois poços constituem o início de um novo e grande passo nesse sentido.

E, agora, quero terminar a nossa conversa ao pé do rádio com a mesma confiança que tenho demonstrado aos brasileiros nos momentos melhores e também nos momentos difíceis. E reafirmar, estou cuidando e tenho certeza e fé: as dificuldades passarão.

17.04.87 Simbolismo da Paixão de Cristo.
Sistemática do imposto de renda muda
em favor do contribuinte. Safra recorde
mostra criatividade do povo ao
encontrar solução para os desafios.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui, mais uma vez, fala o Presidente José Sarney.

Começo esta nossa conversa ao pé do rádio de hoje, Sexta-Feira da Paixão, desejando boa Páscoa a todas as famílias brasileiras.

Esta é uma data que alimenta a nossa fé, porque ela é a maior marca do Cristianismo, que é a Paixão. Sem a Paixão não há Ressureição e a Ressureição é a esperança, a renúncia do homem como criatura de Deus.

O exemplo de Cristo é dado para todos os homens que, como diz São João Evangelista, ele na cruz até a morte, amou até o fim.

Como cristão, presidente do maior país cristão do mundo, sento-me em torno da mesa com todas as brasileiras e brasileiros para juntos celebrarmos a Páscoa.

Desejo agora falar-vos sobre um assunto que muito angustiou a classe média nos últimos meses: o imposto de renda. Ouvi reclamações, analisei-as e finalmente concluí que era possível aliviar o imposto que todos deviam pagar. Para isso, autorizei que os declarantes de imposto de renda, que tenham imposto a pagar, podem usar as devoluções de 88 e 89 para compensar o imposto devido.

Por outro lado determinei que fosse aumentado, em mais um mês, o período de pagamento para as prestações, que praticamente passou de 6 meses para 9 meses. Devemos lembrar que a data prevista para o pagamento da primeira parcela era 15 de abril e agora passamos para 30 do mês de abril. Foi o que pude fazer com justiça e sem maior prejuízo para o Estado, que afinal usa este recurso em benefício do próprio povo em serviços devolvidos à comunidade.

Outro assunto. Estamos com a maior safra agrícola da história e é comovente como em muitos e muitos municípios as ruas estão interditadas, as estradas com a metade do seu leito separado para secagem de grãos. Adotam-se silos mais simples cobertos de lona e a criatividade brasileira, em todos os recantos do Brasil, afirma-se mais uma vez, e o povo encontra solução para um problema difícil que é o de armazenamento de uma safra tão grande. O importante, contudo, é a safra, a produção e a comida para o povo.

Anteontem, quando eu visitei a CIBRAZEM com o ministro Íris Rezende, para ver como estavam sendo desenvolvidas técnicas de armazenagem barata, simples e rápidas, um repórter me perguntou:

— Presidente, a política agrícola deu certo?

Eu respondi:

— Deu certo por causa do povo, nenhuma política dá certo se não tiver o povo ao seu lado. Foi o braço de milhões de lavradores, de milhões de proprietários rurais que acreditaram na política agrícola do governo e plantaram. E, agora, aí está a supersafra.

O Brasil, como tenho dito, é maior do que seus problemas. E os problemas brasileiros, graças a Deus, são problemas de crescimento e problemas de grandeza. Terminei, dizendo ao repórter:

— O que sempre dá certo é o povo brasileiro.

E o afirmei com a minha convicção permanente de crença no Brasil e sua gente. Nós só temos uma coisa a dizer: viva o povo brasileiro, ele constrói o Brasil.

24.04.87 Papel fundamental dos agricultores na supersafra. Apoio à Agricultura. Miniempresas têm ajuda. Luta contra alta dos juros. Comissão estuda dívida dos estados. Visita do Presidente de Cabo Verde, Aristides Pereira, ao Brasil.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala, mais uma vez, o Presidente José Sarney, nesta conversa ao pé do rádio, de hoje, sexta-feira, 24 de abril.

Trago uma mensagem aos agricultores. Todos se lembram da satisfação com que anunciamos e saudamos a safra que estamos colhendo este ano e que foi muito importante para enfrentar as dificuldades econômicas atuais do País.

Depois de manter-se estagnada muitos anos, abaixo do limite de 60 milhões de toneladas, a safra agrícola brasileira, pela primeira vez, rompeu essa barreira e estamos com uma grande safra de 65 milhões de toneladas. A maior safra da história do Brasil.

Foi um fato importante, que devemos ao trabalho do povo brasileiro, principalmente dos nossos agricultores, essa parcela do povo brasileiro constituída pelos nossos agricultores.

Agora, quero que todos observem um fato novo na vida do nosso País. O Governo não abandonou os agricultores à sua própria sorte. Pelo contrário, anotamos as queixas, as críticas e reclamações dos agricultores, e depois

de analisadas demos algumas soluções. É o que eu sempre digo: é o Governo do povo e o povo no Governo.

Nesta semana, aliviámos os produtos agrícolas da correção monetária. Nós sabemos que com essa correção alta é impossível que os nossos homens que produzem na área do campo possam fazê-lo sem grandes preocupações. Primeiro, nós cuidamos dos pequenos, porque a proteção dos pequenos deve ser sempre uma prioridade do Governo. Quero dizer que quem contraiu empréstimos agrícolas de até 200 mil cruzados, entre 15 de março de 1986 e fevereiro de 1987, terá isenção total de qualquer correção monetária. Vejam bem, esses pequenos agricultores, cujos empréstimos foram de até 200 mil cruzados, não pagarão nenhuma correção monetária. Para valores maiores do que este, a correção será de 50%. Só cobramos a metade da correção monetária.

Outra providência que foi tomada foi a de que os financiamentos poderão ser prorrogados por mais 18 meses. Tudo isso significa que o Governo está desejoso de atender as solicitações de quem produz, solicitações justas, e não abandona os que atenderam aos apelos para produzir mais. Quem há um ano me ouviu pedir mais produção e prometer o apoio aos agricultores deve anotar que estas providências estão sendo tomadas, sem açodamento e dentro do critério de seriedade do Governo.

Portanto, mais uma vez devo acrescentar que vale a pena produzir no Brasil de hoje. Da mesma forma, o pequeno empresário, o da microempresa que iniciou, ampliou os seus negócios, contribuindo para a grande multiplicação da oferta de empregos que tivemos nos últimos meses, não será também atropelado pelas dificuldades econômicas que todos nós estamos duramente enfrentando.

Para socorrê-los, na hora de pagar os empréstimos que tomaram, o Governo abriu uma linha especial de crédito de 8 milhões de cruzados. Os miniempresários, que tiveram financiamentos bancários e estão com dificuldades, precisarão pagar mensalmente, nos primeiros seis meses, no máximo 7% do valor dos seus empréstimos.

Anotem bem: somente 7% do valor dos seus empréstimos. Depois calcula-se o saldo desses empréstimos e

divide-se tudo isso para pagamento em 36 meses. Vamos diluir em 3 anos esses encargos e com isso permitir que os pequenos empresários respirem aliviados e toquem com tranqüilidade os seus negócios.

Chamo a atenção, também, para os novos esforços que estamos fazendo no sentido de conter a alta de juros, através de medidas que tabelam os tetos das porcentagens que os bancos cobram dos seus clientes, isto é, dos riscos dos *spreads*.

Todas essas medidas não são medidas isoladas.

Buscam resolver dificuldades específicas desses setores, como no caso dos agricultores, dos pequenos empresários. Os atos do Governo fazem parte de um conjunto e refletem algumas preocupações como a de permitir que o País supere as suas dificuldades sem prejuízo do crescimento, sem risco para a liberdade que hoje todos desfrutamos e sem comprometer o nosso futuro.

Peço às nossas brasileiras e brasileiros que observem o comportamento que o Governo vem tendo e me ajudem com o reconhecimento. Estamos ultrapassando, já, um momento de grandes dificuldades, com grandes sacrifícios. Eu sou consciente dos enormes sacrifícios que todos nós estamos atravessando atualmente na sociedade brasileira, no que diz respeito à correção da área econômica.

Estamos também conseguindo uma redução sensível dos conflitos sociais, econômicos e políticos que costumam exacerbar-se em momentos delicados, como o que o mundo em geral vive atualmente e que muitos podem pensar que acontecem somente no Brasil.

Outro assunto, para o qual quero também chamar a atenção. Eu decidi nomear uma comissão para estudar globalmente os problemas das dívidas dos estados que estão criando dificuldades, em alguns casos, verdadeiramente impeditivas para os novos governadores eleitos em 15 de novembro. Desejo, assim, que eles possam iniciar suas administrações com o mínimo de tranqüilidade no setor de recursos. Embora todos nós saibamos que esses recursos são escassos e exigem de quem governa medidas de austeridade, medidas que muitas vezes são amargas.

Sem discriminar estados ou privilegiar uns em benefício dos outros, o Governo vai ajudar os governadores a promover um saneamento financeiro nos seus estados, sem comprometer de uma maneira global o objetivo maior que é a estabilidade econômica do País.

Para terminar, eu desejo trazer a todos os brasileiros a notícia de que está no Brasil o Presidente Aristides Pereira, de Cabo Verde, a querida nação africana de língua portuguesa e que se constitui hoje num dos povos mais próximos e amigos do Brasil.

No ano passado, quando visitei Cabo Verde, me sensibilizei muito, pela seriedade exemplar da administração pública dessa jovem nação que, com todos os sacrifícios, sem nenhum recurso natural, está tentando construir um país. Segundo, a inteligência e a cultura do seu povo, os recursos humanos que ali existem:

E também uma coisa que muito me impressionou foi o carinho dos homens e mulheres de Cabo Verde em relação aos brasileiros e também a alegria que vi no espírito de todos e uma descontração que me fez concluir que a alegria que o Brasil tem, a alegria do seu povo, é um pouco da alegria que nos vem da África. Eles estão nas nossas raízes. Portanto, eu, juntamente com todo o povo brasileiro, envio uma palavra de saudação geral de todos nós ao Presidente Aristides Pereira.

E aqui vou terminando esta conversa ao pé do rádio, desejando às brasileiras e brasileiros muito bom dia. Estarei de volta na próxima sexta-feira.

01.05.87 Dia do Trabalho lembra quadro de absoluta liberdade sindical. Justiça do Trabalho se amplia. Eletricitários ganham adicional de periculosidade. Balanço no sindicalismo com a Nova República. Trabalhador vai para o Conselho Monetário Nacional.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui mais uma vez vos fala o Presidente José Sarney.

Estamos iniciando a nossa conversa ao pé do rádio, desta sexta-feira, 1º de maio, que, como todos sabem, é o grande Dia do Trabalho.

Quero começar com uma saudação às trabalhadoras e trabalhadores brasileiros, repetindo uma recomendação que fiz ao novo Ministro da Fazenda, professor Bresser Pereira, na solenidade de sua posse. Eu disse ao novo ministro que na Nova República a classe dos pobres tem prioridade. Nesta classe está incluída uma grande parcela dos trabalhadores brasileiros.

Tenho certeza de que nenhum governo neste País, em tão pouco tempo, fez tanto pela classe trabalhadora, não só no que se refere a reivindicações materiais, mas também quanto a sua participação e importância na vida do Brasil.

Legalizamos as centrais sindicais e possibilitamos que elas participassem da vida nacional à luz do dia. Demos anistia a todos os sindicalistas punidos. Acabamos com as intervenções nos sindicatos e estamos sem nenhum sindicato sob intervenção. Não existe também nenhum processo contra dirigente sindical, neste Governo, com base na Lei

de Greve. Assegurou-se integralmente o direito a suas reivindicações. Criamos, para tornar rápido o processo trabalhista, 106 Juntas, três Tribunais Regionais do Trabalho, e estamos remetendo ao Congresso projeto de lei propondo a criação de novas juntas e de novos tribunais. Só os trabalhadores despedidos, que levavam anos e anos para receber sua indenização na morosidade da Justiça do Trabalho nessas áreas, sabem o que isso significa.

Reconhecemos e concedemos aos eletricitários o adicional de periculosidade. Recentemente obrigamos que as indenizações trabalhistas tenham correção monetária e mais juros, evitando que o retardamento do pagamento dessas indenizações fosse um bom negócio para os maus empresários. Reconhecemos mais de 1.000 novos sindicatos nestes dois anos. Democratizamos e desburocratizamos as eleições sindicais. Modernizamos, assim, o movimento sindical brasileiro, que é hoje atuante, prestigiado e livre.

Os trabalhadores participam dos Conselhos da SUDAM, da SUDENE, da Mulher, de Defesa do Consumidor e de Cálculo dos Índices do IBGE. Ontem mesmo nomeei o trabalhador José Calixto Ramos, presidente da Confederação dos Trabalhadores da Indústria, para o Conselho Monetário Nacional, possibilitando assim à classe trabalhadora opinar sobre decisões graves da economia.

Questões envelhecidas e prometidas, e nunca realizadas, como o salário-desemprego e o salário móvel, foram rapidamente atendidas pelo atual Governo. Hoje, dezenas de milhares de trabalhadores vêm-se beneficiando do salário-desemprego com recursos do Tesouro Nacional. O Presidente reúne-se com trabalhadores, com eles discute os problemas nacionais, deles ouve e acolhe reivindicações.

O Presidente tem sensibilidade para a situação da classe trabalhadora e suas reivindicações e deseja que cada vez mais ela participe da política econômica e financeira do Governo. Na elaboração do Plano Cruzado, colocamos o gatilho, a escala móvel, isto é, o reajustamento dos salários toda vez que a inflação atingir 20%, inclusive do salário mínimo, das aposentadorias e das pensões.

Estamos realmente com uma inflação alta, em termos quase insuportáveis, mas temos esse mecanismo que está

defendendo, como nunca aconteceu no passado, a classe assalariada da deterioração do seu poder de compra. Tantas medidas, tantas providências mostram com fatos e não com palavras essa visão social do Governo que aponta como únicos privilegiados os pobres.

Muito obrigado e felicidades a todas as trabalhadoras e trabalhadores do Brasil.

08.05.87 Determinação na luta pelo crescimento.
Dia da Vitória. Ferrovia Norte-Sul
integrará o Brasil. Confiança e fé no
Brasil e no povo brasileiro.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui mais uma vez, vos fala o Presidente José Sarney, nesta conversa ao pé do rádio, sexta-feira, dia 8 de maio.

As notícias são de que continuamos a nossa caminhada. Evidentemente, enfrentamos grandes dificuldades de natureza econômica e de natureza política.

Mas quero dizer às brasileiras e brasileiros que nada, nada mesmo, me fará perder a noção do cumprimento de minhas obrigações.

Todas as brasileiras e brasileiros sabem que eu não pedi para ser Presidente. Também não vou pedir para não ser Presidente, por causa das dificuldades. Se coube a mim governar o Brasil num momento de tempestade, tenho de enfrentá-la serenamente, sem recriminações, sem queixas, sem desânimos e sem abatimentos. Injustiças, ataques, incompreensões sempre provaram os que se dedicaram ao interesse público.

Eu não tenho ambições de poder nem de mando, mas, serenamente, tenho o senso grave do cumprimento do poder.

Hoje, 8 de maio, é também o Dia da Vitória, quando se comemora o fim da Segunda Guerra Mundial, em que o

Brasil esteve diretamente envolvido, enviando mais de 25 mil soldados do Exército e aviadores da FAB aos campos de batalha na Europa para defender a democracia — democracia que estamos consolidando, consolidando o poder civil, consolidando o poder político, que é a síntese de todos os poderes.

Eu estarei presente à Festa da Vitória, hoje.

Outro assunto é a notícia da batalha que nós estamos iniciando pela integração de uma vasta região econômica brasileira, de 595 mil km², e que constitui o nosso Centro-Oeste. São 35 milhões de hectares de terras aptos para o cultivo do milho, arroz, soja, feijão, dos quais menos de 1/4 está sendo explorado atualmente.

Eu estou falando do grande projeto da marcha para o Brasil Central, que se fará através da construção da Ferrovia Norte—Sul, de 1.570 km, que será uma obra que vai significar uma etapa histórica do Brasil, da ocupação do Brasil Central.

Nós vamos dar mais uma marcha naquilo que se chamava a «civilização do caranguejo», que é ficar preso o brasileiro à costa e que foi aberta com as obras de Juscelino na construção de Brasília e as obras de construção das estradas que demandaram esta vasta região.

Agora, nós iremos integrar, através de ferrovias, todo o Brasil e vamos terminar essa ligação construindo a grande Ferrovia Norte—Sul, que é a marcha para o Brasil Central.

Quero pedir às brasileiras e brasileiros que fiquem atentos a essa grande obra, porque é pioneira, de necessidade, uma obra histórica. O Presidente Juscelino, quando foi fazer a Belém—Brasília, também foi muito censurado pelo fato de estar construindo aquela estrada. Diziam que era uma estrada que ligava nada a nada, porque não existia nada naquela região; diziam que era a estrada das onças. Enfim, o Presidente Juscelino sofreu uma contestação muito grande a respeito da construção da Belém—Brasília. E hoje nós estamos vendo que a Belém—Brasília foi a grande estrada, que foi a grande via de penetração, de ocupação e de desenvolvimento de populações até então margi-

nalizadas da vida brasileira. Basta dizer que hoje a Belém—Brasília tem cidades à sua margem, como Imperatriz, com mais de 300 mil habitantes e um dos mais dinâmicos centros econômicos de toda essa região.

A Ferrovia Norte—Sul, portanto, tem o mesmo sentido, sendo que ela vai integrar, como eu disse, uma vasta região econômica e ao mesmo tempo preencher um grande vazio que existe hoje nesta área do Brasil. Nós vamos fazer dela uma nova área de grande desenvolvimento. O futuro fará justiça à decisão histórica de começar a sua realização.

Quero dizer que ontem recebi o presidente do *Los Angeles Times* e ele me perguntou por que nós, no Brasil, tínhamos uma característica diferente de muitos países da América Latina. Eu lhe respondi que por duas razões: em primeiro lugar, porque o povo brasileiro é um povo que gosta da sua Pátria, ele ama a sua Pátria, ele tem ternura pela sua Pátria; em segundo lugar, ele acredita no futuro do seu País, ele tem confiança no futuro do seu País. Isso é que distingue o povo brasileiro e, por isso, nós somos um País que acreditamos, no nosso grande destino. E porque acreditamos nós enfrentamos os problemas tranqüilamente, serenamente, procurando resolvê-los através do diálogo, da conciliação, da busca de caminhos comuns, porque nós sabemos que o Brasil é maior do que os seus problemas.

O Brasil atravessou grandes dificuldades no passado e soube superar todas elas. Atravessará as dificuldades do presente e vai atravessar as do futuro, porque é um grande País e o povo brasileiro acredita no seu futuro e ama o Brasil.

15.05.87 Táxis ganham vantagens de isenções. Aposentados da cidade e do campo têm mais benefícios. Cientistas descobrem supercondutores. Programa do Bom Menino tem conselho diretor. Mensagem de esperança.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney, nesta sexta-feira, 15 de maio.

Começo ao dizer aos taxistas que remeti projeto de lei prorrogando a isenção do imposto, o IPI, sobre os carros destinados a essa classe de homens de trabalho, classe de que sempre me lembrei. Atendi, assim, ao pedido dos choferes de praça. Eles poderão gozar dos benefícios da lei e continuar comprando carros bem mais baratos para o seu trabalho. Foi no meu Governo, em 1985, que acabou o IPI para os carros dos taxistas. Agora, propus a renovação do benefício.

Vamos falar aos aposentados. Recordar que depois da lei que mandei e foi aprovada ontem, pela Câmara dos Deputados, ninguém recebe do INPS menos do que o salário mínimo. Ao mesmo tempo, os que ganham mais do que um salário mínimo, vários salários mínimos, tiveram suas pensões reajustadas de uma maneira justa, além dos dois gatilhos de que já gozaram. Lembrem-se também os aposentados de que foi no atual Governo que se concedeu a isenção para não pagar descontos para o INPS.

Todos esses reajustamentos começam a contar a partir de 1º de abril.

Os trabalhadores do campo passaram a ter suas aposentadorias também aumentadas, além da extensão dos benefícios de assistência que gozam, não somente a eles, mas a extensão a toda a família. O objetivo que nós temos é, em breve, acabar com os trabalhadores de segunda classe, dando benefícios iguais a todos. Vamos chegar a esse objetivo.

Devo dizer aos trabalhadores rurais, também, que foi instalada em Araguaína, em Goiás, o primeiro juizado da justiça rural, para julgar os conflitos do campo, facilitando a solução das questões que estão impedindo o andamento da reforma agrária. Assim, devo dizer que a justiça rural, criada também neste Governo, para ajudar aos mais pobres, começa a funcionar.

Uma outra notícia. Ontem, também, no Palácio, recebi cientistas da Universidade de São Paulo e do Instituto de Física de São Carlos. Brasileiros, equipe de brasileiros que descobriu material de cerâmica que é um supercondutor. Isto é uma grande descoberta. Já se disse que neste século nós tivemos três grandes descobertas: a lâmpada elétrica, o transistor, esse transistor que está hoje aí no seu radiozinho de pilha, e, agora, os supercondutores, que vão possibilitar uma revolução em muitos setores de nossas vidas. Pois bem, esse material, antigamente, essas descobertas eram feitas por grandes países. E agora foi descoberto esse material no Japão e Estados Unidos. E o Brasil acaba de se igualar ao Japão e aos Estados Unidos, também fazendo essa descoberta. É um fato extraordinário que não posso, nesta breve notícia, dizer de todo o seu alcance. Mas nós, brasileiros, devemos ficar orgulhosos, porque começamos a disputar a descoberta de tecnologia de ponta.

Quero anunciar, também, que, na segunda-feira, vou empossar o Conselho do Programa Nacional do Bom Menino, programa esse pelo qual eu tenho tanto carinho. É um programa que vai tirar um milhão de meninos de ruas e fazê-los homens com direito a um grande futuro. A lei, que foi feita pelo meu Governo, permite que toda a empresa, pequena e grande empresa, possa contratar meninos entre 12 e 18 anos. Pagam a eles e são isentos de qualquer contribuição previdenciária. Eles não são considerados em-

pregados pela lei, eles são considerados menores assistidos. Eles vão à escola e trabalham 4 horas por dia.

Nós estamos lançando este programa para fazer muito pela juventude brasileira, sobretudo a juventude mais necessitada, os menores abandonados.

Agora, vou finalizar esta minha conversa ao pé do rádio com a mesma mensagem de esperança, como faço sempre às sextas-feiras.

O Presidente Sarney enfrenta dificuldades. É muitas vezes injustiçado, mas ele não deixa de acreditar que nós vamos vencer todos os nossos problemas atuais. Repito: o Brasil é o Brasil, o país que é maior do que seus problemas. Vamos vencer.

22.05.87 Defesa de mandato presidencial de 5 anos e não de 6: Presidente abre mão de um ano de governo. Programa do Bom Menino é sucesso. Fim de compulsório para automóveis. LBA inaugura obras na fronteira com a Colômbia. Integração latino-americana reúne presidentes da Argentina, Uruguai e Brasil.

Brasileiros e brasileiras, bom dia!

Aqui vos fala, nesta manhã de sexta-feira, 22 de maio, o Presidente José Sarney.

Vocês que me ouvem sabem que esta semana, através de uma cadeia de rádio e televisão, eu comuniquei ao País uma decisão que considero muito importante para a nossa vida política e para tranqüilidade dos dias que nós vivemos.

Todos sabem que eu tenho um mandato de 6 anos, que fui eleito com Tancredo Neves para sermos, ele o Presidente e eu o Vice-Presidente da República, durante esse período — que, devo repetir — é de 6 anos.

O mandato de deputado é de 4, o de senador é de 8, o de prefeito é de 4 e 3, o do Presidente é de 6 anos. Mas eu considereei que este mandato é longo e resolvi abrir mão de um ano, para possibilitar a conciliação e definir logo este assunto, para que o Governo possa trabalhar, ter horizontes para tomar decisões e enfrentar o problema da inflação, da dívida e da carestia com todas as forças.

Pedi o apoio dos partidos políticos para esta decisão, principalmente àqueles que formam a nossa Aliança Democrática. Eu pertenço ao PMDB, a ele sou filiado; sou tam-

bém patrono da Frente Liberal. Tenho sido leal aos dois partidos, e agora estou pedindo a solidariedade deles. Eles têm, portanto, esta obrigação para comigo, embora eu espere também a compreensão e o apoio dos outros partidos. O que eu desejo não é o poder. Todas as brasileiras e brasileiros sabem que eu não tenho ambição de poder. O que eu desejo é condições para trabalhar, para melhor trabalhar, para que possa trabalhar fora das indefinições e das lutas políticas sobre mandatos que prejudicam a Constituinte, prejudicam o povo brasileiro, prejudicam o nosso País e atrasam a solução dos nossos problemas.

Agora, com este assunto resolvido, vamos continuar com redobrada força, lutando para enfrentar os graves problemas que atormentam o País.

Agora outro assunto. Eu desejo comunicar às brasileiras e brasileiros que o Programa do Bom Menino, do qual eu tenho falado aqui tantas vezes, já começou a dar bons frutos. No dia 25, em São Paulo, nós teremos as primeiras 30 mil crianças de São Paulo, que, através de convênios com nove federações da FIESP, vão ser colocadas como menores assistidos em muitas e muitas firmas de São Paulo. São crianças que nós já estamos começando a tirar das ruas e que não sofrerão mais com o fantasma do abandono e da delinqüência. Só aqueles que serão beneficiados por esse programa, as mães dos meninos, os pais, vão sentir e vão saber o que isso significa. Portanto, esse é um grande programa, o Programa do Bom Menino, que vai pegar e vai, sem dúvida, chegar a tirar, como é o nosso objetivo, cerca de um milhão de meninos da rua.

Agora quero dizer também que a lei dos aposentados, os nossos aposentados, que há tanto tempo lutaram pela melhoria das suas pensões, foi sancionada. Ela retroage a 1º de abril e eles já vão receber pensões e benefícios com esses aumentos.

Outro assunto também muito importante. Acabei ontem com o compulsório para os automóveis e outros veículos usados. E reduzi de 50% o compulsório para os veículos novos. Isto é uma notícia que tem uma grande repercussão, porque é um assunto que vinha sendo bastante discutido no Brasil inteiro. Agora, com essas condições me-

lhores, também melhoram as condições das brasileiras e brasileiros em adquirir o seu automóvel, o seu veículo.

Outro assunto também sobre o qual desejo falar, é que a minha esposa, em companhia do Presidente da LBA, esteve em Tabatinga, na divisa com a Colômbia, para inaugurar naquela área do Amazonas obras destinadas ao Programa Primeiro a Criança. O Brasil começa na criança, pela qual minha mulher tem tanto interesse e à qual está-se dedicando tanto, juntamente com todos aqueles que trabalham na Legião Brasileira de Assistência. Depois foram a Manaus, no desdobramento dos trabalhos e das inaugurações, e sobretudo em função do trabalho que a Legião vem desenvolvendo em favor dos pobres.

Lembrem-se de que, neste Governo, a Legião Brasileira de Assistência já atende a três vezes mais o número de pessoas que ela atendeu em toda a sua história.

Outro assunto: no dia 27 eu estarei no Uruguai para encontrar-me com o Presidente Afonsín e com o Presidente Sanguinetti. Iremos continuar a tratar da integração da América Latina, a começar pelos nossos países, uma decisão histórica que é uma esperança de melhores condições de vida para os nossos povos.

Para terminar, devo dizer que, embora com a inflação em termos insuportáveis, os indicadores econômicos mostram que nós iremos cumprir a meta de crescer este ano em condições de não provocar desemprego e manter o dinamismo de nossa economia.

Temos problemas, grandes problemas, mas eu sempre estarei aqui para acreditar no Brasil, na superação dos nossos problemas e acreditar na nossa capacidade.

Eu não me alistarei no exército dos pessimistas. Eu não desanimo. Continuo firme, sabendo que iremos vencer, com a ajuda de Deus e o trabalho das brasileiras e brasileiros que estão me ouvindo.

29.05.87 Governo toma providências contra seca no Nordeste. Encontro com Raúl Alfonsín e Julio Sanguinetti aprofunda cooperação. Defesa do erário público. Confiança no futuro do País.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui estou, mais uma vez, para esta conversa ao pé do rádio, neste dia 29 de maio de 1987. É o Presidente José Sarney conversando com todas as brasileiras e brasileiros.

Vamos avançando o nosso ano de 87, chegando ao fim de maio, neste que tem sido um ano difícil e de muitos desafios. Mas a história do homem é sempre uma história, como eu tenho dito, de coragem e de atravessar dificuldades.

Agora mesmo, estou tendo uma notícia de que está havendo um começo de seca no Nordeste. Este meu Nordeste tão sofrido e tão castigado, de um povo tão trabalhador e de um povo tão humano. Mas eu já dei ao Governo um sinal de alerta para atendermos a toda região. E vamos começar por termos, já na próxima semana, 5 ministros na Cidade de Patos e na Cidade de Sousa, na Paraíba, para examinar a situação. Também tendo tido notícias do Rio Grande do Norte e do Ceará, com o agravamento do problema em muitas cidades do interior.

Eu também determinei ao Ministro do Interior que, através da SUDENE e de todos os órgãos que atuam na área, principalmente o DNOCS, se antecipem aos males da

seca para minorar as conseqüências. Não devemos deixar, como das outras vezes, que as coisas se agravem, para depois então o Governo entrar em socorro. É melhor começar logo e assistir o homem nordestino da melhor maneira possível. A minha solidariedade, portanto, ao povo nordestino, neste instante.

Agora, um outro assunto: na quarta-feira, eu fiz uma visita ao Uruguai. Estive em Montevidéu, para um encontro com o Presidente Raúl Alfonsín, da Argentina, e o Presidente Julio Sanguinetti, do Uruguai.

Como todos sabem, Argentina, Uruguai e Brasil estabeleceram mecanismos para um acordo de cooperação, de modo a aumentar o nosso comércio, o nosso intercâmbio e cada vez mais a amizade que une os nossos povos. Nós somos regimes democráticos e enfrentamos dificuldades econômicas e políticas e estamos procurando superar essas dificuldades sem sacrificar a liberdade e sem interromper o seu desenvolvimento. Foi uma troca de experiências, uma conversa franca entre os presidentes de três grandes países aqui da América Latina.

Eu aproveitei a minha estada em Montevidéu para conceder uma entrevista aos jornalistas brasileiros. Abordei vários temas, mas um sobretudo devo comunicar às brasileiras e brasileiros: é que dentro de 30 dias nós começaremos a negociar com os nossos credores internacionais o problema da dívida externa. Mas isso só ocorrerá depois de lançado um programa de ajuste interno da nossa economia, que está em elaboração.

Por outro lado, eu recomendei a todo o Governo uma mobilização geral para aumentar a produtividade das ações administrativas; isto é, o Governo deve tirar todo o proveito da administração para que possa render mais em benefício do povo. Precisamos trabalhar muito para equilibrar as perdas da crise econômica. Precisamos evitar o desperdício, poupar, e combater a corrupção, que é uma erva daninha que corrói as melhores bases morais da Nação brasileira.

Na entrevista que concedi em Montevidéu, tive oportunidade de ressaltar que o nosso Governo tem consciência limpa e, portanto, todas as vezes em que ocorrerem denún-

cias ou tivermos conhecimento de desvios ou baixas práticas administrativas, mandaremos apurar tudo, doa em que doer e bata em quem bater. Eu tive até oportunidade de repetir um provérbio nosso, aí do Nordeste, que diz: «faremos tudo até onde o vento levar o cisco».

Por outro lado, é preciso não só maior vigilância não só da União, como dos estados e municípios para aqueles que recebem dinheiro do povo e por todos os meios procuram enganar os controles do Estado, e não trabalham e não produzem, e ainda desejam receber do erário público. Até temos lido notícias, muitas notícias dos novos governadores com a dispensa daqueles chamados funcionários-fantasmas. É preciso fazer um mutirão nacional, portanto, contra a corrupção em todas as suas manifestações, contra a especulação, contra aqueles que não desejam ajudar o Brasil em momentos como este.

Também desejo anunciar que na próxima semana começaremos as primeiras ações para um mutirão contra a pobreza, programa governamental que vai assistir o povo mais pobre, protegendo um pouco dos efeitos maléficos da inflação alta.

De minha parte, para terminar, desejo enviar, a todas as brasileiras e brasileiros, minha palavra de confiança na superação dos nossos problemas. Eu continuo a ser um otimista realista. Continuo cuidando, trabalhando e me esforçando.

No princípio desta semana, eu recebi a bancada evangélica na Constituinte, essa bancada formada de homens de tanta força espiritual e eles me disseram que, por sua iniciativa, tinham colocado a Bíblia na mesa da Assembléia Nacional Constituinte e que, logo que ela foi colocada, eles abriram a Bíblia, e a página que foi dada para ser lida foi uma página do Livro do Êxodo. É o livro em que Moisés conta a saída do povo de Deus do Egito e a ida para a Terra da Promissão.

Eu então disse a eles:

— Esse é um sinal, é uma mensagem que Deus está mandando aos constituintes.

Porque no Livro do Êxodo se conta que Moisés mandou uns espias, uns homens, saberem como eles podiam entrar na Terra da Promissão. Esses espias voltaram e disseram que tinham muitas dificuldades e que o povo, portanto, não devia ir. E o povo de Moisés esperou 40 anos para entrar na Terra da Promissão, justamente por causa desses pessimistas. Então eu disse aos deputados:

— Olhem, essa é uma mensagem aos constituintes. Os pessimistas atrasaram 40 anos a entrada do povo de Deus na Terra da Promissão. Nós não vamos atrasar o Brasil e o seu progresso sendo pessimistas. Nós somos povo de Deus e, portanto, vamos vencer.

05.06.87 Conhecimento da situação. Repúdio à recessão; combate à inflação. Suspensão de despejos e outras ações na área social e na economia. Dinamização da reforma agrária. Visita de trabalho à fronteira amazônica.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala, mais uma vez, nesta conversa ao pé do rádio, de sexta-feira, dia 5 de junho, o Presidente José Sarney.

Começo por repetir uma pergunta que sempre me é feita: o Presidente sabe mesmo, está informado das dificuldades do povo e do custo de vida?

Quero dizer às brasileiras e brasileiros que sou um homem de classe média em que os problemas do custo de vida sempre foram objeto das preocupações de nossa família, uma família que sempre viveu os problemas da classe média e, portanto, os problemas do povo. Sei das dificuldades. Conheço todas essas dificuldades. Minha mulher e minha filha são donas-de-casa, freqüentam supermercados e eu sou daqueles que não gostam de ouvir somente coisas boas. Eu quero ouvir também coisas que não são boas, o que realmente acontece.

Eu acho que, melhor informado, eu posso melhor cumprir com o meu dever. Assim, quero afirmar-lhes que estou lutando, cada vez mais, resistindo a pressões, e certo de que venceremos a crise. O Governo está agindo sem ilusões.

Na terça-feira, por exemplo, na reunião ministerial, eu disse claramente o seguinte: que 1986 não vai voltar. Ano nenhum volta. Nem 1985. Mas também 1987 não vai perdurar. Ele também vai passar. O Brasil é muito maior que seus problemas.

Determinei aos Ministros, *primeiro*, que o Brasil não pode parar; por isso, nada de recessão. E não temos até agora sinais de recessão. Vamos redobrar para que as indústrias não parem, para que não haja desemprego, que não falte estímulo a quem produz. E nós estamos vendo este País, o grande País mesmo com todas as dificuldades. Ele continua a funcionar em todos os setores a todo o vapor.

Segundo: vamos dar combate total à inflação, cortando, centavo por centavo, os gastos públicos supérfluos.

Terceiro: vamos ampliar a vigilância sobre as verbas públicas e punir qualquer desonestidade, seja de quem for, ocorra onde ocorrer.

Quarto: vamos ajudar o povo, a classe média, os trabalhadores, especialmente os mais pobres, para que eles possam também atravessar as dificuldades que estamos vivendo; tomar medidas, como a suspensão temporária dos despejos residenciais. Estamos mandando a lei, neste sentido, suspendendo os despejos por 90 dias até a votação da lei que vai regular os novos aluguéis, da chamada Lei do Inquilinato. Contenção da especulação representada pelas remarcações. Vamos ter juros menores e prazos maiores de até 25 anos para o pagamento da casa própria.

Quinto: vamos manter e ampliar as conquistas dos trabalhadores. Vai continuar a correção dos salários em níveis compatíveis com o processo inflacionário. Ninguém vai mexer na caderneta de poupança.

Sexto: vamos proteger as micro e pequenas empresas, pois nelas estão assentadas a esperança e a oportunidade de milhões de brasileiros que acreditaram no Brasil.

Sétimo: vamos ampliar as exportações para produzir mais divisas e poder importar mais para criar mais indústrias, que, por sua vez, criarão mais empregos.

Oitavo: vamos incentivar os projetos e programas de desenvolvimento, sejam privados, sejam conduzidos pelos estados, municípios, órgãos federais.

E *nono:* vamos manter a Aliança Democrática e vencer os que desejam dividi-la, quer por ambição, quer por interesses pessoais.

Devo dar mais algumas notícias antes de terminar esta nossa conversa de hoje. Ontem, quinta-feira, eu dei posse ao novo Ministro da Reforma e do Desenvolvimento Agrário, o Doutor Marcos Freire. E também, ao empossá-lo, determinei uma dinamização no programa da reforma agrária, que é uma das prioridades do Governo em favor do sofrido homem do campo.

Desejo também dizer que, neste fim de semana, estão reunidos na Paraíba dezenas de deputados e ministros de estado para fazer uma análise da região nordestina e também para analisar os efeitos da seca. O Governo está solidário e desejoso de mais rapidamente possível tomar as providências para tornar menor o sofrimento do povo nordestino com mais esta seca que aí está a ameaçá-lo.

E também desejo anunciar que daqui a pouco, nesta sexta-feira, estarei embarcando para a Amazônia, para São Gabriel da Cachoeira, para visitar a fronteira do Brasil naquela área, para visitar os brasileiros que mais longe estão do centro de nossa Pátria, e portanto estão convivendo com as maiores dificuldades na fronteira.

Vou examinar o trabalho que ali é realizado pelos órgãos públicos e pelas Forças Armadas, principalmente pelo Exército Brasileiro, pela Força Aérea Brasileira e também, na patrulha dos nossos rios amazônicos, pela Marinha do Brasil. Estarei em Jauretê, em São Joaquim e também em São Gabriel, como tive oportunidade de dizer.

E aqui, mais uma vez, eu para terminar esta conversa ao pé do rádio, renovo o meu otimismo, renovando aquela frase que tenho dito: não me alisto no bloco dos pessimistas, porque sei que o Brasil vai vencer, porque tem um grande povo e esse grande povo não conhece derrota.

12.06.87 Micro e pequeno empresários têm reivindicações atendidas. Programas sociais atendem 17 milhões de pessoas. Investimentos em energia para desenvolver setor elétrico.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney, hoje, nesta sexta-feira, dia 12 de junho.

Quero, mais uma vez, nesta conversa ao pé do rádio, comunicar aos pequenos empresários, que, depois de constatar suas dificuldades, resolvi, através da rede bancária oficial e privada, atender os seus justos pedidos. E, assim, aliviar os problemas dos micro e dos pequenos empresários brasileiros.

Todos poderão procurar, a partir da próxima semana, os bancos e reescalonar suas dívidas. O reescalonamento será o seguinte: nos primeiros seis meses ninguém pagará nada, a não ser três por cento mensais do total da dívida. É o chamado período de carência. Depois, pagarão o débito em 30 meses, sendo que, nos seis primeiros meses, com 50% da correção monetária. Assim, ao final do débito, terão toda uma diminuição em cerca de 1/3 da dívida.

Dessa maneira, o Governo fez um grande esforço e investiu cerca de 60 bilhões de cruzados para socorrer as pequenas e as microempresas.

Outro assunto: estamos mandando ao Congresso projeto de lei suspendendo por 90 dias os despejos. E o Minis-

tério do Desenvolvimento Urbano estabeleceu novas regras para facilitar a aquisição da casa própria. Ao mesmo tempo a Caixa Econômica Federal vai iniciar um programa nacional de moradias de pessoas de baixo salário, em grande escala.

Estou muito preocupado com o problema da moradia.

Outro problema também que temos, hoje e que muito me preocupa, é, justamente, o andamento dos programas sociais, para combater a pobreza e evitar a fome. Numa avaliação desses programas, recebi informes, por exemplo, da LBA, do Ministério da Saúde e da Secretaria de Assuntos Comunitários, de que já estamos atendendo cerca de 17 milhões de pessoas, com distribuição de alimentos.

Só a LBA atingiu em março a média de 3 milhões de refeições/dia útil, distribuídas através de suas creches, dos programas de lazer comunitário e de assistência aos idosos. Além disso, entregou às famílias o equivalente a 1 milhão de litros de leite, suplemento alimentar por dia útil.

Por sua vez, o INAN, através do programa de suplementação alimentar, apoiado e acompanhado pelo Serviço de Assistência Médica dos postos de saúde, está atendendo a 10 milhões de pessoas, em 3 mil e 500 municípios, que recebem mensalmente uma feira com arroz, feijão, leite em pó, farinha, óleo de soja e açúcar. São atendidas famílias com renda mensal de até dois salários mínimos.

Nessa mesma linha, o programa de leite da SEAC, atendeu, em maio, 4 milhões e 119 mil crianças, cujas famílias tinham uma renda média de 75% do salário mínimo.

Devo repetir: o programa do leite para as crianças já atinge, hoje, 4 milhões e 119 mil crianças por dia no Brasil inteiro. Para identificar essas famílias necessitadas, o Governo contou com a colaboração de entidades comunitárias, que hoje são 10 mil e 435 associações de moradores, organizações religiosas, clubes, sindicatos e todos os que colaboram nesse programa.

A opção social do Governo está rompendo, assim, a barreira da fome, permitindo aos pobres que se alimentem, eduquem os seus filhos e criem novas perspectivas de vida.

Este é um trabalho silencioso, que atinge as periferias, que atinge o povo mais necessitado, e por isso mesmo é menos divulgado, mas nem por isso deixa de ser o melhor programa e o que atende os mais necessitados.

Quero também dar uma palavra ao povo nordestino, sobre o problema do racionamento de energia e dizer que este ano o problema foi causado pela falta de chuvas, chuvas essas que diminuíram a capacidade dos reservatórios, não dando condições às hidrelétricas de fornecer a energia de que o povo nordestino necessita. Mas, para evitar que isso volte a acontecer, eu quero anunciar que, até março do ano que vem, a energia de Tucuruí chegará ao Nordeste. A linha chamada *linhão*, de Tucuruí a Presidente Dutra, interligando o sistema da CHESF com o sistema de Tucuruí, vai adiantada, dentro dos cronogramas, com 4 frentes de trabalho construindo trechos da linha, de modo que este programa está dentro dos nossos cronogramas e o Nordeste não terá mais esse problema de energia e nem de racionamento.

Também em março do ano que vem entram em operação as primeiras quatro máquinas da Usina de Itaparica, no Rio São Francisco, com 1 milhão de kilowatts. Ontem mesmo o ministro Aureliano Chaves me disse que entrarão em operação as usinas termelétricas flutuantes, duas já disponíveis e em recuperação, e outras que estão sendo importadas. O Nordeste terá energia para se desenvolver e não sofrerá mais racionamentos depois desses trabalhos. E devo dizer também que já abrimos concorrência e já foi feito contrato para o início das obras de Xingó, que será outra grande hidrelétrica a ser construída no Rio São Francisco.

Finalmente, quero dizer ao povo que eu tenho certeza de que em breve nós estaremos saindo da crise que atravessamos estes meses. Eu também sofri, vendo o povo sofrer. Mas jamais desisti da minha convicção e da minha certeza de que o Brasil é maior do que qualquer crise. Todas as sextas-feiras, as brasileiras e brasileiros têm ouvido aqui, neste nosso programa, a reiteração do meu otimismo, da minha certeza. Sobretudo, jamais vacilei em nenhum momento.

Estamos trabalhando, trabalhando com afinco, dia e noite, para justamente ajudar o nosso País e ajudar o nosso povo. E para isso nós precisamos da ajuda de vocês e sei que essa ajuda não nos faltará, porque, juntos, nós seremos donos de um futuro para a nossa Pátria, futuro para os nossos filhos, futuro para os nossos netos e também para melhorar o nosso presente.

19.06.87 Novo Plano ataca inflação.
Congelamento e retomada de mercado
livre. Corte no Governo.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui, mais uma vez, vos fala o Presidente José Sarney, nesta sexta-feira, dia 19 de junho. Esta é a nossa primeira conversa ao pé do rádio depois da decretação do novo Plano Cruzado, que, como todos sabem, se destina a deter a inflação galopante, a preservar o salário real dos trabalhadores, a buscar a retomada do terreno perdido e a procurar melhorar a vida de todos os brasileiros.

Eu sei o sofrimento que está passando e que passou, nestes meses, o povo brasileiro. Quero dizer, contudo, que eu tenho absoluta confiança no sucesso deste novo Plano. Tenho confiança, porque tivemos a experiência do Plano passado. Nós já sabemos aquilo que erramos e já sabemos aquilo que acertamos. Podemos corrigir os erros e podemos, e vamos, manter os acertos.

A experiência do Cruzado, ano passado, serviu para que conhecêssemos os inimigos e as dificuldades que nós temos pela frente. O Governo aprendeu a lição e desta vez as nossas possibilidades de fracasso, ou de derrota, ou possibilidades de que o Plano não atinja os seus objetivos, são muito pequenas. Não queremos grande euforia. Queremos que a confiança seja conquistada com os resultados, os passos seguros e firmes.

Para o sucesso do Plano, em primeiro lugar, temos que fazer o congelamento funcionar. Nós já sabemos, pela experiência, por exemplo, que se o congelamento funcionar, como funcionou da primeira vez, a inflação cairá. Naquele tempo caiu a zero e, hoje, se o congelamento funcionar, ela cairá para 3 ou 4 por cento. Portanto, o povo tem que colaborar na fiscalização.

Brasileira e brasileiro, você que está me ouvindo tem que lutar pelos seus direitos. Você não será fiscal, senão quando procede à fiscalização de você mesmo. Você é cidadão. Se o preço congelado de uma mercadoria é de dez cruzados e você paga quinze, você está sendo ludibriado. Portanto, ao fiscalizar o congelamento você está defendendo o seu bolso e o seu salário. Você, que é cidadão, tem seus direitos e, portanto, não pode ser espoliado por ninguém.

Da outra vez nós não sabíamos como sair do congelamento, não havia normas fixas. Agora nós já sabemos, já temos as normas da saída do congelamento. O aumento que virá depois que o congelamento for suspenso não será senão a média da inflação dos meses de julho, agosto e setembro. E, nesses meses, a inflação não será superior nem a 3 nem a 4 por cento.

Outro assunto que tem sido muito tratado é o problema dos salários. Os salários estavam, mesmo com o gatilho, com a inflação alta, perdendo o seu poder aquisitivo. O novo Plano detém o confisco e a perda do poder aquisitivo e vai dar possibilidade de recompor o salário real. O novo Plano é coerente, tem o pé no chão, sem grandes sonhos, mas todos nós sabemos que vai ter êxito.

Era preciso restaurar a confiança, ter certeza de que tínhamos uma saída e encontramos a saída.

Temos a saída. Dia e noite lutei por ela. Cuidei. Trabalhei.

O Governo também vai ter a sua parte no Plano, o seu sacrifício. Ele vai ter que economizar, cortar gastos, passar a pão e água. Tem de cortar subsídios, tem que ferir interesses, mas nós vamos fazer e o povo sabe que não me falta determinação. Vou repetir, fiz isto aqui, muitos pro-

gramas e muitas vezes: eu jamais me alistei entre os pessimistas. O Brasil sempre passará por cima e atravessará qualquer crise. Nós vamos atravessar e Deus vai nos ajudar.

Na entrevista que concedi esta semana aos jornalistas, na quarta-feira, tive oportunidade de pedir às brasileiras e brasileiros que neste instante não perguntem o que o Brasil pode fazer por vocês, mas o que vocês podem fazer pelo Brasil. Vamos ajudar e vamos querer. Aqui, no meu posto — repito —, estou cuidando, trabalhando, lutando. Estou no comando, certo da vitória.

26.06.87 Confiança nas alterações na economia.
Como se registram os dados da inflação.
Controle do déficit público. Mensagem
sobre greve.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala, mais uma vez o Presidente José Sarney, nesta sexta-feira, 26 de junho.

Nós estamos na segunda semana depois que eu editei o Novo Plano Cruzado. Devo dizer, numa avaliação do seu desempenho, que as expectativas são boas. Não desejamos criar esperanças espetaculares. A experiência nos mostrou o quanto nós todos sofremos por aspirações que não podemos atingir. É preciso, portanto, ter prudência de avaliação, para avançarmos firmes, seguros, sem perigo de retrocesso.

Como lhes disse, brasileiras e brasileiros, era necessário, urgente, imprescindível, motivo mesmo de salvação nacional, sairmos desta inflação que tivemos até há pouco fora de todos os limites toleráveis. Com o congelamento, agora iniciado, vamos derrubar a inflação inercial a níveis bem baixos. E desejamos manter esses níveis cada vez mais baixos. Com uma tendência de sempre baixar.

Mas, para que o programa tenha sucesso, é necessária a sua participação. Não deixar de fiscalizar. Denunciar remarcações. Lutar por seus direitos de cidadãos. Não desanimar. Engajarmos governadores e prefeitos, autoridades,

todas, para, junto às autoridades federais, fazerem funcionar os sistemas dos preços congelados. Afinal, você é um fiscal de você mesmo, do seu salário, do seu bolso. E você não quer e não deseja e não pode ser enganado.

Agora, eu devo lembrar duas coisas. Guardem bem.

Primeiro, que a contagem da inflação, depois do congelamento, começou somente no dia 15 deste mês. Portanto, há poucos dias. É a primeira taxa inflacionária que será anunciada depois do Novo Plano Cruzado, que será a taxa do *Novo Plano Cruzado*, só será anunciada quando completar um mês do congelamento, isto é, depois de 15 de julho. Nós esperamos, então, que ela seja entre 3% e 4%. Na primeira semana deste Plano, os dados disponíveis são da FIPE, da Universidade de São Paulo, dizendo que ela se manteve acima de 1,5%, ou em torno de 1,5%. Esses são os primeiros indicadores. Mas nós os recebemos com cautela. Esperamos, como disse, uma inflação entre 3% e 4%.

Agora, quero fazer-lhes uma advertência. A inflação se conta de 15 a 15 de cada mês, isto é, aos 30 dias. Portanto a inflação de junho está contada até o dia 15 de junho passado, isto é, antes do congelamento. O atual período entre 15 de junho e 30 de junho não é mais para contar a inflação de junho, é para o processamento das informações pelos computadores do IBGE, para, finalmente, no fim do mês, nós darmos o resultado dessa inflação.

Portanto, nós ainda temos o anúncio de uma inflação passada, que é a inflação de junho, e esse anúncio será de uma inflação alta, provavelmente acima de 20%, que foi a inflação que já passou. Não se impressionem, nem liguem este fato ao Novo Plano do choque da economia. Esse anúncio, que nós vamos ter, é o passado, antes do Novo Plano Cruzado.

O Novo Plano está contado agora, depois do dia 15 de julho. Isso é muito importante para que não se confundam esses anúncios com resultados do Plano, esse Plano que, como eu disse, visa a baixar a inflação, deter a carestia, evitar a erosão que se vinha verificando nos salários, mesmo com o gatilho, e possibilitar, a partir de agora, um aumento real dos ganhos dos assalariados. Visa também a

criar empregos, evitar a recessão, fazer voltar os investimentos, porque o essencial é estabilizar a economia evitando o desemprego.

Portanto, eu peço a todos que ninguém se deixe enganar nem pela demagogia, nem pela falsidade de análises, nem entrar na turma dos pessimistas. Tenhamos confiança.

O Governo vai cumprir a sua parte. Temos um organismo controlando o déficit público, já retiramos do Governo, através do Ministério da Fazenda, o poder de criar despesas. E tenho encaminhado memorandos aos ministros, mandando tornar efetivas, em medidas concretas, o Plano de Contenção. Plano de Contenção que — devo ressaltar — não atingirá a área social, pois, como eu sempre tenho afirmado, sendo a prioridade para os mais pobres, os recursos disponíveis que tivermos serão investidos na área social.

Outro assunto que desejo tratar: mandei ao Congresso uma nova lei para regular as negociações coletivas de trabalho e, portanto, as greves. A hora, contudo, não é de se falar em greve, mas de se falar em trabalho. Precisamos de trabalho e muito trabalho para melhorar a vida do nosso povo. Nosso povo, que tem razões para ter frustrações, em face das dificuldades que atravessamos, mas que não tem o que temer do futuro.

Repito: eu não sou do grupo dos pessimistas. O Brasil já atravessou períodos muito mais difíceis. Pensemos, por exemplo, todos nós, nos nossos antepassados, nos avós dos nossos avós, nos que construíram esta Pátria saindo do nada, sem estradas, sem fábricas, sem comunicações, sem remédios modernos, com muitas doenças, com falta de tudo, de indústria, de trabalho, sem condição alguma e enfrentando grandes dificuldades.

Os nossos antepassados conseguiram fazer este grande País e, hoje, eles nos entregaram a oitava economia do mundo. Por que nós agora vamos achar que é mais difícil hoje do que ontem, quando não existia nada?

O Novo Plano Cruzado visa a melhorar a vida do povo, evitar que você perca o seu emprego, ajudar os pequenos, médios e grandes industriais, comerciantes, homens

do campo, produtores rurais. Ele pretende, portanto, melhorar as condições de vida do País.

Como eu tenho dito, a nossa experiência do passado, hoje, nos serve bastante para não errarmos no presente e nem no futuro.

Tenhamos fé. Deus sempre ajudou o Brasil a sair de todas as crises. De minha parte estou cuidando, trabalhando, lutando, enfrentando dificuldades, mas nada de desânimo, nem de medo. Porque eu sei, tenho certeza, de que o futuro será nosso.

03.07.87 Encontro com o Presidente do Peru, Alan García, na fronteira, aprofunda vínculos com a América Latina. Política agrícola definida leva tranqüilidade ao campo: solução de débitos antigos, financiamento, etc. Congelamento e fiscalização. Ameaça à democracia e à liberdade.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui, mais uma vez, vos fala o Presidente José Sarney.

Estamos na nossa conversa ao pé do rádio, desta sexta-feira, 3 de julho.

Desde ontem, quinta-feira, estou em Rio Branco, capital do Acre, para um encontro com o Presidente Alan García, do Peru. Daqui a pouco seguiremos para Porto Maldonado, do outro lado da fronteira, no território peruano, onde prosseguiremos nossas conversações, visando a maior aproximação entre os nossos dois países.

O Peru, da mesma forma que a Argentina, o Uruguai e o Brasil, é um país que também saiu de um regime autoritário, transformando-se numa pujante democracia.

As novas democracias latino-americanas, com liberdade para o povo e através da cooperação e do desenvolvimento integrado, estão superando problemas e dando ao povo novas esperanças. Desta vez, estamos reforçando os nossos vínculos: Brasil e Peru, vizinhos em larga faixa de fronteira na Amazônia, a partir de agora vão continuar aumentando contatos e trabalhando juntos.

Estou muito confiante no resultado das conversações que já iniciei com o jovem entusiasta Presidente do Peru, Alan García. Damos prosseguimento, assim, à prioridade para a América Latina, que é um dos pilares da política exterior iniciada pelo meu Governo. Política esta que é feita com independência e em consonância com os interesses nacionais.

Agora, quero falar sobre as medidas que acabamos de tomar em benefício da agricultura. Pela primeira vez no Brasil nós saímos com essas medidas no dia 30 de junho, exatamente para que, no primeiro dia do segundo semestre, os homens da agricultura possam tomar suas decisões sem a incógnita de saber qual a política agrícola do ano.

Através das decisões que nós tomamos, não deixamos nada para resolver depois e enfrentamos três tipos de problemas que afligiam nossos homens do campo.

Primeiro lugar, os problemas relativos aos empréstimos tomados pelos agricultores antes e durante o Plano Cruzado. Ficou decidido, para quem tomou empréstimo antes de fevereiro de 86, antes do Plano Cruzado, que não será cobrada correção monetária relativa ao período da vigência do Plano Cruzado. Neste período o produtor vendeu o seu produto a preço congelado e não seria justo aplicar a correção monetária nos empréstimos que ele tomou para tornar possível essa produção.

Quem fez empréstimos agrícolas durante o Plano Cruzado, quando não havia inflação, está isento também da correção monetária até 30 de junho. No Nordeste, onde nós temos uma situação especial, temos que dar o privilégio de algumas vantagens, porque o Nordeste é uma área mais sofrida e o problema mais sério do Brasil, assim como o Vale do Jequitinhonha, onde esse benefício se estenderá até 31 de dezembro, exceto para as culturas de café, cana-de-açúcar, cacau e seringa, bem como a pecuária, cujos empréstimos também serão isentos de correção monetária mas somente até 30 de junho.

O produtor terá prazo até o dia 30 de outubro para assinar os aditivos que o capacitarão a obter esse benefício. Em segundo lugar, a partir de junho, quero anunciar que

os juros para a agricultura serão de 7% a 9%, e a correção monetária igual às OTNs. Mas, em compensação, os preços mínimos serão também automaticamente reajustados pela OTN. Sobe o preço no mesmo nível do financiamento. E nós esperamos que a partir de junho, com o Plano Cruzado, o novo Plano Cruzado, chamado Plano Bresser, a inflação vai cair a níveis de 3% a 4%.

Com o fim do subsídio agrícola, que era concedido aleatoriamente, à vontade de autoridades administrativas, sempre que houver necessidade de ajuda à agricultura, a decisão de concedê-la será do Congresso Nacional e dependerá da existência de recursos no Orçamento da União.

Finalmente, vamos falar da safra 87/88. A partir de agora os desembolsos dos empréstimos rurais serão atualizados monetariamente na época de cada saque, ou seja, correção monetária a favor dos agricultores, evitando-se que o agricultor receba recursos que foram corroídos pela inflação e insuficientes para cobrir os seus custos de produção. Assim, se o banco retardar a entrega do seu empréstimo, ele também terá que corrigir o valor desse empréstimo, de modo a não prejudicar em termos reais os recursos que o agricultor tem de dispor para a sua produção.

Finalmente, a partir de agora, o Governo está anunciando regras de financiamento da safra, como eu disse no início de julho, a tempo de permitir tomadas de decisões com tranqüilidade. Os empréstimos antigos, que estavam levando muitos agricultores a recorrer à Justiça para preservar seus legítimos interesses, estão assim, dessa maneira, resolvidos.

Agora, os pleitos estão atendidos e vamos todos, produtores do Brasil inteiro, ao trabalho. Nós esperamos que a safra de 87 seja maior do que a safra anterior, que foi de 65 milhões de toneladas. A meta, portanto, este ano, é de 70 milhões de toneladas.

Outro assunto, lembro a necessidade de as brasileiras e brasileiros acompanharem o congelamento de preços. Precisamos apoiar o congelamento, fiscalizar, exigir o cumprimento dos preços tabelados para assegurarmos a extinção da inflação inercial, isto é: para termos certeza que ela

vai cair a níveis de 3% a 4%. Nada de pessimismo, e vamos confiar.

Quero aproveitar também este programa, para dar parabéns às telefonistas pelo seu Dia, o dia 29. Elas são as mensageiras de nossas palavras.

Também saúdo o dia 4, isto é, amanhã, em que comemoramos o cooperativismo. E não posso esquecer que no dia 29, Dia de São Pedro, foi o Dia dos Pescadores. Quero homenagear esses homens, que são lutadores do mar.

Agora, para terminar, eu desejo dar uma palavra que eu sei todos estão esperando, sobre os acontecimentos do Rio de Janeiro. Sobre a agressão que eu sofri no Rio de Janeiro. Ninguém mais do que eu, as brasileiras e brasileiros sabem, tem sido tolerante e muitas vezes acusado pela minha paciência. Também tenho absoluta consciência de que tenho feito um Governo sério, tenho tido a preocupação permanente da dignidade do cargo que exerço, nunca fiz mal a ninguém e nunca utilizei o poder para qualquer medida de força. Posso dizer, que eu nunca cravei, por meu desejo, como disse um grande estadista, «espinho algum no peito de ninguém».

Assim, esses grupos de violência, incapacitados para a vida democrática, que já levaram o Brasil a 20 anos de exceção, voltam a agir para desestabilizar o País, atropelar a democracia que nós estamos com tanto esforço desejando consolidar, e consolidando com a compreensão, com a ajuda do povo brasileiro e com a convivência de muitos sacrifícios que temos tido com os problemas econômicos que se somaram aos nossos problemas políticos.

Eu quero também agradecer, devo fazer esta ressalva, agradecer ao povo carioca a repulsa e a solidariedade que esse povo me deu. Eu sei que gestos desta natureza não são o espírito da Cidade Maravilhosa, o espírito do Rio de Janeiro, porque o Rio de Janeiro é a síntese de todas as cidades do Brasil. Pelo seu lado acolhedor, pelo seu lado aberto e pelo seu lado humano. Portanto, quem age assim é um arrivista no Rio de Janeiro, não é jamais uma pessoa que possa exprimir o espírito do Rio de Janeiro.

Essas cenas de vandalismo contudo voltaram a ocorrer nos ônibus e nos saques com o problema da decretação, por um juiz, do aumento das tarifas de ônibus. Portanto nós estamos vendo que são tempos difíceis. Mas o mundo de hoje não é um mundo de soluções fáceis. De minha parte, eu continuo firme no meu caminho. Cuidando, trabalhando e determinado a não permitir a desordem. Continuarei cumprindo o meu dever. Sem medo, sem ressentimento, mas seguro dos meus deveres.

10.07.87 Inflação cai com reajustes do Plano Cruzado. Política agrícola é bem recebida. Energia para o Nordeste Defesa da ecologia e da integração nacional.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui, mais uma vez, vos fala o Presidente José Sarney, nesta conversa ao pé do rádio, de 10 de julho.

Começo a dizer-lhes que estamos a colher os primeiros frutos do Novo Plano Cruzado. Sem fazer avaliação espetacular e com a prudência de quem dá as primeiras notícias, mas com segurança, podemos anunciar que depois do dia 12 de junho, dia em que começaram a funcionar as novas medidas econômicas, as informações de que estamos dispondo, colhidas no IBGE, nos asseguram uma projeção de uma inflação de 3% a 4%. Isso significa que a inflação está caindo dos 25% do último mês antes do Novo Plano Cruzado para 4%. Os juros também caíram, de 29% para 11%, que foram os juros ontem praticados na praça.

As informações também que chegam dos órgãos que pesquisam vendas dizem que estas aumentaram na área dos bens duráveis em 23%.

Outro indicador também da economia é o Serviço de Proteção ao Crédito, porque nos momentos de crise todos diminuem o pagamento, a inadimplência é alta; ela era de 26% e caiu para 13%.

Nós não queremos criar ilusões maiores, dizendo que a crise passou totalmente. Não, eu acho que nós ainda vamos ter problemas, nós ainda vamos ter que lutar. Mas desta vez com a segurança de quem tem a experiência do que passou, a experiência dos meses difíceis que nós tivemos, depois que o Plano Cruzado começou a não dar os resultados que nós esperávamos.

Mas podemos afirmar que a economia volta a obedecer aos controles e nós começamos a ingressar na normalidade. Isso é um grande fato e uma boa notícia para todas as brasileiras e para todos os brasileiros.

Agora, nós vamos iniciar o período de evitar a perda real dos salários, que devem recuperar o seu poder aquisitivo. Vamos nos lembrar que, quando eu assumi, os trabalhadores tinham a semestralidade, lutavam pela trimestralidade; chegamos, com o gatilho, à mensalidade. Mesmo assim o salário perdia para a inflação. Isto prova que ninguém ganha na corrida da inflação. Não há ajustamento que possa equiparar as perdas que numa inflação faz recair sobre os assalariados, aqueles que não têm nenhuma defesa.

A melhor maneira, portanto, de assegurar o nível real dos salários, é combater a inflação. E é o que nós estamos tentando fazer. Nós tentamos com coragem fazer isto quando do Plano Cruzado. Não tivemos o sucesso que nós esperávamos ter totalmente, mas o Plano Cruzado deu, como eu sempre digo, grandes meses de felicidade ao povo brasileiro. E também o Plano Cruzado teve um aspecto social muito importante. Ao mesmo tempo nós estamos hoje resolvendo os problemas de diversos outros setores da economia e outros setores importantes do País, por exemplo, como o setor agrícola.

A política que nós decretamos na semana passada foi muito bem recebida pelos homens do campo, da produção agrícola, que sabem agora quais as definições da política de crédito deste ano no setor rural. Também eles foram isentados da correção monetária que tinha sido acrescida a seus contratos feitos no ano passado, durante o período do Plano Cruzado.

Tenho lido notícias de que em alguns lugares alguns bancos não estão executando as medidas que nós tomamos para sanear e recuperar as pequenas e as microempresas, os pequenos e microempresários que no Brasil inteiro trabalham pelo progresso deste País. Eu determinei ao Banco Central que tome as medidas, procure averiguar o que está ocorrendo nessas praças, de modo que aquilo que nós determinamos seja completamente obedecido.

Outro assunto que desejo tratar neste programa, é dar uma palavra, mais uma vez, aos nordestinos e dizer-lhes que ontem eu fiz uma reunião com o Ministro da Fazenda, o Secretário do Tesouro, o Ministro das Minas e Energia, o Presidente da ELETROBRÁS, o Ministro do Planejamento, para definir um cronograma de liberação de recursos destinados a assegurar, sem qualquer interrupção, a conclusão das obras que se destinam a resolver o problema de energia do Nordeste. A minha ordem foi peremptória: «Os Senhores façam com que o cronograma das obras não atrase um dia, e no período marcado estas obras estejam concluídas, isto é, o linhão de Tucuruí para Presidente Dutra, ligando Tucuruí ao sistema da CHESF; a implantação das novas turbinas de Tucuruí; a linha de Sobradinho para Itaparica; a solução para localizar as famílias que estão hoje no reservatório de Itaparica; e a conclusão da Hidrelétrica de Itaparica, bem como a compra de usinas térmicas.»

Tudo isso para que o fantasma do racionamento seja afastado do nosso Nordeste. Vamos colocar, assim, a serviço e à disposição do Nordeste energia suficiente, inclusive para ampliar e continuar o programa de irrigação que está um pouco atrasado, por falta justamente de energia.

Antes de terminar, eu quero levar uma palavra de saudação aos engenheiros florestais, essa nova categoria de profissionais, que estão se dedicando à conservação do meio ambiente. Segunda-feira é o dia dos engenheiros florestais.

Quero também mandar um abraço bem caloroso aos participantes do Projeto Rondon que amanhã, dia 11, completa 20 anos de excepcionais serviços à integração nacional, com o seu grande lema «integrar para não entregar».

Uma palavra, portanto, de estímulo e de agradecimento em nome do Brasil aos líderes, professores e estudantes envolvidos, ontem e hoje, nos 20 anos do Projeto Rondon.

E, finalmente, as brasileiras e brasileiros hão de reconhecer que sobre os meus ombros recaíram grandes responsabilidades e também grandes dificuldades. Mas eu quero mais uma vez terminar com aquela palavra de otimismo, que não me faltou nos momentos mais difíceis. Eu não desanimei, não desertei, não me intimidei. Lutei, luto e lutarei para cumprir com o meu dever e servir ao meu País. Muitas vezes aqui afirmei que não me alistava entre os pessimistas. Começamos a vislumbrar a saída da crise. Estamos vencendo e vamos vencê-la com a graça e a ajuda do nosso querido povo.

17.07.87 Encontro com o Presidente Raúl Alfonsín, em Buenos Aires. Luta da Argentina e do Brasil contra a inflação e pelo desenvolvimento. Inflação em queda. Táxi sem IPI. Lealdade ao PMDB.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney, sexta-feira, dia 17 de julho. Falo da Argentina, onde me encontro, como Presidente do Brasil, para dar continuidade ao nosso relacionamento com esse país irmão.

Estou aqui, com o Presidente Alfonsín, dando andamento aos entendimentos entre nossos países. Este é um momento histórico porque, com essa iniciativa de aproximação com a Argentina e o Uruguai, acabamos a rivalidade Argentina/Brasil. E hoje, juntos, comungamos forças para crescer juntos em favor dos nossos povos.

Estamos, neste instante, avaliando o andamento dos acordos que fizemos há cerca de dois anos. Podemos dizer que todos vão bem. Duplicamos o comércio, consolidamos a nossa amizade e os nossos objetivos. É evidente que os nossos países estão enfrentando os mesmos tipos de dificuldades. Estamos lutando para superá-las. São dificuldades econômicas, oriundas de uma inflação renitente, recessão, desintegração política, enfim, tudo que agrava o processo de desenvolvimento, complicado ainda mais com a dívida externa e provocando problemas de ordem social que, por sua vez, fazem o sofrimento do povo e dão ao povo uma

sensação de culpa do Governo. E nesse instante aparecem os aproveitadores de toda a crise.

Mas, tanto a Argentina como o Brasil estão vencendo todo o tipo de problema e a incompreensão de muitas lideranças imediatistas, que não estão olhando o futuro e analisando bem o nosso presente. E essa vitória dos nossos dois países está sendo alcançada com uma arma que é a arma da democracia, a arma da liberdade, da determinação e da coragem.

Devo dizer que o Presidente do Brasil tem sido recebido pelos argentinos com o maior carinho e com o maior entusiasmo numa demonstração de amizade ao povo brasileiro e ao nosso Brasil.

Todos sabem que a nossa meta, a meta conjunta, minha e do Presidente Alfonsín, é libertar a América Latina de todas as dependências.

Agora, notícias sobre o Brasil. Com alegria, quando embarquei, anunciei que a inflação, depois do Novo Plano Cruzado, entre 15 de junho e 15 de julho, foi de 3,01%. Temos essa grande notícia a dar ao povo brasileiro. Derrubamos a inflação da ordem de 25% para 3%. É uma vitória.

Os índices também que nos apontam nos dizem que nós estamos caminhando firmemente no caminho da estabilização econômica. O desemprego parou e as vendas subiram 23%. A economia está voltando à normalidade. Estamos atravessando a tempestade. A sensação de todos nós é de que nós estamos saindo da crise. O Brasil volta ao seu caminho de normalidade e de estabilização. Mas eu não quero tocar trombetas nem anunciar milagres. Nossa experiência, nossas dificuldades, tudo o que nós passamos nestes meses, nos obrigam à prudência. Vamos ser cuidadosos, porque ainda temos muitas lutas pela frente. Mas, como eu tenho dito, nesse tempo todo, neste programa, nós venceremos.

Outro assunto. Eu assinei esta semana a lei que isenta do IPI os táxis. Esta lei beneficia também os paraplégicos e as cooperativas de motoristas. Atendemos, assim, esta classe de trabalhadores do volante, classe que tanto traba-

lha, dia e noite, na cidade e nas estradas, pelo progresso do nosso País. Em todas as medidas tomadas pelo Governo ao longo desses ajustamentos econômicos, nós temos evitado atingir mais os taxistas. Temos procurado livrar os taxistas pelo apreço que tenho por essa classe.

Para terminar, um assunto de ordem política. Uma palavra aos convencionais do PMDB que estão reunidos em convenção neste fim de semana. O que tenho a dizer é que tenho sido leal ao partido e seu programa. E eu espero que o partido de que sou presidente de honra corresponda a essa lealdade e confirme o apoio à nossa luta para ajustar a economia, tirar o Brasil da crise, realizar o bem-estar social, consolidar a transição democrática que é a nossa grande luta e a nossa grande meta.

Finalmente, aqui da Argentina, com o pensamento no Brasil, nas brasileiras e nos brasileiros, a minha sempre mensagem de otimismo: não desanimem, estamos vencendo e vamos vencer.

24.07.87 Plano econômico; negociação da dívida externa. Inquérito sobre importação de alimentos. Combate ao déficit público amplia seu alcance. Confiança na vitória. Balanço de anos de luta; eleições e democracia. Queda da inflação.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney.

Estamos iniciando nossa conversa ao pé do rádio desta sexta-feira, 24 de julho.

Começo por falar do fato econômico da semana, que foi o anúncio do novo plano macroeconômico. É um nome difícil mas atrás do qual se esconde uma coisa muito simples: são as decisões do Governo destinadas a fazer com que o combate à inflação evite a recessão, o desemprego, a queda da produção da indústria e das vendas do comércio. Um plano para desenvolver o País com a economia estabilizada.

Esse plano é diferente dos anteriores porque ele é um plano que pretende controlar a economia em curto prazo. Os objetivos são mais próximos. Em princípio os objetivos visados são trimestrais, é um plano de curto prazo, de controle de curto prazo, o que significa que a cada três meses nós podemos ver o que está dando errado e podemos até ter a oportunidade de consertar, e ver o que está dando certo para manter.

A experiência que nós todos temos hoje é grande e os nossos riscos são menores.

Com esta medida, estamos iniciando uma nova era em nossa economia, sem euforias, mas pisando firme. E já sentimos que a crise vai passar.

O Ministro da Fazenda, Bresser Pereira, está no exterior para negociar a dívida externa. E no exterior também recolhe a impressão, nos círculos financeiros internacionais, de que todo mundo está acreditando na recuperação do Brasil e no acerto das novas medidas econômicas, entre as quais se inclui esse novo plano macroeconômico. Graças a Deus, já não era sem tempo de sairmos dessa crise. E se saímos dela não foi senão com muito esforço do Governo.

Outro fato: nesta semana tomei a decisão de determinar a sete ministérios a abertura de inquéritos para apurar as culpas por irregularidades havidas na importação de alimentos no ano passado. Um Governo austero, honesto, transparente em tudo quanto faz, não esconde erros nem protege desonestos, seja quem for.

Também tomei, nesta semana, duras medidas na área da economia, isto é, dos gastos do Governo. São medidas que significam que nós estamos dando o exemplo, fazendo aquilo que eu tive a oportunidade de dizer a todos vocês, brasileiras e brasileiros, que nós tínhamos que passar o Governo a pão e água. Essas medidas representam um esforço de redução do déficit público para 3,5% do Produto Interno Bruto, o que implicará, até o fim do ano, na economia de cerca de 300 bilhões de cruzados, e só de pessoal 60 bilhões de cruzados.

Um decreto sobre a administração direta proíbe novas admissões em qualquer setor da administração pública, inclusive mão-de-obra indireta; determina a revisão das atuais tabelas de especialistas; impede a criação de cargos e funções de DAS, DAI e FAS; limita a despesa global com diárias nos anos de 87 e 88; impõe responsabilidade administrativa e patrimonial à autoridade que descumprir estas proibições, sem prejuízo de ação penal cabível, em cada caso.

Decreto referente também à administração indireta, que reduz de 7,5% os dispêndios das empresas estatais em 87, com pessoal e serviço de terceiros.

A medida abrange o Banco Central e entidades integrantes do SINPAS. Só permite a reposição de 80% dos empregos administrativos que venham a vagar; prorroga a si mesmo na área operacional, e prorroga até 31 de dezembro de 88 a contratação de novas pessoas nessas mesmas empresas.

Outro decreto é o que se refere ao Poder Executivo, que fixa em 289 bilhões de cruzados o limite para realização em 87 de despesa com pessoal e encargos sociais. Decreto que extingue para o futuro pensão especial; decreto que exclui os servidores das autarquias especiais e instituições federais de ensino, da gratificação de representação concedida. Esse decreto-lei estabelece um teto de remuneração. Isso significa que nós quase que congelamos toda e qualquer mudança de pessoal e, ao mesmo tempo, qualquer aumento das despesas do Governo nessa área.

É um esforço muito grande que nós temos que fazer, teremos que fazer, para que o plano econômico possa funcionar.

Antes de terminar quero saudar algumas categorias profissionais cujas datas são comemoradas nesta semana.

Amanhã, dia 25, sábado, é o Dia do Motorista, uma das profissões a que este País mais deve, pois o rodoviário é ainda nosso principal meio de transporte. Um abraço aos motoristas de todo o Brasil, o motorista de caminhão, motoristas de carreta, motoristas de táxi, enfim, a todos os motoristas.

Dia 25 também é o Dia do Escritor, dia dos intelectuais, categoria a que tenho a honra de pertencer. Minha saudação aos escritores brasileiros.

Dia 26, domingo, é o dia das nossas velhinhas, das nossas avós, nossas segundas mães. Um beijo carinhoso a todas elas, que são fontes de ternura em todas as famílias do Brasil.

Dia 28, terça-feira, é o Dia do Agricultor, a principal atividade econômica do País. O agricultor sofrido, o homem da terra, produtor de alimentos, gente de trabalho duro.

Para finalizar, aquela palavra que não deixo de dar sobre a convicção que tenho de que vamos vencer. Continuamos a nossa luta, brasileiras e brasileiros. E vocês podem dar o testemunho da minha obstinação para cumprir com o meu dever e melhorar a vida do povo brasileiro. Ninguém pode negar que tenho sido um obstinado lutador. Basta lembrar que entrei no Governo pela doença de Tancredo Neves. Em meio a uma grande crise. Lutei. Depois veio a sua morte. A luta inicial para montar o Governo, para evitar que a frustração nacional, com a sua perda, prejudicasse a volta da democracia. Enfrentei os problemas acumulados ao longo de tantos anos. Recebi a dívida externa, a dívida social, a inflação, a divisão nacional, a heterogeneidade das nossas forças políticas. E eu lutei. O meu esforço de compor, de dialogar, de encontrar fórmulas de consenso, de tolerar.

Vieram as eleições para as prefeituras municipais das capitais e municípios de segurança nacional logo no primeiro ano do meu Governo. Com problemas na economia, com problemas políticos, eu enfrentava e lutava. Lutava com a economia e com a política. Tentava controlar os preços. Veio o ano de 86, tive a coragem do Plano Cruzado que, com todas as decepções que causou, foi a maior distribuição de renda da história brasileira. Quem comprou um automóvel, uma geladeira, uma televisão, quem viajou com sua família, quem melhorou sua casa, não pode esquecer que foi graças àquele plano, àquela redistribuição de renda que isso foi possível.

Depois nós tivemos as eleições. O País inteiro em busca da democracia, e eu lutando, enfrentando greves, incompreensões, mas continuei lutando. Veio a queda do Plano Cruzado, o desânimo abateu a todos, grande decepção no País inteiro. Enfrentei greve geral, fui alvo de incompreensões, até atentado sofri. Mas não desanimei. Lutei. O meu otimismo e minha serenidade não diminuíram. Eu sei que estou cumprindo o meu dever. Sou Presidente da República num dos períodos mais difíceis da história deste País, em que tantas esperanças se somam a tantas dificuldades.

Agora, mais uma vez, com o Plano Bresser, voltamos a lutar. Já começam os resultados. A hiperinflação caiu. O IBGE nos avisa que a inflação do primeiro mês do novo plano foi apenas de 2,8%, abaixo dos números que nós, com prudência, anunciamos aqui neste programa e que seriam entre 4 e 5%. O congelamento funcionou.

Seu dinheiro, brasileiras e brasileiros, começa a ter de novo poder aquisitivo melhor. E nós vamos adiante. E eu continuo aqui, cuidando e lutando. O povo sempre me encontrará nesta posição. O que eu desejo é fazer um bom Governo, e tenho lutado para fazer um bom Governo. As dificuldades não me abateram, nem os possíveis fracassos me esmoreceram. A gente cai, a gente levanta, porque a história do homem é a história da coragem e a história do trabalho.

Muito obrigado, bom dia! E aqui termino com uma palavra de fé, de confiança e de otimismo.

31.07.87 Nordeste terá energia de Tucuruí. Obras de hidrelétricas se ampliam. Rodovias são recuperadas. Irrigação dá primeira safra da seca verde, no Nordeste; projetos se multiplicam. Mais 200 escolas técnicas e escolas agrícolas. País cresce, bate recorde de exportação, consumo se amplia.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala, mais uma vez, nesta conversa ao pé do rádio, o Presidente José Sarney, neste dia 31 de julho de 1987.

Hoje, tenho algumas notícias sobre obras para as brasileiras e brasileiros. Estas obras, que estão sendo feitas em grande quantidade no Brasil inteiro, estão passando ao largo da opinião pública, que está profundamente fixada nos problemas econômicos.

Segunda-feira, lançamos, aqui no Palácio, para acabar de uma vez por todas com o problema de racionamento de energia elétrica no Nordeste, um programa de aplicação de um bilhão de dólares nesse setor, o que será executado até março do próximo ano. E será também acompanhado de perto pelo Presidente.

Estas obras, vale repetir, são o linhão que vai trazer a energia de Tucuruí a Presidente Dutra e de Presidente Dutra, ligando com o sistema da CHESF, a todo o Nordeste. Estamos, nesta obra, com quatro frentes de trabalho e, na data prevista, março do próximo ano, estará chegando ao Nordeste a energia do Rio Tocantins, onde fica situada a Usina de Tucuruí. Atenderá à demanda da região, enquan-

to a Usina de Tucuruí está recebendo 3 novas unidades geradoras. Vamos também fazer a linha de Sobradinho, terminar Itaparica, e começar Xingó, cujo desvio do rio ocorrerá no próximo mês de agosto.

Assim, o fantasma do racionamento está afastado do Nordeste, que terá energia suficiente para crescer durante muitos anos.

Também no setor de estradas nós estamos com um trabalho incansável, recuperando-as em todo o Brasil. Os que andam nas estradas sabem que há dois anos elas estavam muito abandonadas. Estavam quase que, mesmo, acabadas. Já recuperamos cerca de 6 mil quilômetros e este ano iremos fazer mais 3 mil. Os caminhoneiros, todos os motoristas que andam por nossas estradas, sabem o trabalho que está sendo feito em todo o Brasil.

Por outro lado, estamos tocando muitas rodovias. Entre elas eu quero destacar a rodovia de Porto Velho a Rio Branco, que foi agora reiniciada, ligando a capital do Acre à única capital brasileira que não estava ligada por asfalto às outras capitais.

Outro setor também de grande trabalho é o setor da irrigação. A irrigação hoje é um grande sucesso nacional. O programa pegou e, em todo o lugar, está sendo implantada a mentalidade da irrigação, sabendo todos que ela é, como se pode dizer naquela tão conhecida linguagem do homem do interior, «a salvação da lavoura».

O ministro Vicente Fialho, o Ministro da Irrigação, que esteve no Ceará, disse-me que pela primeira vez, em plena seca verde, os nordestinos vão colher uma safra de feijão na região assolada pela estiagem. Em dez projetos de irrigação, implantados no atual Governo, o feijão já está crescendo e vai servir de efeito de demonstração para essa forma efetiva de vencer as secas. O Governo está trabalhando, nesse sentido, no Nordeste inteiro, procurando colocar as águas dos açudes a serviço da irrigação e a serviço, portanto, da produção agrícola. O Governo está aplicando 2 bilhões e 200 mil cruzados neste momento para reproduzir no Nordeste inteiro esta experiência bem sucedida do Ceará. Estamos com 10 projetos pioneiros de irrigação,

para colher uma safra em pleno regime de seca, como eu disse. Agora, vamos implantar cerca de 500 projetos deste tipo em convênio com o Governo do Ceará. No País inteiro, de norte a sul, estão sendo construídos 5 mil quilômetros de rede de eletrificação rural para atender a projetos de irrigação de milhares de agricultores com propriedades médias de 10 hectares.

Vamos falar também sobre educação e sobre o andamento do programa de expansão do ensino técnico. Há 30 anos que o Governo Federal não criava uma nova escola técnica no Brasil. O ensino técnico estava abandonado. Pedi ao Ministério da Educação que o ensino técnico fosse prioridade e, no início de um novo programa, estamos instalando 200 novas escolas técnicas no País inteiro. Algumas estão em fase de obras e outras já estão funcionando. Elas não são prédios espetaculares, mas são boas escolas, e é o que está sendo feito. Escolas técnicas de construção simples, ligando as necessidades do mercado de trabalho de cada região. Já temos, por exemplo, duas escolas técnicas de pesca nas cidades pesqueiras do Rio Grande, no Rio Grande do Sul, e Itajaí, em Santa Catarina. Em Cubatão, um centro industrial que é famoso pela poluição, criamos uma escola técnica para formar especialistas de nível médio em processamento de dados. Para ver o interesse da nossa juventude, basta dizer que nessa escola de Cubatão apareceram 740 candidatos para as primeiras 240 vagas.

Estamos fazendo convênios com as prefeituras, que entram com o terreno e o MEC com a construção para a criação de escolas agrícolas de 1.º grau. Estão já sendo construídas 14 novas escolas agrícolas de 2.º grau.

Amanhã, por exemplo, sábado, o ministro Bornhausen vai a Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro, representar-me na inauguração de uma nova escola técnica especializada na formação de mão-de-obra.

Essa visão para o ensino técnico é uma visão que interessa profundamente ao futuro do País. É a educação voltada para o desenvolvimento.

Agora, minha palavra final. Como eu disse, nós estamos chegando ao fim da crise. Os brasileiros e brasileiras sabem que foram sete meses difíceis. Mas, nós vamos ven-

cer. Como eu disse na solenidade de segunda-feira, nós já estamos enxergando a luz no fim do túnel. Mas não nos esqueçamos do que passou. Não tivemos somente dificuldades nestes dois anos. Por exemplo, o Brasil foi o país do Ocidente que mais cresceu. Crescemos 17,4%. Isto significa grande expansão para o Brasil, grande expansão de empregos, de indústrias, criação de mercado interno. Encontrei a taxa de desemprego em 8,4%. Ela está hoje reduzida a 4%. E estamos lutando para fazer a inflação retornar, como retornou, neste mês, ao patamar dos 3%.

Tivemos já, no mês que passou, um recorde de saldo da nossa balança comercial, de 1 bilhão e mais de 300 milhões de dólares. Os resultados atuais do novo plano econômico estão aparecendo. Estamos vencendo a briga salários x preços. Vamos ver. Neste primeiro mês não houve saque na poupança, isto é, a poupança não diminuiu. Basta dizer que nós tivemos 10 bilhões a mais de poupança. De um modo geral se pode identificar, nesse ponto, uma tendência de que as pessoas não tiveram que se valer da poupança, de sacar o seu dinheiro da poupança para pagar as suas despesas — bastou o seu salário.

Por outro lado o crédito pessoal não aumentou. O sistema bancário acusa, na estatística do mês que passou, que não houve uma tendência de ir à dívida para poder comprar os gêneros necessários à vida de cada brasileira e de cada brasileiro. Os bancos privados, por exemplo, recolheram ao Banco Central 40 bilhões. Assim, não houve procura demasiada de crédito. Enquanto isso, o consumo geral aumentou de 20% e o consumo de alimentos de 10%. Estes números provam que, se não foi sacado dinheiro da poupança, se não aumentou o sistema de crédito, se os bancos tiveram de recolher dinheiro ao Banco Central, somente com os salários foi possível aumentar os 20% neste mês que passou no nosso consumo. Assim, nós podemos dizer que na guerra preços x salários, o salário está começando também a vencer a corrida dos preços. Está acontecendo aquilo que desejamos atingir: a recuperação do poder aquisitivo dos nossos salários.

Como vemos, os resultados aparecem. A crise vai passar, e o Brasil retoma a sua normalidade. E ninguém me

faça a injustiça de dizer que eu não lutei, que fui homem que esmoreceu nas horas amargas. Como eu lutei, eu estou lutando, eu vou lutar e lutarei sempre com trabalho e com dedicação para cumprir com o meu dever.

Outro indicador também, este de natureza política, de que a situação está melhorando, é a atitude de alguns grupos radicais que constituem uma pequena minoria do Brasil. Aqueles que querem o Brasil do caos, aqueles que querem a política da terra arrasada, que é a mais arrasada de todas as políticas. Quando a situação melhora, eles procuram criar problemas, com invasões, com greves com motivações políticas, como essas que estão anunciando agora. É que a situação está melhorando, e, em vez de eles tentarem ajudar o povo, desejam que piore a situação para obter dividendos políticos.

Pensem nisso, brasileiras e brasileiros. Pense e, você mesmo, procure formular a sua resposta. Pense nos agitadores, nos pessimistas profissionais, nos boateiros, naqueles que estão sempre pregando o tal «à beira do abismo», abismo esse que até hoje não chegou para o Brasil e que só serve para a demagogia.

Isto ajuda o Brasil? Este tipo de comportamento ajuda o Brasil? É uma pergunta que fica para a reflexão das brasileiras e dos brasileiros.

Eu acredito que o Brasil é maior do que seus problemas. E não tem abismo nenhum. O que ele tem é um futuro de prosperidade, de grandeza, grandes riquezas e um grande povo.

Eu continuo aqui no meu posto. Você, brasileira e brasileiro, seja um torcedor do Brasil. Um torcedor da nossa vitória.

07.08.87 Fertilizantes têm fábrica no Rio e em Sergipe. Petroquímica aumenta produção. LBA inscreve microempresa nº 30.000. Convênio internacional antipoliomielite.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala, mais uma vez, o Presidente José Sarney. Estamos iniciando nossa conversa ao pé do rádio desta sexta-feira, 7 de agosto.

Segunda-feira passada, dia 3, eu aprovei três planos de expansão da economia, destinados a garantir a continuidade do desenvolvimento do nosso País. São planos que terão seus resultados alcançados no desenvolvimento e na economia do País nestes próximos anos. Referem-se à produção de fertilizantes para a agricultura, com a implantação de duas fábricas no Rio e em Sergipe, produzindo mil toneladas/dia de uréia e amônia.

Também, crescerá, de 4 para 8,4 milhões de toneladas, mais do que o dobro, a produção anual de papel nacional. Na petroquímica aumentamos a produção de eteno em mais de 900 mil toneladas, em fábricas do Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Rio Grande do Sul. Estas são indústrias de base, nas quais o Brasil já alcançou auto-suficiência, mas que poderá perder essa posição voltando a ser país importador, se não expandir a sua produção atual.

Assim, no novo programa nacional de petroquímica está incluída a criação do pólo petroquímico do Rio de Janeiro, com investimentos equivalentes a mais de 1 bilhão e

100 mil dólares e que se destinam ao maior programa de industrialização do Rio de Janeiro. Uma oportunidade de desenvolvimento que o povo fluminense reclamava. Quero dizer, também, que na área da siderurgia nós já fizemos neste Governo a duplicação de algumas fábricas e, se não tivéssemos feito já este ano, nós começaríamos a enfrentar problemas no que se refere ao setor do aço, que é um setor essencial para o desenvolvimento nacional.

Na área da previdência social tomei uma decisão, também esta semana, que é do interesse de todos aqueles que pertencem ao sistema previdenciário. Os doentes que se deslocarem de uma cidade para outra em tratamento de saúde têm as suas diárias aumentadas em 10% do valor de referência da localidade em que vão ser atendidos.

Também desejo falar sobre o programa de incentivo à microempresa da LBA, dizendo que nesta semana a LBA instalou a microempresa número 30 mil, uma pequena olaria em Coelho Neto, no Maranhão. A LBA havia planejado instalar 30 mil microempresas durante todo o ano de 1987, mas atingiu esta meta em apenas sete meses. Para não parar e porque o ano ainda tem cinco meses, elevamos a meta em mais 20 mil até dezembro, numa organização de um total de 50 mil microempresas. Cada uma dessas microempresas garante emprego para cinco pessoas. Temos, assim, 150 mil novos empregos assegurados. No fim do ano serão 250 mil. Esse programa da LBA financia artesãos e trabalhadores autônomos e recebe o pagamento dos recursos que empresta em produtos dessas microempresas, sejam berços para creches, sejam alimentos para as merendas, telhas para programas assistenciais da própria LBA. Entre essas 30 mil microempresas apoiadas pela LBA, há pequenos projetos de irrigação de hortas nas regiões do Nordeste, onde agora estamos colhendo, fruto de uma experiência vitoriosa, legumes e produtos primários em plena seca, fazendo uma seca verde.

É isto um exemplo admirável de promoção social.

No dia 5 de agosto, Dia Nacional da Saúde, comemoramos essa data com assinatura, no Palácio do Planalto, de um convênio com a Organização Pan-Americana de Saúde, a UNICEF e o Rotary Internacional para que até 1990 a po-

liomielite seja erradicada em todo o território nacional. O programa, de dois anos e meio, já começa no dia 15 de agosto, com uma nova campanha de vacinação contra a paralisia infantil, quando esperamos aplicar mais de 28 milhões de vacinas Sabin em 90 mil postos no País inteiro, mobilizando 450 mil pessoas na execução da campanha.

Tive oportunidade de ouvir do diretor da UNICEF, que é o grande programa internacional das Nações Unidas, o quanto o Brasil vem fazendo no setor da medicina preventiva e que os nossos programas de vacinação com a participação popular, com o apoio de todas as pessoas, é hoje o exemplo que vem sendo seguido nos países trabalhados pela UNICEF.

Eu espero na semana vindoura ir a Alagoas, no Rio São Francisco. Eu vou dar início ali às obras da nova Hidrelétrica de Xingó, uma usina importante, como eu já disse, para assegurar o abastecimento de energia do Nordeste.

Agora vamos à data da semana.

Amanhã, dia 8, é o Dia do Pároco, os nossos estimados vigários, personagens que transcendem o seu papel religioso e são o fator de civilização e pioneirismo nos povoados mais distantes.

Domingo é Dia dos Pais; é uma festa da família e uma festa em que a família se une e se confraterniza. Portanto, a todos os pais do Brasil, entre os quais eu me encontro, nós desejamos que esta data seja uma data de grande alegria. Tenho certeza de que neste domingo todos os brasileiros saberão acariciar seus pais no dia em que se comemora a sua data.

Segunda-feira, dia 11, é o Dia dos Advogados e dos Magistrados, que são os nossos bacharéis, base humanista da nossa cultura e vida política e social. No dia 11 é também o Dia do Estudante, uma data que faz todos nós evocar os dias da juventude e que, para mim, Presidente da República, é a oportunidade de reafirmar a prioridade da educação e, naturalmente, de todos os estudantes.

Outra comemoração do dia 11 é o Dia dos Garçons. Vai aqui uma saudação carinhosa a todos eles.

Dia 12, quarta-feira, é o Dia da Televisão. Vai portanto uma congratulação minha e um abraço a todos que fazem televisão no Brasil, artistas, criadores, diretores, produtores, publicitários, que fazem com que o Brasil tenha uma das mais avançadas televisões do mundo.

Quero reafirmar que também nesta próxima semana nós estaremos dando divulgação à consolidação dos programas de metas do Governo e dizemos que agora o Governo se dedica a um trabalho constante e um trabalho permanente disseminado em todo o Brasil e em todas as áreas, como eu disse na semana passada, no setor de estradas. Nós estamos recuperando mais de 6.000 quilômetros de estradas, construindo estradas novas.

No setor de saúde pública com campanhas, construção de hospitais. No setor básico da economia do País nós estamos atacando as áreas da petroquímica, as áreas de fertilizantes para a nossa agricultura, as áreas relativas à infraestrutura no setor de energia, tocando as obras de energia do Nordeste, tocando as obras de energia do Centro-Sul.

Enfim, um trabalho conjugado no qual o Governo está empenhado e que certamente dará grandes frutos e grandes resultados, isso sem descuidar dos programas sociais, programas prioritários do Governo, uma vez que sempre temos dito que no nosso Governo a opção é pelo social. Devo dar mais uma vez o número das crianças brasileiras beneficiadas por um programa começado neste Governo. Estão recebendo diariamente o seu leite 4 milhões e 340 mil crianças, neste grande programa.

Finalmente, brasileiras e brasileiros, a reiteração da minha afirmativa de que o nosso plano econômico está atingindo os seus objetivos. A inflação está nos níveis programados, baixou para 3 por cento, o salário começa a retomada do seu poder aquisitivo, vencendo a guerra contra os preços, e toda a economia dá sinais de recuperação.

Portanto, só temos motivo para acreditar no êxito das medidas tomadas, que visam a estabilizar a economia, evitar o desemprego, a recessão e melhorar o trabalho, o salário dos trabalhadores. Estamos fazendo isso com muita

prudência, muita atenção, para não termos nenhuma decepção, porque não teremos.

Nós continuamos, portanto, a luta e convido todas as brasileiras e brasileiros a torcer pelo Brasil.

14.08.87 Ajuda à agricultura se amplia, numa política coerente e estável.
Financiamento total da produção; pólos de desenvolvimento rural. Caderneta Verde é exclusiva da agricultura.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney.

Nossa conversa ao pé do rádio de hoje vai interessar, ao mesmo tempo, aos agricultores, ao homem do campo que produz e também ao povo das cidades, aos consumidores de alimentos, que passam tantas dificuldades com alguns problemas de abastecimento que temos tido.

Ontem, tomamos uma série de decisões e assinamos alguns atos destinados a enfrentar o problema agrícola, a falta de apoio com que a agricultura sempre foi tratada no Brasil.

Estimulada quando há escassez e esquecida e até punida quando há boas safras, a agricultura agora vai ter regras permanentes de defesa, de garantia e de assistência.

O agricultor vai poder se programar para o ano que vem, e ainda mais à frente, protegido pela certeza de preços mínimos, de garantia para a sua produção e, principalmente, coberto com seguros contra cheias e estiagens, ou outros problemas de perda da lavoura.

Desde ontem, o Brasil tem uma nova política agrícola nacional. O País estava devendo uma providência dessa aos seus agricultores.

Enquanto que para a indústria, o comércio, as atividades financeiras e de serviços temos regras permanentes, estáveis e bem definidas, a nossa agricultura esperava sempre por políticas improvisadas. As regras, preços e garantias do Governo geralmente não chegavam dentro do tempo devido e sempre no último momento disponível para decisão sobre o plantio. Só então o agricultor começava a saber se valeria a pena plantar.

Agora, nós desejamos que não seja mais assim. Com o Programa de Estabilização Econômica, com os novos horizontes da economia brasileira, é possível, com antecedência, que os agricultores brasileiros planejem suas plantações para até dois anos à frente, sabendo precisamente as garantias que o Governo lhes oferece.

Podemos imaginar o que isso vai representar para o povo, para os consumidores de arroz, feijão, milho, carne, que constantemente enfrentam problemas de abastecimento.

Ao oferecer garantias de preço a longo prazo aos agricultores e construindo armazéns, silos e frigoríficos com capacidade suficiente, o Governo, diretamente ou através da iniciativa privada, vai ter esses produtos estocados para cobrir a época da entressafra. Isso significa que a um só tempo a agricultura vai ter garantias e o povo vai poder dispor, sempre, de alimentos.

Quando o Governo, por exemplo, anuncia que o pequeno e médio agricultores podem receber 100% de financiamento para as suas lavouras, todos eles acreditam, porque sabem que o Governo está tratando o problema com seriedade.

O novo plano inclui, também, o programa de implantar, em mil municípios brasileiros, pólos de desenvolvimento rural, aproveitando a bacia dos rios e criando áreas de progresso, educação, cultura e desenvolvimento comunitário ao lado de novas áreas produtivas.

Desejo, também, anunciar aos agricultores a criação de um Fundo de Desenvolvimento Rural para aplicação na agricultura, que será operado pelo Banco do Brasil e que já começa com 36 bilhões de cruzados, para atender a deman-

da da área rural. A esse Fundo serão juntados os recursos da comercialização dos gêneros que importamos, de modo que se possa aplicar, na agricultura brasileira, neste ano, 113 bilhões de cruzados.

Também, no sentido de dar recursos para a agricultura, recursos autônomos, recursos seguros, anunciamos a criação da Caderneta Verde, uma caderneta com juros e correção monetária igual à da caderneta de poupança. A Caderneta Verde será a caderneta de poupança do agricultor, operada pelo Banco do Brasil, e os recursos nela depositados serão naturalmente recursos de que o banco irá dispor para empréstimos à agricultura.

Estejam certos os produtores rurais de que o Brasil possui agora uma política agrícola definida. O que nós desejamos é dar segurança a todos que produzem no setor rural.

Sempre me preocupei, desde a primeira hora, com o problema agrícola do Brasil. Agora, com o desdobramento do Plano de Metas, podemos enfrentar o problema e tentar iniciar uma solução. Não quero dizer que tenhamos o problema agrícola resolvido mas, na verdade, demos ontem um passo gigantesco, um começo que não é tudo mas é o grande primeiro passo. Porque não é um fim, é o princípio, como eu disse. O objetivo maior, o fim de tudo que nós estamos fazendo, é o de melhorar a vida do povo brasileiro. Isto é, o que nós desejamos com todas as providências que temos tomado, em qualquer setor, é melhorar a vida das brasileiras e dos brasileiros.

Para terminar, quero dirigir uma saudação calorosa aos fotógrafos brasileiros pela passagem do Dia do Fotógrafo, terça-feira, dia 19. Esses rapazes e moças sempre me perseguem e são da área de fotojornalismo. Agradavelmente me perseguem e produzem a cada dia pequenas obras-primas de sensibilidade, humor e documentação tão bem aproveitadas pelos nossos jornais, revistas e televisões. A eles quero enviar o meu abraço de estima e agradecimento.

E amanhã, dia 16, é mais um dia nacional de vacinação contra a poliomielite. Não vamos deixar nenhuma criança brasileira sem essa vacina salvadora. Não podemos

ter mais casos de paralisia infantil neste País. Como Presidente da República faço um apelo a todas as brasileiras e brasileiros para que contribuam, como puderem, para o êxito dessa vacinação que amanhã será realizada no Brasil inteiro.

21.08.87 Visita ao México amplia integração latino-americana. Assinatura de atos de cooperação e integração econômica. Política da América Central. Comércio cresce. Dívida externa afoga os países e faz com que eles se unam para combatê-la. Morte de Carlos Drummond de Andrade, poeta. Novos tempos para a América Latina.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney, nesta conversa ao pé do rádio.

Como estarei chegando à meia-noite de hoje, achei que devia fazer a gravação antecipada de nossa conversa ao pé do rádio, para sexta-feira, dia 21 de agosto.

Estou falando, assim, às brasileiras e brasileiros, aqui de Guadalajara, no Estado de Jalisco, no México. E quero dizer que estou terminando uma viagem excepcional, na qual procurei representar o Brasil da melhor maneira, fazendo a integração dos nossos países. Foi uma viagem memorável, em que recebemos do povo mexicano um grande carinho. Por onde passávamos, onde visitávamos, sempre encontrávamos o povo mexicano com uma grande amizade pelo povo brasileiro. E, portanto, quero dizer que eu trouxe a amizade do Brasil ao povo mexicano e estou levando o carinho do povo mexicano ao povo brasileiro.

Encerrei, nesta noite, minha viagem oficial ao México. E durante três dias aqui estive e debati com o Presidente De La Madrid assuntos da maior importância para os nossos países.

Fechei mais uma etapa de nossa posição política em relação à América Latina, política iniciada no meu Governo, com a maior decisão, com vista à integração dos nossos países da América Latina. Foi uma política que comecei com muita dificuldade, sem muita compreensão, sem muita atenção por parte da nossa opinião pública interna, mas que hoje é realmente uma política reconhecida como das mais importantes para o futuro do País.

Na Cidade do México, uma das maiores cidades do mundo, com 18 milhões de habitantes, eu tratei de problemas de mercado, de comércio bilateral, buscando sempre superar obstáculos e facilitar ao máximo as nossas relações.

Fizemos com o México o que fizemos com a Argentina, com o Uruguai, com a Colômbia, com a Venezuela, com o Peru, com Trinidad e Tobago, com o Paraguai e iremos fazer com os outros países todos da América Latina.

Nós, aqui, no México, aprofundamos nossos entendimentos para estreitar as nossas relações. Todos nós sabemos que temos grandes identidades com o povo mexicano e essas identidades começam pelo mesmo sentimento que o povo mexicano tem em relação ao seu país e que é o mesmo sentimento que nós, brasileiros, temos: o sentimento da identidade cultural, o sentimento do orgulho nacional e a certeza de que nós estamos destinados a assumir uma posição muito importante no contexto de todas as nações.

Eu assinei com o Presidente De La Madrid uma declaração conjunta, pela qual devemos alcançar níveis cada vez maiores de cooperação e integração econômica, mas de uma forma gradual, flexível e realista, de modo a não criarmos frustrações. Tem sido essa a tônica da minha política externa.

Analisamos o panorama político e econômico da América Latina, atentando especialmente para os choques que afligem a América Central, acompanhando o processo de negociação dos Grupos de Contadora e de Apoio, defendendo a solução negociada como uma forma de superação dos conflitos.

Tanto o Presidente De La Madrid, como eu, consideramos que a negociação da dívida externa deve atender aos princípios de co-responsabilidade de devedores e de credores.

Enfim, tratamos de inúmeros itens que interessam diretamente a todos os países da América Latina.

Para se ter uma idéia da importância dessa política de que o Brasil vem participando, basta dizer que em um ano dobramos o volume do nosso comércio com a Argentina e o Uruguai e temos agora como meta voltar aos níveis do nosso comércio com o México, que já foi de 1 bilhão e 300 milhões de dólares e hoje está reduzido a somente 300 milhões de dólares. Esta ofensiva diplomática que o Brasil vem iniciando tem vários fatores motivadores. Eu destacaria dois deles: o mais importante, a concretização do sonho de Bolívar, de um dia a América Latina estar unida por ideais comuns, e o Brasil, que até então tinha a sua política voltada somente para o norte, isto é, para os países desenvolvidos, a partir do nosso Governo estabeleceu a sua prioridade com a sua integração na América Latina. Como eu digo, nós éramos, falávamos que éramos irmãos, mas estávamos sempre de costas para a América Latina. Hoje nós falamos que somos irmãos e estamos com as mãos dadas para vencer os nossos problemas.

Estamos pondo em prática, portanto, a política preconizada por Bolívar e por grandes políticos do Brasil e de nossos países irmãos. Agora, os Andes não mais nos separam como obstáculo à expansão; eles serão apenas o que sempre foram — o acidente geográfico; com uma diferença: um acidente geográfico que em vez de separar passa a unir. Uma outra razão que eu apontaria é um obstáculo circunstancial, porque nós vamos superá-lo, e que é a dívida externa.

Eu acredito que o lado perverso da dívida externa, por uma ironia, está servindo para unir os nossos países e para conscientizar as nossas populações, para que tenhamos oportunidade de cada vez mais juntos vencermos os nossos problemas.

Também aqui acordamos, mais uma vez, a realização do encontro dos Presidentes da América Latina no mês de

novembro, quando estaremos discutindo os problemas da nossa região.

Quero dizer que a minha última etapa da viagem foi Guadalajara, aquela cidade em que os brasileiros são recebidos com carinho, ainda mais especial, do que o carinho e a amizade com que todo o México nos recebeu.

Tivemos uma grande festa em Guadalajara. Fomos homenageados e saudados por todos os lados. A partir do aeroporto, quando fomos recebidos por um grande grupo que aqui estava, de torcedores do Brasil, cantando canções brasileiras e saudando o Presidente da República e saudando o Brasil. Por todas as ruas em que passávamos havia sempre bandeiras brasileiras, jovens vestidos com camisas com as cores brasileiras; e à noite fomos homenageados pelo Governador de Jalisco, com uma recepção que teve a presença de conjuntos folclóricos de todo o estado e que terminou numa grande homenagem ao Brasil.

Para finalizar, eu não posso deixar de tratar de um assunto que para mim é um assunto triste, mas como eu sou intelectual, essas coisas eu não posso deixar que passem em silêncio — foi a morte de Carlos Drummond de Andrade.

Carlos Drummond de Andrade foi o grande poeta do Brasil neste século, um homem que encheu com sua inteligência e sua cultura uma grande parte da vida brasileira. E eu tive oportunidade de dizer, quando soube da morte de Drummond, que ele era um deus, um deus pagão, que era um deus humano, porque a poesia é a arte de Deus. É a arte da criação. Os homens podem destruir as pedras, podem destruir as estátuas, podem destruir os quadros, mas não podem destruir a palavra. A palavra que é eterna, essa palavra que os poetas fazem, através da transfiguração delas todas, com que elas sejam eternas, que não acabem nunca. A palavra do poeta é uma rosa, não é nunca uma rosa, é muito mais que uma rosa — ela é cor, ela é perfume, ela é forma, mas na poesia ela é tudo isso, mas muito mais do que isso. Drummond foi este grande deus da poesia brasileira que desaparece. E quando um deus morre, todos nós sabemos que a Terra fica menor. Este deus que morreu, o nosso deus da poesia, nós devemos lembrar como um dos pontos altos da inteligência do povo brasileiro.

Outra coisa que eu queria dizer também é que nós chegamos aqui no México num bom tempo, porque foi também numa data em que mudava o ano asteca, em que se iniciava uma nova era asteca, uma nova era que os povos pré-colombianos estabeleciam como uma era de prosperidade, uma era de mudança, uma era de bonança. Portanto, eu, que sou sempre um otimista, quando vejo esses sinais, sinto que eles representam aquilo que eu desejo que seja permanente na minha personalidade: sempre acreditar no futuro.

Estamos aqui no momento de uma nova era, em que o povo mexicano comemora essas mudanças, que são mudanças milenares. E que elas, portanto, não só tragam essas bonanças ao povo mexicano como as tragam ao mundo inteiro e à nossa América Latina.

Embora de longe, eu estou acompanhando as coisas do Brasil: acompanhei nestes dias e quero dizer que mantenho aquela mesma posição que todas as brasileiras e brasileiros ouviram em todos esses programas que temos tido. E que é a reafirmação de que nós acreditamos no Brasil, que nós vamos vencer todos os nossos problemas, como nós estamos vencendo e que devemos é fazer aquilo que eu vi no México, com grande vontade que isso acontecesse no Brasil: o povo mexicano, que tem problemas, talvez maiores do que o povo brasileiro, cantando o México, tendo orgulho do seu país, batendo no peito com orgulho de suas coisas, cantando tudo que ele vê de bom na sua terra, o povo cuidando pelas suas cidades, dizendo que ele também é responsável por tudo e que o progresso começa dentro de cada um. Portanto, mais uma vez, vamos, juntos, que nós todos venceremos.

28.08.87 Escolas formaram 35 mil novos técnicos.
Ação de graças exalta supersafra.
Voluntariado dos programas sociais.
Rede Ferroviária Federal se modernizará.
Festa do Peão Boiadeiro, em Barretos
(SP). Ministério enfrenta déficit público.
Confiança no País.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Estamos começando nossa conversa ao pé do rádio, desta sexta-feira, 28 de agosto. Aqui vos fala, mais uma vez, o Presidente José Sarney.

Hoje, temos muitas notícias. Começo dizendo que iniciamos a semana com uma exposição das maquetes e plantas de nossas escolas técnicas, programa que iniciamos com a finalidade de construirmos 200 delas em todo o Brasil.

A exposição foi aqui no Palácio do Planalto, incluindo também fotos e perspectivas das escolas terminadas, escolas em construção e escolas em licitação. O programa, posso dizer a todas as brasileiras e brasileiros que vai bem, dentro das metas estabelecidas. Nós já temos funcionando as escolas de Marabá, Cubatão, Nova Friburgo, Altamira, e temos muitas outras escolas quase concluídas. O objetivo é formar, até 89, 35 mil novos técnicos. Dessas escolas, 82 são escolas técnicas agrícolas que estão sendo construídas, algumas delas já em fase final. O ministro Bornhausen está à frente do programa, acompanhando a sua execução, para que não haja atrasos nem delongas. É o programa «educação para o desenvolvimento».

Quero dizer, também, que na segunda-feira à noite, em companhia do ministro Íris Rezende, nós estivemos reunidos com mais de 5 mil evangélicos, num culto de ação de graças pela safra agrícola que Deus nos proporcionou, isto é, a maior safra agrícola da história do Brasil.

Naquela oportunidade, nós rezamos conjuntamente, com fé e com gratidão, pedindo a Deus para continuar a ajudar o Brasil e o meu Governo.

A safra agrícola que obtivemos foi importantíssima para o Brasil, porque, com os problemas do Plano Cruzado, a safra compensou as nossas perspectivas de desenvolvimento e propiciou aos brasileiros abastecimento, combatendo a fome.

Os homens da produção, os homens da área agrícola continuarão a receber do Governo o seu reconhecimento.

Comemoramos, também, nesta semana, aqui no Palácio do Planalto, os 45 anos da Legião Brasileira de Assistência, entregando medalhas para os voluntários dos nossos programas sociais. Devo recordar que a LBA, no meu Governo, já cresceu 5 vezes e atende hoje mais brasileiras e brasileiros do que atendeu em toda a sua história, estendendo os seus programas para creche de criança, leite, ajuda alimentar, a microempresas e assistência de uma maneira geral. A LBA é hoje a grande agência de ajuda aos mais carentes. Minha mulher, Marly, está à frente desse programa e devo dizer que, nesta semana, ela também esteve em Campo Grande, para abrir mais creches e assinar convênios com municípios de Mato Grosso, em companhia de Dona Maria do Carmo Vilaça, do PRONAV, e do presidente da LBA, Dr. Marcos Vilaça, e do Governador Marcelo Miranda, nosso grande amigo, que muito está realizando naquele estado.

Esta semana, também, de grandes eventos, tivemos, em companhia do ministro José Reinaldo, dos Transportes, oportunidade de aprovar em outra solenidade aqui no Palácio do Planalto o Plano de Modernização da Rede Ferroviária Federal.

Nosso objetivo é colocar as estradas de ferro no Brasil do futuro. Colocar o setor ferroviário servindo ao trans-

porte do futuro. Esse programa, é um programa de 1 bilhão de dólares, com a colaboração do BIRD, do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social, do Ministério dos Transportes e se destina a treinamento de pessoal, melhoria dos trilhos, das linhas, recuperação de locomotivas, compra de novos trens, enfim, preparar a rede de uma maneira global, integrada e planejada para o transporte intermodal, isto é, um transporte que inclui rodovias, aerovias, portos e ferrovia, hidrovias, centrais de distribuição de carga, tudo isso absolutamente racionalizado e integrado.

O Brasil precisa atualizar os seus meios de transporte. Nós estamos atrasados neste setor e é preciso fazer crescer o sistema de transporte brasileiro, para baratear a produção, para baratear o preço dos produtos e para tornar competitivas a nossa produção industrial e a nossa produção agrícola.

Outro fato também desta semana: quero comunicar às nossas brasileiras e brasileiros que estive em São Paulo na festa do Peão Boiadeiro, em Barretos. É uma festa que é uma reunião de homens da pecuária, que lutam por esse setor e ali se reúnem há 32 anos para preservar as tradições, confraternizar, mostrar a coragem, a bravura do homem que lida com a pecuária. Na véspera daquela data, a Cidade de Barretos completava 133 anos. Agradeço ao generoso povo de Barretos, às brasileiras e brasileiros de Barretos, a recepção calorosa e a recepção amiga que me dedicou. Por duas vezes estive em Barretos e fui alvo do carinho daquela gente tão boa.

Ali também tivemos oportunidade de assinar com o prefeito e o governador mais um convênio de descentralização da saúde, procurando conjugar esforços do estado, do município e do Governo Federal para, de mãos dadas, melhorar o atendimento da saúde do povo. O Estado de São Paulo, em convênio com o Governo Federal e com recursos do INAMPS, descentraliza o atendimento num programa em que tem grandes interesses também o nosso governador Quéricia, de São Paulo, que me acompanhou e que tem um grande trabalho municipalista.

Outro fato também muito importante desta semana é que ontem eu reuni o Ministério para tomar decisões duras

no que diz respeito a combater o déficit público. Até dezembro congelamos despesas que seriam necessárias mas que terão de ser adiadas neste instante, qualquer que seja o sacrifício. Por quê? Porque o principal é consolidar o Plano Econômico, para conter a inflação, evitar o desemprego e continuar o desenvolvimento. As ordens que dei ao Ministério foram severas. E dei ao Ministro da Fazenda carta-branca para suspender todo e qualquer pagamento fora de nossas diretrizes. Não vamos cometer os erros do passado, e vamos, com a nossa experiência, procurar colocar fora de qualquer risco o nosso programa econômico.

Eu quero dizer também que recebi aqui no Palácio do Planalto os nossos jogadores que ganharam medalha de ouro no Pan-americano de basquete. Foi um feito notável. O Brasil virou o jogo de uma maneira espetacular. Quando todos pensam que vamos perder, nós sempre viramos a sorte.

É isto que me faz acreditar no nosso querido País. Este é um País de lutadores e a cada dia ele avança um passo no caminho do seu grande futuro.

Para terminar, desejo renovar às brasileiras e brasileiros minha prestação de contas semanal. Quero dizer que o Plano Bresser vai bem, estamos dentro dos parâmetros estabelecidos e vigilantes, para não errarmos. O Governo, agora mais seguro de que a economia está controlada, investe em seus programas dentro das possibilidades e metas orçamentárias, procurando aproveitar ao máximo os seus recursos.

Como sempre, a minha palavra é de otimismo. O Brasil vence seus problemas. Estamos no rumo certo e a tempestade já passou. Voltamos a produzir, o fantasma do desemprego vai desaparecendo e não se pensa e nem se fala mais em recessão. As conquistas, porém, são sempre obtidas, porque ninguém pode obtê-las sem a ajuda das brasileiras e brasileiros. Ajuda que, devo reconhecer, nunca me faltou.

04.09.87 Tecnologia moderna em explosivos.
Aposentadoria mais cedo para quem
trabalha com explosivos. Saneamento
básico. Primeiro carro brasileiro.
Pesquisa nuclear. Defesa do inquilinato.
Estabilidade econômica.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Esta é mais uma nossa conversa ao pé do rádio, nesta sexta-feira, dia 4 de setembro.

Aqui, mais uma vez, vos fala o Presidente José Sarney.

Quero começar este programa agradecendo ao povo de Piquete, em São Paulo, de Guaratinguetá e Aparecida também daquele estado, o carinho com que fui recebido na quarta-feira, dia 2 deste mês. Passei nas duas últimas cidades em trânsito para Piquete, onde fui inaugurar uma nova unidade da fábrica de propelentes de pólvora da IMBEL. É um grande passo na modernização do parque industrial do País, que agora não precisa mais da importação desses materiais. A unidade que inaugurei é de tecnologia atual e oferece maior segurança para a fábrica. Lá também assinei mensagem ao Congresso, diminuindo para 25 anos a aposentadoria daqueles servidores, que trabalham com explosivos, preocupação social do Governo, melhorando as condições de trabalho.

Em Piquete, estive na continuidade histórica da independência industrial e da independência de materiais necessários à defesa do nosso País. Aquela fábrica, agora com

uma nova dimensão, foi idealizada e começada ainda pelo Presidente Rodrigues Alves. Ali onde eu estive, esteve o Presidente Afonso Pena, para inaugurá-la; depois, o Presidente Hermes da Fonseca e, há 40 anos, o Presidente Vargas. Todos ressaltando a importância daqueles estabelecimentos, onde trabalham, há tantas décadas, homens abnegados: operários, engenheiros, técnicos e profissionais militares.

Mas não limitei a minha visita a Piquete somente à inauguração da fábrica. Depois, fui à praça da Prefeitura da cidade, para homenagear as brasileiras e brasileiros que ali se reuniam. Eram milhares. E também o povo do Vale do Paraíba, que é uma zona de grande progresso, um povo altamente trabalhador. Gente boa e gente acolhedora. Estava em companhia do Governador Quércia, que tem um grande interesse em programas que dizem respeito ao interior e à municipalização e que me tem acompanhado nessas visitas a São Paulo. Assinamos convênios para drenagem da sede municipal e também para descentralizar os serviços de saúde, colocando-os no programa de saúde dos municípios, programa este que é feito pelo Ministério da Previdência, pelo governo estadual e pelo município. É um programa de mãos dadas para melhorar o desempenho do atendimento de saúde. Ali também recebi dezenas de prefeitos e, para surpresa minha, encontrei um maranhense de Tutóia — Tutóia, que é um município dos mais pobres do meu estado —, já bem velho, o Sr. José Rodrigues, e ele era pai do prefeito Otacílio, de Piquete. Emocionou-se ao receber um Presidente do Maranhão, terra de onde saiu em busca de construir sua vida na grande São Paulo. Tivemos uma grande recepção. Fizemos concentração popular, onde eu reafirmei a minha preocupação pelo social, relatando os nossos programas sociais, sem esquecer o trabalho da LBA e do leite, que hoje já é distribuído a 4 milhões e meio de crianças no Brasil inteiro.

Agora, outro assunto. Ontem tive a satisfação de assistir à apresentação do primeiro carro brasileiro, desenvolvido com tecnologia brasileira e que vai percorrer 25 quilômetros com um litro de gasolina e custará a metade dos atuais carros pequenos. Não vamos ter que pagar *royalties*,

como fazemos com os outros carros, e começamos uma indústria genuinamente brasileira, projetada e construída por técnicos brasileiros. Isto foi possível graças ao apoio do Ministério da Ciência e Tecnologia, criado no meu Governo, dirigido pelo ministro Renato Archer, e com financiamento do FINAME, que é uma agência governamental para esse fim.

Também quero dizer que hoje, às 10 horas, irei falar ao País de uma importante conquista, uma grande notícia sobre outra histórica conquista da ciência brasileira no setor das pesquisas nucleares. É o Brasil entrando na tecnologia do futuro. Como eu disse, o futuro não será de países grandes ou pequenos mas de países que dominam tecnologias e países atrasados e escravos, importadores de saberes. O Brasil não tem esse destino. Nós temos o destino de ocupar o nosso lugar no mundo.

Quero, finalmente, para terminar este programa, abordar um assunto que me causou uma certa tristeza pela confusão e gerou uma grande balbúrdia e perplexidade no setor do inquilinato brasileiro. Com uma portaria baixada pelo Ministério da Fazenda, a interpretação dessa portaria deu margem a que se pensasse numa interferência do Governo, mandando reajustar aluguéis por índices fixados pelo próprio Governo. Para evitar essa interpretação, determinei a republicação da referida portaria, eliminando a possibilidade desse equívoco de interpretação.

O que ocorre é que os aluguéis estavam congelados por 90 dias, de acordo com o novo Plano Econômico. Vencido este prazo ninguém está obrigado a reajustar aluguéis, quem regula aluguéis é a Lei do Inquilinato, o contrato entre proprietário e inquilino. O Governo não mandou nem baixou nenhum ato alterando ou fixando novos índices de aluguéis. Estes são regulados pelos contratos respectivos entre as partes. A interferência única do Governo neste setor foi há algum tempo, a fim de proteger os moradores de baixa renda do sistema de habitação, fazendo com que os seus aluguéis somente fossem correspondentes a 10% do salário mínimo. Casas populares, ninguém pode pagar mais que isso.

E preparamos um anteprojeto que está entregue às sociedades dos interessados, de inquilinos e proprietários, para discuti-lo e para mandá-lo ao Congresso.

Nesse projeto, as nossas idéias são, basicamente: primeiro, rigor na punição do proprietário que pedir a casa, falseando o motivo da retomada, que isso é muito comum, alegar-se que a casa é para uso próprio apenas com a tentativa de aumentar o aluguel; segundo, médios e pequenos inquilinos somente podem sofrer reajuste em contratos pelas partes livremente contratadas, vinculados ao reajuste do salário, isto é, médios e pequenos inquilinos terão os seus aluguéis aumentados de acordo com o aumento que sofreram no seu salário; essa foi a proposta que fizemos no anteprojeto que está sendo debatido; terceiro, liberar os aluguéis de luxo, os prédios de luxo devem ser liberados e então nós não temos nada que ver com isso.

Assim, eu quero reafirmar que o Governo não determinou, não autorizou, não mandou fazer qualquer reajuste de aluguel. Quem quiser forçar o inquilino, afora dos seus contratos, a reajustar aluguel este mês, está enganando o inquilino. Porque nenhum ato legal autorizou isso. Os aluguéis estão regulados pelos contratos e não pelo Governo.

Finalmente, brasileiras e brasileiros, a minha mensagem final. Como tenho dito, o Brasil pouco a pouco vai retomando sua estabilidade econômica. Quero dizer que, pelos dados que recebi ontem, referentes ao índice nacional de preços de agosto, no que se refere ao Rio de Janeiro, ele é de 5,35; no que se refere a São Paulo, é de 4,77. Isto, no mês de agosto, o que dá uma média de 5,01, o que mostra que nós estamos conseguindo a estabilidade econômica a que o Plano Bresser visou e que está no bom caminho.

Eu disse em São Paulo que o pior já passou. Portanto, estamos agora muito mais confiantes, mais seguros, mais firmes na convicção do nosso êxito. Para esse êxito, que é o êxito do Brasil, da melhoria do povo brasileiro, melhoria da taxa de emprego, combate à recessão e crescimento econômico. Para isso nunca faltou ao Governo o otimismo e ao Brasil a ajuda das brasileiras e brasileiros. Povo bom, grande povo da nossa Pátria, bom dia, e muito obrigado.

11.09.87 Semana da Pátria. Brasil domina o ciclo do enriquecimento do urânio. Encontro com artistas. Bienal Internacional do Livro. Prioridade à cultura. Acordo do Paraná. Morte do ministro Marcos Freire, perda para todo o Brasil.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney nesta conversa ao pé do rádio, desta sexta-feira, dia 11 de setembro.

Desejo recordar que esta semana foi aberta com os festejos da Independência. Pelo Brasil inteiro se comemoraram os 165 anos do Grito do Ipiranga, trazendo à memória de todos nós a grandeza do nosso País, o orgulho que nós todos temos da grande Nação que somos e a certeza de que cresceremos muito mais. Nossas congratulações a todo o povo brasileiro que, juntamente com as Forças Armadas, que desfilaram no País inteiro, comemorou a nossa data magna da libertação do Brasil.

Desejo também relembrar outro fato, este ocorrido no fim da semana passada: foi o anúncio que eu fiz, no dia 5, em pleno clima da Semana da Pátria, de que o Brasil alcançara uma grande conquista científica, isto é, o País dominou a tecnologia do enriquecimento do urânio, o que é básico e fundamental para o aproveitamento da energia nuclear em benefício do ser humano. Sua aplicação alcança os mais diferentes ramos do interesse humano — a medicina, a agricultura, a indústria. Poucos países no mundo dominam a tecnologia do enriquecimento do urânio: somente

9, e agora, entre eles está o Brasil. E isto tudo foi conquista de brasileiros, foi feito por cientistas brasileiros, com recursos do País, e não devemos nada a ninguém.

Naquele dia também eu ressaltai que essa é uma tecnologia sensível, mas que o compromisso do Brasil é para aplicação da energia atômica para fins pacíficos. Toda a nossa diplomacia, o nosso programa de Governo, é destinado a esse fim.

Nós somos, por exemplo, signatários do Tratado de Tlatelolco. Um tratado que foi feito pelas nações da América Latina, que proscree qualquer tipo de arma nuclear. E também o Brasil é autor de uma moção apresentada, já no meu Governo, às Nações Unidas, chamada Moção do Atlântico Sul, pela qual se proíbe até mesmo o trânsito de armas nucleares nesta área.

Devo dizer também que nesta semana eu, na Granja do Torto, almocei com artistas do teatro brasileiro, discutindo seus problemas, em busca de soluções. Foi um grande prazer receber os nossos artistas de teatro. Teatro é cultura e devemos utilizar os meios de divulgação para, cada vez mais, habituar o nosso povo a ir ao teatro. Um país não se mede somente pela sua riqueza, pelo seu índice de renda *per capita*, pela sua economia, mas também pelo teatro que tem. E o Brasil tem um dos melhores teatros do mundo, com atores que nada ficam a dever aos grandes atores de qualquer país.

No caminho da cultura — também eu devo ressaltar — esta semana foi rica porque tivemos a inauguração, ontem, no Riocentro, no Rio de Janeiro, da III Bienal Internacional do Livro, acontecimento importantíssimo no mundo editorial brasileiro. É com satisfação que eu posso proclamar que nesses dois anos do meu Governo o movimento editorial do País teve um grande aumento. O povo está lendo mais, estamos publicando mais, a Nação está se instruindo, elevando o seu nível cultural.

O livro, como diziam os latinos, é o melhor amigo. E o povo não deve esquecer — as brasileiras e os brasileiros — que um dos cinco pontos do meu Governo é a identidade cultural, e um dos marcos da minha administração é a cha-

mada «Lei Sarney» para incentivos à cultura. E o nosso Governo é o primeiro governo deste país que tem uma prioridade para a cultura. O Brasil não será uma potência econômica se não for uma potência cultural.

Quero também lembrar que o dia 10 foi o Dia da Imprensa. Recebi os jornalistas credenciados no Palácio do Planalto, ressaltai o trabalho que eles realizam para informar o povo brasileiro. O País tem hoje uma grande imprensa, e aqui desejo homenagear todos os profissionais de imprensa do Brasil. Uma grande imprensa nós temos, quer de recursos humanos, quer de recursos materiais. Sem esquecer aquilo que dizia o nosso grande Rui Barbosa: que a democracia respira através da imprensa. Ela é o ar, ela é o pulmão.

Outro assunto: desejo também comunicar que recebi o governador Álvaro Dias, do Paraná, que está fazendo um excelente trabalho em seu estado. Ele veio comunicar-me um fato muito importante: o Acordo do Paraná.

E o que é o Acordo do Paraná?

É um acordo entre trabalhadores e empresários sobre problemas do estado para, de mãos dadas, procurar soluções. Parabéns ao Paraná que dá o exemplo da democracia compactuada, a mais moderna, a que mais rapidamente resolve os problemas do povo. Não é só o Governo que tem responsabilidades. As responsabilidades são de todas as classes, e o Paraná, neste acordo entre empresários e trabalhadores, dá um grande exemplo de entendimento.

Outro assunto que eu desejo mais uma vez martelar é o problema do aluguel, repetindo o que disse na semana passada: o Governo não autorizou aumento de aluguel e nem fixou quantitativos. Isso é da livre iniciativa das partes e deve ser ajustado entre inquilinos e proprietários. O único aluguel em que o Governo interfere é o do Sistema Nacional de Habitação e este está baseado no Plano de Equivalência Salarial. Isto é: não pode subir mais do que o aumento do salário. Portanto, mais uma vez, não se deixe enganar.

Finalmente, minha palavra de otimismo como sempre o faço: o Brasil está no caminho certo e o povo vai fazer justiça a todos nós. A nossa pior fase já passou.

Eu poderia terminar aqui este programa, mas não posso fazê-lo porque tenho o dever de dar uma notícia que todos já sabem, que é uma notícia triste, que foi a morte do nosso ministro Marcos Freire. E estas palavras são para prestar uma homenagem à memória do Ministro Marcos Freire, que, como todos sabem, faleceu tragicamente no dia 8.

Marcos Freire estava fazendo um grande trabalho pela reforma agrária e morreu no cumprimento do dever, trabalhando numa missão de sua pasta em plena Amazônia.

Em sua companhia perdemos também grandes brasileiros: José Raduan, presidente do INCRA; Dirceu Pessoa, secretário-geral do MIRAD; José Teixeira, secretário particular do ministro, e seu pai, Amauri Teixeira; Ivan Ribeiro, assessor especial do Ministro, e também a tripulação, composta pelo coronel Wellington Resende, pelo capitão Jorge Shimomura e pelo sargento Carlos Alberto Silva. À memória de todos, a minha homenagem, sabendo que todos faleceram no cumprimento do dever, em pleno trabalho.

Tive uma comoção muito grande, senti profundamente esta tragédia, junto-me portanto eu, minha mulher e toda a minha família ao sentimento de dor das famílias dos mortos, pedindo que Deus as ajude no consolo e na resignação pela perda irreparável. Esta perda foi também uma perda para o Brasil, e sei que todo o povo brasileiro está sentindo desta mesma maneira.

A Pernambuco, terra de Marcos Freire, o meu pesar, uma palavra especial: Marcos Freire era uma grande expressão do talento, da cultura e do espírito público do povo pernambucano. Meu amigo, meu companheiro de Senado, meu ministro, estava fazendo uma obra de pacificação no setor agrário, sem ódio e sem medo, como era o seu lema, sendo um instrumento de paz. Ele, portanto, é um mártir dessa causa em favor, principalmente, dos menos favorecidos que labutam no campo.

Aqui, com esta nota de tristeza, eu termino esta nossa conversa ao pé do rádio, desejando às brasileiras e brasileiros que permaneçam na fé no Brasil, na nossa grande Pátria.

18.09.87 Esperança nos trabalhos da Assembléia Nacional Constituinte. Presidencialismo moderno, com partidos fortes. Defesa do meio ambiente. Dia da Árvore. Campanha do trânsito. Melhoria das rodovias. PETROBRÁS amplia produção. Programas sociais se ampliam com o Uruguai.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala, mais uma vez, o Presidente José Sarney, nesta conversa ao pé do rádio desta sexta-feira, dia 18 de setembro.

Estamos numa semana em que os temas dominantes no País foram as preocupações de natureza política. As definições que estão iminentes em nossa Assembléia Nacional Constituinte.

Quero dizer que minhas opiniões nesta área tiveram sempre a finalidade de defender o interesse nacional. O que eu desejo é que a futura Constituição assegure ao Brasil estabilidade política, governabilidade, e possa dar o respaldo legal necessário a que floresçam no País instituições democráticas fortes. A democracia vive de leis, mas vive muito da convivência e da prática democrática. É uma estrutura legal, é o estado de direito, mas também é um estado de espírito, de educação política. Educação política em que se sabe que o direito de cada cidadão termina onde começa o direito de outro cidadão.

Eu não tenho nenhum interesse pessoal a defender nos temas que estão sendo travados, mas tenho a obrigação e o dever de não ser omissos. Tenho responsabilidade perante a História e a Nação.

A experiência de Governo, a minha vivência de homem público me traz a convicção de que não temos ainda as instituições suficientemente fortes capazes de enfrentar, sem dificuldades, as crises. Não temos uma velha tradição partidária, não temos burocracia constituída em carreira e selecionada pelo mérito, não temos experiência efetiva do sistema de governo parlamentar.

As divergências, a multiplicidade de fórmulas, os casuísmos mostraram bem que as melhores e mais puras intenções e convicções não conseguiram sensibilizar, pela paixão política e ressentimentos, o grande terreno de um novo pacto.

Considerando estas realidades manifestei-me, em maio, por um presidencialismo moderno, com práticas parlamentares que fortifiquem o Congresso e assegurem que essa vivência possa dar, em termos de futuro, condições para um regime mais sofisticado.

Ao manifestar-me pelos cinco anos de mandato, o fiz com a certeza de que esse prazo é o melhor para o País. Disse que abria mão dos seis anos para o qual foi eleito Tancredo Neves, e cujo mandato, por direito próprio e constitucional, me foi outorgado em decorrência de sua morte. Não me move nestas decisões nenhum desejo de poder. Não existe nenhum constituinte que eu tenha procurado para aliciar, utilizando o Governo em razão da discussão do mandato. Minha conduta tem sido sempre a mais correta. O poder para mim não é uma festa, muito menos uma fonte de satisfação. Exerço-o para cumprir um dever e serviço público, sem lamúrias nem queixas, mas com o grave senso da grandeza de presidir a República, o meu País.

Antes de terminar, eu quero dizer que estamos na Semana da Árvore, e o dia 21 será o Dia da Árvore. Isso nos coloca frente ao desafiador problema da defesa do meio ambiente. Devemos estar sempre voltados para essa luta contra a devastação da natureza, que é grave no Brasil e em todos os países do Terceiro Mundo. Já no meu Governo, tenho procurado dotar a sociedade dos meios para defesa do meio ambiente. No ano passado mesmo, com outros atos que trataram do assunto, nós criamos áreas de proteção ambiental, que envolvem a Ilha de Fernando de

Noronha, o Atol das Rocas, os Penedos de São Pedro e São Paulo e a criação da estação ecológica de Angra dos Reis. Vamos defender os nossos rios, nossas matas, lagos e lagoas, animais que neles vivem e que são fatores de equilíbrio ecológico e garantia de sobrevivência do homem.

Quero também ressaltar neste programa que se iniciou ontem a Semana de Trânsito. Neste setor muito preocupam o Governo e a sociedade os números dos alarmantes acidentes de trânsito, as mortes freqüentemente de famílias inteiras, nas estradas. No que se refere ao Governo, tenho a dizer que o Ministério dos Transportes está empenhado em restaurar milhares e milhares de quilômetros e já restarou mais de 4 mil e 200 quilômetros de estradas este ano. Da mesma forma, nós estamos preocupados, procurando identificar, para corrigir, cerca de 2 mil chamados pontos negros das estradas, porque é neles que nós verificamos a maior incidência de acidentes.

Quero anunciar, também, que este mês ainda eu estarei visitando as plataformas de exploração de petróleo de Campos, no Estado do Rio. Vou ver o trabalho dos nossos técnicos da PETROBRÁS. O Brasil hoje produz quase 600 mil barris de petróleo por dia, cerca de 60% do consumo nacional. Se compararmos com o que há seis anos produzíamos, que eram 180 mil barris, estamos orgulhosos da PETROBRÁS por esse serviço. Triplicamos a nossa produção, o que é um feito extraordinário. E deve-se frisar que a produção de petróleo no Brasil tem se sustentado sem prejuízo das nossas reservas recuperáveis, que hoje superam a casa dos 2 bilhões e 500 milhões de barris de petróleo.

Saudamos também com grande euforia a descoberta de petróleo no Amazonas, na bacia do Rio Urucu, uma grande área nova que também será uma importante contribuição ao setor do petróleo do Brasil.

Para finalizar, quero dizer que minha mulher, Marly, encontra-se no Rio Grande do Sul para instalar algumas creches, fazer alguns convênios e visitar o grande povo gaúcho e também para encontrar-se na fronteira com a Sra. Martha Sanguinetti, esposa do Presidente do Uruguai, para firmar um convênio de cooperação na área social dos dois países.

Minha palavra final, que é sempre uma palavra de otimismo. A economia vai vencendo seus momentos mais duros e a inflação de setembro não deve ser maior do que a de agosto. Esperamos, assim, que se acomodem os preços relativos para termos índices mais baixos. Essa é a nossa esperança. Como sempre afirmei, vamos vencer e estamos vencendo com a ajuda das brasileiras e dos brasileiros.

25.09.87 Apoio político é fator de democracia. Visita ao campo petrolífero do litoral de Campos (RJ). Preocupação com a violência; estados recebem mais viaturas policiais. D. Lucas Moreira das Neves, novo cardeal-arcebispo de Salvador (BA). LBA amplia atendimento a idosos.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala, mais uma vez, o Presidente José Sarney, nesta conversa ao pé do rádio, de sexta-feira, 25 de setembro.

Nós estamos terminando uma semana recheada de acontecimentos políticos, sobre os quais as brasileiras e brasileiros esperam uma palavra do Presidente.

É justamente para isso que temos esta nossa conversa ao pé do rádio, para que o povo ouça, de viva voz, o que o Presidente da República tem a dizer. Quero dizer, no entanto, confessar às brasileiras e brasileiros, que está sendo muito difícil governar o País sem um apoio político definido. A falta de entendimento interno nos partidos e entre os partidos, dentro e fora da Constituinte, priva o Governo de um apoio importante para trabalhar com tranqüilidade.

É preciso não esquecer que estamos numa democracia e que o Governo é resultado da soma de esforços e vontade de uma maioria de políticos que nem sempre precisam pertencer ao mesmo partido, mas que devem compor uma maioria sólida, estável, para ter espírito público, ajudar a resolver os problemas do povo.

Essa falta de definições e de apoio político estável cria um clima de insegurança para o Governo e para a compreensão popular. Mas nós vamos avançando. E o meu compromisso de restaurar a democracia, de presidir a transição democrática, continua se consolidando a cada dia. Mesmo com essas dificuldades nós não tivemos até hoje nenhum retrocesso. E continuamos avançando para criar instituições fortes e duradouras para nossa Pátria.

Agora, vamos tratar de outros assuntos.

Eu quero dizer que na quarta-feira, dia 23, fiz uma visita emocionante. Eu visitei a plataforma de Enchova, na Bacia de Campos. Pousamos na base aérea de São Pedro da Aldeia, onde fomos recebidos generosamente pela nossa Marinha de Guerra, e de lá, de helicóptero, voamos uma hora e pousamos na plataforma de Enchova. Uma plataforma que comemorava 10 anos de produção de petróleo naquela bacia. Pois bem, na véspera, nós tínhamos chegado ao recorde de 601 mil barris de petróleo por dia. Foi emocionante a nossa experiência. Eu tive oportunidade de dizer que queria que todos estivessem ali comigo, no meio do mar, naquela floresta de plataformas, para que os brasileiros e as nossas brasileiras tivessem uma noção do que é o grande esforço nacional que estamos fazendo em todos os campos, com tecnologia brasileira, vencendo todas as dificuldades.

Ali em Campos, nós estamos tirando petróleo de 3 mil metros de profundidade, depois de uma lâmina d'água de 100 metros. Estamos pesquisando para chegarmos até uma lâmina d'água superior a 600 metros. É um trabalho emocionante.

Homens e mulheres, técnicos, trabalhadores, operários, dia e noite, ali estão lutando pela batalha do petróleo. Petróleo que tem na nossa PETROBRÁS um símbolo de grande campanha que empolgou a consciência moral do País, para que tivéssemos independência neste setor tão importante para criação de riqueza e para libertação nacional.

Nós somos pioneiros no mundo neste sistema de exploração. O Brasil é hoje o país que mais produz petróleo

em mar. Por isso, eu quero transmitir uma mensagem calorosa ao pessoal todo que trabalha na extração de petróleo e sobretudo na Bacia de Campos, em todas as plataformas. Porque eles são trabalhadores que zelam pelo Brasil. Aos funcionários — também diretores da PETROBRÁS —, o povo brasileiro admira e é reconhecido a essa grande empresa do nosso País.

Portanto, quando eu vejo o progresso do País, o que estamos fazendo em todos os setores, eu sinto que não há, como tenho dito tantas vezes, momentos para pessimismo por dificuldades acidentais.

E o caminho do Brasil é o caminho de um grande futuro, e nós não temos dúvida em relação a isso.

Vamos falar agora de outro problema nacional que angustia nossas populações. É o problema da segurança. E como comove a todos nós ver a situação de insegurança que hoje vivem populações das grandes cidades e mesmo em quase todos os lugares do Brasil. A violência não é só no Brasil, mas no mundo; a cada dia, ganha um espaço que não é desejável. E eu quero dizer que o nosso Governo está contribuindo com todos os municípios brasileiros para o combate à violência.

Nós estamos distribuindo carros que são equipados para ajudar as polícias locais a combater a violência. Nós já entregamos estes carros a mais de dois mil municípios brasileiros e ainda há poucos dias o nosso Ministro da Justiça estava entregando carros no Paraná, em Minas Gerais e em muitos estados do nosso País. É uma contribuição que nós estamos oferecendo aos municípios e aos estados brasileiros.

Eu quero tratar também de um outro assunto. É que, no dia 26, nós teremos em Salvador a posse do novo cardeal-arcebispo da Bahia, Dom Lucas Moreira das Neves, um brasileiro extraordinário que até poucos dias fazia parte do pequeno grupo de colaboradores estreitos, no Vaticano, do nosso Papa João Paulo II.

Dom Lucas é originalmente um frade dominicano que teve um papel muito importante nas organizações católicas para universitários e chefes de família. Mas é principalmente, além de um homem piedoso de Deus, um homem de

ação, um brasileiro preocupado com o Brasil. Foi portanto uma alegria para todos nós, especialmente para o povo baiano, que o Santo Padre tenha escolhido Dom Lucas para arcebispo de Salvador.

Nesta sexta-feira eu também quero dizer que estará sendo lançada mais uma campanha da LBA e por seu voluntariado, agora destinada a amparar os idosos, homens e mulheres com mais de 60 anos e carentes. A LBA, como todos sabem, assumiu a missão de atender as duas pontas da vida: as crianças e os velhos.

No nosso Governo, a LBA já distribuiu até agora 141 milhões de refeições a 1 milhão 119 idosos que estão sendo assistidos. Com o apoio da iniciativa privada, e coordenados pelo voluntariado da LBA, estamos implantando uma novidade no Brasil, que são os centros de convivência para a terceira idade, onde os nossos velhinhos recebem apoio para enfrentar a chamada conspiração do silêncio denunciada pela escritora Simone de Beauvoir, que alertou o mundo para o problema dos homens e mulheres que atingem a velhice, ficam marginalizados no mundo que é mundo cada vez mais de jovens. Aos jovens brasileiros peço que tenham muito carinho para com os nossos velhos, lembrando que um dia, se Deus quiser, cada um de nós será um velho.

Fico muito feliz pelo Governo estar iniciando, através da LBA, esses projetos pioneiros da assistência e promoção aos nossos idosos. Aliás, domingo, dia 27, é o Dia do Idoso. É um abraço carinhoso do Presidente aos nossos queridos velhinhos e às nossas queridas velhinhas que vão encontrar formas eficientes de servir, viver e alegrar-se nos centros de convivência que o PRONAVE e a LBA estão semeando pelo Brasil.

Para finalizar, eu quero dizer, nessa coerência, que não tem faltado nestes programas, ao longo desses dois anos e meio da nossa conversa, a minha palavra de crença no nosso Brasil. Crença que jamais faltou e que não faltará. A fé sempre presente.

Somos um grande País e com ajuda das queridas brasileiras e dos brasileiros nós podemos dizer como diz a nossa juventude: nós vamos chegar lá.

02.10.87 UNICEF acompanha o Programa do Leite às crianças. Vale-transporte é lei. Piso nacional de salário. Plano de Ação Governamental unifica orçamento e distribui investimentos. São Gabriel da Cachoeira se liga ao Brasil nas telecomunicações. Ligação com o exterior se amplia em 50%. Inflação em baixa. Novo quadro político.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala mais uma vez o Presidente José Sarney, nesta conversa ao pé do rádio, sexta-feira, dia 2 de outubro.

Quero começar com uma série de boas notícias.

Desejo anunciar em primeira mão que a UNICEF, que é uma agência das Nações Unidas, o benemérito órgão daquele organismo internacional para proteção e amparo à criança, vai fazer um acompanhamento do desenvolvimento físico das 4 milhões e 800 mil crianças brasileiras que estão sendo beneficiadas pelo Programa Nacional do Leite.

Todos sabemos que esse programa é um grande programa e deve atingir até o fim do meu Governo 12 milhões de crianças de até 6 anos. Nós vamos ter um acompanhamento sistemático da saúde e desenvolvimento dos filhos dos nossos trabalhadores que recebem até 2 salários mínimos e que estão participando do programa do leite. Esta avaliação se destina a verificar o nível de nutrição e, como este programa evita um dano irreversível aos cérebros das crianças, elas ficam aptas a serem crianças normais.

Eu fico feliz, porque o programa do leite foi iniciado neste meu Governo e recebeu algumas críticas dos que pen-

savam que seria impossível realizar esta distribuição. O Programa do leite já está dando certo. E agora a UNICEF — e volto a dizer que esse é um organismo das Nações Unidas — vem trabalhar conosco trazendo apoio e experiência desse benemérito e responsável órgão.

Quero dizer também que quarta-feira, 30 de setembro, eu sancionei a lei aprovada pelo Congresso Nacional, tornando obrigatório o fornecimento do vale-transporte a todos os trabalhadores brasileiros.

Essa providência beneficiará 14 milhões de brasileiros. E quem gastava até 30% do seu salário com o pagamento do ônibus vai gastar apenas 6% no máximo. Quer dizer: nós já tínhamos feito o vale-transporte, mas que não era obrigatório, e agora tornamos o vale-transporte obrigatório. Vai facilitar a vida de todos os trabalhadores que têm de se locomover nas cidades para ir ao trabalho. Eles agora vão receber este cupom do vale-transporte de maneira obrigatória.

Nós, neste Governo, já fizemos o salário móvel, já fizemos o salário-desemprego e agora estamos dando o vale-transporte. Eu acho que se os trabalhadores meditarem no que nós fizemos nestes anos em benefício, ele verificará que nenhum governo fez tanto e teve tanta atenção para os seus problemas como este Governo. Este vale-transporte constitui portanto um fato importante na vida do trabalhador brasileiro, e foi criado no meu Governo.

Eu também quero dizer que na quarta-feira assinei o reajuste do piso nacional de salário, que agora passou para 2.640 cruzados.

O piso de salários, eu devo esclarecer, foi feito para evitar que todas as vezes que se aumentava o salário mínimo, nós aumentávamos muito mais o salário daqueles que vinculavam os seus salários ao salário mínimo. Isto é, os vencimentos de algumas categorias eram feitos assim: 10 salários mínimos — quando nós aumentávamos o salário mínimo aquele que ganhava 10 salários mínimos ganhava muito mais do que aquele que ganhava salário mínimo.

Então nós instituímos o piso salarial mínimo, o piso nacional de salário, para evitar essa distorção que, à custa

do trabalhador mais pobre, beneficiava aqueles mais protegidos, com esse aumento, o que evitava muitas vezes que a gente desse ao salário mínimo um aumento maior. Porque no fundo ia beneficiar aqueles que ganhavam mais.

Pois bem, agora nós vamos estabelecer, e já estabelecemos, uma diretriz em que vamos dobrar o valor real do piso salarial — isto é, o antigo salário mínimo — até o fim do Governo. Nós vamos dar esse ganho real a esse trabalhador, o que vai melhorar muito a sua vida.

Pois bem, nós queremos também comunicar ao povo brasileiro, às nossas brasileiras e brasileiros que me ouvem todas as sextas-feiras, que no dia 30, com a presença de mais de 200 parlamentares, ministros, governadores, realizamos uma das mais concorridas solenidades no Palácio do Planalto, quando eu assinei o Plano de Ação Governamental. Isto é só uma palavra, o Plano de Ação Governamental, o que significa isso? Significa o seguinte: nós não tínhamos no Brasil um orçamento claro, nós tínhamos um orçamento monetário e nós tínhamos até um plano de contensão que era um orçamento paralelo.

Agora, no meu Governo, nós fizemos pela primeira vez um orçamento unificado. Esse orçamento é de absoluta transparência. Nós sabemos quanto arrecadamos, quanto vamos gastar, em que vamos gastar. E quando falamos em que vamos gastar, nós temos o Plano de Ação Governamental, que vai planejar e vai exatamente procurar aumentar a rentabilidade desses recursos que nós temos. Esse plano é uma coisa simples e vai funcionar. Ele é baseado nos recursos disponíveis e atende rigorosamente aos critérios definidos no Plano Bresser. Macroeconômico e que vai levar o Brasil a crescer 7% ao ano.

Eu devo repetir que planejar não é gastar e utilizar ao máximo os recursos que nós temos à nossa disposição. O valor total do Plano é de 8,9 trilhões de cruzados, que serão gastos de 1987 até 1991. E a metade desse recurso deve ser gasta na área social. Vamos aplicar, por exemplo, 480 bilhões no Mutirão Contra a Pobreza para beneficiar 73 milhões de pessoas. No Brasil, os números são sempre gigantescos e vamos ter mais alimentos. Porque o programa também prevê a produção agrícola, que crescerá 30%. Va-

mos ter também melhores estradas, recuperação das atuais e abertura de novas, com 70 mil quilômetros de rodovias que serão pavimentadas ou recuperadas. Vamos ter também mais 40% de energia elétrica, porque nós sabemos que não há crescimento econômico sem termos estradas, energia elétrica e hoje também nós podemos acrescentar comunicações. Vamos tentar resolver o problema do bóia-fria com assistência a 4 e meio milhões de bóias-frias. Vamos amparar e apoiar 3 e meio milhões de idosos, os nossos velhinhos, nos nossos programas do SEAP e nos programas da Legião Brasileira de Assistência.

O Plano de Ação Governamental é o resultado do trabalho e da experiência adquirida nestes dois anos e meio de Governo e garante o êxito dos dois anos e meio que temos pela frente.

Agora quero dizer que ontem, quinta-feira, estive em São Paulo, cheguei a Brasília a uma hora da manhã, depois de um dia de muitas visitas que nos fizeram cada vez mais acreditar no Brasil.

De Morungaba, que é perto de Campinas, eu fiz a ligação com a Cidade de São Gabriel da Cachoeira, que fica lá no Estado do Amazonas na fronteira com a Colômbia e a Venezuela, onde eu estive no começo do ano e recebi as reivindicações da comunidade, que desejava que nós estabelecêssemos ali um telefone para ligar aquela cidade ao sistema nacional de telefonia. Pois bem, São Gabriel da Cachoeira é a décima milésima localidade brasileira servida por telefonia, falando hoje com o Brasil inteiro e falando também com o mundo.

E foi com emoção que lembrei do pedido que ali recebi de 3 meninas, de D. Miguel, o bispo de São Gabriel da Cachoeira, e também das religiosas que ali trabalham. E hoje, quando falei com o prefeito Calixto, de São Gabriel, apenas pude dizer que a promessa foi cumprida.

Em Morungaba nós inauguramos uma estação que tem 504 novos canais e ela significa 50% a mais do que era a capacidade da EMBRATEL para ligar o Brasil, via satélite, à Europa e às Américas. Vamos repetir: a estação que hoje inauguramos significa 50% a mais da capacidade do Brasil para falar com os outros países do mundo.

Em São Paulo, eu participei da entrega dos prêmios aos empresários e também na área de telecomunicações nós inauguramos 170 mil novos ramais telefônicos, o que dá bem a dimensão do grande programa que nós estamos fazendo de expansão dos telefones no Brasil. Em São Paulo e no Brasil inteiro nós já fizemos nestes dois anos cerca de 2 milhões de novos telefones, o que significa 20%, em dois anos, de toda a capacidade instalada no Brasil.

Isso também com um destaque especial para a área social, porque nós iniciamos o programa de duplicar os telefones públicos para a comunidade, aqueles que não podem ter telefone individual, a telefonia rural, a telefonia comunitária e a telefonia compartilhada, isto é, um telefone só que pode servir a várias famílias e barateando, principalmente nas favelas, nos bairros mais pobres.

E à noite eu entreguei os prêmios aos empresários distinguidos nas listas dos maiores e melhores empresários do País.

Tenho uma notícia também para dar finalmente neste programa: a inflação de setembro, cuja apuração já foi dada, foi de apenas 5,68%, e foi abaixo da inflação de agosto.

Quero dizer também que quarta-feira, 30 de setembro, foi o Dia da Secretária. Eu participei, pessoalmente, ao lado das secretárias que trabalham no Palácio do Planalto, das comemorações. Eu quero hoje enviar uma palavra de carinho e de apreço a todas as secretárias brasileiras.

E ao terminar, uma palavra sobre as mudanças políticas que estou promovendo, destinadas a dotar o Governo de apoio político estável e efetivo para trabalhar melhor pelo nosso povo nestes próximos dois anos.

Estou confiante na disposição com que deputados e senadores estão se reunindo para formar uma maioria parlamentar de sustentação política do Governo.

Quero dizer, finalmente, às brasileiras e brasileiros, que na próxima semana irei comunicar à Nação uma nova etapa do Governo. Sabemos que a Aliança Democrática esgotou-se. Agora nos meus ombros pesa a responsabilidade pelo término da transição democrática, e vou cumprir

com o meu dever. Fazer um Governo que assegure uma maioria leal, sem tergiversação e com condições para fazer o programa que o Brasil deseja, desenvolvimento e trabalho. Fora da politicagem e da pressão fisiológica. Nós vamos avançar. Eu não sou um adepto do retrocesso.

Eu quero um Brasil atual, progressista, livre, aberto, capaz de assumir o seu papel de uma grande nação. Tenho certeza que nós vamos chegar lá.

O povo brasileiro está do nosso lado. É hora de acabar com os conchavos políticos, com as baixas práticas administrativas.

Quero liberdade para tomar decisões. Errar menos e acertar mais.

Conto com vocês, brasileiras e brasileiros. A História há de nos fazer justiça. Estamos fazendo tudo que é possível, ao lado do povo. Nós vamos vencer, vocês todos são testemunhas da minha luta. Pensem no que aqui eu tenho anunciado: é fruto de um grande esforço do que eu tenho dito ao longo desses nossos programas, dessa nossa conversa entre o Presidente e as brasileiras e brasileiros.

Ajudem, não aceitem o pessimismo, não aceitem o pessimista. O pessimista é sempre do contra. Vamos construir a corrente a favor do Brasil.

09.10.87 Busca de novo apoio político-partidário diante do esgotamento da Aliança Democrática. LBA amplia assistência à criança. Ação das professoras de 1.º Grau em favor do País. Foguete lança o Sonda IV. Governo age no caso do césio, em Goiânia.

Brasileiras e brasileiros, bom dia.

Aqui vos fala, mais uma vez, o Presidente José Sarney, nesta sexta-feira, dia 9 de outubro, na nossa conversa ao pé do rádio.

Esta semana vem sendo uma semana de grande vitalidade política. Muitos de vocês que me ouvem devem ter visto pela televisão que eu decidi dar um outro ritmo, começar, vamos dizer assim, uma nova etapa para o Governo, depois que a Aliança Democrática esgotou-se e rompeu-se.

Portanto nós necessitamos de um novo entendimento, de construir uma nova maioria de forças que assegure estabilidade para o Governo terminar a transição democrática.

Acima das divergências pessoais, o meu propósito, com espírito aberto para o entendimento, é que todos possam se integrar a um novo passo; até mesmo a possibilidade de um governo de união nacional eu tive oportunidade de propor.

Também dentro dessa nova etapa, eu submeti aos partidos que antes formavam a Aliança, através dos seus Presidentes, deputado Ulysses Guimarães e senador Marco

Maciel, um programa mínimo de governo para consolidar a transição e trabalhar com vista para o futuro.

Eu não quero atropelar os partidos. Eu quero é que os partidos me ajudem para solução dos problemas nacionais.

Pois bem, eu devo repetir aquilo que disse na semana passada: o que eu quero é trabalhar em paz, sem peias, voltado para resolver os problemas do Brasil, e não me ver preso diariamente a questões menores que prejudicam o meu tempo, que deve ser todo dedicado em favor e em benefício dos grandes e maiores problemas nacionais.

Eu quero dizer também, que segunda-feira, dia 12, é o Dia da Criança.

Criança é uma das coisas mais sagradas que o homem tem na face da Terra. Porque a criança é o futuro. A criança é o sorriso do nosso neto. É o sorriso do nosso filho. É o sorriso do nosso sobrinho. É o sorriso de toda criança a quem se quer bem. Por isso eu coloquei o nome do programa sobre a criança da LBA, o Brasil começa na criança, «em primeiro lugar a criança», que deve ser bem tratada e bem cuidada desde hoje.

Nós temos muitos programas sobre a criança, porque nos preocupamos muito por esse setor. E minha mulher, ela, Marly, tem se dedicado muito a acompanhar esses programas no Brasil inteiro através da LBA, abrindo creches e, sobretudo, na programação integrada que reduz a mortalidade infantil e que no início do Governo atendia apenas 2 milhões de crianças. Hoje ela atende a 9 milhões de crianças. Até o final o programa estará atendendo a um total que nós calculamos em 18 milhões, entre mães e crianças.

A criança também tem sido fruto da nossa preocupação, pois nós não devemos esquecer o Programa do Leite para a Criança, que hoje já alcança 4 milhões e meio de crianças no Brasil inteiro, para que elas não fiquem subalimentadas; para que elas possam, até a idade de 6 anos, não ter problemas de retardamento mental e sim que elas fiquem aptas a serem brasileiras, com a capacidade intelectual toda ela inteiramente disposta ou preparada, vamos dizer assim, preparada para o futuro.

Nós também devemos lembrar o Programa do Bom Menino, que atende o menor assistido. É a preocupação constante que nós temos também sob o ponto de vista pessoal e humano do carinho com as crianças.

Basta dizer que a UNICEF, que é a Organização das Nações Unidas, me ofereceu ano passado um prêmio, porque o Brasil era o país que neste instante desenvolvia um dos melhores programas mundiais em benefício da criança.

Quero também dizer que quinta-feira, dia 15, é o Dia do Professor.

Essa figura feita de abnegação, que se dedica a uma profissão que é um verdadeiro sacerdócio.

Eu, também, no princípio da minha vida, fui professor. E era uma das tarefas que mais me seduzia, porque o professor, além de ensinar, ele aprende. Foi um tempo em que eu estudei muito, embora ensinando.

A semana que vem, portanto, reúne duas faixas muito importantes de brasileiros: a criança e o professor.

Aquela, o futuro do Brasil; este, o responsável pelo ensinamento e o preparo dos jovens.

Sobre esse assunto, eu quero dizer que soube que a professora Tânia Mara Gomes, de Nascente, no Município de Araripina — que quando eu vejo aqui o nome de Araripina eu me lembro dos meus avós que foram para o Maranhão, e a caminhada que eles empreenderam durante o tempo das secas passava pelos chãos duros de Araripina, interior de Pernambuco — que essa professora, a Dona Tânia, passa a seus alunos a conversa ao pé do rádio que eu faço às sextas-feiras, como um tema de estudos brasileiros.

Ela estimula os meninos e as meninas a escreverem sobre os temas que eu abordo aqui. Temas que são todos de interesse do Brasil. Portanto, o meu agradecimento a Dona Tânia. Eu até peço permissão para sugerir o tema desta semana aí na sua escola, no sertão pernambucano, que deve ser *A Criança e o seu Professor*.

Sei que muitas professoras, pelo Brasil inteiro, ensinam coisas de nossa Pátria para seus alunos, num trabalho muito importante para o nosso País.

Eu quero também comunicar às brasileiras e brasileiros que ontem eu tive uma grande emoção e ao mesmo tempo um orgulho. Eu fui a Natal, na Barreira do Inferno, assistir ao lançamento do foguete Sonda IV, que é um foguete brasileiro, do nosso programa espacial.

Pois bem, eu ontem estava dizendo que o Brasil, há 50 anos, importava botões e alfinetes, e hoje produz aviões, navios, computadores, fábricas de fábricas, automóveis e não disse que o Brasil também já produz foguetes. Foguetes que levarão ao espaço os nossos satélites de comunicação que estão melhorando as comunicações entre os brasileiros, melhorando o sistema de televisão, de telefonia, e servindo à nossa pátria com todos os meios que os satélites, hoje, colocam à disposição do homem.

Pois bem, nós estamos no ensaio do foguete Sonda IV. Tivemos os foguetes Sonda I, II, III e, agora, estamos no Sonda IV, que é um foguete inteligente.

É ele, hoje, com toda a técnica da equipe brasileira, produzido por brasileiros, pela indústria brasileira, pelos cientistas brasileiros, técnicos treinados, todos eles dedicados a esta tarefa desde as 3 horas da manhã: estavam fazendo a contagem regressiva para o lançamento do foguete, que é o Sonda IV, que às 2h30min da tarde subiu, num lançamento excelente, com todos os seus aparelhos funcionando.

Pois bem, é esse foguete que, desenvolvido, daqui a dois anos levará da base de Alcântara o satélite brasileiro. Nós não teremos mais necessidade de termos satélites lançados por outros países e nem feito por outros países. Nós vamos produzir, lançar nas bases brasileiras os satélites do Brasil. É uma grande conquista tecnológica.

E os meus cumprimentos, mais uma vez, a todos aqueles que trabalham nesse programa, que é um programa do CTA e do Centro de Lançamento da Barreira do Inferno, lá em Natal. Eles merecem os parabéns de todos os brasileiros.

Agora, eu quero, também, tratar de um assunto que tem comovido muito o Brasil. É o problema do lamentável fato de Goiânia, quando nós tivemos uma irresponsabilidade

de: uma fonte de césio — um pó radioativo, altamente perigoso — foi espalhada por vários pontos da cidade de Goiânia.

Imediatamente a Comissão Nacional de Energia Nuclear colocou em ação um plano para as situações de emergência e ordenou que ficassem de sobreaviso o Instituto de Radioproteção em Dosimetria e o Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares.

O governador Santillo, de Goiás, que é um homem extremamente trabalhador, que vem fazendo um grande governo, está muito preocupado e dedicou-se bastante a atender, não só às pessoas que foram atingidas, como também à população de Goiânia. E o que é mais importante: o Brasil possui mais de duas mil instalações desse tipo. Instalações que atendem a milhões de brasileiros, na indústria e na pesquisa, nos casos de diagnósticos de várias doenças e no tratamento de muitas outras, como o câncer.

Pois bem, um caso aparentemente enquadrado na rotina da delinqüência, porque foi uma pessoa que, sem conhecer, levou e foi vender, como ferro velho, um material radioativo.

A Comissão Nacional de Energia Nuclear enviou a Goiânia uma equipe de 18 cientistas, nos setores de medicina, física, química, biologia, meio ambiente, radioproteção, mestres e doutores chefiados pelo professor Rosenthal, Diretor do Departamento de Instalações Nucleares da Comissão Nacional de Energia Nuclear.

Eu quero dizer que a fonte de césio, o cabeçote de chumbo que continha o pó radioativo, foi recuperado e posto sob total segurança dentro de um tambor apropriado. Simultaneamente, foram localizadas, isoladas e medidas as áreas sob suspeita de contaminação radioativa: algumas casas, depósitos de ferro velho, ruas e quintais. Médicos de Furnas e da NUCLEBRÁS foram mobilizados, em urgência, e, em menos de 24 horas se encontravam em Goiânia para orientar o tratamento dos acidentados.

O governador Santillo, num trabalho de muita vigilância, imediatamente pediu ajuda do Governo Federal e as vítimas, as mais graves, foram transportadas para o Rio de

Janeiro, em aviões da FAB e internadas no Hospital Marcílio Dias, da Marinha Brasileira, no seu Centro de Medicina Nuclear.

Neste momento, a Comissão de Energia Nuclear mantém, em Goiânia, cerca de 50 técnicos especializados e já foram examinadas mais de 4 mil pessoas para afastar toda e qualquer possibilidade de risco. Fazemos, agora, o levantamento aéreo radiométrico da cidade com uso de helicóptero, verificando quarteirão a quarteirão, metro a metro, o território da cidade de Goiânia. Nenhuma avaliação deixará de ser feita para que se chegue a uma segurança completa.

Eu quero também dizer, me solidarizando com o povo de Goiás, com a cidade e o povo de Goiânia, que nós vamos abrir, através da Polícia Federal e já mandamos fazer um inquérito, para apurar responsabilidades e este será um caso em que nós vamos identificar pelo menos as omissões. E nós teremos de punir as pessoas que ao menos por omissão contribuíram para que esse acidente se verificasse. Mesmo com a ignorância da pessoa que o provocou, eu acho que os nossos órgãos devem estar aparelhados para uma fiscalização permanente, um acompanhamento permanente sobre materiais radioativos que nós temos, como todo mundo tem, em todas as cidades, a serviço da saúde do homem. Ele é para dar saúde ao homem, ajudar a curar as doenças e não para provocar doenças.

Também estão chegando a Goiânia técnicos da República Federal da Alemanha, da Argentina, dos Estados Unidos e da Rússia para ajudar os nossos médicos, com a experiência que eles têm mais do que nós sobre assuntos dessa natureza.

Agora minha palavra final, que é sempre uma palavra de otimismo a todas as brasileiras e brasileiros. Eu, ontem, com grande orgulho, assisti mais uma etapa de mais uma vitória do trabalho e do destino do Brasil com o programa espacial que tive oportunidade de relatar com a minha viagem a Natal. Portanto, vamos continuar trabalhando com fé no Brasil. Porque nós teremos êxito e o Brasil ocupará seu grande lugar no futuro.

16.10.87 Visita à Venezuela estreita laços com a América Latina. Exaltação ao Dia do Professor. Dia Mundial da Alimentação lembra o pequeno agricultor. Governo toma providências na área de segurança nuclear. Brasil retorna ao Conselho de Segurança da ONU, após 20 anos. Integração latino-americana.

Brasileiros e brasileiras, bom dia!

Aqui vos fala, mais uma vez, o Presidente José Sarney em nossa conversa ao pé do rádio, nesta sexta-feira, e estamos falando de Caracas, a capital da Venezuela.

Desde ontem, quinta-feira, eu estou realizando uma viagem de trabalho de 72 horas, para estreitar as nossas relações de solidariedade com a Venezuela, este grande país, nosso vizinho, e com o qual partilhamos uma rica e promissora área da região amazônica. Como todos sabem, a nossa política externa tem uma prioridade. É com a América Latina. E nos desdobramentos dessa prioridade tenho visitado países, nossos vizinhos, procurando estreitar relações para que cada vez mais possamos resolver os nossos problemas comuns e também comungar com as nossas esperanças, que são comuns.

Somos uma democracia, países em intensa modernização, pacificados, onde a liberdade e o trabalho não permitem qualquer pessimismo. Resta-nos apenas, junto com os demais países da América Latina, ampliar a nossa solidariedade no campo econômico, associar nosso comércio e fortalecer a união para a defesa de posições comuns e fazer os tratados com organismos internacionais, que devemos firmar.

Todos sabem que um dos objetivos principais que eu tenho perseguido nessa política, em relação à América Latina, é estabelecermos as bases iniciais de um mercado comum latino-americano, e não tenho dúvida de que nós vamos conseguir chegar a esse objetivo.

Aqui tenho sido recebido com um grande carinho pelo povo da Venezuela e ao mesmo tempo pelo Governo. E tenho consersado longamente com o Presidente Lusinchi, que eu posso chamar de, hoje, meu querido amigo. Várias vezes temos nos encontrado, e espero até sábado, quando assinaremos uma declaração conjunta, para que as nossas intenções sejam consolidadas num documento que será uma etapa entre as relações Brasil e Venezuela.

Esse é um grande país, um país de um povo muito parecido com o nosso. Um país que tem problemas como nós temos, mas também um país que tem o mesmo otimismo do povo brasileiro. Tenho recebido, eu devo repetir mais uma vez, daqui do povo da Venezuela, aquele carinho que acho que não é só com o Presidente do Brasil. É um reflexo da posição do Brasil, a projeção internacional do Brasil. É uma homenagem, portanto, à nossa Pátria.

Agora eu quero falar de algumas datas desta semana. Por exemplo, nós temos o dia 15 de outubro, em que comemoramos os 160 anos da criação, pelo Imperador Pedro I, da função do Juiz de Paz — um serviço relevante, gratuito e nobre, responsável por muitas áreas de utilidade pública e que teve uma tarefa importante ao longo da História do Brasil, antes de nós termos uma justiça organizada mais sofisticadamente, como temos hoje no nosso País.

Também quero dizer que quinta-feira foi o Dia do Professor, uma data que me toca de perto. Eu mesmo fui professor. Conheço o sacrifício dessa profissão, e também fui aluno. Tenho filhos e hoje tenho netos na escola. Como todo mundo, sei o que nós devemos aos nossos professores aos professores dos nossos filhos e dos nossos netos. Como Presidente da República tenho a educação como uma das áreas mais prioritárias do Governo, procurando justamente valorizar ao máximo a profissão do educador. Nessa área, por exemplo, eu quero dizer que na integração professor/aluno, nós hoje temos no Brasil, assegurada pelo Governo,

a distribuição de livros gratuitos, evitando o problema do livro descartável. A merenda escolar para todas as crianças do Brasil, que já alcança hoje cerca de 20 milhões de crianças no País inteiro, inclusive aquele programa que diz que se pode levar o irmão para receber a merenda escolar, além do material escolar, como eu disse que hoje já é distribuído no Brasil inteiro. São programas que silenciosamente vão avançando e que significam uma importante etapa também do setor social da educação. Um abraço afetoso a todos os professores do Brasil.

Hoje é o dia Mundial da Alimentação, que é promovido pela FAO, órgão das Nações Unidas, e cujo tema este ano é o pequeno agricultor e sua família. A proposta da FAO é de lembrar o pequeno agricultor neste Dia Mundial da Alimentação e ressaltar o que ele significa para a produção agrícola no mundo inteiro. E todos nós sabemos o que o pequeno agricultor significa no Brasil, já que, em grande parte, toda a sua produção agrícola é formada por esses pequenos trabalhadores, que nas suas pequenas propriedades lutam diariamente para alcançar produtividade e garantir lucratividade às suas lavouras.

Domingo, dia 18, é o Dia do Médico. Também é uma profissão que tem em cada um de nós uma participação, vamos dizer assim, uma motivação de gratidão, porque todos nós, em alguns momentos, tivemos ao nosso lado um médico como amigo e como protetor da nossa saúde; e quero dizer que também nesse setor nós, no Brasil, temos muitos problemas, mas temos procurado sempre resolvê-los. São problemas difíceis mas nós temos procurado enfrentá-los. E eu quero exortar os médicos para que eles ampliem o seu empenho e colaboração, para que possamos enfrentar as ameaças à saúde, que se apresentam nos nossos dias. Um abraço, portanto, afetoso, a todos os médicos brasileiros, principalmente esses médicos do interior, esses médicos que trabalham nas áreas mais desassistidas, nas áreas de mais difícil acesso e que são verdadeiros sacerdotes.

E eu quero terminar, com dois assuntos sobre os quais certamente se espera no Brasil uma palavra do Presidente. Na quarta-feira eu fui a Goiânia levar ao povo goiano e ao

governador Santillo a solidariedade, o apoio e a cooperação possível, aos trabalhos de remoção total e completa dos efeitos do acidente ali ocorrido com a bomba de césio. E quero dizer que tudo foi feito e que a situação está sob absoluto controle. Não há nenhum perigo para a população e não há nenhum perigo de contaminação de nada, no Estado de Goiás, onde estivemos justamente para reforçar essa tranqüilidade que devemos à população.

Quero dizer também que nós vamos tomar alguns exemplos do que ocorreu em Goiânia, melhorando, na Comissão Nacional de Energia Nuclear, as providências legais e adotando outras de natureza drástica, para que sejam revistas normas de fiscalização e controle de aparelhos existentes no País, de modo a que tenhamos sempre esses aparelhos a serviço da saúde de nossa população e nunca contra a saúde de nossa população, isto é, a serviço de coisas como essas que aconteceram em Goiânia. Eu acho que o caso de Goiânia é um caso típico de conjugação de irresponsabilidade e de ignorância.

Finalmente eu também devo dar uma palavra sobre a situação política. Com esta minha viagem à Venezuela eu interrompi os contatos que vinha realizando para concretizar a formação de uma sólida base de apoio político, de que necessito para desenvolver o programa de Governo no restante do meu mandato. Os motivos e os objetivos de desenvolvimento econômico, de paz social e modernização administrativa da minha iniciativa política eu já expus minuciosamente no discurso que fiz ao País, através da televisão, no dia 7 de outubro. Todos esses motivos e objetivos, do mais alto interesse nacional e em benefício do nosso povo, continuam de pé. Nós vamos cumprir tudo aquilo que afirmamos no nosso documento: democracia e desenvolvimento. Nós não temos nenhuma condição de recuo, nenhuma condição de tergiversação. Nós vamos em frente e não tenho dúvida de que vamos alcançar esses objetivos.

Eu quero também dar uma notícia ao povo brasileiro. Eu quero dizer que nós, depois de mais de 20 anos, voltamos ao Conselho de Segurança da ONU — Organização das Nações Unidas. Isto mostra o prestígio do Brasil, a dimensão do Brasil, e que nós voltamos a ter uma posição

dinâmica no setor dos organismos internacionais. Essa é uma notícia que mostra como o Brasil vai, pouco a pouco, restaurando aquela participação na diplomacia mundial. Nós já completamos ou estamos completando o nosso trabalho em relação à América Latina e estamos cada vez mais integrando o Brasil com a América Latina. Também agora nós estamos partindo para a iniciativa de caráter global, como foi o caso da nossa moção tornando o Atlântico Sul uma zona de paz. E agora a presença do Brasil no Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Para finalizar eu devo dizer ao povo brasileiro, como sempre tenho dito ao final destes programas: que o Presidente jamais terá um momento que não seja um momento de confiança no nosso País — um Brasil democrático, progressista e moderno, e que nós alcançaremos os nossos objetivos.

Daqui da Venezuela eu mando ao povo brasileiro a minha saudação, a saudação sempre de otimismo, de certeza e de confiança. E é com essa palavra que termino nossa conversa ao pé do rádio de hoje, sexta-feira, 16 de outubro.

23.10.87 Reforma ministerial entrosa Executivo e Legislativo. Habitação para pessoal de baixa renda. Reforma agrária. Escola Nacional de Serviço Público. Merenda escolar se amplia. Forças Armadas, sustentáculo da transição.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala, mais uma vez, o Presidente José Sarney, nesta conversa ao pé do rádio desta sexta-feira, 23 de outubro.

Daqui a pouco, eu darei posse aos novos ministros, que convoquei para ajudar nas tarefas do Governo.

O ministro Renato Archer, que era Ministro da Ciência e Tecnologia, ocupará o Ministério da Previdência. Teremos ainda três novos ministros. O deputado Luís Henrique, que era líder do PMDB na Câmara dos Deputados, ocupará a Pasta da Ciência e Tecnologia, o deputado Borges da Silveira, do Paraná, ocupará a Pasta da Saúde, e o deputado Prisco Viana, da Bahia, a Pasta da Habitação Urbanismo e Meio Ambiente.

Todos são parlamentares experientes, consagrados com grandes votações nas últimas eleições. O que eu desejo é estabelecer um estreito laço entre o Congresso e o Governo, de modo que tenhamos congressistas participando do Governo, estreitando mais as relações entre o Poder Executivo e o Poder Legislativo. Nós não tínhamos até agora nenhum deputado, ou senador, no nosso Ministério, e nós achamos que é necessário um entrosamento maior

Congresso—Poder Executivo para que, através desse intercâmbio, desse conhecimento recíproco, se possa consolidar o processo democrático.

Nós não estamos também só fazendo uma troca de ministros. Nós estamos também neste instante fazendo algumas profundas reformas na máquina administrativa.

O Ministério do Desenvolvimento Urbano, agora também Ministério da Habitação. Colocamos também a Caixa, que é o maior banco de desenvolvimento social do Brasil, fazendo parte desse Ministério. Para financiar escolas, para financiar casas de saúde, para financiar programas habitacionais, particulares e públicos.

Na nossa fala de televisão no dia 7 nós tivemos oportunidade de dizer que teríamos um plano de emergência para construção de casas ao pessoal de baixa renda. Nós vamos iniciar esse programa, esperamos dentro de seis meses construir algumas centenas de milhares de casas. E vamos fazer esse programa de emergência através de projetos não-convencionais como o mutirão e fazer uma investida grande no setor de habitação popular, que é um dos setores que está afligindo mais o nosso povo. O que nós desejamos é que todos os brasileiros possam ter a oportunidade da casa própria.

Também extinguimos o INCRA, para evitar o duplo comando e centralizar as operações da reforma agrária. Reforma agrária, como eu disse, também no compromisso que assumi com a Nação, que deve ser dinamizada com a mudança da estrutura do Ministério, com a fusão do INCRA no MIRAD, dois órgãos que competiam entre si, o que os tornava ineficientes. O pessoal e o patrimônio do INCRA passaram para o comando direto do MIRAD, onde vem ocupando a Pasta o ministro Jader Barbalho. Ao mesmo tempo conseguimos acabar com um dos obstáculos mais sérios que a reforma agrária enfrentava, e que estava, como eu disse em algumas vezes, se politizando muito.

E agora nós também fizemos algumas modificações: só poderão ser desapropriados os grandes latifúndios que representam apenas 1% dos proprietários de terras do Brasil. Eles possuem juntos mais de 200 milhões de hectares e nós

só precisamos de 30 milhões de hectares para a reforma agrária. Isso quer dizer que tranquilizamos os pequenos proprietários, porque nós estabelecemos que até 250 hectares no Sul e no Sudeste não podem ser desapropriados desses pequenos proprietários. No Nordeste, quem tiver até 500 hectares também não pode ser objeto de desapropriação, e na Amazônia legal 2.500 hectares porque lá a região é sempre muito mais ampla e também tem o problema do IBDF e pela obrigação de destinar a metade para reserva florestal.

Portanto, eu acho que outro assunto também que nós colocamos na lei é que cada um que for desapropriado até numa ordem de 3.000 hectares tem direito a fazer uma reserva de 25%; aliás até 10 mil hectares, tem direito de fazer uma reserva de 1/4 para ele, onde estão as suas benfeitorias, as suas localidades, onde ele mora, onde tem as suas plantações e, uma vez que ele aceite ficar com os 25%, imediatamente o ministério entra na posse da terra, podendo dinamizar mais rapidamente a reforma agrária.

Isso não vai prejudicar de nenhuma maneira o andamento da reforma agrária porque essa reforma é feita imediatamente. Nós estamos tranquilizando os pequenos proprietários. Quem estiver produzindo, o pequeno proprietário, já sabe que não será objeto de ser atingido pela reforma agrária. Vamos pegar o latifúndio improdutivo, vamos pegar quem não produz, vamos pegar aqueles que têm a terra apenas como fim especulativo. E então é dinamizar imediatamente nessa área a reforma agrária e não ficar nessa luta histórica em que nós estávamos. Estamos assistindo proprietários, os pequenos, sem motivação nenhuma, e aqueles que realmente necessitam da terra.

Segunda-feira é o feriado do serviço público com antecipação do Dia do Servidor, que cairá este ano no sábado, dia 28. Devo assinar uma série de atos na área da Secretaria Especial de Administração, dos quais o mais importante será o sistema de carreira no serviço civil.

Nós queremos dar aquela estatura ao serviço público. Nós iremos inaugurar a Escola Nacional de Administração Pública, que vai estabelecer não somente condições de competência, de mérito para todos aqueles que vão seguir

os diversos degraus da carreira, fazendo carreira no serviço público. E estabelecendo um sistema de garantias para progressão, para promoção, valorização e aprimoramento profissional.

Quero dizer, também, e lembrar que no setor da educação nós já conseguimos ampliar para 270 dias por ano o atendimento às crianças que recebem merenda escolar. O projeto, por exemplo, dos irmãozinhos e as crianças menores não matriculadas nas escolas e que também recebem alimentação, passou a atender 32 milhões de crianças. E também através do Ministério da Educação nós devemos dizer que estamos com a meta cumprida, distribuindo 98 milhões de livros didáticos. Só no Nordeste, neste ano, 7 milhões de crianças estão recebendo material escolar para seus estudos. E na parte do ensino técnico, das novas escolas técnicas, nós dizemos que as 200 escolas, que tínhamos como meta, muitas já estão funcionando; outras se encontram em fase de construção como eu já disse neste programa certa vez.

Para terminar, eu gostaria de transmitir às brasileiras e aos brasileiros uma palavra de tranqüilidade diante de notícias como as da última quinta-feira, que no interior do Paraná, na Cidade de Apuracarana, num ato isolado, um oficial que comandava um grupo de soldados tentou invadir a prefeitura local.

Quero dizer que esse ato não é sincero e de nenhuma maneira dentro de nenhum protesto aos nossos projetos de abertura política nem à transição democrática.

Como eu tenho dito, as Forças Armadas têm sido um grande sustentáculo da transição democrática. E elas têm ajudado, e nós não temos tido nenhum problema com as Forças Armadas, que têm respaldado e ajudado o Governo a vencer as dificuldades que nós temos sempre em todo o processo de transição democrática.

O País não está disponível para qualquer ato que possa significar um perigo para nosso projeto democrático. O Brasil hoje é uma democracia, todos se subordinam às nossas leis, desde o Presidente da República até o cidadão mais modesto.

Eu não posso terminar este programa sem a minha palavra de otimismo. Otimismo que tem sido constante em todos esses dias, esses meses, esses anos de muita luta, mas também de muito desafio, desafio que nós temos procurado enfrentar e que cada vez temos a certeza de que vamos cumprir aquela missão de entregar o Brasil restaurado na sua democracia, depois de termos atravessado um período difícil entre o regime autoritário e uma plenitude democrática.

Eu posso dizer, confiante, que nós vamos superar todas as dificuldades com trabalho, com dedicação e com otimismo.

30.10.87 Piso salarial é elevado. Irrigação se estende pelo Nordeste e colhe-se em plena seca. Açudes se multiplicam. Profissionalização do servidor público. Frente Liberal dá apoio ao Governo Federal. Empresários japoneses ouvem palavras de confiança.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala, mais uma vez, o Presidente José Sarney.

Vamos começar a nossa conversa ao pé do rádio, desta sexta-feira, 30 de outubro, comunicando aos trabalhadores que assinei ontem um decreto considerando o piso salarial de 3 mil cruzados. Isto é, o piso salarial, novo conceito de salário mínimo no Brasil, subiu para 3 mil cruzados.

Estou cumprindo a decisão de em dois anos dobrar o valor real do salário mínimo no Brasil, subindo definitivamente o poder de compra dos que ganham menos.

Desta vez, com uma diferença: antigamente não se podia aumentar muito o salário mínimo, porque todos os outros vencimentos eram vinculados ao salário mínimo e quando nós aumentávamos o salário dos que mais precisam, que são os que ganham salário mínimo, nós estávamos beneficiando os que mais ganham, porque eles tinham aquela vinculação com o salário mínimo. Nós cortamos isto. Tivemos a coragem de cortar, e por isso mesmo poderemos agora, com maior rapidez, fazer aquilo que nós prometemos: é que em dois anos dobraríamos o valor real do salário mínimo que agora se chama piso salarial.

Agora eu quero relatar e agradecer aos meus amigos e conterrâneos do Nordeste a alegria que tive na visita que fiz ao sertão do Ceará, da Paraíba e do Rio Grande do Norte, onde estive numa viagem de dois dias, visitando partes do programa que vai acabar com a seca, isto é, o Programa de Irrigação.

E de lá trouxe o *slogan* que eu devo repetir agora: «A salvação está na irrigação».

Foram dois dias de grandes emoções. Primeiro por causa dos projetos de irrigação em si mesmos. Esse foi um programa que deu certo e que veio para ajudar as populações do nosso Nordeste e do Brasil inteiro, quero dizer, que esse programa está se realizando no Brasil inteiro. Mas no Nordeste ele tem uma função muito especial.

Eu ouvi do Governador do Rio Grande do Norte que, se ele fizesse 50 mil hectares irrigados no Rio Grande do Norte, acabaria com a seca no estado.

Pois bem, o que realmente aconteceu quando eu lancei o programa de um milhão de hectares irrigados no Nordeste, é que com um milhão de hectares irrigados no Nordeste nós acabamos com a seca. Porque a seca não é só um fenômeno físico. A seca é também um fenômeno sociológico, e nós portanto temos é que resolver o problema do homem que ali reside. Se ele tiver condições de conviver com a seca, a seca evidentemente não prejudica a sua condição de sobrevivência.

Vi uma coisa muito comovedora. Foi naquele sertão em que as plantas estão da cor da terra e que não há animal mais vivo, porque eles fugiram por causa da grande seca que invadiu aquela região. Pois bem, perto dos açudes onde nós estamos fazendo os programas de irrigação, aí há o milagre verde. Há o milagre de nós verificarmos de um lado a secura, de um lado nós vemos a natureza agreste, sem nada, e do outro lado nós olhamos aqueles campos de plantações.

Eu vi o feijão sendo colhido em plena seca, no sertão do Rio Grande do Norte. Eu vi em Pau dos Ferros, eu vi ali gergelim verde, dos melhores, em plantações que eu já vi também no meio da caatinga. Eu vi o algodão dando flor, florindo em plena seca e em pleno sertão.

Tudo isso graças ao milagre da irrigação.

E nós, portanto, nos animamos e verificamos que esse programa é o programa que resolverá com o problema do Nordeste.

Pois bem, vamos alcançar a meta de um milhão de hectares. Agora, mais do que nunca, nós vamos ter uma vontade política que não deve ser só do Presidente, mas de todo o povo brasileiro, uma consciência nacional de que nós devemos investir na irrigação para resolver o problema do homem do Nordeste.

Eu quero dizer que inaugurei a Barragem de Cajazeiras, a Barragem do Arroz, a barragem chamada Barragem Açude do Arroz do antigo Açude do Arroz. É uma barragem que vai acumular 90 milhões de metros cúbicos de água e que vai servir para um grande projeto de irrigação também naquela área.

Depois nós estivemos em Pau dos Ferros, onde eu vi esse milagre que eu disse há pouco, do projeto de irrigação.

E depois fui a Mossoró, onde visitei o projeto da MAISA e vi mangas sendo produzidas em plena seca. Vi maracujá. Vi melão. Vi frutas outras, todas elas ali plantadas e numa fase de grande produção e com grande produtividade. E vi melancia abundantemente.

Se eu não me engano, disseram que era de 40 toneladas por hectare o que estava se produzindo de melancia naquela área. Como também vi melão de três tipos, todos eles melão para exportação. E vi também grandes plantações de caju. O cajueiro adaptado já à região também enfrentando problema da seca. No mês próximo irei visitar já o Baixo Parnaíba, e aí no Piauí também o Vale do Gurgeia, e também no Maranhão a área do Pericumã, como também a área do Rio das Flores, novos projetos de irrigação.

Esse programa de irrigação, no princípio ele é difícil, porque temos que vencer as dificuldades de infra-estrutura de que necessita, de armazenamento de água, de aproveitamento, bombeamento, resolver os problemas fundiários, levar os equipamentos que vão ser utilizados. Treinar os ir-

rigantes e instituir uma nova mentalidade. Então, no princípio é difícil. Mas agora nós já estamos vendo começar a ser uma realidade os projetos que há dois anos e meio foram iniciados com esse programa de irrigação.

Eu quero aqui também fazer um ato de justiça e louvar a dedicação que nós temos visto no ministro Vicente Fialho, que é do Ceará, de Independência, o trabalho e a dedicação que ele vem tendo por esse programa.

E também eu desejo agradecer o carinho com que eu fui recebido por milhares de nordestinos em Cajazeiras, no sertão da Paraíba, e também em Pau dos Ferros, no Rio Grande do Norte, e também em Mossoró, sempre com muito carinho, com muita participação popular e todos certos de que nós desejamos é acertar.

Eu devo também louvar a ação dos governadores Tarcísio Burity da Paraíba, do governador Geraldo Melo, do Rio Grande do Norte, que todos estão acreditando e colocando a irrigação como um dos pontos altos de seu governo. O mesmo ocorre no Ceará, onde também me encontrei, em Juazeiro. Eu fui a Juazeiro também, o Juazeiro do Padre Cícero, onde troquei de avião para voarmos de helicóptero naquelas zonas todas. E lá me encontrei com o governador Tasso Jereissati, que também tem no seu programa uma grande participação no setor da irrigação.

Finalmente eu quero ressaltar que esse apoio do povo, essa consciência da irrigação, ela não é só uma consciência que está no Nordeste, mas está no País inteiro. E foi ali, no meio daquela gente que eu ouvi esta frase:

«Presidente, na irrigação não está somente a solução. Na irrigação está a salvação!»

Foi o que eu ouvi do povo do Nordeste. E os açudes do Nordeste, que ali tem esses grandes açudes armazenando água — o que nós queremos com eles é que não sejam espelhos somente para refletir aquele céu sem nuvem, mas na realidade que essa água seja colocada a serviço da riqueza, a serviço da multiplicação dos grãos. A serviço, portanto, de combater a fome e de criar condições de vida para os homens e as mulheres que ali residem.

De acordo com a lei, o feriado do Dia do Funcionário Público foi antecipado e nós o tivemos na segunda-feira, dia 26, mas no Dia do Funcionário Público, que é dia 28, o Governo editou algumas mensagens da maior importância. Foram enviadas ao Congresso Nacional e duas delas eu quero ressaltar. A primeira criando a carreira única do servidor civil do Governo Federal, elevando definitivamente a categoria do servidor público para um alto nível de profissionalização, com promoções, cursos, estímulos. E com futuro. Com a aprovação desta lei, a história do serviço público no Brasil vai ter duas etapas: antes e depois da definição da carreira dos funcionários.

Também assinei um aumento dos servidores civis. E devo ressaltar que também neste dia declaramos inaugurada a Escola Nacional de Administração Pública, dos serviços públicos. Essa escola se destina à formação de recursos humanos para o setor público. Naturalmente que essa escola vai possibilitar a reciclagem dos funcionários de modo que possam ascender nas suas respectivas carreiras e sair daquela função de marginalidade em que vive o funcionário público no Brasil até hoje. Eu considero a classe do funcionário público uma classe sacrificada, injustiçada. E sou testemunha, como Presidente da República, da dedicação, da correção e dos serviços que eles prestam ao Brasil. Por isso mesmo nós estamos tentando, lutando para implantação da reforma administrativa que visa corrigir essas distorções e essas injustiças.

Agora eu quero falar um pouco da política. Ao chegar em Brasília tive uma grande satisfação ao receber representantes do diretório nacional do Partido da Frente Liberal, o senador Marco Maciel, e o Ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, que me vieram comunicar que o Partido da Frente Liberal decidiu continuar apoiando o esforço do Governo para implantar a democracia no Brasil. Somada à comissão executiva do PMDB e dos governadores estaduais reunidos no Rio, a manifestação do PFL amplia o apoio de que o Governo precisa e que há um mês eu venho reclamando dos partidos e das lideranças políticas do Brasil.

É preciso acabar com a ilusão de que a estabilidade e o desenvolvimento nacional devem ficar por conta e risco do Presidente. Isso só acontece em regime totalitário. A responsabilidade é de todos nós, pela estabilidade democrática, pelo progresso do País. Portanto somos todos responsáveis. O que nós queremos neste instante é que haja um entendimento entre líderes, entre governos e povo.

Entre todos, no sentido de encontrarmos mais rapidamente solução para os problemas do País. Num momento de dificuldade, nós devemos portanto estar unidos para que as dificuldades sejam enfrentadas o mais rapidamente. O apoio do Partido da Frente Liberal é portanto um apoio patriótico.

Temos sempre, para terminar as nossas conversas ao pé do rádio, uma palavra de otimismo.

Acho que todos os brasileiros e brasileiras que me ouvem farão a justiça de que nunca eu perdi esta visão de que as nossas crises são crises transitórias. Ainda hoje eu recebi uma missão japonesa que veio aqui ao Brasil, uma missão de empresários japoneses.

Um deles me falou que nós estávamos enfrentando dificuldades e que ele, como amigo do Brasil, estava triste. Eu lhe respondi o seguinte: «O Senhor, no Japão, tem maior noção de tempo do que nós no Brasil, porque o Japão, com a sua formação cultural e milenar, tem uma noção de tempo que sempre deve ser considerada em todas as coisas».

Mas lembrei a ele o seguinte: «Olhe, me impressionou profundamente — eu sempre tenho isso na minha consciência — que no Japão, no momento difícil depois da guerra, o Imperador teve de se dirigir à nação e disse que o país estava na maior dificuldade de sua história, e que ele tinha sido obrigado a fazer muitas concessões porque a rendição tinha sido incondicional». Mas nessa proclamação à nação o Imperador disse o seguinte: «Fiz tudo isso porque se nós guardamos uma pequena semente do povo japonês, nós teremos, através dessa semente, em termos de futuro, restaurado o país». «Pois bem, os senhores, com aquela semente no meio de um problema muito maior que o nosso, conseguiram ser o grande Japão que é hoje»:

Portanto, o Brasil que é este grande País, com todas as nossas potencialidades, com todos nossos recursos, nós sabemos que o que nós estamos atravessando é uma nuvem de chuva. E graças a Deus eu acho que estamos chegando ao fim dessa nuvem.

Para terminar eu quero dizer a todas as brasileiras e brasileiros que é com esse propósito que eu estou enfrentando as dificuldades e cumprindo com os deveres do meu cargo.

Mas, para que nós tenhamos condições de mais rapidamente vencer, é necessário a união de todos.

06.11.87 Homenagem a Frei Damião. Mutirão torna habitação mais barata. Reforma agrária preserva pequena propriedade e é bem acolhida. Setor cultural tem mais três fundações.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala, mais uma vez, o Presidente José Sarney.

Quero começar a nossa conversa ao pé do rádio de hoje, com uma mensagem a um homem de Deus, Frei Damião de Bozano, que espero esteja me ouvindo, no Convento de São Francisco, em Juazeiro do Norte, Ceará. Ontem Frei Damião completou 89 anos vividos em peregrinações incansáveis, através do Nordeste, pregando suas missões, onde só se ouvem palavras de bondade e paz. Frei Damião é um homem que dedicou toda a sua vida ao Nordeste. E é muito querido naquela região. Eu lhe mando um abraço carinhoso. Ele representa um Brasil de que poucos se lembram e que está nos sertões, no trabalho e no sofrimento das regiões mais distantes do Nordeste.

Nesta sexta-feira, daqui a pouco, eu estou embarcando para Minas Gerais. Vou presidir oficialmente um lançamento de um programa habitacional que pretende em 180 dias construir 500 mil casas no País inteiro. Casas destinadas a pessoas de baixa renda. É um projeto mutirão em que as casas deverão custar 1/4 do preço comercial e que seria o preço normal inacessível às pessoas pobres.

Quero dizer às brasileiras e brasileiros que essa fórmula do mutirão foi a única solução que encontramos para diminuir, a um nível em que as pessoas possam pagar, as prestações rigorosamente altas demais para os mais pobres.

Neste mutirão da casa própria, nesta primeira etapa, o Governo Federal vai garantir o material e o planejamento. As prefeituras fazem a doação dos terrenos e as comunidades contribuem com a mão-de-obra, participação e todo o tipo de apoio. No final, uma casa popular, que sairia por mais de 140 mil cruzados, custará menos de 35 mil cruzados. Reduzindo o custo, vamos ampliar o atendimento dos que hoje moram em barracos e favelas.

O nosso programa social para favelas também tem um pedaço que se destina a construções de moradias nessas áreas. Eu estou satisfeito por poder anunciar que temos recursos e organização já assegurados para atingir em 180 dias um total de 500 mil casas populares, construídas pelo sistema mutirão, assim como o programa do leite, que hoje atinge 4,5 milhões de brasileiros, assim como os programas da alimentação e da merenda escolar, que hoje atingem 30 milhões de refeições por dia.

O Brasil é um país do mundo hoje que tem esse número. Nós somos recordistas em fornecer alimentação através de merenda escolar. Nós hoje, por 270 dias do ano, fornecemos diariamente 30 milhões de refeições.

Ainda sobre o problema da casa própria. O novo Ministro da Habitação, que é o deputado Prisco Viana, um homem muito experiente, um homem de grandes virtudes cívicas, está reunindo toda a experiência e a tradição da Caixa Econômica Federal, ouvindo idéias e sugestões da sociedade, para lançar um novo programa habitacional também para a classe média. Como todos sabem, o Governo atual herdou o BNH, que era um pesadelo, quando as prestações se tornaram insuportáveis até para quem recebia salários altos. Nós tivemos coragem de acabar com o BNH, que era um problema terrível quando eu assumi, e buscamos uma maneira de agora reanimar o setor de habitações.

Espero que muito brevemente o sonho da casa própria torne-se realidade para um número cada vez maior de brasileiros. Este programa é um programa que se destina prin-

cialmente às populações de baixa renda, e nós vamos trabalhar com afinco, para que ele atinja os seus objetivos. Da mesma forma que através do mutirão vamos ter prontas 500 mil casas em 180 dias, encontraremos uma solução criativa e racional para o problema de habitação da classe média. Eu estou muito preocupado com o problema de habitação no Brasil, que está chegando a um ponto difícil com a urbanização cada vez maior das cidades. E nós agora estamos lançando os programas para populações de baixa renda e também para a classe média.

Eu agora vou tratar de um outro assunto. Quero me referir mais uma vez ao problema da reforma agrária. Eu tenho recebido manifestações de agricultores e proprietários pequenos do Brasil inteiro, que estão satisfeitos com a decisão do Governo de retirar a pequena propriedade da questão da reforma agrária. Nós, com esta providência, realizamos aquilo que prometemos quando lançamos a reforma agrária: «Paz na Terra».

Eu sempre disse, desde o princípio, que a reforma agrária não ia atingir as propriedades produtivas e que os proprietários que estavam trabalhando, os proprietários que estavam utilizando a terra, os proprietários que estavam em regime de produção não tinham por que se preocupar. No entanto, a legislação, antiga e amarrada, criou problemas de toda ordem, problemas estes que levaram o programa da reforma agrária a um atraso. Agora nós vamos tratar dos grandes latifundiários, que representam apenas um por cento dos proprietários de terra no Brasil. Estes é que têm que ser vistos, porque a propriedade tem que ter uma finalidade social. Portanto, nós podemos dizer que estamos avançando, porque só o latifúndio pode oferecer mais de 200 milhões de hectares para a reforma agrária, seis vezes e meia a mais do que os 30 milhões de hectares de que nós precisamos para o assentamento das famílias do Plano Nacional da Reforma Agrária.

Com esta decisão nós estamos tranquilizando os pequenos proprietários, tirando o caráter emocional da reforma agrária. Nós estamos ao mesmo tempo simplificando o processo e vamos avançar.

Ainda hoje, em despacho com o Ministro da Reforma Agrária, Jáder Barbalho, eu assinei a desapropriação de 160 mil hectares da área do Bico do Papagaio e de outras áreas, justamente as áreas para resolver o conflito. Com a nova lei, nós vamos apressar a reforma agrária. Ninguém precisa mais se armar, protestar, reclamar e ameaçar, porque a reforma agrária não atingirá propriedades de mais de 250 hectares no Sul e no Sudeste.

Isto é, quem tem uma propriedade de 250 hectares já sabe que a reforma agrária não vai desapropriá-lo. Na região Nordeste quem tem uma propriedade de 500 hectares também pode ficar tranqüilo, porque não será objeto de desapropriação. E na Amazônia, onde há agropecuária extensiva, só podem ser atingidas propriedades, para desapropriação, com mais de 2 mil e 500 hectares.

Assim, nós vamos realmente pegar os grandes. Aqueles que têm terras improdutivas e colocá-las a serviço da reforma agrária. Eu disse ao nosso novo ministro: «Vamos tirar da reforma agrária o ranço do ódio e da intriga e vamos fazê-la prática e vamos fazê-la dinâmica».

Agora a reforma agrária pode ser vista sem medo pelos proprietários que estão trabalhando e pelos pequenos proprietários. Já podemos acelerar esse importante passo no caminho da justiça social e da racionalidade econômica.

Quero também falar hoje de outro assunto. Ontem foi o Dia da Cultura, um dia que se celebra justamente no aniversário de Rui Barbosa, grande orgulho da inteligência brasileira. Fizemos uma solenidade aqui no Palácio do Planalto para assinar, justamente no Dia da Cultura, a constituição de três fundações destinadas a incentivar os setores da arte, os setores do cinema e do teatro e o setor do livro, da música, enfim, o setor cultural.

É sempre bom ver escritores e artistas caminhando aqui pelos salões do Palácio do Planalto para ver o Presidente da República, que é um homem que tem orgulho de ser um intelectual, defender a identidade cultural do País e procurar colocar a cultura dentro dos problemas que preocupam o Governo. Portanto, nós podemos dizer que foi com emoção que nós assinamos esses atos no Dia Nacional da Cultura.

Agora, a cultura no Brasil está grandemente aparelhada para cumprir com os seus objetivos. Nós temos a chamada Lei Sarney que é a lei de incentivos culturais, que todo mundo pode descontar no imposto de renda uma parte para aplicar na cultura. Nós temos agora um ministério estruturado e comandado pelo ministro Celso Furtado, que tem feito um bom trabalho. E com as fundações organizadas nós podemos agora investir na cultura. Eu espero que com essa instrumentação nós tenhamos no Brasil um renascimento cultural. A cultura que estava abandonada passa a ser um dos pontos prioritários do Governo.

E, para terminar, como faço todas as vezes, eu quero dar a minha palavra de confiança e otimismo às brasileiras e brasileiros, que podem estar confiantes de que os problemas e crises que enfrentamos serão superados e que o Governo está fazendo tudo o que é possível para minorar essa situação, sem desânimo e sem temor.

Vejo que, no meio de todas as dificuldades, a cada semana aqui nesta conversa com todos vocês, brasileiras e brasileiros, eu tenho oportunidade de falar rapidamente sobre o nosso trabalho, trabalho que tem sido incansável, que tem sido pesado, mas um grande e nobilitante trabalho. Porque nós estamos todos de mãos dadas, atravessando um período difícil, mas, sem dúvida, vamos assistir o grande futuro do nosso País, esse grande Brasil.

Hoje, como eu disse, estou indo a Belo Horizonte lançar o programa do mutirão das 500 mil casas em 180 dias. Como vêem, nós vamos tentando resolver os problemas. O Brasil é maior do que todos os nossos problemas.

Brasileiras e brasileiros, muito obrigado pela atenção de estarem ouvindo esta nossa palestra e aqui terminamos a nossa conversa ao pé do rádio desta sexta-feira, 6 de novembro.

13.11.87 Agricultura se expande com irrigação no Nordeste. Reservas de petróleo duplicam-se. Pequenas e médias empresas têm redução de impostos. Projeto de construção de casas populares se ativa. Área social ganha mais convênios.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney, mais outra vez nesta nossa conversa ao pé do rádio, sexta-feira, 13 de novembro.

Quero começar com uma palavra de desculpa aos cearenses de Santa Quitéria, de Tianguá, e aos piauienses de Parnaíba, que me esperavam ontem, quinta-feira, para uma viagem que era destinada a inaugurar obras do Programa Nacional de Irrigação. Infelizmente, não pude me afastar de Brasília e a viagem ficou adiada para breve, quando espero voltar a estas localidades e ali inaugurar estas obras e fazer a confraternização que devo sempre ter como o povo do Nordeste.

Eu não quero deixar passar esta oportunidade sem fazer uma referência às obras que são: o grande Açude de Santa Quitéria, açude que denominamos Edson Queirós, que vai ser utilizado num grande projeto de irrigação daquela área; e em Parnaíba nós iremos inaugurar em breve o Centro Nacional de Agricultura Irrigada, onde vamos treinar mão-de-obra especializada para ativar projetos de irrigação. Em breve, o Vale do Baixo Parnaíba será uma das áreas mais importantes no setor da irrigação e da pro-

dução do Brasil. Este aumento crescente de áreas irrigadas no País é certamente uma das coisas mais importantes que estão acontecendo no Brasil.

Como eu disse, a irrigação é a salvação e a irrigação pegou, todos hoje estão motivados para as vantagens da irrigação. A média da produção de grãos nas áreas irrigadas do Nordeste, em plena região da seca, está superando de duas ou três vezes os melhores resultados que eram obtidos pela agricultura.

O prodígio da agricultura irrigada pode ser aferido, por exemplo, pelos resultados do seminário sobre exportação de produtos da região, que está sendo realizado esta semana em Petrolina, em Pernambuco. Frutas, verduras, estão sendo produzidas no Nordeste em áreas que a irrigação está conquistando, muitas delas que eram áreas secas.

Quero também dizer que nós temos outro fato, importante, a dar destaque às brasileiras e brasileiros. É o problema da duplicação das nossas reservas de petróleo. A PETROBRÁS está confirmando a avaliação do novo campo de produção de Merlim, na bacia de Campos, que, dentro de um ano e meio, passará a produzir mais 50 mil barris/dia. Em qualquer país do mundo, 50 mil barris de petróleo a mais por dia seriam um sinal de vitalidade econômica e de bons presságios. E aqui também no Brasil é o que mostra a vitalidade do nosso País. Nós estamos cumprindo assim a meta da auto-suficiência em petróleo, isto é, produzir no Brasil o petróleo necessário ao progresso brasileiro, sem importar petróleo. Essa é a nossa meta. É a meta que o Brasil, sem dúvida, vai alcançar dentro de poucos anos e o meu Governo está cumprindo a sua etapa.

Quero dizer também que terça-feira eu assinei um decreto que vai favorecer mais de 70% das pequenas e das médias empresas do Brasil, beneficiadas por isenção de impostos. Como todos sabem, essas empresas tinham um teto máximo de faturamento, mas com a inflação mês a mês esse teto ia aumentando e elas iam perdendo essa condição de pequena empresa, transformando-se em médias empresas e algumas em grandes empresas. Com o decreto que eu assinei, as pequenas empresas que estavam ameaçadas de serem consideradas grandes voltam a ser pequenas e mé-

dias empresas, dentro do conceito legal e, portanto, gozando das isenções da lei. Pelo novo decreto, esta avaliação passará a ser feita mensalmente.

Eu também quero dizer que ontem em Roma, na Itália, o Brasil apresentou um grande desempenho, quando o ministro Íris Rezende anunciou, na conferência da FAO, que o Brasil tinha alcançado a safra maior da sua história, 62 milhões de toneladas, isto é, uma produção 25% superior à do ano passado. E em 1988 a nossa meta é atingir 70 milhões de toneladas de grãos. O Brasil aumentando cada vez mais a sua produção.

Portanto, nós estamos vendo que nós temos sempre tido toda semana boas notícias e darmos ao Brasil, enquanto que muitos daqueles que são os pessimistas gostam sempre de ficar dando más notícias. O que nós devemos é fazer aquilo que um grande jornalista, que acompanhava o Presidente Roosevelt, disse: «Mesmo que um navio esteja afundando, você não fique gritando que o navio está afundando, procure o caminho da saída onde você pode se salvar». Os pessimistas são aqueles que ficam gritando sempre e não indicam o caminho da saída.

Nós estamos sempre vendo que o Brasil tem muitos caminhos, a saída para sair de qualquer crise. Como acabei de dizer, nós fizemos a maior safra da nossa história, estamos duplicando a produção da nossa reserva de petróleo, estamos fazendo um Programa Nacional de Irrigação e também estamos nos dedicando a um grande plano nacional pelo social — tudo pelo social. É sobre isso que eu queria falar agora.

No dia 6 eu tive uma grande alegria: eu visitei Minas Gerais, fui a Belo Horizonte para nós lançarmos o programa de moradia para as classes de baixa renda. Fomos a Jatobá, que é um bairro de Belo Horizonte, onde nós lançamos o projeto mineiro de 34 mil casas em 150 dias e lá tivemos uma concentração de mais de 20 mil pessoas; vi a alegria do povo e eu mesmo tive a oportunidade de ajudar, colocando também o meu tijolo na construção de uma casa.

É um trabalho de mutirão, em que o Governo entra com o material, a Prefeitura entra com o terreno e natural-

mente o povo vai entrar com a suas horas de trabalho. E este trabalho de mutirão é que vai possibilitar a construção, em tempo tão rápido, de um programa que no Brasil inteiro vai ser de 500 mil casas; nós já temos, não digo contratadas, porque não há contrato, mas nós já temos comprometidas 340 mil casas.

Depois do bairro de Jatobá nós fomos a Nova Contagem, onde existe também um grande conjunto habitacional, que é um conjunto-modelo, que foi construído ainda quando era prefeito de Contagem o atual governador Newton Cardoso, a quem eu devo agradecer pelas palavras e pela solidariedade que ele teve para com o Presidente Sarney, para com o Governo Federal. O governador Newton Cardoso é um grande administrador, está-se dedicando muito à Administração, sem dúvida alguma que é um homem extremamente dinâmico e vai fazer um governo à altura do que espera o povo de Minas Gerais.

Quero dizer que depois, no Minas Tênis Clube, nós assinamos 263 convênios com prefeitos, convênios também todos eles na área social, para construção de casas e também outras obras da área social. Portanto, quero mais uma vez agradecer ao povo mineiro pelo carinho e pela solidariedade com que fui recebido.

E finalmente eu quero dar a minha palavra de otimismo, como sempre tenho feito aqui todas as sextas-feiras. Eu sou daqueles que jamais deixam de acreditar no Brasil, o nosso grande País, este País que nós estamos construindo com grande dificuldade, com grande trabalho, mas que sem dúvida é um País que não é mais do futuro, é um País do presente. Muitas vezes se exagera sobre as dificuldades que o País atravessa; uns vão mais longe e dizem que o Brasil está destinado a não ter grandes soluções. Eu quero dizer que aqueles que dizem isso parece até que não conhecem o sentimento do povo brasileiro e não sabem o que é o nosso grande País. O País está caminhando. Cada vez mais a passos largos em meio às dificuldades, mas cada vez mais no rumo do seu grande destino.

20.11.87 Duração do mandato presidencial.
Projetos são direcionados ao Brasil
Central. Visita a Goiânia. Vale-
transporte beneficia 14 milhões.
Encontro com presidentes no México.
Petróleo em Urucum, no Amazonas.
Ferrovia Norte—Sul.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui está mais uma vez o Presidente José Sarney, nesta nossa conversa ao pé do rádio, sexta-feira, 20 de novembro.

Nosso primeiro assunto de hoje não poderia deixar de ser um assunto político. A questão da duração do meu mandato como Presidente da República. Quando a Comissão de Sistematização da Assembléia Nacional Constituinte decidiu o assunto, semana passada, eu afirmei em nota lida pelo Chefe do Gabinete Civil: a decisão que vier a ser adotada, soberanamente, pela Assembléia Nacional Constituinte terá o meu mais decidido apoio, inclusive a realização de eleições em 1988.

Estou aqui para cumprir com o meu dever. Não tenho projeto pessoal e executo um projeto político que é o projeto da transição democrática. Todos se lembram que eu tive a iniciativa de convocar a Assembléia Nacional Constituinte e em nenhum momento eu interfeiri na sua liberdade e soberania. Há cerca de 10 meses fui à televisão e expus às brasileiras e brasileiros minha opinião sobre algumas questões que estavam sendo discutidas, entre as quais a duração do meu mandato. De modo que se pudesse con-

cluir o ordenamento jurídico da Nação e o processo de transição democrática.

Mas me recusei sempre a negociar qualquer fórmula que fosse nociva ao meu País. Portanto, a que vier a ser adotada pela Assembléia terá o meu decidido apoio. Eu agora estou dedicado de corpo e alma aos nossos problemas administrativos. Devemos, quando não pudermos concluir, deixar irreversíveis alguns projetos da maior importância para o nosso povo.

Outro assunto: eu quero dizer que estive quarta-feira em Porangatu, em Goiás, e fui ali para lançar um grande programa. Em geral, nós lançamos esses programas aqui no Palácio do Planalto, assinando decretos. Mas eu quis uma cidade-símbolo para lançar este programa. E escolhi no Estado de Goiás a Cidade de Porangatu, que é um símbolo de progresso naquela região. E, lá, assinamos o decreto do programa de desenvolvimento do Brasil Central e eu prometi ao povo e aos governadores que ali estavam presentes o seguinte: custe o que custar, doa em que doer, resista quem resistir, nós vamos fazer do Brasil Central uma das maiores regiões de progresso do Brasil.

Ações conjuntas, no setor pecuário, agrícola, mineral, industrial serão desencadeadas. É um grande programa de mãos dadas: governo do estado, Governo Federal, municípios e comunidades. Nesse Brasil Central desejamos ver construídos não um sonho mas uma realidade. Basta um pouco de imaginação para ver o que será daqui a alguns anos. Basta olhar com os olhos do futuro essa região. Região riquíssima. Região de terras excelentes. Região de excelente topografia, de grandes jazidas minerais, região de grandes recursos humanos e região ainda aberta ao trabalho e ao progresso do Brasil. Basta dizer que é uma região tão rica em minerais que os minerais, por exemplo, do Pará, do Maranhão, do Mato Grosso vivem fazendo turismo, saindo de lá, percorrendo longos itinerários para serem beneficiados noutras regiões do nosso País.

O Brasil Central desenvolvido terá ali localizado o primeiro grande centro industrial no interior do Brasil. Um centro minerometalúrgico em que se possa evitar que a indústria seja somente, exclusivamente, uma coisa da costa do

Brasil. Que seja também do interior do Brasil. O povo do interior do Brasil tem um direito, um direito que ainda nós não conseguimos neste País fazer valer, o povo do Brasil do interior tem o direito de progredir.

Quero dizer também que eu estive em Goiânia. Fomos mais uma vez prestar nossa solidariedade ao povo goiano. Fui com minha mulher, meus netos, ministros, suas esposas, com o grande escritor Jorge Amado e Zélia Gattai, para prestar a solidariedade que merece o povo de Goiás, principalmente o povo de Goiânia, que não pode ser discriminado por um acidente radiológico que quiseram transformar num acidente nuclear que não existiu. Uma coisa nada tem a ver com a outra. Acidente nuclear é uma coisa. Acidente radiológico é outra. Aparelhos iguais àqueles de Goiânia nós temos no Brasil inteiro, a serviço da saúde do povo brasileiro.

O que ali houve foi uma conjugação de irresponsabilidade e de ignorância. Mas os inquéritos estão concluídos e nós vamos chegar aos culpados e puni-los, e tomar providências para que fatos dessa natureza não possam ocorrer em outras regiões.

Eu quero também dizer que inaugurei ali em Goiânia um grande centro educacional, construído pelo governador Santillo, que está fazendo uma excelente administração. Visitei as ruas que estão hoje desimpedidas, que tinham problemas de radioatividade, e Goiânia hoje é uma cidade que está merecendo cada vez mais o apoio do povo brasileiro e cada vez mais bonita.

Ao povo de Goiás, ao povo de Goiânia a minha saudação.

Vamos agora falar do vale-transporte obrigatório. Aliás eu ia me esquecendo: antes de falar do vale-transporte obrigatório eu devo um agradecimento especial ao povo de Porangatu e ao povo de Goiânia pela maneira carinhosa, pela maneira entusiástica e pela solidariedade que me deu na minha visita àquelas duas cidades. Eu, portanto, agradeço às brasileiras e brasileiros de Goiás, de Porangatu e de Goiânia e de todo o Estado de Goiás esse apoio e essa solidariedade.

Vamos falar então, agora, como eu ia fazendo, no vale-transporte que nós temos como obrigatório. Foi um ato deste Governo o vale-transporte, porque o vale hoje será um grande benefício para os trabalhadores brasileiros. Mais de 14 milhões serão beneficiados com ele; apenas gastarão 6% do seu salário no vale-transporte. Essa é uma conquista extraordinária que vai ajudar em muito a situação dos trabalhadores das médias e das grandes cidades. O vale-transporte agora é obrigatório, e um dos avanços mais sérios feitos no Brasil para favorecer os trabalhadores, naquela linha que tenho dito: tudo pelo social.

Para finalizar, eu quero dizer que na próxima semana, dia 26, eu viajarei ao México para uma reunião com oito presidentes latino-americanos. Todos nós estamos preocupados com a difícil situação da América Latina. Situação econômica, situação social e também situação política, sobretudo a situação política da América Central. E nós vamos nos reunir para fazer algumas reflexões, tomar algumas decisões e falarmos das nossas dificuldades e das nossas esperanças.

Como sempre, eu não vou terminar este programa sem uma palavra de otimismo e de confiança no Brasil. E hoje esta palavra de confiança e de otimismo tem uma base, que é a de comunicar ao povo brasileiro que na bacia sedimentar de Urucum, na Amazônia, onde nós descobrimos petróleo há algum tempo, agora perfuramos o quarto poço e esse poço confirmou que essa bacia é uma das maiores já descobertas em território brasileiro, com petróleo de alta qualidade, igual ao encontrado nos outros poços e também uma grande jazida de gás. Nós já estamos pensando em fazer um gasoduto daquela área para Carajás e ali em Carajás transformar ferro, que nós exportamos por um preço baixo, em ferro-esponja que exportaremos por um preço alto, agregando trabalho do povo brasileiro.

Quero dizer também que eu prometi ao povo de Porangatu que voltarei no fim do ano e para inauguração do primeiro trecho da Ferrovia Norte—Sul.

Eu acho que é muito importante, também, falar, porque eu não tinha falado, naquela oportunidade, sobre a infraestrutura que nós temos que ter na área. Infra-estrutura de

energia, de transporte e, dentro desse programa, a infraestrutura é muito importante, e dentro da infra-estrutura a Ferrovia Norte—Sul. Ela tem sido muito combatida neste País por aqueles que não conhecem: primeiro, o Brasil; segundo, a região do Brasil Central; e terceiro a necessidade que nós temos de unir esses dois Brasis diferentes. Ela será um traço de união para levar progresso e ao mesmo tempo descobrir uma grande região, que é a região do Brasil Central.

Finalmente, eu quero dizer às nossas brasileiras e brasileiros que o Presidente Sarney continua firme, confiante, trabalhando e otimista. Semana que vem a minha conversa ao pé do rádio será transmitida do México, onde estarei, e de lá também a minha mensagem de confiança no nosso Brasil.

27.11.87 Encontro dos Oito em Acapulco, México, aprofunda laços latino-americanos. Encontro com o Presidente Oscar Arias, da Costa Rica. LBA ganha força. Intervenção no IAA, na COSIPA em bancos estaduais. Decreto devolve terras aos estados. Transportes em Salvador têm convênio. Bacia de Campos produz mais óleo. Hospitais do aparelho locomotor em Curitiba, Salvador e São Luís. Casa própria tem mutirão no Ceará. Brasil respira liberdade absoluta.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente José Sarney, nesta nossa conversa ao pé do rádio, dia 27 de novembro.

Eu estou falando aqui do México, da Cidade de Acapulco, na costa do Pacífico, onde vim encontrar-me com os presidentes irmãos da América Latina: da Argentina, Colômbia, México, Panamá, Peru, Uruguai e Venezuela. É o chamado Grupo dos Oito do Rio de Janeiro, homenagem carinhosa aos nossos irmãos do Brasil.

Estamos reunidos para trocar idéias sobre os problemas dos nossos povos. Discutir nossas economias e os nossos problemas, como eu disse, que têm origens comuns, e devemos saber como trataremos em conjunto.

A dívida externa, por exemplo, é o grande problema que aflige a todos nós. Vamos discutir políticas em relação a ela. Também trataremos de temas ligados ao esforço pelo desenvolvimento, combate à pobreza, a consolidação — como não podia deixar de ser — das instituições democráticas.

Eu quero dizer às brasileiras e brasileiros que verifico, com muita satisfação, o carinho com que somos recebidos em todos os países sul-americanos por onde temos passa-

do, comprovando o prestígio e o respeito que desfruta o Brasil hoje, com a sua política de integração com a América Latina, política iniciada com determinação por este Governo.

Tenho explicado a situação do Brasil: disse-lhes que o Brasil não decretou a moratória por motivos políticos, mas diante da necessidade de preservar suas reservas. Não fazemos nenhum desafio, mas defendemos intransigentemente os direitos do nosso País. Os procedimentos e ações do Brasil na área econômica externa estão recebendo sempre demonstrações de aplauso e de solidariedade pela coragem com que temos enfrentado estes problemas. Esta reunião dos Oito aqui em Acapulco se desenvolverá até domingo, dia 29, quando voltarei então ao Brasil.

Mas antes de voltar ao Brasil, eu passarei pela Costa Rica.

Momentos antes de deixar Brasília, na quinta-feira, eu recebi uma mensagem muito carinhosa do presidente Oscar Arias, convidando-me a fazer uma pequena passagem em Costa Rica. Eu aceitei a gentileza do chefe de governo, que há pouco recebeu o Prêmio Nobel da Paz, pelo trabalho que fez em benefício da tranquilidade da América Central. Eu farei um pouso na capital São José, para saudar o povo irmão do povo brasileiro e discutir com o Presidente Arias de que modo pode o Brasil ajudar, mais ainda, a acabar com os conflitos na América Central e restabelecer a paz na região, principalmente na Nicarágua.

Retornarei depois ao Brasil seguro de que aprofundei as relações entre os países da nossa América Latina, que é formada de nações comprometidas com o desenvolvimento, com a solidariedade e com a democracia. Temos feito uma política externa que tem colocado o Brasil no primeiro plano diplomático do mundo inteiro.

Agora, outro assunto: quando saí do Brasil, encontrei uma preocupação sobre a Legião Brasileira de Assistência, a nossa LBA, que vem prestando os melhores serviços ao nosso País e ao nosso povo. Posso garantir, portanto, a todos aqueles que são os beneficiários da instituição e aos seus funcionários, que esta benemérita instituição não será

enfraquecida nem desfigurada. Pelo contrário: o Governo Sarney empreenderá todo o esforço no sentido de que a LBA amplie, cada vez mais, o seu programa de ação. Só para lembrar, em apenas dois anos de Governo, nós conseguimos multiplicar por 5 a capacidade e o atendimento da LBA, que hoje assiste 20 milhões de pessoas com seus serviços reservados para crianças, gestantes, idosos, portadores de deficiências, além do auxílio ao microempresário entre outras muitíssimas ações de assistência que a LBA faz.

Mais outro assunto: há poucos dias eu decretei intervenções no Instituto do Açúcar e do Alcool e na COSIPA. Determinei abertura de inquérito na Comissão de Financiamento da Produção, a CEP, e fiz isso dentro do mesmo espírito de proteção dos interesses do bem público, que presidiu intervenções e liquidações anteriores, como as que fiz em bancos. Vamos lembrar que tivemos a coragem de fazer intervenção do Banco Central em bancos estaduais como do Rio de Janeiro, da Bahia, do Maranhão, do Pará, do Rio Grande do Sul.

Estamos colocando ordem nessas casas. As ações do Governo neste sentido foram adotadas, como também devemos lembrar a intervenção do Brasilinvest decidida logo nos primeiros momentos da Nova República. Também vamos lembrar a intervenção saneadora do Banco Maisona-ve, Comind e do Auxiliar.

Estabeleci ainda correção monetária dos passivos das empresas que faziam concordata fraudulenta. Acabamos com a chamada indústria das liquidações. As decisões de moralização que venho adotando desde os primeiros instantes do meu Governo não se intimidarão por quaisquer conveniências políticas. Só a enunciação desses fatos mostra o quanto nós temos sido zelosos e ao mesmo tempo atentos aos problemas da moralidade com a coisa pública. Agora estou fazendo denúncias de pretensas retaliações, mas eu devo dizer que são tentativas de tomar uma vacina contra a ação moralizadora do Governo. Não temos nada para retaliar. Mas temos tudo para defender o patrimônio público e a eficiência administrativa.

Quero também lembrar que terça-feira eu estive em Belém do Pará para assinatura de um decreto muito impor-

tante, que devolveu aos Estados a faixa de terras de 100 quilômetros à margem da Transamazônica e das rodovias federais da Amazônia, terras que o Governo Federal havia assumido. Essa devolução de terras foi feita num ato público ao lado do governador Hélio Gueiros e do ministro Jáder Barbalho, de Governadores do Maranhão, de Mato Grosso e representantes de governadores de toda a área. Também esteve presente o governador Amazonino Mendes. O Governo praticou um ato de justiça, devolvendo a terra aos seus respectivos Estados.

Para se ter idéia da importância desse ato, basta dizer que só o Pará recebeu a devolução de 1 milhão e 208 mil quilômetros quadrados, isto é, quase três vezes a superfície da França. Foi devolvido ao estado essa terra para ser colocada a serviço da reforma agrária, a serviço dos pequenos lavradores, a serviço dos médios proprietários; enfim, a serviço da produção nacional e da riqueza do Estado do Pará.

Quero também dar uma palavra sobre um convênio que nós assinamos com a Prefeitura de Salvador, na Bahia, no valor de 31 milhões de dólares, dos quais 75 por cento representam doação à capital baiana, para melhorar os seus sistemas de transportes, beneficiando mais de 200 mil passageiros por dia. Aos baianos em geral, e a todas as brasileiras e brasileiros, adianto que neste convênio não nos esquecemos do Elevador Lacerda, uma referência histórica na paisagem da grande e querida Cidade de Salvador.

Também na área urbana, eu anuncio que o trabalho da comissão que trata da simplificação da compra da casa própria está adiantadíssimo. A comissão estuda entre outras coisas a redução dos juros e das prestações.

Quero também dar uma notícia boa aos brasileiros: é a entrada em produção de mais um poço de petróleo na Bacia de Campos e o campo de Albacora. Ele produz 5 mil barris diários de óleo e 80 mil metros cúbicos de gás natural. A PETROBRÁS extrai esses produtos vitais para a economia brasileira a 419 metros de profundidade. Um novo recorde mundial. Devo lembrar mais uma vez que isso é possível graças à tecnologia desenvolvida por brasileiros, por técnicos do nosso País. Com isso estamos mantendo firme

a produção de mais de 600 mil barris de petróleo, avançando para a auto-suficiência neste setor.

Eu quero dar outra notícia: é a de que presidi, no Palácio do Planalto, o lançamento da rede nacional de hospitais do aparelho locomotor. É um conjunto de grandes hospitais, modelares hospitais iguais ao hospital que funciona em Brasília, que é um hospital padrão, um hospital modelo em sua especialidade, que é o Hospital Sara Kubitschek.

No ano que vem começaremos já a construção de hospitais iguais a este em Curitiba, no Paraná, na Bahia, e em São Luís, no Maranhão. Estes hospitais terão uma característica singular: não serão somente hospitais, serão centros treinadores de recursos humanos, para que estes recursos humanos sejam distribuídos em todos os hospitais do Brasil, tratando aqueles que necessitam de assistência especializada nas doenças do aparelho locomotor.

Quero fazer também um registro: no Ceará está sendo tocado a todo vapor um programa nacional do mutirão da casa própria, que lançamos há algumas semanas em Belo Horizonte. Dentro de três meses alcançaremos o total de meio milhão de casas populares construídas por este programa.

Brasileiras e brasileiros,

Pela longa listagem das coisas que foram feitas nesta semana os senhores podem avaliar o trabalho e o esforço que vem sendo feito pelo Governo, embora debaixo de uma bateria de ataques de toda natureza daqueles que não querem que a gente trabalhe.

Para terminar, a minha palavra de otimismo e esperança. Eu disse numa entrevista ao jornal mais importante do México, o *Excelsior*, que esta reunião de presidentes não teria sido possível se os nossos países, especialmente os vizinhos do Brasil, Argentina, Uruguai e Peru, não tivessem promovido o seu processo de redemocratização.

A democracia interna de todos criou condições para a associação destas oito nações. E eu estou muito à vontade para falar em democracia. Porque no Brasil eu não só tenho falado na palavra democracia, eu tenho exercido, tenho praticado, tenho dado o exemplo de democracia. Eu

disse em Belém que me orgulho do título de ser o Presidente em cujo governo está havendo uma liberdade como nunca houve em qualquer tempo no Brasil.

Desfrutam de liberdade até mesmo aqueles que não querem deixar o Governo trabalhar, aqueles que, com o seu conceito pessoal de liberdade, ameaçam a própria liberdade. Até aquela liberdade que eles desfrutam. Eles são suicidas da democracia, que matam as instituições através da agressão à democracia. A liberdade é o fator número um para que haja paz, ordem, democracia e desenvolvimento. Mas a liberdade de cada um termina onde começa a liberdade do outro. Assim é que vou terminar dizendo que vejo com muita alegria o Brasil aplaudido, respeitado, considerado e ouvido no exterior.

Estou a esta hora falando ao povo brasileiro depois de mais de 20 horas ininterruptas de trabalho com as nossas equipes para que amanhã, com os presidentes da América Latina, tenhamos oportunidade de colocar as posições do Brasil.

O povo sabe e acompanha o nosso trabalho e realizações. Agora nós temos que repetir: tem muita gente que não quer deixar o Governo trabalhar, e cria problema a toda hora. Muitos desses problemas são criados para atender a interesses particulares de grupos ou pessoas.

E aqui vou terminando com o meu abraço carinhoso ao povo brasileiro, às brasileiras e brasileiros que me estão ouvindo, nesta conversa ao pé do rádio.

04.12.87 Perdão de dívidas do pequeno agricultor. Piso salarial é corrigido; taxa de desemprego cai. País cresce. Programa São Vicente ajuda agricultores na área da SUDENE. Contorno rodoviário de Goiânia. Visita ao Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. Conquistas no setor das tecnologias de ponta. Pesquisas espaciais. Luta pela integração da América Latina.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala, mais uma vez o Presidente José Sarney, nesta sexta-feira, dia 4 de dezembro.

Começo o nosso programa dizendo que assinei esta semana um decreto de muito interesse para o pequeno agricultor. Aos proprietários de áreas pequenas que estavam em débito com o Imposto da Propriedade Territorial Rural: os débitos de 1981 a 1986 foram cancelados. Isto é, aqueles pequenos agricultores, proprietários de até 3 módulos, têm os seus débitos cancelados de 1981 a 1986. Essa medida se aplica às regiões assoladas pelas secas e enchentes, áreas sob estado de emergência neste ano. E o perdão fiscal também vai atingir o ano de 1987. É o reconhecimento do Governo de que as calamidades prejudicaram o proprietário rural e eles não têm condições de saldar os seus compromissos.

Outro assunto que eu quero comunicar é que esta semana, também, eu assinei o novo piso salarial, que subiu para 3 mil e 600 cruzados. Foi um aumento de 20%, para cumprir com aquela intenção, que já tive oportunidade de expressar, de dobrar o valor real do salário mínimo dentro de dois anos. Nós estamos, portanto, reajustando o salário

mínimo acima da inflação, de modo que o salário mínimo real possa ser dobrado em taxas superiores à inflação dentro de dois anos.

Os trabalhadores sabem que contam sempre com a minha preocupação, desde o princípio do Governo, para fazer essa justiça àqueles que ganham menos.

Às brasileiras e brasileiros, eu também trago uma notícia que considero muito boa. É o problema do desemprego. O desemprego continua descendo, está em 3,9%, no mês passado, era de 4,03%. E quando eu cheguei ao Governo, todos se lembram que o desemprego estava na casa dos 8%. Era um índice elevado e perigoso que mostrava a estagnação da economia. A redução da taxa de desemprego, queda essa que vem sendo uma constante nos últimos dois anos, é uma resposta que nós damos: do não à recessão. Resposta que o Governo vem dando.

Outro assunto que eu queria tratar também hoje neste programa, já que estamos chegando ao fim do ano, é uma boa notícia. Este ano, apesar de todas as dificuldades, foi um ano difícil, muito difícil mesmo para a economia, nós vamos continuar crescendo. O Brasil deve crescer de 4% a 5% em termos reais. Portanto, é uma notícia muito boa que mostra a vitalidade do nosso País. Em meio a todos esses problemas, o País continua crescendo. E mais firme ainda é o nosso lema de governo desde o princípio: não à recessão. Continuamos crescendo e continuamos diminuindo o desemprego.

Quero aproveitar para falar outro assunto, este importante para o Nordeste. É sobre o Programa São Vicente. Quero dizer que eu liberei ontem recursos para atender os compromettimentos deste ano do Programa São Vicente, que foi criado neste Governo em 1986, com o objetivo de apoiar a organização de pequenos produtores na área da SUDENE. Desde então foram atendidos 2.500 projetos, beneficiando quase 70 mil famílias, dando uma renda de mais de 800 milhões de cruzados. Somente nos primeiros sete meses deste ano foram aprovados perto de 1.500 projetos, para beneficiar 30 mil famílias, gerando uma renda de 530 milhões de cruzados.

A SUDENE tem uma demanda mensal de cerca de 400 projetos e tem em carteira 6 mil projetos dessa natureza, aguardando que tenhamos condições de financiar a todos.

Eu devo dizer que este projeto foi criado para atender os pequenos lavradores, justamente pela preocupação do Governo de *Tudo pelo Social*.

Uma recente avaliação de 300 projetos aprovados constatou que os resultados são espetaculares, mais do que qualquer um outro programa federal no Nordeste. O Programa São Vicente tem uma estrutura funcional na SUDENE e tem também o apoio de mais de 600 comissões comunitárias em cada município da região nordestina. E conta com a participação de pequenos produtores, engajamento do movimento cooperativista, sindical, da Igreja Católica, emprestando-lhe ajuda e apoio.

Outro assunto que quero tratar é para dizer que nós tivemos uma inauguração importantíssima na semana passada. No dia 26 foi inaugurado o contorno rodoviário de Goiânia, com mais de 11 quilômetros, seis viadutos e duas pontes. Obra do Governo Federal que irá ajudar a solucionar os problemas de engarrafamento em torno da cidade, tornando a circulação mais disciplinada e, portanto, melhor.

O governador Henrique Santillo esteve presente, levando o seu apoio a mais uma obra que irá melhorar, sem dúvida, a qualidade da rede viária da capital de Goiás. Portanto, minhas congratulações por esta grande obra que ali realizamos às brasileiras e brasileiros de Goiânia.

Agora eu quero dizer que estive no Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, em São José dos Campos, em São Paulo. Ali inaugurei o Laboratório de Integração e Testes Espaciais, construído totalmente durante meu Governo.

É um passo decisivo na direção do domínio, pelo País, do ciclo da tecnologia espacial. Quero dizer que este laboratório se destina a servir ao programa brasileiro espacial. Quer dizer: o programa brasileiro espacial é o seguinte: nós estamos construindo no Brasil foguetes e satélites para lançá-los com tecnologia brasileira, por técnicos brasileiros. Os satélites que nós temos hoje são dois. Foram satélites

importados, custaram milhões de dólares e foram feitos por tecnologia estrangeira, e o Brasil, um grande País, precisa, para que encontre o seu *status* para servir ao povo brasileiro, desenvolver a sua própria tecnologia no setor espacial. Esse é hoje um setor de ponta. Só grandes nações desenvolvidas e nós brasileiros estamos procurando dominar o setor da tecnologia espacial.

Esse é um programa a que nós estamos dando a maior atenção e ele será e terá uma etapa primeira e completa quando em 1989 nós vamos lançar o satélite brasileiro. Este satélite está sendo construído e ontem nós inauguramos o Laboratório de Integração e Testes Espaciais, onde o modelo do nosso satélite já está sendo testado, e todos os seus materiais, para que ele possa suportar as condições que vai experimentar quando estiver no espaço.

Quero adiantar que o programa espacial não pode ser interrompido, por maiores que sejam as nossas dificuldades. Porque interromper um programa dessa natureza seria um crime contra o nosso País.

E eu disse ali no Laboratório de Integração e Testes que eu ficava muito orgulhoso do trabalho dos nossos cientistas e dos nossos técnicos, e que nestes anos tínhamos tido grandes conquistas nos setores de tecnologia de ponta. Nós tínhamos comunicado ao País que o Brasil já domina a tecnologia do enriquecimento do urânio, nós tínhamos comunicado ao País que os nossos técnicos também já descobriram materiais supercondutores e agora nós estávamos ali inaugurando o Laboratório de Testes Espaciais, que é um laboratório modelo. No mundo inteiro ele será sempre um laboratório de ponta.

E ali eu tive oportunidade de falar que nós temos dois Brasis e não um Brasil somente. Não estou falando do Brasil pobre ou rico. Eu estava falando de dois tipos de Brasil. O Brasil ágil, turbulento, o Brasil de nossa criatividade, esse Brasil crítico, que nós todos hoje vivemos em torno das notícias, das informações que nos chegam no dia-a-dia. É um Brasil de ilusões e desilusões a cada instante.

Mas eu estava falando de outro Brasil que existe, que é o Brasil que caminha, que nos dá condições de caminhar.

É este Brasil que caminha no silêncio dos laboratórios, nas fábricas, nas mãos dos operários e dos saberes dos cientistas.

É este Brasil do otimismo, que sai do lugar de subdesenvolvido, como nós éramos, para iniciar, com o trabalho desses brasileiros anônimos que dia e noite estão aí na luta, sua marcha ao desenvolvimento completo, para sermos, como somos, a oitava economia do mundo.

Precisamos agora é fazer chegar ao setor social os índices que já alcançamos na economia. Queremos também ser não somente a oitava economia do mundo, mas também o oitavo país em atendimento social. E isso nós vamos conseguir com investimentos na área social, como nós estamos fazendo.

Não tenho dúvida, portanto, que em dois anos estará no espaço, levado pela inteligência brasileira e pelo trabalho dos brasileiros, o primeiro satélite, que com os três restantes, dará independência tecnológica espacial ao País, abrindo os caminhos do futuro.

Para essa missão espacial completa nós estamos construindo o Centro de Lançamento de Alcântara e estamos testando, através do CTA, que é o Centro Tecnológico da Aeronáutica, de São José dos Campos, o projeto Sonda, que é o projeto dos foguetes que levarão ao espaço os satélites brasileiros.

Quando a gente fala isto num país como o nosso, fica-se realmente com orgulho de nossa gente, porque nós temos sido capazes de fazer tudo isso.

Por fim, eu quero terminar com a minha palavra de otimismo no futuro do nosso País. Hoje, esta palavra, e ela vem para dizer que não só presenciamos internamente, mas também vem como a expressão no exterior que hoje tem o Brasil.

Refiro-me à reunião de que eu participei, dos oito países latino-americanos, que aconteceu no México, de quinta-feira a domingo passado. Tanto que o meu último programa da «Conversa ao Pé do Rádio» eu o fiz da cidade de Acapulco, no México. Lá, nós recebemos manifestações sobre o Brasil, sobre a posição que o Brasil vem tendo na

participação dessa política de integração regional, com Argentina, Colômbia, México, Panamá, Peru, Uruguai, Venezuela e todos os países da América Latina e também do Caribe.

Eu quero dizer que a política externa não tem no Brasil aquela visibilidade que ela devia ter, pela importância que ela tem dentro do contexto nacional. Basta dizer que, se nós pudéssemos avaliar que 50% de todos os nossos problemas estão interligados à área externa, esse setor da área externa não teria aquele espaço que devia ter nas preocupações nacionais. Mas todo brasileiro deve ter presente que, hoje, como nós vivemos num mundo interdependente, os nossos problemas dependem de soluções comuns do mundo inteiro e, sobretudo, nós que estamos aqui na América Latina, dependemos de soluções da América Latina, que está vivendo um grande e grave problema toda ela.

E nós estamos também vivendo os problemas que vive a América Latina e, portanto, não devemos perder de vista isso, porque os nossos problemas são problemas que têm implicações de natureza internacional. E muitas das vezes eles nascem de problemas que existem no exterior.

Mas a política exterior tem sido nestes anos do meu Governo uma política exterior independente e o Brasil, que não tem sido caudatário das grandes potências, repito várias vezes, e nem prisioneiro dos pequenos conflitos, está lutando pela integração dos continentes, está lutando pelo mercado comum latino-americano e está lutando para defender os seus interesses no que se refere à dívida externa.

Enfim, nós estamos fazendo uma política de grande trabalho. Portanto, é com essa mensagem interna e externa que eu termino este programa dizendo às brasileiras e brasileiros que eu também tenho a absoluta certeza, já estamos nos aproximando do fim do ano, de que nós teremos cada dia mais motivo para dizer que superaremos os nossos problemas. E que 1988 deve ser bem melhor do que 1987.

11.12.87 Confiança no País. Fé na democracia e nos métodos de entendimento aberto e livre. Aplauso a desarmamento USA-URSS. Seguro-desemprego. Ampliação do setor cultural.

Brasileiras e brasileiros, bom dia, nesta sexta-feira, dia 11 de dezembro, na nossa conversa ao pé do rádio.

Há quase três anos nós estamos juntos neste diálogo democrático com o povo. Neste período tivemos dias de grandes alegrias e sucessos que comungamos com as brasileiras e brasileiros. Tivemos também dias difíceis, de grandes problemas. Nada escondemos, nada negamos, mas, com uma constante, sincera e forte, jamais ouviram de mim uma palavra de lamentação, jamais deixei de ser otimista, mesmo em meio das maiores tempestades.

Evidentemente que nós não podemos negar que este ano de 87 foi um ano muito difícil. Tivemos uma inflação muito alta, a economia fugiu, de um certo modo, do nosso controle e tivemos que tomar medidas difíceis, medidas impopulares e que eu arqueei sozinho com o ônus destas medidas. Mas resisti, perseverante, severo, íntegro, sabendo a grandeza da missão que me foi dada de governar o Brasil.

Eu espero que 88 seja um ano melhor. Vai ser um ano melhor. Mas nem por isso nós devemos deixar de agradecer a Deus o ano que nos proporcionou. Terminamos 87 com o Brasil crescendo, longe da recessão. Vamos crescer entre 4 e 5 por cento. Chegamos ao fim do ano com a taxa

de desemprego caindo. Chegamos ao fim do ano com o Brasil em paz e eu tenho a consciência do que tenho feito pela democracia em nosso País, democracia que, devo repetir, tenho praticado, dando o meu exemplo de paciência e de tolerância.

Eu sei que se tivéssemos hoje um Presidente que quisesse impor sua ambição, exercer seus poderes para impor a sua vontade, para dar o famoso «murro na mesa» que muitos têm me aconselhado, nós estaríamos hoje ou na ditadura ou no terrorismo. E o Brasil não deseja nem uma coisa nem outra coisa. O Brasil deseja é paz e tranqüilidade. Isso é o que o povo quer, isso é o que o povo deseja. Essa paz que é a mensagem mais forte neste mês de dezembro, porque essa mensagem vem, nasce da esperança do Natal. Paz na Terra aos homens de boa vontade. E as brasileiras e brasileiros são homens e mulheres de boa vontade.

Há poucos dias, reunindo-me com os funcionários do Planalto para orar e confraternizar, dando graças a Deus por tudo que nos ofereceu neste ano, eu tive oportunidade de dizer que duas mensagens do cristianismo deviam ser lembradas: o fato de que foi o cristianismo que nos deu a mensagem de que todos somos iguais, de que todos somos filho de Deus, de que todos temos acesso à salvação.

O Presidente é o mais humilde dos brasileiros, todos somos iguais, todos estamos no mesmo barco, com as mesmas esperanças e também com as mesmas frustrações. Também devemos lembrar a mensagem da paz, da paz interior, essa paz que faz com que a gente fique sem ódios, sem inveja e sem ressentimentos. É uma mensagem de esperança. A esperança de que nada nos abaterá. O Brasil vencerá qualquer problema, por isso eu sou sempre otimista. Eu tenho esta convicção.

Agora eu quero dar algumas notícias. Daqui a pouco eu estarei em Piraçununga para assistir à formatura de novos cadetes de nossa aviação; são moços que se preparam para a defesa de nossa Pátria, no exercício da profissão de aviador, servindo a nossa Força Aérea Brasileira. A eles, meus votos de felicidade, que são extensivos às suas famílias.

Quero dizer também que nesta semana eu recebi o corpo diplomático acreditado aqui em Brasília e falei sobre as relações do Brasil com o mundo. As nossas relações são impecáveis, nós defendemos a solução dos conflitos pelo diálogo e não pela força e queremos e desejamos, cada vez mais, estreitar a nossa amizade entre todos os povos do mundo; ampliar as nossas faixas de cooperação.

Eu também congratulei-me pelo fato histórico do acordo firmado entre os Estados Unidos e a União Soviética para acabar com os mísseis de alcance médio. É o começo do desarmamento, um bom começo. O caminho da paz passa pelo desarmamento e por isso o Brasil defende o desarmamento, dando ênfase ao desarmamento nuclear.

Quero também dizer que em 1988 nós vamos prosseguir o nosso Plano de Ação, que tem uma ênfase muito especial para o social, no lema que adotamos *Tudo pelo Social*, sem abandonar o setor de energia, transportes e indústrias de base e sem deixar de vislumbrar que nós temos que crescer, porque só com o crescimento nós teremos a prosperidade, teremos emprego e teremos um Brasil desenvolvido.

No setor político nós esperamos que a Constituinte faça uma Constituição moderna para servir um Brasil moderno. Eu estarei pronto para ajudar de todos os modos a Constituinte a exercer sua soberania, decidindo livremente e podendo tomar qualquer decisão, inclusive em relação ao meu mandato. Eu estarei pronto a apoiar e tudo farei para facilitar a implantação de suas decisões. Eu não tenho nenhuma interferência, nem defenderei qualquer solução. A Constituição tem que ser é uma Constituição capaz de fazer o Brasil crescer e não o Brasil parar e tornar-se ingovernável.

E eu quero dizer às brasileiras e brasileiros que a Constituinte não pode ser julgada por uma minoria mínima que tentou nestes meses dar-lhe uma aparência nacional, de uma balbúrdia institucional. Não! A Constituinte vai fazer um trabalho sério e para isso ela conta com uma maioria de homens públicos que pensa no Brasil e no seu futuro. Vamos confiar nesses homens.

Para finalizar, quero dizer às brasileiras e brasileiros que, por mais difíceis que sejam os nossos problemas, não devemos deixar de ver os avanços e os progressos que conseguimos neste ano de 87. Foi um ano duro, mas também nós avançamos, como eu disse. Continuamos crescendo e, sobretudo, crescendo e consolidando a democracia, assegurando a liberdade de todos, melhorando a qualidade de vida de todos, ampliando espaços de participação.

Basta citar um número, que eu acabei de receber do Ministério do Trabalho, para mostrar como nós estamos ampliando a nossa faixa de participação no efetivo exercício das liberdades em nosso País, cada um defendendo os seus direitos.

Vamos falar, portanto, para finalizar, no seguro-desemprego. O seguro-desemprego não existia no Brasil; foi criado por mim. Quem perdia o seu emprego tinha somente o direito a ter o desespero. O seguro-desemprego, pois bem, somente este ano gastou 6 bilhões de cruzados no atendimento a brasileiras e brasileiros que perderam os seus empregos. Foram assistidos, portanto, por esse grande programa.

No setor sindical nós aprovamos 917 novos órgãos de defesa de trabalhadores, como novos sindicatos, federações, confederações que estão aí defendendo a classe dos trabalhadores no Brasil, ampliando a democracia dessa maneira. No setor da cultura mais de 2.500 associações culturais foram fundadas e registradas no Ministério da Cultura, para dar aplicação à «Lei Sarney», que hoje cria um mercado nacional de arte, estabelece prêmio, edita obras, promove novos talentos, abre perspectivas para as artes, teatro, música, cinema, pintura e criando aquilo que nós queremos que seja um verdadeiro renascimento cultural no Brasil.

E aqui vou terminar, agradecendo a Deus, com todas as brasileiras e brasileiros, as nossas conquistas e não ficar na filosofia do pessimismo e na retórica do fracasso e do protesto.

18.12.87 Casa própria se amplia pelo País. Hidrelétrica de Itaparica. Crise de energia vai sendo superada. Transportes em pequenas e médias cidades têm mais verbas. Abertura política com os militares. Prêmios de irrigação. Voto de otimismo e confiança.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente Sarney.

Estamos iniciando a nossa conversa ao pé do rádio, nesta sexta-feira, 18 de dezembro, quando chegamos ao fim de mais uma semana de muito trabalho.

Desejo, como primeiro assunto a abordar, dar uma notícia que interessa a todo mundo: aprovei os estudos do Ministério da Habitação para que 88 seja o ano da casa própria no Brasil, com a construção de mais de 1 milhão de casas de todos os tipos, para todas as classes no País inteiro.

Nos próximos meses, estarão concluídas as primeiras 500 mil casas, construídas pelo sistema de mutirão, programa que iniciamos há dois meses em Minas e que já se desenvolveu em quase todo o nosso País.

A Caixa Econômica Federal, nosso grande banco social, está-se preparando para, em 1988, financiar mais de 400 mil habitações, cujos processos já se encontram sob exame. No ano que vem estão reservados no Orçamento da República mais de 130 bilhões de cruzados para que a Caixa Econômica amplie ainda mais o seu programa habitacional.

Vamos aproveitar, ao máximo, o excelente quadro de servidores da Caixa e a vocação secular da instituição para atender os nossos programas sociais.

Em 88, portanto, mais brasileiros, especialmente os trabalhadores mais modestos, vão poder contratar financiamentos para suas casas próprias, pois as prestações serão pelo menos 30% menores que atualmente. Isso vai acontecer com a dilatação dos prazos de pagamento e a redução dos juros, que poderão chegar a zero. Eis a fórmula, portanto, que nós adotamos para alcançar a dinamização do programa de habitação.

Quero chamar a atenção também das brasileiras e brasileiros para o que a Caixa Econômica realizou em 87, aplicando 193 milhões de cruzados em empréstimos a estados e municípios para construções de sistemas de água e esgoto. Foram financiadas também 110 mil novas habitações.

Outro assunto que eu desejo abordar e comunicar ao nosso Nordeste: em janeiro nós começaremos o enchimento do grande lago da nova usina hidrelétrica de Itaparica, que deverá entrar em funcionamento tão logo as chuvas façam a represa atingir o seu nível. Isso deve ocorrer ainda no primeiro semestre do próximo ano de 1988.

Nesta semana eu assinei um ato determinando a aplicação de 15 bilhões de cruzados em programa de energia elétrica, especialmente no Nordeste, onde pretendemos resolver o problema do racionamento, uma ameaça permanente, devido à escassez de chuvas. Com os recursos agora liberados podemos antecipar a conclusão da segunda linha de transmissão de Tucuruí, que é a interligação daquele com o sistema de Paulo Afonso, para fevereiro. Serão mais 500 mil quilowatts; a previsão era ser inaugurada no segundo semestre.

Com esse esforço, técnico e financeiro, se tudo correr bem, o Nordeste ganhará muita energia, agora no primeiro semestre do próximo ano, para mover as suas indústrias e para dar progresso àquela área.

Nessa linha de preparar o País para 88, eu tive a satisfação de presidir convênios entre o Governo Federal, os estados e mais de 300 municípios, para a execução de um

programa de apoio e modernização dos transportes de cidades de médio porte. Com 70% da população brasileira vivendo nas cidades, temos que cuidar para que as pequenas e médias cidades tornem-se capazes de absorver esta população, evitando-se que elas ampliem ainda mais os problemas das grandes cidades, com o êxodo das populações do interior. Mais de 34% da população brasileira vão sentir diretamente os efeitos da aplicação de 434 milhões de dólares de melhoria, de vias urbanas e transportes nas cidades de médio porte.

Outro assunto é que na quinta-feira, dia 17, isto é, ontem, os ministros militares e os oficiais-generais das Forças Armadas ofereceram um almoço de fim de ano ao Presidente da República, que é o comandante supremo das Forças Armadas. Quero dizer que esse almoço não foi somente um almoço de confraternização, foi também uma demonstração da integração de nossas Forças Armadas ao esforço de institucionalização do País, País que busca o seu caminho democrático e que também não tem mais separações entre classes de civis e militares, todos estão empenhados para que nós possamos concluir o projeto democrático.

Eu tive oportunidade de dizer, naquela solenidade, que a abertura política está sendo *com* os militares e não *contra* os militares.

Eu quero também dizer que esta semana eu entreguei, no Palácio do Planalto, dentro do programa de irrigação, os prêmios de produtividade aos melhores pequenos agricultores do Nordeste, principalmente da área do Vale do São Francisco, da CODEVASF, e naquele instante nós vimos o quanto o programa de irrigação pegou, o quanto ele está sendo estendido a todas as partes do País e, principalmente, o quanto ele está beneficiando as pessoas, os lavradores menores, as pequenas propriedades. Foram irrigantes de todo o Nordeste que ali estiveram recebendo prêmios de produtividade.

Como sempre acontece, eu quero terminar a nossa conversa ao pé do rádio com uma palavra de confiança. Eu quero evocar o acontecimento que também eu vivi ontem à tarde, quinta-feira, quando tive oportunidade de presidir à entrega de mais um prêmio de tecnologia do Liceu

de Artes e Ofícios de São Paulo, que coube às Indústrias Romi, um dos gigantes da nossa indústria mecânica, pioneiros mundialmente reconhecidos na sua especialidade, pelo alto nível e qualidade dos seus produtos.

O importante é que esse prêmio de tecnologia, que vem sendo dado há muitos e muitos anos, foi outorgado justamente a uma escola técnica privada, de ensino gratuito que é totalmente auto-suficiente. No Brasil, neste momento, o Ministério da Educação está desenvolvendo um programa de ensino técnico que até 89 implantará no País 200 novas escolas técnicas, que formarão 35 mil profissionais de nível médio por ano.

Como as brasileiras e brasileiros vêem, através deste programa, relato sucinto do que tenho feito, não há semana em que não tenhamos colocado programas novos, avaliado programas em andamento e inaugurado obras, viajado, dando audiências, estudando problemas e tentando resolver algumas das dificuldades do nosso País. Enfim, neste esforço que estamos fazendo para estar à altura do cargo que ocupamos. Eu quero dizer que para ser otimista, para confiar, basta conhecer a realidade e ter disposição para trabalhar e para lutar e observar por inteiro a situação do País. Para cada dificuldade, há sempre motivos de esperanças, porque cada uma delas nós conseguimos superar, como o Brasil tem superado todas as suas dificuldades.

Disseram-me outro dia que quem gosta de colecionar más notícias não deve ouvir o Presidente Sarney, porque ele está sempre olhando o futuro, brigando com o presente e insistindo nos sinais bons das coisas que acontecem.

Evidentemente, que nós tivemos um ano difícil, mas ano difícil tiveram todos os países do mundo, não foi somente o Brasil. E o Brasil, embora tendo um ano difícil, pôde terminar o ano com crescimento econômico, com uma taxa de emprego maior, crescendo, e com a maior safra agrícola da sua História. Portanto, não foi um ano somente de dificuldades. Nós também encerramos este 87 com algumas e grandes vitórias, com algumas descobertas de riquezas minerais, como o petróleo do Rio Urucu, algumas reservas de gás, algumas outras que nós podíamos descobrir também, alguns minerais raros. Enfim, o Brasil cami-

nhou mais um ano, embora não tenha sido um ano dos melhores, mas um ano de grandes avanços.

Esta é a nossa última conversa ao pé do rádio antes do Natal e ainda estamos mergulhados no trabalho. Eu terei oportunidade, até antes do Natal, de enviar a todas as brasileiras e brasileiros uma mensagem especial. Mas por hoje eu vou terminando aqui esta conversa, desejando a todos a maior felicidade.

25.12.87 Confraternização do Natal.

Brasileiras e brasileiros, bom dia!

Aqui vos fala o Presidente Sarney, em mais uma conversa ao pé do rádio, nesta sexta-feira, 25 de dezembro, dia de Natal. Hoje eu não quero, de nenhuma maneira, tratar das coisas de Estado, nem das obras do Governo.

Eu acho que hoje é um dia muito especial. É um dia da família. É um dia de confraternização. É um dia de festa. É um dia em que todos nós devemos fazer uma pausa nas nossas preocupações, nos nossos trabalhos, para pensar no destino dos homens e para pensar sobretudo no dever que nós temos, de solidariedade com todos os nossos patrícios e, ao mesmo tempo, o dever de unidade que nós temos com todos os homens.

Portanto, eu me limito, nesta manhã, a fazer uma pequena, modesta, mas muito afetuosa mensagem de Natal, às brasileiras e brasileiros, desejando um feliz Ano Novo e que o Natal tenha transcorrido com muita alegria. Eu quero dizer que este é o momento de fazermos uma reflexão: que Deus tem sido generoso com o nosso País. Deus tem sido muito generoso com o Brasil. Ele nos deu um grande território. Um território imenso, um dos maiores do mundo. Deu-nos um grande povo, que também hoje já está

chegando a mais de 130 milhões de habitantes. Deu-nos grandes riquezas. E, sobretudo, nos deu condições de termos a certeza de que nós vamos ter um grande futuro. Por isto mesmo, este dia é um dia em que nós devemos ter também gratidão.

O Natal é a festa da reconciliação. Da reconciliação do homem com Deus. É a festa da fraternidade, da lembrança de que todos nós somos irmãos. É a festa da comunhão de todos os povos, todos os homens, de toda a humanidade, que receberam na vinda do Salvador a mensagem de que todos nós temos direito à salvação. Este Salvador que chegou ao mundo, ouvindo os cantos de paz na Terra aos homens de boa vontade. E quanta gente de boa vontade tem o Brasil. E quantas brasileiras e brasileiros de boa vontade tem a nossa terra.

E, para terminar, eu quero dizer que em meu nome, em nome da minha mulher, dos meus filhos e dos meus netos, da minha família inteira, quero associar-me às alegrias de nossa gente, principalmente, daqueles que mais necessitam, dos que mais precisam de vida melhor, dos que precisam de amor, dos que precisam de carinho. Daqueles que estão sós, neste dia de festa, e que precisam de uma mão amiga ao seu lado, mão de solidariedade, mão de irmão. Eu desejo que 1988 também seja um ano de grandes realizações e de grandes vitórias. De muito trabalho e de muita alegria. Esta alegria cristã. A alegria que é a alegria da paz anterior, que é uma alegria pura e que é fonte de todas as graças.

Para terminar o ano, com a mesma mensagem que levei às brasileiras e brasileiros todas as sextas-feiras, quero dizer que é com otimismo, com aquele otimismo que sempre tive, que quero vislumbrar a chegada do ano novo e que me congratulo com todos neste dia que é o dia da redenção da humanidade.

ÍNDICE ONOMÁSTICO E TEMÁTICO

A

- Abastecimento, 70, 168, 169, 206, 267
Abertura política, 453
Ação comunitária, 65, 66
Acapulco, México, 435, 436
 Encontro dos Oito, 435
Açominas, 135
Acordo social. Ver Programa social
Açudes. Ver Seca
Administração pública, 211
Aedes Aegypti (mosquito). Ver Dengue
Aeronáutica. Ver Forças Armadas
Agricultura, 53, 54, 55, 59-61, 92, 93, 174, 175, 191, 285, 286,
 357, 359, 401, 441
 ver também Safra
Agropecuária, 245, 246
Alfonsín, Raúl, pres. da Argentina, 136, 306, 335, 336
Aliança Democrática, 393
Alimentos
 ver Dia Mundial da Alimentação
Amado, Jorge. Ver Fundação Casa de Jorge Amado

Amazonas. Ver Urucum, AM
América Central, 362
América Latina, 139, 140, 303, 325, 326, 361-364, 399, 400, 432,
435, 436, 445, 446
Andrade, Carlos Drummond de (falecimento), 364
Ano Novo
1986, 45-46
1987, 221-222
Aposentados, 276, 277, 280, 297, 298
trabalhos com explosivos, 371
Aracaju, SE (terminal portuário), 258
Argentina, 136, 137, 139-141, 303, 335, 336
Arias, Oscar, Pres. de Costa Rica, 436
Armazéns e silos, 148
Artistas, encontro com, 376
Árvore, Dia da, 380-381
Assembléia Nacional Constituinte, 379-380
Assistência médica. Ver Saúde
Automóvel
fim do empréstimo compulsório, 302, 303
totalmente brasileiro, 372, 373

B

Banco do Brasil, 274, 275
Bancos estaduais, 254, 437
Barretos, SP. Ver Peão dos Boiadeiros (festa)
Bienal Internacional do Livro, 3., Rio de Janeiro, 376, 377
Bom Menino, Programa do, 186, 250, 251, 298, 299, 302
Brasil Central (desenvolvimento), 430, 431

C

Cabo Verde, 97, 100
Caderneta Verde. Ver Poupança, Caderneta Verde
Campos, RJ — Petróleo, 384, 385, 438, 439
Caos e pessimismo, Repúdio, 49, 50, 143, 226, 249, 309-311
Carajás, 269
Casas Populares. Ver Habitação popular
CDE. Ver Conselho de Desenvolvimento Econômico
Ceará, Casa própria, 439
Césio (Goiânia), 396-398

Censo
 agropecuário, 58
 econômico, 57
Ciclotron. Ver Laboratório de Luz Ciclotron
Ciência e tecnologia. Ver Recursos humanos e Prêmio Almirante
Álvaro Alberto para Ciência e Tecnologia
Cientistas, 298
Cinco Pontos, 67, 68
Clube de Paris, 235
CODICI, 236
Colômbia, 303
Comércio, Entendimento com Argentina, 139-141
Comunicação (povo), 87
CONCEX. Ver Banco do Brasil
Conciliação e Julgamento. Ver Juntas de Conciliação e Julgamento
Confiança no País, 447, 448, 454, 455
Congelamento, Fiscalização, 89, 90, 318, 327, 328
Conselho de Desenvolvimento Econômico, 230
Conselho Monetário Nacional, 290
Constituinte. Ver Assembléia Nacional Constituinte
Contas. Ver Orçamento
Cooperativas, Estímulo, 59, 60
COSIPA, 437
Creches, Alimentos, 40
Crianças
 leite, 65, 66, 387, 388
 livros, 44
Crime do colarinho branco, 57
Cuba, Reatamento de relações com, 125
Cultura, Incentivos fiscais, Lei Sarney, 129
 prioridade, 376, 377, 422, 423, 450

D

Damião, Frei, 419
Deficiente, 193, 194
Déficit público, 323, 340, 341, 370
Democracia, 87, 325, 328, 329, 383, 384, 440, 448
Dengue, Combate, 103, 104, 105
Desarmamento (USA-URSS), 449
Descanso semanal remunerado, 31
Desemprego, Taxa, 442

Desenvolvimento, 38, 78, 135, 136, 225, 226, 293, 442, 443, 444,
445

Despejos, 310

Dia

da Árvore. Ver Meio ambiente, defesa
das Nações Unidas. Ver ONU
da Vitória (2ª Guerra Mundial), 293-294
do Professor, 400
do Trabalho, 289
Mundial da Alimentação, 187, 401

Dívida

dos Estados, 287, 288
Externa, 227, 253, 254, 259, 280, 340, 363

E

Ecologia. Ver Meio ambiente

Economia, 53, 230-232, 309-311, 321, 374

Educação, 218, 219

Eleições, 33, 34, 197-199, 201, 203, 342

Eletricitários, 290

Empregos, Aumento de, 28, 78, 80, 136

Empresários, 124, 313

Empresas

pequenas e médias, 426

Energia, 88, 194, 315, 402, 452

Escolas, 80, 92, 93, 347, 367

Escola Nacional de Administração Pública, 161, 407

Especulação, 78, 91, 92, 143, 144, 168, 169

Estradas, Recuperação, 346

Estados Unidos da América, 163-165, 167

Exército. Ver Forças Armadas

Exportação, 246

Explosivos (Tecnologia), 371, 372

F

Favelas, 241, 242

Ferrovias, 124, 190, 191, 246, 294, 295, 432, 433

Fertilizantes, Fabricação, 351

Fiscalização, 74

Fisco, 307

Fleury. Ver Lei Fleury
FMI, 235
Forças Armadas, 408
Freire, Marcos (falecimento), 378
Frente Liberal, 415, 416
Fundação
 Casa de Jorge Amado, 129, 258, 259
 Educar, 162

G

Gado, Desapropriação, 183
Garcia, Alan, pres. do Peru, 325, 326
Gestantes, 186
Goiânia, GO, 431
 contorno rodoviário, 443
Gomes, Carlos (sesquicentenário), 133
Governadores. Ver Posse dos Governadores,
Governo, 77, 80, 265, 266, 318, 319
Greve, 323
Guardas-marinha, 266, 267

H

Habitação popular, 406, 419, 420, 439, 451, 452
Hidrelétricas
 Itaipu, PR, 229
 Itaparica, PE/BA, 452
 Rosana, SP, 263
 Tucuruí, PA, 263
 Xingó, SE/AL, 263
Hospitais do aparelho locomotor, 439

I

IAA, 437
IBGE, 57, 58
Idosos, 176
Imposto de Renda, 39, 267, 268, 283, 284
Impostos, Redução, 426, 427
Indústria, 225, 226

Inflação, 143, 144, 155, 226, 227, 247, 280, 310, 317, 318, 321,
322, 331, 336, 343, 388, 389, 391, 392

INPS. Ver Previdência

Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, 443-445

Integração latino-americana. Ver América Latina

Integração Nacional, 333, 334

Investimentos, 145, 389

IPI. Ver Táxis, Isenção de IPI

Irrigação, 36, 92, 174, 175, 258, 346, 347, 412, 413, 414, 425,
426, 453

Itaipu, PR (hidrelétrica), 229, 230

Itaparica, PE/BA (hidrelétrica), 452

J

Japoneses (empresários), 416

João Paulo II, Papa, 128, 129, 131, 132, 237

Juntas de Conciliação e Julgamento, 31, 32

Juros, 286, 287

L

Laboratório de Luz Ciclotron, 250

LBA, 155-157, 186, 303, 352, 386, 394, 395, 436, 437

Lei Fleury, Revogação, 120, 121

Sarney, 129

Leite, 65, 66, 186, 270

Liberdade. Ver Democracia

Lideranças Sindicais, 271, 272, 279, 280

Linha Vermelha, RJ (auto-estrada), 246

Livros, 186, 192

Luz Ciclotron. Ver Laboratório de Luz Ciclotron

M

Machel, Samora, pres. de Moçambique (falecimento), 195

Mães, 186

Mandato presidencial, 301-302, 429, 430

Marinha. Ver Forças Armadas

Medicamentos, 40

Meio ambiente, 112, 160, 333, 380, 381

Menor carente, 214

Mercado Comum Latino Americano, 214, 215
Mercado Livre, 318
Merenda Escolar, 40, 186, 408
México, Visita ao, 361-365, 432, 435, 436, 439
Microempresas, 352
Militares. Ver também Forças Armadas, 453
Minas Gerais, Visita a, 83
Ministério. Ver Reforma Ministerial
Mosquito Aedes Aegypti. Ver Dengue
Mudanças, 39, 40, 50
Município, 271

N

Natal

1985, 43, 44
1986, 221, 222
1987, 457, 458
Neves, Lucas Morera das, card.-arceb. de Salvador, 385, 386
Nordeste, 35, 36, 59-61, 305, 306, 333, 345-347, 412-414, 425,
426

O

ONU, 191, 192, 194, 195, 402, 403,
Orçamento unificado, 69, 70, 389, 390

P

Pacto Social, 213, 214, 225
Paraná (acordo), 377
Partido do Movimento Democrático Brasileiro. Ver PMDB
Partidos fortes, 380
Páscoa, 81
Peão dos Boiadeiros (festa), 369
Pequena propriedade, 420-422
Pereira, Aristides, pres. de Cabo Verde, 288
Pesquisa, 132
Pesquisas espaciais. Ver Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
PETROBRÁS, 46, 125, 185, 281, 381, 384, 385, 426, 432, 438,
439

Petroquímica, 351, 352
PIB, 70
Piso Salarial. Ver Salário Mínimo
Plano Cruzado, 73-75, 83-85, 90, 109, 133, 134, 143-145, 159,
160, 168, 169, 177, 178, 189, 190, 198, 205-208, 210, 331, 332
Plano Econômico, 339, 340, 388-390
Plano de Metas, 190
PMDB, 337
Pobres, 40
Poderes Executivo e Legislativo (entrosamento), 405, 406
Poliomielite, 116, 117, 149, 150, 352, 353
Política Agrícola, 332
Poluição, 112, 113
Porangatu, GO, 430
Porte de arma, Controle do, 121
Portugal, 97, 100
Posse
 Governadores, 261
 novo Ministério, 67, 68
Poupança, Caderneta Verde, 149, 359
Povo/Governo. Ver também Governo, 79, 80
Prefeitos das Capitais, 33, 34
Prêmio Almirante Álvaro Alberto para Ciência e Tecnologia,
242
Presidencialismo, 380
Presidentes. Ver Mandato presidencial
Previdência, 99, 151, 152
Produção, 78
Produto Interno Bruto. Ver PIB
Professor. Ver Dia do Professor
Professores de 1º Grau, 395
Programa São Vicente, 442
Programa Social, 202, 241, 242, 314, 315, 368

R

Reagan, Ronald, pres. dos EUA, 162-165
Recadastramento Eleitoral. Ver Eleições
Recessão, 63, 64, 276
Recursos Humanos, 249, 250
Rede Ferroviária Federal, 368, 369
Reforma agrária, 92, 95, 96, 101, 107, 108, 179, 311, 406, 407,
421, 422

Regime, Austeridade, 69, 70
Remuneração, 227
Rodovias, Recuperação, 346, 381
Rosana, SE (hidrelétrica), 263
Royalties. Ver PETROBRÁS

S

Safra, 174, 175, 191, 284, 346, 368
 ver também Agricultura e Supersafra
Salário Mínimo, 29, 30, 267, 388, 389, 441, 442
Salvador, BA, Novo Cardeal-Arcebispo, 385, 386
Sanguinetti, Julio Maria, pres. do Uruguai, 136, 306
Saneamento Básico, 372
São Gabriel da Cachoeira, AM (telecomunicações), 390
Sarney, Lei, 129
Saúde, 80, 116, 117, 119, 120, 149, 150
Seca, 53, 54, 305, 306, 346, 412, 413
Secretaria de Assuntos Comunitários, 270
Seguro-Desemprego, 96, 450
Semana da Pátria, 375
Servidor Público, Profissionalização, 415
Sonda IV, Lançamento, 396
Semana Santa, 283
Servidores Públicos, 267
Siderurgia. Ver AÇOMINAS, 135
Sindicato. Ver Lideranças Sindicais, 277, 289, 290
Soares, Mário, Pres. de Portugal, 267, 269, 270
SUDENE, 35, 36, 442, 443
Supersafra, 368
 ver também Agricultura e Safra

T

Táxis, Isenção de IPI, 297, 336, 337
Tecnologia de ponta, 443-445
Telecomunicações, Ampliação, 390
Terras Estaduais, Devolução, 437, 438
Trabalho, Dia do, 289, 290
Trânsito (campanha), 381
Transportes. Salvador, BA, 438
Transportes em pequenas e médias cidades, 453

Tributação. Ver Impostos
Tucuruí, PR (hidrelétrica), 263

U

UNICEF, 214, 387, 388
Universidade (Campinas, SP), 132, 133
Urânio, Enriquecimento, 376
Urucum, AM, 185, 432
Uruguai, 303, 381

V

Vale-Tansporte, 41, 42, 388, 432
Venezuela, Visita à, 399, 400
Viagens ao exterior
 Argentina, 335, 336
 Cabo Verde, 97, 100
 Estados Unidos, 163, 165
 México, 361, 365, 432, 435, 436
 Uruguai, 303, 381
 Venezuela, 399, 400
Villa-Lobos, Heitor, 257, 258
Violência, Contra a, 120, 121, 385

X

Xingó, AL/SE (hidrelétrica), 263

A coleção **DOCUMENTOS DA PRESIDENCIA DA REPUBLICA** tem por finalidade fornecer ao publico os diversos textos e imagens que registam o exercicio do mandato presidencial, proporcionando seu exame e julgamento por todos os que se interessam pela historia da Republica.

Compreende 5 series, identificadas por diferentes cores de capa, seguindo a ordem cronologica, em volumes anuais:

1. *A Palavra do Presidente* (discursos e mensagens)
2. *Mensagem ao Congresso Nacional* (enviada na abertura de cada sessao legislativa)
3. *Comunicação ao Povo do Rádio* (programa radiofonico semanal)
4. *Fotografias*
5. *Variis* (documentos diversos)



ISBN 85-85142-02-0